

«O mais espantoso romance de John Green.»
The New York Times

John Green

Mil Vezes Adens

O amor não é uma tragédia ou um fracasso, mas uma dádiva.

*Autor de
A Culpa é das Estrelas*





Ficha Técnica Título original: Mil Vezes Adeus Título original:
Turtles all the Way Down Autor: John Green

Edição: Carmen Serrano

Tradução: Ana Saldanha

Capa: Alexandra Rezende Costa Imagens de capa: Shutterstock ISBN: 9789892340791

Edições ASA II, S.A.

uma editora do Grupo LeYa
R. Cidade de Córdoba, n.º 2
2160-038 Alfragide – Portugal Tel.: (+351) 214 272 200
Fax: (+351) 214 272 201

© 2017, John Green

This edition published by arrangement with Dutton Books, a division of Penguin Young Readers Group, a member of Penguin Group (USA) LLC, a Penguin Random House Company Edição publicada por acordo com Dutton Books, uma divisão da Penguin Young Readers Group, um membro do Penguin Group (USA) LLC, uma empresa Penguin Random House © 2017, Edições ASA II, S.A.

Todos os direitos reservados de acordo com a legislação em vigor edicoes@asa.pt
www.asa.leya.com
www.leya.pt

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.
Este livro segue o Novo Acordo Ortográfico de 1990.

Mil Vezes Adeus

John Green

Tradução Ana
Saldanha

Para Henry e Alice

O Homem pode fazer o que quer,
mas não pode querer o que quer.

– ARTHUR SCHOPENHAUER

UM

Na altura em que me apercebi pela primeira vez de que talvez fosse ficcional, os meus dias de semana eram passados numa instituição publicamente subsidiada na zona norte de Indianápolis, chamada Escola Secundária White River, onde me era requerido que almoçasse a uma hora específica – entre as 12h37 e as 13h14 – por forças tão maiores do que eu que nem sequer era capaz de começar a identificá-las. Se essas forças me tivessem imposto um período para o almoço diferente ou os colegas de mesa que eram coautores do meu destino tivessem escolhido um tópico de conversa diferente naquele dia de setembro, eu teria tido um fim diferente – ou, pelo menos, um meio diferente. Mas começava a aprender que a vida é uma história contada sobre ti, não uma história que tu contas.

É claro que finges que és a autora. Tem de ser. Pensas, *Agora opto por ir almoçar*, quando soa aquele apito monótono lá do alto às 12h37. Mas na realidade é a sineta que decide. Pensas que és a pintora, mas és a tela.

Centenas de vozes sobrepunham-se umas às outras aos berros na cantina, de tal modo que a conversa era mero som, o rumorejar de um rio sobre pedras. E, sentada sob cilindros fluorescentes que cuspiam uma luz agressivamente artificial, pensei em como todos nós acreditávamos ser o herói de alguma epopeia pessoal quando de facto éramos basicamente organismos idênticos a colonizarem uma sala vasta e sem janelas que cheirava a desinfetante e a banha.

Eu estava a comer uma sanduíche de manteiga de amendoim e mel e a beber um refrigerante *Dr Pepper*. Para ser franca, como acho todo o processo de mastigar plantas e animais e depois enfiá-las pelo esófago abaixo de certo modo repugnante, tentava não pensar no facto de que estava a comer, que acaba por ser uma forma de pensar sobre isso.

Do outro lado da mesa, em frente a mim, estava Mychal Turner a escrevinhar num bloco de apontamentos com folhas amarelas. A nossa mesa do almoço era como uma peça em cena há muito tempo na Broadway: o elenco ia mudando ao longo dos anos, mas os papéis nunca se alteravam.

Mychal era O Artista. Estava a falar com Daisy Rodriguez, que desempenhava o papel da minha Melhor e Mais Destemida Amiga desde a primária, mas eu não conseguia seguir a conversa deles por causa do barulho que faziam todos os outros.

Qual era o meu papel nesta peça? A Comparsa. Era A Amiga da Daisy ou A Filha da Setora Holmes. Era a alguma coisa de alguém.

Senti o estômago a começar a trabalhar na sanduíche e, mesmo com toda a gente a falar, conseguia *ouvi-lo* a digerir, as bactérias todas a mastigarem a gosma da manteiga de amendoim – os alunos dentro de mim a comerem na minha cantina interna. Percorreu-me um arrepio.

– Não foste para um acampamento com ele? – perguntou-me Daisy.

– Com quem?

– Com o Davis Pickett – respondeu ela.

– Fui – disse eu. – Porquê?

– Não estás a ouvir? – perguntou Daisy. *Estou a ouvir*, pensei, *a cacofonia do meu aparelho digestivo*. É claro que eu já sabia há muito tempo que era anfitriã de uma enorme coleção de organismos parasitários, mas não me agradava nada que esse facto me fosse recordado. Em termos de contagem de células, os seres humanos são aproximadamente 50 por cento microbianos, o que significa que cerca de metade das células que nos constituem não é nossa. Há qualquer coisa como mil vezes mais micróbios a viverem no meu bioma pessoal do que seres humanos à face da Terra, e muitas vezes dá-me a sensação de que consigo *senti-los* a viverem e a reproduzirem-se e a morrerem dentro e em cima de mim. Limpei as palmas transpiradas das mãos às calças de ganga e tentei controlar a respiração. Admito que tenho alguns problemas de ansiedade, mas defendo que não é irracional sentir preocupação pelo facto de sermos uma colónia de bactérias num invólucro de pele.

Mychal disse: – O pai dele estava prestes a ser preso por suborno ou coisa do género, mas na noite antes do raide policial desapareceu. Há uma recompensa de cem mil dólares para quem o encontrar.

– E tu conheces o filho dele – disse Daisy.

– *Conhecia-o* – respondi.

Vi Daisy atacar a piza retangular e o feijão-verde fornecidos pela escola com um garfo. Ela fartava-se de me lançar um olhar, com os olhos arregalados como que a dizer, *Então?* Eu via que ela queria que eu lhe

fizesse alguma pergunta, mas não conseguia adivinhar o quê, porque a minha barriga recusava-se a calar-se, o que me estava a empurrar bem para dentro da preocupação de ter de alguma maneira contraído uma infeção parasitária.

Ouvi vagamente Mychal falar com Daisy sobre o seu novo projeto artístico, no qual estava a usar o Photoshop para chegar à média dos rostos de cem pessoas chamadas Mychal, e a média dos seus rostos seria um novo Mychal, o centésimo primeiro, o que era uma ideia interessante, que queria ouvir, mas a cantina estava muito barulhenta e eu não conseguia deixar de me perguntar se haveria algo de errado no equilíbrio das forças microbianas dentro de mim.

O ruído abdominal excessivo é um sintoma pouco comum mas não sem precedentes de infeção pela bactéria *Clostridium difficile*, que pode ser fatal. Peguei no telemóvel e procurei «microbioma humano» para reler a introdução da Wikipédia sobre os triliões de micro-organismos que existem permanentemente dentro de mim. Cliquei no artigo sobre *C. diff* e percorri o texto até à parte que refere que a maior parte das infeções por *C. diff* ocorre em hospitais. Percorri o texto mais para baixo, para a lista de sintomas, nenhum dos quais eu tinha, a não ser os ruídos abdominais excessivos, embora soubesse por pesquisas anteriores que a Clínica Cleveland comunicara o caso de uma pessoa que tinha morrido de *C. diff* depois de se apresentar no hospital só com dores abdominais e febre. Recordei a mim mesma que não tinha febre e eu mesma respondi: *Não tens febre AINDA.*

Na cantina, onde uma porção cada vez mais pequena dos meus sentidos ainda residia, Daisy estava a dizer a Mychal que o seu projeto de médias não devia ser sobre pessoas chamadas Mychal, mas sobre homens presos que mais tarde vieram a ser ilibados dos seus crimes. – Vai ser mais fácil, de qualquer maneira – disse ela –, porque todos têm o retrato tirado do mesmo ângulo, e não vai ser sobre nomes, mas sobre raça e classe e encarceração de massas – e Mychal, tipo: – És um génio, Daisy – e ela disse: – Pareces surpreendido – e entretanto eu estava a pensar que se metade das células dentro de mim não são eu, esse facto não põe em questão toda a ideia de *eu* como um pronome singular, quanto mais como a autora do meu destino? E caí bem fundo dentro daquele buraco recorrente até ser completamente transportada para fora da cantina da Escola Secundária de White River, para um qualquer lugar não-sensorial que só

pessoas mesmo malucas podem visitar.

Desde pequena que espeto a unha do polegar na almofada do dedo médio e por isso agora tenho um calo esquisito em cima da minha impressão digital. Depois de tantos anos a fazê-lo, consigo abrir uma greta na pele com muita facilidade, por isso cubro-a com um penso rápido para tentar evitar uma infeção. Mas por vezes preocupa-me que já haja infeção e preciso de a drenar, e a única maneira de o fazer é reabrir a ferida e pressioná-la para fazer sair algum sangue. Quando começo a pensar em abrir uma fissura na pele, não sou literalmente capaz de não o fazer. Peço desculpa pela dupla negativa, mas é uma situação mesmo duplamente negativa, um impasse para o qual negar a negação é verdadeiramente a única saída. Seja como for, comecei a sentir a unha do polegar a espetar-se na pele da almofada do dedo e, como sabia que resistir era mais ou menos inútil, por baixo da mesa da cantina tirei o penso rápido do dedo e espetei a unha do polegar na pele calosa até sentir a greta abrir-se.

– Holmesy – disse Daisy. Olhei para cima, para ela. – Já quase acabámos de almoçar e tu nem sequer te referiste ainda ao meu cabelo. – Sacudiu o cabelo, com madeixas tão-vermelhas-que-eram-cor-de-rosa. Certo. Tinha pintado o cabelo.

Vim à tona e disse: – É ousado.

– É, não é? Diz, «Senhoras e senhores e também pessoas que não se identificam como senhoras ou senhores, a Daisy Rodriguez não quebra as suas promessas, mas vai quebrar-lhes o coração.» – O lema autoproclamado da vida de Daisy era «Quebrar Corações, Não Promessas». Andava sempre a ameaçar que o ia tatuar no tornozelo quando fizesse dezoito anos. Daisy virou-se para Mychal, e eu para os meus pensamentos. Sentia que poderia vomitar. Para alguém que não gosta nada de fluidos corporais, vomito bastante.

– Holmesy, estás bem? – perguntou Daisy. Acenei que sim com a cabeça. Por vezes, perguntava-me porque é que ela gostava de mim, ou pelo menos me tolerava. Porque é que qualquer um deles gostava de mim ou me tolerava. Até eu me achava irritante.

Senti o suor a despontar-me na testa e quando começo a transpirar é impossível parar. Continuo a transpirar horas a fio, e não só no rosto ou nas axilas. Transpiro no pescoço. Transpiro nas mamas. Transpiro na barriga das pernas. Talvez estivesse mesmo com febre.

Por baixo da mesa, enfiei o penso rápido usado no bolso e, sem olhar, tirei um novo, desembrulhei-o e depois olhei para baixo para o aplicar no dedo. Durante todo esse tempo, inspirava pelo nariz e expirava pela boca da maneira que me tinha sido aconselhada pela doutora Karen Singh, expirando a um ritmo «que faria tremeluzir a chama de uma vela, mas não apagar-se. Imagina essa chama, Aza, a tremeluzir por causa da tua respiração, mas ainda acesa, sempre acesa.» Tentei fazer isso, mas a espiral de pensamentos continuava a estreitar-se. Eu ouvia a doutora Singh dizer que não devia pegar no telemóvel, que não devia procurar os mesmos tópicos uma e outra vez, mas peguei nele, de qualquer maneira, e reli o artigo sobre «A Microbiota Humana» na Wikipédia.

O problema de uma espiral é que se a seguirmos para dentro nunca tem fim. Continua a estreitar-se, infinitamente.

*

Fechei hermeticamente o saco de plástico com um quarto da minha sanduíche dentro, levantei-me da mesa e atirei-o para um caixote do lixo cheio a transbordar. Ouvi uma voz atrás de mim. – Até que ponto me devo preocupar por não teres dito mais do que duas palavras seguidas durante todo o dia?

– Espiral de pensamentos – murmurei. Daisy conhecia-me desde os nossos seis anos, há tempo suficiente para compreender a minha resposta.

– Já calculava. Lamento, miúda. Vamos passar um tempo juntas hoje.

Uma rapariga, a Molly, dirigiu-se para nós, a sorrir, e disse: – Oh, Daisy, só para que saibas, a cor que puseste no cabelo em casa está a manchar-te a *t-shirt*.

Daisy olhou para os ombros e de facto o seu *top* às riscas estava cor-de-rosa em certos sítios. Estremeceu por um segundo e a seguir endireitou as costas. – É, faz parte do visual, Molly. As *t-shirts* manchadas são um *must* em Paris neste momento. – Virou costas a Molly e disse: – Certo, então, vamos para tua casa ver *Star Wars Rebels*. – A Daisy curtia mesmo *Star Wars* – e não só os filmes, mas também os livros e os desenhos animados e o programa para crianças em que eles eram todos feitos com peças de *Lego*. Tipo, escrevia ficção de fãs sobre a vida amorosa do Chewbacca. – E pomos-te mais bem disposta até conseguires dizer três ou até mesmo quatro

palavras seguidas; parece-te bem?

– Parece-me bem.

– E depois podes levar-me ao trabalho. Desculpa lá, mas preciso de boleia.

– OK. – Eu queria dizer mais, mas os pensamentos não paravam de vir, não solicitados e indesejados. Se eu fosse a autora, teria parado de pensar sobre o meu microbioma. Teria dito a Daisy como me agradava a ideia dela para o projeto artístico de Mychal, e ter-lhe-ia dito que me lembrava bem de Davis Pickett, que me lembrava de ter onze anos e andar sempre com um medo vago, mas constante. Ter-lhe-ia dito que me lembrava de uma vez no acampamento ficar deitada ao lado de Davis na beira de uma doca, ambos com as pernas a penderem e as costas em cima de traves de madeira ásperas, a fitarmos os dois um céu sem nuvens de verão. Ter-lhe-ia dito que Davis e eu não falámos muito ou sequer olhámos um para o outro, mas que não importava, porque estávamos a olhar para o mesmo céu juntos, o que talvez seja mais íntimo do que o contacto visual, de qualquer maneira. Qualquer pessoa pode olhar para ti. É bastante raro encontrar alguém que veja o mesmo mundo que tu.

DOIS

Embora já tivesse transpirado a maior parte do medo, ao ir da cantina para a aula de História não consegui impedir-me de pegar no telemóvel e reler a história de terror que é o artigo sobre «A Microbiota Humana» da Wikipédia. Estava a ler enquanto andava quando ouvi a minha mãe chamar-me em voz alta pela porta aberta da sala de aulas dela. Estava sentada à sua secretária de metal, inclinada sobre um livro. A minha mãe era professora de Matemática, mas ler era a sua grande paixão.

– Nada de telemóveis nos corredores, Aza! – Guardei o telemóvel e entrei na sala de aulas dela. Ainda faltavam quatro minutos para o fim do período do almoço, o espaço de tempo perfeito para uma conversa com a minha mãe. Ela olhou para cima e deve ter visto alguma coisa nos meus olhos. – Estás bem?

– Estou – respondi.

– Não estás ansiosa? – perguntou. A certa altura, como a doutora Singh disse à minha mãe que não devia perguntar se eu estava a sentir-me ansiosa, ela deixou de formular a pergunta de forma direta.

– Estou ótima.

– Tens tomado a medicação – disse ela. Mais uma vez, sem fazer uma pergunta direta.

– Tenho – respondi, o que, genericamente falando, era verdade. Tinha tido uma crise no décimo ano e depois disso foi-me receitado um comprimido branco circular que devia tomar duas vezes por dia. Tomava-o, em média, talvez umas três vezes por semana.

– Parece... – *Transpirada*, era o que eu sabia que ela queria dizer.

– Quem decide quando toca a campainha? – perguntei. – Tipo, os toques da escola?

– Sabes que mais, não faço ideia. Suponho que isso é decidido por alguém no pessoal de supervisão.

– Tipo, porque é que os períodos para o almoço têm trinta e sete minutos em vez de cinquenta? Ou vinte e dois? Ou o que seja?

– A tua cabeça parece estar a funcionar a todo o vapor – respondeu a minha mãe.

– É simplesmente esquisito, como isso é decidido por alguém que não conheço e depois tenho de viver de acordo com essa decisão. Tipo, eu vivo com o horário de outra pessoa. E nunca sequer a conheci.

– Sim, bem, a esse respeito e a muitos outros, as escolas secundárias americanas parecem-se bastante com prisões.

Arregalei os olhos. – Oh, meu Deus, mãe, tens tanta razão! Os detetores de metal. As paredes de blocos de betão.

– Ambas estão sobrelotadas e são subfinanciadas – disse a minha mãe. – E ambas têm campainhas que tocam para nos dizer o que fazer.

– E não se pode escolher a hora do almoço – disse eu. – E as prisões têm guardas sedentos de poder e corruptos, assim como as escolas têm professores.

Ela disparou-me um olhar, mas depois começou a rir. – Vais direta para casa a seguir às aulas?

– Vou, e depois tenho de levar a Daisy ao trabalho.

A minha mãe assentiu com a cabeça. – Por vezes, sinto saudades de quando eras pequena, mas depois lembro-me dos restaurantes Chuck E. Cheese.

– A Daisy só está a tentar poupar dinheiro para a universidade.

A minha mãe voltou a lançar um olhar ao seu livro. – Sabes, se vivêssemos na Europa, ir para a universidade não seria muito caro. – Preparei-me para a arenga da minha mãe sobre o custo dos cursos universitários. – Há universidades grátis no Brasil. Na maior parte da Europa. Na China. Mas aqui querem cobrar-nos *vinte e cinco mil dólares por ano* para ter aulas numa universidade pública. Eu acabei de pagar os meus empréstimos há poucos anos, e em breve vamos ter de contrair novos empréstimos para ti.

– Eu só ando no décimo primeiro. Ainda tenho bastante tempo para ganhar a lotaria. E se isso não resultar, pago o curso a vender metanfetaminas.

A minha mãe fez um sorriso amarelo. Preocupava-a realmente a questão de pagar o meu curso. – Tens a certeza de que estás bem? – perguntou.

Acenei que sim com a cabeça quando a campainha soou lá do alto a mandar-me para a aula de História.

*

Quando cheguei ao meu carro depois das aulas, Daisy já estava no lugar do passageiro. Tinha tirado a camisa manchada e vestido o polo vermelho do Chuck E. Cheese, e estava sentada com a mochila no colo a beber um pacotinho de leite fornecido pela escola. Daisy era a única pessoa a quem eu confiara uma chave do *Harold*. Nem sequer a minha mãe tinha uma chave do *Harold* só dela, mas Daisy sim.

– Por favor, não bebas líquidos que não sejam límpidos no *Harold* – disse-lhe eu.

– O leite é um líquido límpido – disse ela.

– Mentira – respondi, e antes de partirmos levei o *Harold* até à entrada principal e esperei enquanto a Daisy deitava fora o leite.

*

Talvez já tenham vivido um grande amor. Refiro-me a um amor verdadeiro, do tipo que a minha avó costumava descrever citando a Primeira Epístola aos Coríntios do apóstolo Paulo, um amor que é bondoso e paciente, que não é invejoso nem soberbo, que desculpa todas as coisas e crê em todas as coisas e suporta todas as coisas. Não gosto de usar a palavra começada por A em vão; é um sentimento demasiado precioso e raro para o depreciar com o uso excessivo. Pode-se viver uma vida boa sem nunca conhecer o verdadeiro amor, o amor do tipo coríntio, mas eu tinha a sorte de o ter encontrado com o *Harold*.

Ele era um *Toyota Corolla* com dezasseis anos, num tom chamado Azul Mica Místico e um motor que roncava num ritmo constante com os batimentos do seu coração metálico imaculado. O *Harold* tinha sido o carro do meu pai – de facto, foi o meu pai quem lhe deu o nome *Harold*. A minha mãe nunca o vendeu e por isso ele ficou na garagem durante oito anos, até eu fazer dezasseis anos.

Pôr o motor do *Harold* a trabalhar depois de tanto tempo levou-me os quatrocentos dólares que tinha poupado ao longo da minha vida – semanadas, uns trocos guardados quando a minha mãe me mandava comprar alguma coisa ao supermercado Circle K, trabalhos de verão na

Subway, presentes de Natal dos meus avós – por isso, de certo modo, o *Harold* era o culminar de todo o meu ser, pelo menos do ponto de vista financeiro. E eu amava-o. Sonhava bastante com ele. Tinha uma mala exceccionalmente espaçosa, um enorme volante branco personalizado e um banco de trás revestido a pele de um bege cor de pedra. Acelerava com a suave serenidade de um mestre zen budista que sabe que nada precisa realmente de ser feito com rapidez, os seus travões chiavam com uma música metálica repetitiva, e eu adorava-o.

Contudo, o *Harold* não tinha conectividade Bluetooth, nem sequer um leitor de CDs, o que significava que, na companhia dele, havia três opções: 1. Conduzir em silêncio; 2. Ouvir rádio; ou 3. Ouvir o lado B da cassette do meu pai do excelente álbum da Missy Elliott, *So Addictive*, que – porque não se podia ejetar do leitor de cassetes– eu já tinha escutado centenas de vezes na minha vida.

E o sistema áudio imperfeito do *Harold* acabou por ser por acaso a última nota na melodia de coincidências que mudaram a minha vida.

*

Daisy e eu estávamos a sintonizar estações à procura da canção de uma *boy band* particularmente brilhante e menosprezada quando demos com uma notícia. «A empresa de construção Pickett Engineering, sediada em Indianápolis e que emprega mais de dez mil pessoas em todo o mundo, hoje...» Estendi a mão para a tecla de sintonização, mas Daisy afastou-ma.

– Era disto que eu te estava a falar! – disse ela, enquanto a notícia na rádio continuava. «...cem mil dólares de recompensa por informações que conduzam ao paradeiro do diretor executivo da empresa, Russell Pickett. Pickett, que desapareceu na noite anterior ao raide policial da sua casa relativo a uma investigação de fraude e suborno, foi visto pela última vez na sua propriedade à beira-rio a oito de setembro. Qualquer pessoa que tenha informações sobre o seu paradeiro é instada a contactar a polícia de Indianápolis.»

– Cem mil dólares – disse Daisy. – E *tu conheces o filho dele*.

– Conhecia – disse eu. Houve dois verões, depois do quinto e do sexto ano, em que o Davis e eu tínhamos ido juntos para o Acampamento Triste, que era o que chamávamos ao Acampamento Spero, um sítio no Condado

de Brown para miúdos a quem tivesse morrido o pai ou a mãe.

Para além de estarmos juntos no Acampamento Triste, por vezes o Davis e eu também nos encontrávamos durante o tempo de aulas, porque ele vivia à beira-rio como eu, mais abaixo, mas na outra margem. A minha mãe e eu vivíamos na margem que por vezes sofria inundações. Os Pickett viviam na margem com os muros de pedra que empurravam as cheias do rio na nossa direção.

– Provavelmente nem sequer se lembra de mim.

– Toda a gente se lembra de ti, Holmesy – disse ela.

– Isso não é...

– Não é um juízo de valor. Não estou a dizer que és boa, generosa, bondosa ou seja o que for. Só estou a dizer que és *memorável*.

– Já não o vejo há anos – disse eu. Mas é claro que não se esquece um rapaz com quem se brincou numa mansão que dispõe de um campo de golfe, uma piscina com uma ilha e cinco escorregas aquáticos. Davis era a coisa mais parecida com uma verdadeira celebridade que eu alguma vez conhecera.

– Cem mil dólares – repetiu Daisy. Entrámos na I-465, a estrada circular à volta de Indianápolis. – Eu ando a arranjar máquinas de jogos a oito dólares e quarenta à hora e estão cem milenas à nossa espera.

– Eu não diria *à nossa espera*. Seja como for, tenho de ler sobre os efeitos da varíola nas populações indígenas hoje à noite, por isso não posso realmente resolver O Caso do Bilionário Fugitivo. – Animei suavemente o *Harold* para ele atingir a velocidade de autoestrada. Nunca o conduzia a mais do que o limite de velocidade. Amava-o demasiado.

– Bem, como o conheces melhor do que eu, para citar os rapazes infalíveis na maior banda pop do mundo «Tu és a Tal» – que era uma canção superfatela de que eu já não tinha idade para gostar, mas que mesmo assim adorava.

– Quero discordar de ti, mas é uma canção tão fabulosa.

– Tu. És. A Tal. «És a que eu escolho. A que nunca perderei. És a minha eternidade. As minhas estrelas. O meu céu. O meu ar. És tu.»

Rimo-nos e eu mudei de estação de rádio e pensei naquilo, mas depois Daisy começou a ler-me uma notícia do *Indianapolis Star* no telemóvel dela. – «Russell Pickett, o controverso diretor executivo e fundador da Pickett Engineering, não estava em casa quando a polícia de Indianápolis

apresentou um mandado de busca na sexta-feira de manhã, e não aparece em casa desde então. O advogado de Pickett, Simon Morris, diz que não tem nenhuma informação sobre o paradeiro de Pickett, e numa conferência de imprensa realizada hoje o detetive Dwight Allen disse que não foi registada nenhuma atividade nos cartões de crédito ou contas bancárias de Pickett desde a noite anterior ao raide policial.» Blá-blá-blá... «Allen afirmou também que, para além de uma câmara no portão principal, não havia outras câmaras de vigilância na propriedade. Uma cópia de um relatório policial obtida pelo *Star* indica que Pickett foi visto pela última vez na quinta-feira à noite pelos seus filhos, Davis e Noah.» Blá-blá-blá... «propriedade a norte da Thirty-Eighth Street, muitos processos judiciais, apoia o jardim zoológico,» bla-blá-blá... «contactar a polícia se souber alguma coisa,» blá-blá-blá. Espera, como é que não há câmaras de vigilância? Que tipo de bilionário não tem câmaras de vigilância?

– O tipo que não quer que os seus negócios escuros sejam registados – respondi. Enquanto conduzia, continuei a dar voltas à história na minha cabeça. Sabia que devia haver alguma ponta solta, mas não conseguia ver qual, até me lembrar de uns fantasmagóricos coiotes verdes com olhos brancos. – Espera, há outra câmara. Não uma câmara de vigilância, mas o Davis e o irmão tinham uma câmara que captava movimentos no bosque à beira-rio. Tinha, tipo, visão noturna, e tirava uma fotografia sempre que passava alguma coisa diante dela, veados ou coiotes ou fosse o que fosse.

– Holmesy – disse ela –, temos uma pista.

– E por causa da outra câmara de vigilância ele não podia simplesmente ter fugido de carro – disse eu. – Por isso, ou trepou o muro da casa ou então atravessou o bosque até ao rio e partiu dali, certo?

– Sim...

– Então, pode ter acionado aquela câmara. Quer dizer, já foi há alguns anos que lá estive; talvez a câmara já não exista.

– Ou talvez exista! – disse Daisy.

– Sim. Talvez exista.

– Sai aqui – disse ela de repente, e eu obedeci. Sabia que era a saída errada, mas saí de qualquer maneira, e, sem Daisy ter de me dizer nada, entrei na faixa para voltar à cidade, em direção à minha casa. Em direção à casa de Davis.

Daisy pegou no telemóvel e encostou-o à orelha. – Olá, Eric. É a Daisy.

Ouçã, lamento muito, mas estou com uma gastroenterite. Pode ser o norovírus.

– ...

– Sim, tudo bem. Desculpe lá, mais uma vez. – Desligou, meteu o telemóvel na mochila e disse: – Se insinuares sequer que tens diarreia dizem-te logo para ficar em casa, porque têm imenso medo de um surto. Certo, OK, vamos fazer isto. Ainda tens aquela canoa?

TRÊS

Anos antes, a minha mãe e eu remávamos por vezes pelo rio White abaixo, passando pela casa de Davis, até ao parque por trás do museu. Atracávamos, dávamos um passeio e a seguir remávamos de volta para casa contra a corrente fraca. Mas eu já não andava no rio há anos. O rio White é lindo em termos abstratos – garças-reais e gansos e veados e essas coisas todas – mas a água propriamente dita cheira como efluentes humanos. Na verdade, não cheira *como* efluentes humanos; cheira *a* efluentes humanos, porque sempre que chove os esgotos transbordam e os detritos coletivos do Indiana Central vão diretamente para o rio.

Entrámos no caminho para a garagem da minha casa. Eu saí, dirigi-me à porta da garagem, baixei-me, enfiei os dedos debaixo da porta e levantei-a. Voltei para o carro e estacionei enquanto Daisy repetia vezes sem conta que íamos ficar ricas.

Como o esforço de abrir a porta da garagem me tinha feito transpirar um bocado, quando entrei em casa fui direita ao meu quarto, liguei o ar condicionado, sentei-me de pernas cruzadas na cama e deixei o ar frio soprar-me nas costas. O meu quarto era uma confusão atravancada, com roupa suja por toda a parte e uma data de papéis – fichas de trabalho, testes antigos, panfletos de universidades que a minha mãe trazia para casa – a cobrirem a minha secretária e também espalhados pelo chão. Daisy estava de pé à porta do quarto – Tens algumas roupas por aqui que me sirvam? – perguntou. – Sinto que não devia encontrar-me com um bilionário vestida com a farda do Chuck E. Cheese ou com uma *t-shirt* manchada de cor-de-rosa pela tinta do cabelo, que são as minhas únicas opções neste momento.

Como Daisy usava mais ou menos o tamanho da minha mãe, decidimos ir saquear o guarda-fatos dela, e, enquanto tentávamos encontrar uma combinação de *top* e calças de ganga o menos possível à «mãe», Daisy ia falando. Falava muito. – Tenho uma teoria sobre fardas. Acho que as concebem para ficares, tipo, uma não-pessoa, de modo que não és a Daisy Rodriguez, um Ser Humano, mas apenas uma coisa que leva *pizzas* aos

clientes e troca os talões deles por dinossauros de plástico. É, tipo, como se a farda fosse concebida *para me esconder*.

– Pois é – disse eu.

– Merda de opressão do sistema – resmungou Daisy, e depois tirou uma blusa púrpura horrenda do armário. – A tua mãe veste-se como uma professora de Matemática do nono ano.

– Bem, ela é professora de Matemática do nono ano.

– Isso não é desculpa.

– Talvez um vestido? – Empunhei um vestido preto pelo meio da perna estampado com cornucópias cor-de-rosa. Simplesmente horrendo.

– Acho que vou ficar com a farda vestida – disse ela.

– Está bem.

Ouvi chegar o carro da minha mãe e, embora ela não se importasse que pedíssemos emprestadas as roupas dela, deu-me um acesso de nervosismo. Daisy viu-o e agarrou-me o pulso. Escapulimo-nos para o quintal antes de a minha mãe entrar em casa e depois abrimos caminho por entre uma moita de arbustos de madressilva ao fundo do quintal.

Afinal, ainda tínhamos a tal canoa, virada ao contrário e cheia de aranhas mortas. Daisy voltou-a para cima e a seguir arrancou os remos e dois coletes salva-vidas cor de laranja das trepadeiras que tinham crescido sobre eles. Varreu a canoa com a mão, atirou os remos e os coletes para dentro dela e arrastou-a para a margem do rio. Daisy era baixa e não parecia estar em boa forma física, mas era superforte.

– O rio White é tão sujo – disse eu.

– Holmesy, estás a ser irracional. Ajuda-me com esta coisa.

Agarrei a parte de trás da canoa. – É, tipo, cinquenta por cento de urina. E essa é a metade melhor.

– És sempre a mesma – disse ela e a seguir içou a canoa por cima da margem para dentro de água. Saltou da margem para uma pequena península de lodo, pôs à volta do pescoço um colete salva-vidas demasiado pequeno e trepou para a parte da frente da canoa.

Eu segui-a, instalei-me no assento da parte de trás e depois usei o remo para nos impelir para o rio. Há muito tempo que não manobrava uma canoa, mas a água era pouco profunda e o rio era tão largo que não tive de fazer grande coisa. Daisy olhou para trás, para mim, e sorriu com a boca fechada. Estar no rio fez-me sentir criança outra vez.

Em pequenas, Daisy e eu brincávamos ao longo da margem do rio quando a água estava assim baixa. Fazíamos um jogo chamado «miúdas do rio» em que imaginávamos que vivíamos sozinhas no rio, sobrevivendo com o que encontrávamos e escondendo-nos dos adultos, que queriam meter-nos num orfanato. Lembro-me de Daisy me atirar aranhões porque sabia que eu os detestava, e eu gritava e fugia, a agitar os braços, mas não me sentia realmente assustada, porque nesse tempo todas as emoções davam a sensação de ser a brincar, como se eu estivesse a fazer experiências com sentimentos e não condenada a eles. O verdadeiro terror não é ter medo; é não ter voto na matéria.

— Sabias que este rio é a única razão da existência de Indianápolis? — perguntou Daisy. Virou-se na canoa para me olhar de frente. — Ou seja, o Indiana, tipo, tinha acabado de se tornar um estado, e queriam construir uma nova cidade para capital, e por isso toda a gente andava a debater onde havia de ser. A solução de compromisso óbvia é pô-la no meio. Por isso, uns tipos estão a olhar para um mapa do seu novo estado e reparam que há um rio mesmo aqui, mesmo no centro do estado, e, tipo... pumba... o local perfeito para a nossa capital, porque estamos em 1819 ou coisa do género e precisamos de um curso de água para ser uma cidade a sério, para os navios e coisas assim.

«E então anunciam, vamos construir uma nova cidade! À beira de um rio! E vamos ser espertos e chamar-lhe Indiana—*polis*! E só depois de anunciarem a coisa é que reparam que o rio White tem, tipo, quinze centímetros de profundidade e nem se pode pôr um caiaque a flutuar nele, quanto mais um navio a vapor. Durante algum tempo, Indianápolis foi a maior cidade do mundo que não ficava junto a uma via navegável.

— Como é que tu sabes isso? — perguntei.

— O meu pai é um obcecado por História. — Nesse preciso momento, o telemóvel dela começou a tocar. — Mas que chatice. Fala-se no Diabo... — Encostou o telemóvel à orelha. — Olá, pai... Hum, sim, claro... Não, ele não se importa... Fixe, sim, estou em casa às seis. — Voltou a meter o telemóvel no bolso e virou-se para mim, semicerrando os olhos por causa do sol. — Era ele a perguntar se eu podia mudar de turno para tomar conta da Elena, porque a minha mãe tem de fazer horas extra, e eu não tive de mentir sobre o facto de não estar a trabalhar, e agora o meu pai pensa que eu quero saber da minha irmã para alguma coisa. Holmesy, está tudo a encaixar-se. O

nosso destino está a tornar-se mais nítido. Estamos prestes a viver o Sonho Americano, que, é claro, consiste em beneficiar com o infortúnio de outra pessoa.

Ri-me, e o meu riso pareceu estranhamente alto ao ecoar pelo rio deserto. Numa árvore meio submersa perto da margem do rio, uma tartaruga de carapaça mole reparou em nós e enfiou-se na água. O rio estava cheio de tartarugas.

Depois da primeira curva, passámos por uma ilhota constituída por milhões de pedrinhas brancas. Uma garça-real estava empoleirada num velho pneu desbotado e quando nos viu abriu as asas e voou para longe, mais pterodáctilo do que ave. A ilhota forçou-nos a seguir por um canal estreito no lado leste do rio, e vogámos à sombra de plátanos inclinados para a água à procura de mais luz do sol.

A maior parte das árvores estava coberta de folhas, algumas estriadas com cor-de-rosa, os primeiros indícios do outono. Passámos por baixo da copa de uma árvore morta, sem folhas mas ainda de pé, e olhei para cima por entre os seus ramos, que se cruzavam sob o céu azul, fraturando-o em todo o tipo de polígonos irregulares.

Ainda tenho o telemóvel do meu pai. Guardo-o, e ao carregador, escondidos na mala do *Harold* ao lado do pneu sobresselente. Uma data de fotografias no telemóvel dele era de ramos sem folhas a retalharem o céu, como a vista que tínhamos ao vogar debaixo daquele plátano. Sempre me perguntei o que ele veria naquilo, naquele céu dividido.

De qualquer maneira, estava realmente um dia lindo – o sol dourado a banhar-nos com o seu calor confortável. Como não sou grande adepta do ar livre, raramente tenho ocasião de pensar sobre o tempo, mas em Indianápolis temos entre oito e dez dias mesmo lindos por ano, e este era um deles. Mal tive de remar, com a curva do rio para oeste. A água ondulava com a luz do sol. Um par de patos-carolinos reparou em nós e fugiu, a bater as asas desesperadamente.

Por fim, chegámos àquele pedaço de terra a que em pequenas chamávamos a Ilha dos Piratas. Era uma verdadeira ilha no rio, não como a praia de pedrinhas por onde tínhamos passado antes. A Ilha dos Piratas tinha moitas de madressilva e árvores altas com troncos nodosos por causa das inundações anuais na primavera. Como o rio corre por entre muitas terras agrícolas, também havia outras culturas: despontavam por toda a

parte pequenas plantas de tomate e de soja, bem fertilizadas por todos os esgotos.

Manobrei a canoa para a praia pejada de algas e saímos para dar uma volta por ali. Algo no rio nos silenciara, a mim e a Daisy, quase sem nos apercebermos da presença uma da outra, e vagueámos em direções diferentes.

Eu tinha passado uma parte do dia dos meus onze anos ali. A minha mãe fez um mapa do tesouro e, depois de comermos bolo em casa, Daisy, a minha mãe e eu metemo-nos na canoa e remámos até à Ilha dos Piratas. Cavámos com pás a terra na base de uma árvore e encontrámos uma pequena arca cheia de moedas de chocolate embrulhadas em papel metálico dourado. Davis veio ter connosco ali a baixo, acompanhado pelo irmão mais novo, Noah. Lembro-me de cavar até a minha pá bater contra o plástico da arca do tesouro, e de me permitir sentir que era um verdadeiro tesouro, embora soubesse que não era. Eu era mesmo boa a ser criança, e terrível a ser o que quer que sou agora.

Caminhei ao longo da margem da ilha toda até encontrar Daisy sentada num tronco sem casca de uma árvore que tinha sido arrancada pela raiz e aportara ali quando as águas de uma qualquer inundação recuaram. Sentei-me ao lado dela e olhei para a pequena poça abaixo dos nossos p  s, onde havia lagostins a nadarem. A poça parecia estar mais pequena – tinha sido um verão mais seco do que o usual, e mais quente.

– Lembras-te daquela festa de anos que tiveste aqui? – perguntou ela.

– Lembro – respondi. Na festa, Davis tinha perdido por momentos o seu boneco do Homem de Ferro que trazia sempre. Tinha-o há tanto tempo que todos os decalques já se tinham apagado; era só um tronco vermelho e braços e pernas amarelos. Lembro-me que ficou fora de si quando o perdeu, mas depois a minha mãe encontrou-o.

– Estás bem, Holmesy?

– Sim.

– Consegues dizer mais alguma coisa para além de sim?

– Sim – respondi, e sorri um pouco.

*

Ficámos sentadas durante um pedaço e depois pusemo-nos de p   ao

mesmo tempo sem falar e percorremos a distância até à margem do rio pela água, que nos dava pelos joelhos. Porque é que não me incomodava enfiar-me na água imunda do rio White quando horas antes achara intolerável ouvir roncar a minha barriga? Quem me dera saber.

Uma vedação de rede continha os pedregulhos que formavam o muro de defesa das inundações, e eu trepei por ela acima e depois estendi a mão para ajudar Daisy. Rastejámos pela margem acima e fomos dar a um bosque de sicómoros e de áceres. À distância, víamos os relvados cuidados do campo de golfe dos Pickett e para lá dele a mansão de vidro e aço dos Pickett, que tinha sido projetada por um arquiteto famoso qualquer.

Vagueámos por ali durante algum tempo enquanto eu tentava orientar-me, e depois ouvi Daisy segredar «*Holmesy*». Abri caminho pelo bosque na direção dela. Ela tinha encontrado a câmara de visão noturna, montada numa árvore, a cerca de um metro e vinte do chão. Era um círculo preto, com cerca de dois centímetros e meio de diâmetro – o tipo de coisa em que nunca se repararia num bosque, a não ser que se andasse a procura dela.

Abri o meu telemóvel e liguei-o à câmara de visão noturna, que não estava protegida por uma palavra-passe. Numa questão de segundos, começaram a ser descarregadas fotografias para o meu telemóvel. Apaguei as duas primeiras, que a câmara nos tinha tirado, e passei à frente cerca de mais uma dúzia da última semana – veados e coiotes e guaxinins e gambás, todas elas tiradas durante o dia, ou então silhuetas verdes com olhos brancos brilhantes.

– Não quero alarmar-te, mas há um carro de golfe a vir vagamente na nossa direção – disse Daisy em voz baixa. Olhei para cima. O carro ainda estava longe. Passei à frente mais fotografias até chegar a 9 de setembro, e ali, sim, em tons de verde, vi um homem entroncado de costas, com a parte de cima de um pijama às riscas. Hora registada, 1h01m03. Capturei a imagem do ecrã.

– Decididamente, o tipo avistou-nos – disse Daisy, nervosa.

Lancei um olhar para cima e murmurei: – Estou a apressar-me. – Tentava ver a fotografia anterior, mas estava a demorar uma eternidade a descarregar. Ouvi Daisy fugir, mas fiquei ali, à espera da fotografia. Era estranho, eu ser a que estava calma enquanto sentia os nervos de Daisy a esfrangalharem-se. Mas as coisas que põem as outras pessoas nervosas nunca me assustaram. Não tenho medo de homens em carros de golfe nem

de filmes de terror ou montanhas-russas. Não sabia exatamente do que tinha medo, mas não era daquilo. A imagem foi-se revelando em câmara lenta, uma linha de píxeis de cada vez. Um coiotte. Lancei um olhar para cima, vi o homem no carro de golfe a olhar para mim e fugi.

Voltei aos ziguezagues na direção do rio, desci o muro da margem e encontrei Daisy de pé em cima da canoa virada ao contrário, com um pedregulho irregular erguido bem acima da cabeça.

– Que diabo estás a fazer? – perguntei.

– Quem quer que seja aquele tipo, decididamente viu-te – respondeu ela –, por isso estou a arranjar uma desculpa para ti.

– O quê?

– Não temos outra hipótese a não ser dar uma de donzela em apuros, Holmesy – disse ela, e depois arremessou a pedra com toda a força contra o casco da canoa, fazendo estalar a tinta verde e deixando à mostra a fibra de vidro. Voltou a virar a canoa; ela começou imediatamente a meter água. – OK, agora vou-me esconder e tu vais falar a quem quer que está a vir para cá naquele carro de golfe.

– O quê? Não. De maneira nenhuma.

– Uma donzela em apuros não tem companheiras – disse ela.

– De maneira nenhuma.

E então ouviu-se uma voz vinda do cimo do muro com cumeeiras. – Vocês aí em baixo, estão bem? – Olhei para cima e vi um homem velho e magricela com rugas vincadas no rosto, de fato preto e camisa branca.

– A nossa canoa – disse Daisy. – Tem um buraco. Nós somos amigas do Davis Pickett. Ele não vive aqui?

– Eu sou o Lyle – disse o homem. – Sou o segurança. Posso levar-vos a casa.

QUATRO

Lyle mandou-nos entrar no seu carro de golfe e depois conduziu-nos por um caminho estreito asfaltado ao longo do campo de golfe, passando por uma cabana de madeira com uma tabuleta também de madeira a identificá-la como O CHALÉ.

Eu já não visitava a propriedade dos Pickett há muitos anos e entretanto ela tornara-se ainda mais majestosa. Os bancos de areia do campo de golfe estavam alisados de fresco. O caminho para o carro por onde seguíamos não tinha brechas nem lombas. Uns áceres plantados recentemente ladeavam a via. Mas o que eu via principalmente era relva sem fim, sem ervas daninhas, acabada de aparar, a formar um padrão de diamantes. A propriedade dos Pickett era silenciosa, estéril e interminável – como uma urbanização recém-construída antes de as pessoas se mudarem para as casas. Eu adorava aquilo.

No caminho, Daisy meteu conversa, sem subtileza nenhuma. – Então, é chefe da segurança aqui?

– Eu *sou* a segurança aqui – respondeu ele.

– Há quanto tempo trabalha para Mr. Pickett?

– Há tempo suficiente para saber que vocês não são amigas do Davis – respondeu ele.

Daisy, que não tinha a capacidade de sentir embaraço, não se deixou desencorajar. – Aqui a Holmesy é que é amiga dele. O senhor estava a trabalhar no dia em que o Pickett desapareceu?

– Mr. Pickett não gosta de ter pessoal na propriedade depois de escurecer e antes do amanhecer – respondeu ele.

– Quantas pessoas trabalham aqui ao certo?

Lyle parou o carro de golfe. – É bom que conheçam o Davis, ou levo-vos à cidade e mando-vos prender por invasão de propriedade.

Dobrámos uma esquina e vi o complexo da piscina, uma extensão azul cintilante com a mesma ilha que recordava da infância, só que agora estava coberta por uma cúpula geodésica de chapa de vidro. Os escorregas aquáticos – cilindros que se curvavam e entrelaçavam – ainda ali se encontravam também, mas estavam secos.

Num terraço ao lado da piscina havia uma dúzia de espreguiçadeiras de teca, cada uma delas com uma toalha branca lançada por cima das almofadas. Contornámos metade da piscina para chegar a outro terraço, onde Davis Pickett estava recostado numa espreguiçadeira. Vestia o polo da escola e calças caqui e segurava um livro nas mãos num ângulo que bloqueava o sol e lhe permitia ler.

Quando ouviu o carro, ergueu-se e olhou para nós. Tinha pernas magras e queimadas do sol e uns joelhos ossudos. Usava uns óculos de armação de plástico e um boné de basquete dos Indiana Pacers.

– Aza Holmes? – perguntou.

Pôs-se de pé. Como o sol estava por trás dele, mal conseguia ver-lhe o rosto. Saí do carro de golfe e aproximei-me dele.

– Olá – disse. Não sabia se devia dar-lhe um beijo e ele não parecia saber se devia dar-me um beijo, por isso deixámo-nos ficar ali, sem tocarmos um no outro, o que, para ser franca, é a minha forma de saudação preferida.

– A que devo o prazer? – perguntou ele num tom de voz monótono, neutro, indecifrável.

Daisy aproximou-se por trás de mim, estendeu a mão e depois apertou a de Davis com força. – Daisy Rodriguez, a melhor amiga da Holmesy. Tivemos um furo na canoa.

– Batemos numa rocha e atracámos na Ilha dos Piratas – disse eu.

– Conhece estas pessoas? – perguntou Lyle.

– Sim, está tudo bem, obrigado, Lyle. Posso oferecer-vos alguma coisa? Água? Um *Dr Pepper*?

– *Dr Pepper*? – disse eu, um pouco confusa.

– Não era o teu refrigerante preferido?

Pisquei os olhos por um segundo e depois disse:– Hum, era. Bebo um *Dr Pepper*.

– Lyle, pode arranjar-nos três *Dr Peppers*?

– Com certeza, patrão – respondeu Lyle, e partiu no carro de golfe.

O olhar que Daisy me lançou dizia *Bem te disse que ele se lembraria*, e

depois ela afastou-se uns passos. Davis não pareceu notar. Havia algo encantadoramente tímido na maneira como me observava, lançando um olhar ao meu rosto e depois desviando-o, com os seus enormes olhos castanhos através dos óculos. Os olhos, o nariz, a boca – todas as suas feições eram um nadinha excessivas para ele, como se tivessem crescido, mas o rosto ainda fosse o de um rapazinho.

– Não sei bem o que dizer – disse ele. – Eu não... não sou grande coisa a fazer conversa.

– Tenta dizer o que estás a pensar – disse eu. – É uma coisa que eu nunca faço.

Ele sorriu um pouco e depois encolheu os ombros. – OK. Estou a pensar: *Quem me dera que ela não andasse atrás da recompensa.*

– Que recompensa? – perguntei, de um modo pouco convincente.

Davis sentou-se numa das espreguiçadeiras de teca e eu sentei-me em frente a ele. Inclinou-se para a frente, com os cotovelos ossudos pousados nos joelhos ossudos. – Pensei em ti aí há uns quinze dias – disse. – Quando ele desapareceu, eu estava sempre a ouvir o nome dele nas notícias, e diziam sempre o nome completo. Russel Davis Pickett. E eu não parava de pensar, sabes, é o meu nome; e era tão esquisito ouvir o locutor dizer, «Russell Davis Pickett está dado como desaparecido.» Porque eu estava aqui mesmo.

– E isso fez-te pensar em mim?

– Sim, não sei. Lembro-me de me dizeres... tipo, fiz-te uma pergunta sobre o teu nome uma vez e tu disseste que a tua mãe te tinha dado o nome Aza porque queria que tivesses um nome só teu, um som que pudesses tornar teu.

– Foi o meu pai, na verdade. – Lembrava-me de o meu pai me falar sobre o meu nome, de ele me dizer: *Vai de uma ponta do alfabeto à outra, porque queríamos que soubesses que podes ser o que quiseres.* – Enquanto que o teu pai... – disse eu.

– Certo, fez de mim uma versão júnior. Relegou-me para o estatuto de júnior.

– Bem, tu não és o teu nome – disse eu.

– É claro que sou. Não posso não ser Davis Pickett. Não posso não ser o filho do meu pai.

– Suponho que não – concordei.

– E não posso não ser órfão.

– Lamento.

Os seus olhos cansados prenderam-se nos meus. – Muitos velhos amigos entraram em contacto nos últimos dias, e eu não sou nenhum idiota. Sei porquê. Mas não sei onde está o meu pai.

– A verdade é... – disse eu, e depois parei quando uma sombra pairou sobre nós. Virei-me. Daisy estava de pé atrás de mim.

– A verdade é – disse ela – que estávamos a ouvir rádio, ouvimos uma notícia sobre o teu pai e depois aqui a Holmesy disse-me que tinha uma paixoneta por ti quando vocês eram miúdos.

– Daisy! – refilei.

– E eu, tipo, vamos lá vê-lo, aposto que é amor verdadeiro. Por isso, provocámos um naufrágio, e depois tu lembraste-te de que ela gosta de Dr Pepper, e *É AMOR VERDADEIRO*. É tal e qual como em *A Tempestade*, e OK, eu vou-vos deixar agora para poderem viver felizes para sempre. – E a sombra dela desapareceu, substituída pela luz dourada do sol.

– Isso é... a sério? – perguntou Davis.

– Bem, não acho que seja exatamente como em *A Tempestade* – disse eu. Mas não suportava dizer-lhe a verdade. De qualquer maneira, não era mentira. Não totalmente. – Quer dizer, nós éramos só miúdos.

Ao fim de um minuto, ele disse: – Tu quase nem pareces a mesma pessoa.

– O quê?

– Tipo, eras uma faísca pequena e magricela e agora és...

– O quê?

– Estás diferente. Crescida. – Eu sentia o estômago a dar voltas, mas não sabia porquê. Nunca compreendi o meu corpo. Estaria assustado ou entusiasmado?

Davis estava a olhar para lá de mim, para o grupo de árvores ao longo da margem do rio. – Lamento realmente aquilo do teu pai – disse eu.

Ele encolheu os ombros. – O meu pai é um grande merdas. Fugiu antes de ser preso porque é um cobarde. – Eu não sabia como responder àquilo. A maneira como as pessoas falavam dos seus pais quase tornava uma pessoa feliz por não ter pai. – Realmente não sei onde ele está, Aza. E se houver quem saiba, não vão dizer nada, porque ele pode pagar-lhes muito mais do que a recompensa. Quer dizer, cem mil dólares? Cem mil dólares não é muito dinheiro. – Eu limitei-me a olhá-lo fixamente. – Desculpa lá – disse

ele. – Provavelmente, soou como uma parvoíce.

– Provavelmente?

– Certo, pois – disse ele. – Eu só queria dizer... ele vai escapar. Escapa sempre.

Eu ia começar a responder quando ouvi Daisy voltar. Vinha acompanhada por um tipo – alto, de ombros largos, com calções caqui e um polo a condizer. – Vamos ver uma tuatara – disse Daisy, entusiasmada.

Davis levantou-se e disse: – Aza, este é o Malik Moore, o nosso zoólogo. – Disse «o nosso zoólogo» como se fossem palavras normais que se pronunciassem no decurso de uma conversa do dia a dia, como se a maior parte das pessoas que atingia uma certa posição na vida adquirisse um zoólogo.

Pus-me de pé e apertei a mão a Malik. – Eu olho pela tuatara – explicou ele. Toda a gente parecia partir do princípio de que eu sabia o que raio era uma tuatara. Malik aproximou-se da beira da piscina, ajoelhou-se, levantou uma porta ocultada nos ladrilhos do terraço e premiu um botão. Um passadiço de crómio reticulado ergueu-se da beira da piscina e traçou um arco sobre a água até à ilhota. Daisy agarrou-me o braço e segredou: – Isto é mesmo a vida real? – e depois o zoólogo acenou teatralmente com a mão, a convidar-nos a atravessar a ponte.

Malik seguiu-nos pela ponte até à cúpula geodésica. Passou um cartão com banda magnética num dispositivo perto da porta de vidro. Ouvi o quebrar de um selo e a seguir a porta abriu-se. Entrei e vi-me subitamente num clima tropical seis graus mais quente e consideravelmente mais húmido do que lá fora.

Daisy e eu ficámos perto da entrada enquanto Malik andava rapidamente de um lado para o outro e finalmente apareceu com um lagarto grande, talvez com uns sessenta centímetros de comprimento e uns oito centímetros de altura. A sua cauda, parecida com a de um dragão, estava enrolada à volta do braço de Malik.

– Podem fazer-lhe festas – disse Malik, e Daisy fez-lhe festas, mas, como vi arranhões na mão de Malik que indicavam que o animal nem sempre gostava que lhe fizessem festas, quando ele o virou para mim eu disse: – Não gosto muito de lagartos.

A seguir, ele explicou com pormenores excessivos que a *Tua* (tinha um nome) não era de maneira nenhuma um lagarto, mas um ser geneticamente

distinto que datava da Era Mesozoica de há 200 milhões de anos, e que era basicamente um dinossauro vivo, e que as tuatara podem viver até pelo menos aos 150 anos, e que o plural de tuatara é tuatara, e que são a única espécie existente da ordem Rhynchocephalia e que eram uma espécie em perigo na sua Nova Zelândia nativa, e que tinha escrito a tese de doutoramento dele sobre as taxas de evolução molecular da tuatara e mais isto e aquilo, até que a porta se abriu outra vez e Lyle disse: – As *Dr Peppers*, patrão. – Peguei nelas e dei uma a Davis e outra a Daisy.

– Tens a certeza de que não queres fazer-lhe festas? – perguntou Malik.

– Também tenho medo de dinossauros – expliquei.

– A Holmesy tem a maior parte dos principais medos – disse Daisy enquanto fazia festas à *Tua*. – De qualquer maneira, devíamos ir indo. Tenho de tomar conta da minha irmã.

– Eu dou-vos boleia para casa – disse Davis.

*

Davis disse que precisava de passar por casa, e eu ia esperar por ele lá fora, mas Daisy empurrou-me para a frente com tanta força que dei comigo a andar ao lado dele.

Davis abriu a porta principal, um painel gigantesco de vidro com pelo menos três metros de altura, e entrámos para uma enorme sala com chão de mármore. À minha esquerda, Noah Pickett estava deitado num sofá a jogar um videojogo de guerra no espaço num enorme ecrã. – Noah – disse Davis –, lembraste da Aza Holmes?

– 'Tá tudo? – disse ele, sem desviar os olhos do jogo.

Davis subiu a correr um lance de degraus de mármore suspensos, deixando-me sozinha com Noah – ou assim julguei – até ouvir uma mulher que eu não tinha visto dizer: – Isso é um Picasso verdadeiro. – Estava toda vestida de branco e a cortar morangos na reluzente cozinha branca.

– Oh, uau! – disse eu, seguindo o olhar dela até ao quadro em questão. Um homem desenhado com linhas ondulantes montava um cavalo desenhado com linhas ondulantes.

– É como trabalhar num museu – disse ela. Olhei para ela e pensei na observação de Daisy sobre fardas.

– Pois é, é uma casa linda – disse eu.

— Também têm um Rauschenberg — disse ela —, lá em cima. — Acenei com a cabeça, embora não soubesse quem era esse artista. O Mychal saberia, provavelmente. — Podes ir ver. — Apontou para as escadas, por isso eu subi-as, mas não parei para examinar o conjunto de lixo reciclado ao cimo das escadas. Em vez disso, deitei um olhar rápido para dentro da primeira porta aberta a que cheguei. Parecia ser o quarto de Davis, imaculadamente limpo, com as marcas do aspirador ainda na alcatifa. Uma cama enorme com uma data de almofadas e uma manta azul-escura. A um canto do quarto, junto a uma parede de janelas, um telescópio, apontado para o céu. Retratos da família dele em cima da secretária — todos de há anos, de quando ele era pequeno. Cartazes de anúncios a concertos emoldurados numa das paredes — os Beatles, Thelonus Monk, Otis Redding, Leonard Cohen, Billie Holiday. Uma estante cheia de livros de capa dura, com uma prateleira inteira de revistas de banda desenhada dentro de sacos de plástico. E na mesa de cabeceira, ao lado de uma pilha de livros, o Homem de Ferro.

Peguei nele, virei-o nas mãos. O plástico estava estalado na parte de trás de uma das pernas, revelando um espaço vazio, mas os braços e as pernas ainda se articulavam.

— Tem cuidado — disse ele por trás de mim. — Tens nas mãos o único objeto de que gosto mesmo.

Pousei o Homem de Ferro e dei meia-volta. — Desculpa — disse.

— Eu e Homem de Ferro já passámos por umas merdas bem sérias — disse ele.

— Tenho de te contar um segredo — disse eu. — Sempre achei que o Homem de Ferro era, tipo, o pior.

Davis sorriu. — Bem, foi divertido enquanto durou, Aza, mas a nossa amizade acabou. — Eu ri-me e segui-o pelas escadas abaixo. — Rosa, pode ficar até eu voltar?

— Sim, claro — respondeu ela. — Deixei chili de frango e salada para o jantar no frigorífico.

— Obrigado — disse Davis. — Noah, meu, volto daqui a vinte minutos, certo?

— Certo — respondeu Noah, ainda no espaço sideral.

Enquanto nos encaminhávamos para o *Cadillac Escalade* de Davis, a que Daisy estava encostada, eu perguntei: – Era a vossa governanta?

– É a gestora da casa. Já cá está desde que eu nasci. É, tipo, o que temos agora em vez de um pai ou de uma mãe.

– Mas não vive convosco?

– Não, vai-se embora todos os dias às seis, por isso não é assim tanto como um pai ou uma mãe. – Davis abriu as portas do carro. Daisy entrou para o banco de trás e disse-me para ir no lugar do morto. Quando me dirigi para a frente do carro, reparei que Lyle estava de pé ao lado do carro de golfe. Estava a falar com um homem que varria as primeiras folhas caídas do outono, mas olhava fixamente para Davis e para mim.

– Vou só deixar estas duas a casa – disse-lhe Davis.

– Conduza com cuidado, patrão – respondeu Lyle.

Com as portas do carro já fechadas, Davis desabafou: – Toda a gente anda sempre a vigiar-me. É muito cansativo.

– Lamento – disse eu.

Davis abriu a boca como que para falar, pareceu pensar melhor e depois, daí a um momento, continuou. – Tipo, sabem como no segundo ciclo sentes que toda a gente está sempre a olhar para ti e a falar de ti nas tuas costas? É como essa sensação do segundo ciclo, só que as pessoas *estão* realmente a olhar para mim e a segredar coisas sobre mim.

– Talvez pensem que sabes onde está o teu pai – disse Daisy.

– Bem, não sei. E não quero saber. – Disse aquilo com firmeza, inabalável.

– Porque não? – perguntou Daisy.

Eu estava a observar Davis enquanto ele falava e vi algo no seu rosto tremeluzir sem se apagar completamente. – Neste ponto, a melhor coisa que o meu pai pode fazer pelo Noah e por mim é ficar longe. Não é como se alguma vez ele tivesse olhado por nós, de qualquer maneira.

*

Embora só o rio nos separasse, até à minha casa era uma viagem de dez minutos por estradas sinuosas, porque só há uma ponte na minha zona. Mantivemo-nos em silêncio, a não ser para eu dar indicações ocasionais. Quando por fim entrámos no caminho para a garagem da minha casa, pedi-

lhe o telemóvel e registei o meu número nele. Daisy saiu sem se despedir, e eu ia fazer o mesmo, mas, quando entreguei o telemóvel a Davis, ele pegou na minha mão direita e virou-a com a palma para cima. – Lembro-me disto – disse, e segui o seu olhar para baixo, para o penso rápido que me cobria a ponta do dedo. Afastei a mão e fechei os dedos a formar um punho.

– Dói? – perguntou ele.

Por alguma razão, quis dizer-lhe a verdade. – Se dói ou não é irrelevante.

– É um lema de vida bastante bom – disse ele.

Sorri. – Pois, não sei. OK, tenho de ir.

Mesmo antes de eu fechar a porta, ele disse: – Foi bom ver-te, Aza.

– É – disse eu. – A ti também.

CINCO

Enquanto Daisy e eu nos dirigíamos para o apartamento dela no aconchego do *Harold*, ela não se calou sobre a paixoneta que estava certa que eu tinha. – Holmesy, estás resplandecente. Estás luminosa. Estás cintilante.

– Não estou nada.

– E *estás*.

– Francamente, nem sei dizer se ele é engraçado.

– Pertence àquela vasta mediania de rapazes – disse ela. – Tipo, bem-parecido o suficiente para eu estar disposta a deixar-me conquistar. O problema dos rapazes é que noventa e nove por cento deles são, tipo, OK. Se os pudéssemos vestir e fazer-lhes a higiene devidamente, e obrigá-los a porem-se direitos e a ouvir-nos e a não serem uns parvalhões, seriam totalmente aceitáveis.

– Não estou realmente à procura de ninguém com quem andar. – Sei que as pessoas muitas vezes dizem isso quando no fundo andam secretamente à procura de um par romântico, mas falo a sério. Decididamente, sentia-me atraída por certas pessoas, e agradava-me a ideia de andar com alguém, mas o processo em si não se adequava por aí além aos meus talentos. Tipo, entre as partes das relações românticas que me punham ansiosa incluíam-se: 1. Beijos; 2. Ter de dizer as coisas certas para evitar magoar a outra pessoa; 3. Dizer mais coisas erradas enquanto tento pedir desculpa; 4. Estar num cinema juntos e sentir-me obrigada a estar de mãos dadas, mesmo depois de ficarmos com as mãos transpiradas e o suor dos dois começar a misturar-se; e 5. A parte em que ele diz, «Em que estás a pensar?» e quer que tu respondas, tipo, «Estou a pensar em ti, querido,» mas realmente o que estás a pensar é em como as vacas não poderiam literalmente sobreviver se não fossem as bactérias no sistema digestivo delas, e em como isso, de certa maneira, quer dizer que as vacas não existem como formas de vida autónoma, mas, como não é realmente uma coisa que possas dizer em voz alta, acabas por ser obrigada a escolher entre mentir e parecer esquisita.

– Bem, *eu* quero andar com alguém – disse Daisy. – Atirava-me ao Pequeno Órfão Bilionário, só que ele não parou de olhar para ti. Hei, por falar nisso, aqui tens uma curiosidade fascinante: adivinha quem fica com os milhões do Pickett se ele morrer?

– Hum... O Davis e o Noah?

– Não – respondeu Daisy. – Adivinha outra vez.

– O zoólogo?

– Não.

– Diz lá.

– Adivinha.

– Tudo bem. Tu.

– Infelizmente, não, o que é muito injusto. Eu sou uma bilionária sem os biliões, Holmesy! Tenho a alma de uma proprietária de um avião a jato particular e a vida de uma passageira dos transportes públicos. É uma verdadeira tragédia. Mas não. Não sou eu. Nem o Davis. Nem o zoólogo. É a tuatara.

– Espera, o quê?

– O raio da tuatara, Holmesy. O Malik disse-me que era do domínio público, e é mesmo. Ouve. – Pegou no telemóvel. – Um artigo do *Indianapolis Star* do ano passado. «Russell Pickett, o diretor e fundador bilionário da Pickett Engineering, chocou a assistência trajada a rigor na sessão de ontem à noite do Prémio Indianápolis ao anunciar que toda a sua fortuna será deixada à sua tuatara de estimação. Apelidando as criaturas, que podem chegar a viver mais de cento e cinquenta anos, de ‘animais mágicos’, Pickett anunciou que criou uma fundação para estudar a sua tuatara e providenciar-lhe os melhores cuidados possíveis. ‘Através da investigação dos segredos da *Tua*,’ disse, referindo-se ao seu animal de estimação pelo nome dele, ‘os seres humanos terão acesso à chave para a longevidade e compreenderão melhor a evolução da vida na Terra.’ Quando solicitado por um repórter do *Star* a confirmar que planeava deixar toda a sua fortuna a um fundo destinado a beneficiar um só animal, Pickett confirmou. ‘A minha fortuna beneficiará a *Tua* e só a *Tua* – até à morte dela. Depois disso, passará para um fundo para beneficiar todas as tuatara em toda a parte.’ Um representante da Pickett Engineering disse que os assuntos particulares de Pickett não tinham nenhuma relevância para a direção da companhia.» Nada diz melhor aos filhos «vão-se lixar» do que

deixar a fortuna a um lagarto.

– Bem, como deves recordar-te, não é um lagarto – observei.

– Holmesy, um dia vais ganhar o Prémio Nobel por Ser Incrivelmente Pedante, e vou orgulhar-me imenso de ti.

– Obrigada – respondi. Parei junto à urbanização de Daisy e estacionei o *Harold*. – Então, se o pai do Davis morrer, ele e o irmão não herdam *nada*? Não se tem pelo menos de pagar para os filhos andarem na universidade, ou coisa assim?

– Não sei – respondeu ela –, mas faz-me pensar que o Davis realmente *denunciaria* o pai se soubesse onde ele estava.

– Pois é – disse eu. – Alguém deve saber. Ele precisou de ajuda, certo? Não se pode simplesmente desaparecer.

– Certo, mas há tantos possíveis cúmplices. O Pickett tem, tipo, milhares de empregados. E sabe-se lá quantas pessoas a trabalharem naquela propriedade. Quer dizer, têm um *zoólogo*.

– Deve ser uma seca, ter aquelas pessoas todas lá por casa todo o dia. Tipo, pessoas que não são da tua família, tipo, constantemente no teu espaço.

– De facto, Holmesy, como é que uma pessoa suporta o sofrimento de ter criadagem demasiado entusiástica? – Ri-me, e Daisy bateu palmas e disse: – OK. A minha lista de afazeres: Pesquisar a questão dos testamentos. Obter o relatório da polícia. A tua lista de afazeres: Apaixonares-te pelo Davis, o que já quase fizeste. Obrigada pela boleia; é a hora de ir fazer de conta que adoro a minha irmã. – Pegou na mochila, saiu do *Harold* e bateu com força a sua preciosa e frágil porta.

*

Quando cheguei a casa, pus-me a ver televisão com a minha mãe, mas não conseguia parar de pensar em Davis a olhar para o meu dedo, a segurar a minha mão na dele.

Tenho uns pensamentos a que a doutora Karen Singh chama «intrusivos», mas, na primeira vez que ela disse a palavra, eu ouvi «invasivos», um termo que prefiro, porque, tal como ervas daninhas invasivas, esses pensamentos parecem chegar à minha biosfera vindos de alguma terra longínqua e depois alastram descontroladamente.

Supostamente, toda a gente os tem – olhas de uma ponte ou coisa do género e de lado nenhum ocorre-te a ideia de que poderias simplesmente saltar. E depois, se és como a maior parte das pessoas, pensas, *Bem, foi uma ideia estapafúrdia*, e vais à tua vida. No entanto, para algumas pessoas o invasivo pode apoderar-se delas, afastando todos os outros pensamentos até ser o único que conseguem ter, o pensamento que estão a ter constantemente ou de que tentam distrair-se.

Estás a ver televisão com a tua mãe – um programa sobre detetives que solucionam crimes viajando no tempo – e recordas um rapaz a segurar-te a mão, a olhar-te para o dedo, e depois ocorre-te um pensamento: *Devias tirar esse penso rápido e verificar se há infeção*.

Não é que queiras mesmo fazer isso; é só um pensamento invasivo. Toda a gente os tem. Mas não consegues calar o teu. Como já fizeste uma quantidade razoável de terapia cognitiva comportamental, dizes a ti mesma: *Eu não sou os meus pensamentos*, embora lá no fundo não tenhas a certeza do que isso te torna exatamente. Depois, dizes a ti mesma que devias clicar na cruz no canto superior direito do pensamento para o fazer desaparecer. E talvez isso aconteça, por um momento; estás de volta à tua casa, no sofá, ao lado da mãe, mas então o teu cérebro diz: *Bem, mas espera. E se o teu dedo estiver infetado? Porque não verificar? A cantina não era exatamente o local mais higiénico para reabrir essa ferida. E depois estiveste no rio*.

Agora sentes-te uma pilha de nervos, porque já assististe a esta mesma tourada em milhares de ocasiões, e também porque queres escolher os pensamentos a que chamas teus. O rio estava imundo, afinal. Será que a água do rio te tocou na mão? Não era preciso muita. *É a hora de tirar o penso*. Dizes a ti própria que tiveste o cuidado de não tocar na água, mas vem logo a resposta: *Mas, e se tocaste em alguma coisa que tocou na água?*, e depois dizes a ti própria que a ferida quase com certeza não está infetada, mas a distância que crias com o *quase* é preenchida com o pensamento: *Precisas de verificar para ver se há infeção; verifica só, para poderes acalmar-te*, e depois, tudo bem, OK, dizes que vais à casa de banho, tiras o penso rápido e descobres que não há sangue, mas talvez haja um bocadinho de humidade na almofada do penso. Ergues o penso à luz amarela da casa de banho e sim, parece decididamente humidade.

Podia ser transpiração, claro, mas também podia ser água do rio ou, pior ainda, drenagem seropurulenta, um sinal seguro de infeção, por isso

procuras o desinfetante das mãos no armário dos medicamentos e espremes algum para a ponta do dedo, que arde como o diabo, e depois lavas bem as mãos, cantando o alfabeto enquanto o fazes para te assegurares de que as esfregaste durante os vinte segundos inteiros recomendados pelo Centro para o Controlo de Doenças, e depois limpas cuidadosamente as mãos a uma toalha. E depois enterras a unha do polegar bem fundo na greta do calo até começar a sangrar, e espremes o sangue enquanto ele sair, e depois secas a ferida com um lenço de papel. Tiras um penso rápido do bolso das tuas calças de ganga, onde nunca há falta deles, e aplicas o novo penso com cuidado. Voltas para o sofá para ver televisão e, por uns poucos ou muitos minutos, sentes que se atenua aquele estremecimento da tensão, sentes o alívio de ter cedido aos anjos demoníacos da tua natureza.

E a seguir passam dois ou cinco ou seiscentos minutos antes de começares a perguntar-te, *Espera lá, será que espremi o pus todo? Haveria sequer pus ou era só transpiração? Se era pus, talvez tenha de voltar a drenar a ferida.*

A espiral estreita-se, assim, para sempre.

SEIS

Depois das aulas no dia seguinte, fui juntar-me ao enxame de pessoas que desfilavam pelos corredores apinhados da ESWR e encaminhei-me para o *Harold*. Tive de mudar o penso rápido, o que demorou uns minutos, mas de qualquer maneira preferia deixar que o trânsito abrandasse um pouco antes de ir para casa. Para passar o tempo, mandei uma mensagem à Daisy a pedir-lhe que se encontrasse comigo no Applebee's, o restaurante a que vamos para estudarmos juntas.

Ela respondeu daí a uns minutos: *Trabalho até às 8. Encontramo-nos depois?*

Eu: *Precisas de boleia?*

Ela: *O meu pai vai-me levar. Vem-me buscar. O Davis mandou mensagem?*

Eu: *Não. Achas que lhe mande mensagem?*

Ela: *DE MANEIRA NENHUMA.*

Ela: *Espera entre 24 e 30 horas. Obviamente. Estás intrigada, mas não obcecada.*

Eu: *Entendido. Não sabia que havia Mandamentos das Mensagens.*

Ela: *Bem, mas há. Estamos quase lá, tenho de ir. Primeira ordem de trabalhos, tirar à sorte para ver quem tem de vestir a fatiota do Chuckie. Reza por mim.*

O *Harold* e eu começámos a dirigir-nos para casa, mas depois ocorreu-me que podia ir a qualquer outro lugar. Não *a qualquer outro lugar* mesmo, suponho, mas quase. Podia ir até ao Ohio, se quisesse, ou ao Kentucky, e

mesmo assim chegar a casa à hora marcada. Graças ao *Harold*, uns quinhentos quilómetros quadrados do Midwest da América estavam à minha disposição. Por isso, em vez de virar para casa, continuei a conduzir para norte pela Meridian Street até entrar na I-465. Aumentei o volume do rádio quando começou a passar uma canção de que eu gostava, chamada «Can't Stop Thinking About You», com o baixo a estralejar nos altifalantes há muito estragados do *Harold*, a letra estúpida e tonta, tudo aquilo de que eu precisava.

Por vezes, dás por acaso com uma série de canções fantásticas no rádio, em que, de cada vez que uma estação começa a dar anúncios, sintonizas outra que começou a passar uma canção que adoras mas que quase já tinhas esquecido, uma canção que nunca terias escolhido, mas que afinal é perfeita para acompanhar aos berros. E por isso conduzi ao som de uma daquelas *playlists* milagrosas, a caminho de lado nenhum. Segui a autoestrada para leste e depois para sul, a seguir para oeste e depois para leste outra vez, até acabar na mesma saída para a Meridian Street onde tinha começado.

A viagem à volta de Indianápolis custou cerca de sete dólares de gasolina, e eu sabia que era um desperdício, mas sentime muito melhor depois de contornar a cidade.

Quando estacionei no caminho para abrir a porta da garagem, vi que tinha uma série de mensagens de Daisy:

Acabei de ter azar, por isso tenho de me meter na porcaria da fatiota do Chuckie.

Vejo-te mais tarde, se sobreviver.

Se eu morrer, chora na minha campa todos os dias até uma sementinha aparecer na terra, depois chora para cima dela para ela crescer até se tornar uma linda árvore cujas raízes rodearão o meu corpo.

Estão-me a obrigar a ir agora tiraram-me o telemóvel LEMBRA-TE DE MIM HOLMESY.

Notícia de última hora: Sobrevivi. Tenho boleia para o Applebee's depois do trabalho. Até já.

Na sala de estar, a minha mãe estava a corrigir testes, com os pés em cima da mesa de apoio. Sentei-me ao lado dela e, sem olhar para cima, ela disse: – Um tal Lyle, da propriedade dos Pickett, veio trazer hoje a nossa canoa, consertada. Disse que tu e a Daisy iam a remar pelo rio White abaixo e bateram numa rocha.

– Pois foi – disse eu.

– Tu e a Daisy – disse ela. – A remarem no rio White.

– Pois foi – disse eu.

Ela olhou para cima por fim. – Parece o tipo de coisa que farias só se, por exemplo, quisesse encontrar-te por acaso com o Davis Pickett.

Encolhi os ombros.

– Resultou? – perguntou ela.

Voltei a encolher os ombros, mas ela continuou a olhar para mim até eu ceder e falar. – Estava a pensar nele. Queria uma desculpa para ver como ele estava, acho eu.

– E como é que ele está, sem o pai?

– Acho que está bem – respondi. – A maior parte das pessoas não parece gostar lá muito dos pais.

Ela inclinou-se para mim, com o ombro a tocar o meu. Eu sabia que estávamos ambas a pensar no meu pai, mas nunca tínhamos tido jeito para falar sobre ele. – Pergunto-me se te terias dado mal com o teu pai.

Eu não disse nada.

– Ele ter-te-ia compreendido, isso é certo. Entendia os teus porquês de uma maneira que eu nunca consegui. Mas preocupava-se demasiado, o que talvez tu tivesses achado muito cansativo. Eu achava, por vezes.

– Tu também te preocupas – disse eu.

– Acho que sim. Principalmente contigo.

– Não me incomoda que as pessoas se preocupem – disse eu. – Preocupar-se é a visão do mundo mais correta. A vida é preocupante.

– Soas tal e qual como ele. – Sorriu ligeiramente. – Continuo a não conseguir acreditar que ele nos deixou. – Disse aquilo como se tivesse sido uma decisão, como se ele andasse a aparar o relvado naquele dia e pensasse: *Acho que vou cair morto agora.*

Fiz o jantar nessa noite, uma mistura de massa com vegetais de lata, macarrão de uma embalagem e queijo *cheddar* genuíno, e comemos a ver um *reality show* sobre pessoas normais a tentarem sobreviver na selva. O meu telemóvel tocou por fim quando a minha mãe e eu estávamos a lavar a louça – era Daisy a dizer-me que tinha chegado ao Applebee’s – e por isso eu disse à minha mãe que voltava cerca da meia noite e reencontrei-me com o *Harold*, que estava, como sempre, um puro encanto.

O Applebee’s é uma cadeia de restaurantes de qualidade média que serve «comida americana», o que basicamente significa que Tudo Traz Queijo. No ano passado, um miúdo qualquer apareceu-nos à porta de casa e convenceu a minha mãe a comprar um enorme livro de cupões para apoiar o grupo de escuteiros dele ou coisa do género, e no livro havia sessenta cupões de desconto no Applebee’s a oferecer «Dois hambúrgueres por 11 dólares». Daisy e eu andávamos a tentar gastá-los desde essa altura.

Daisy estava à minha espera a uma mesa e, tendo mudado da farda para um *top* turquesa de decote redondo, entretinha-se a fitar as profundezas do telemóvel dela. Como não tinha computador, fazia tudo no telemóvel, desde mandar mensagens a escrever ficção de fãs. Escrevia nele mais depressa do que eu num teclado normal.

– Já alguma vez recebeste uma foto de uma pila? – perguntou, em vez de me dizer olá.

– Hum... já vi uma – respondi, sentando-me no banco em frente a ela.

– Bem, é claro que já viste uma, Holmesy. Meu Deus, não te estou a perguntar se és uma freira do século XVII. Pergunto se alguma vez recebeste uma foto de uma pila não solicitada e sem qualquer contexto. Tipo, uma foto de uma pila como forma de apresentação.

– Não, realmente não – respondi.

– Olha para isto – disse ela, e passou-me o telemóvel para as mãos.

– Pois é, é um pénis – disse eu, semicerrando os olhos e virando o telemóvel ligeiramente no sentido contrário aos ponteiros do relógio.

– Certo, mas podemos falar sobre isto por um minuto?

– Podemos não falar, por favor? – Deixei cair o telemóvel quando Holly, a empregada, apareceu à nossa mesa. Holly era quem nos servia bastante regularmente e não era propriamente adepta ferrenha do clube de fãs da Daisy e da Holmesy, possivelmente devido à nossa estratégia de cupões do Applebee’s e aos nossos recursos limitados em termos de gorjetas.

Foi a Daisy quem falou, como sempre. – Holly, já alguma vez recebeu...

– Não – disse eu. – Não não não. – Olhei para cima, para Holly. – Queria só uma água, sem comida, por favor, mas por volta das dez menos um quarto quero um hambúrguer vegetariano, sem maionese nem condimentos nenhuns, só um hambúrguer vegetariano no pão numa embalagem para levar, por favor. Com batatas fritas.

– E tu vais querer o hambúrguer Blazin’ Texan? – perguntou Holly a Daisy.

– Com um copo de vinho tinto, por favor.

Holly limitou-se a fitá-la.

– Tudo bem. Água.

– Deduzo que têm as duas cupões? – perguntou Holly.

– Por acaso, temos – disse eu, e passei-lhos por cima da mesa.

Holly mal tinha ainda dado meia-volta quando Daisy voltou à carga. – Quer dizer, como é que eu devo reagir a um pénis semiereto como correio de fãs? Devo sentir-me *intrigada*?

– Provavelmente, ele acha que vai acabar em casamento. Encontram-se na vida real e apaixonam-se um pelo outro e um dia vão contar aos vossos filhos que tudo começou com uma foto de um singelo pénis.

– É simplesmente uma reação esquisita à minha ficção. Tipo, OK, segue a minha linha de pensamento: «Gostei realmente desta história sobre a aventura romântica da Rey e do Chewbacca a vasculharem uma nave espacial Tulgah em Endor à procura da afamada poção da paciência de Tulgah; como forma de agradecimento, penso que enviarei à autora dessa história uma foto da minha pila.» Como se vai de A para B, Holmesy?

– Os rapazes são um nojo – disse eu. – Todas as pessoas são um nojo. As pessoas e os seus corpos nojentos; dá-me tudo vontade de vomitar.

– Provavelmente, é um triste qualquer, fã do Kylo – resmungou Daisy. Eu não compreendia nada da linguagem da ficção de fãs dela.

– *Por favor*, podemos falar de outra coisa qualquer?

– Tudo bem. Durante o intervalo no trabalho, tornei-me uma especialista em testamentos. Portanto, ouve-me só esta: não podes de facto deixar dinheiro nenhum a um ser não-humano quando morreres, mas *podes* deixar todo o teu dinheiro a uma organização que exista unicamente para benefício de um ser não-humano. Basicamente, o estado de Indiana não considera pessoas os animais de estimação, mas considera pessoas as organizações.

Por isso, o dinheiro do Pickett iria todo para uma empresa que beneficie a tuatara. E afinal não se é obrigado a deixar *nada* aos filhos quando se morre. Por mais rico que se seja... nem uma casa, nem dinheiro para a universidade, nada.

– O que acontece se o pai deles for para a prisão?

– Ficam à guarda de uma pessoa. Talvez a gestora da casa ou um membro da família ou coisa do género, e essa pessoa receberia dinheiro para pagar as despesas dos filhos. Se encontrar fugitivos não resultar como carreira para mim, talvez me dedique à guarda de crianças bilionárias.

«OK, começa a juntar ficheiros sobre os antecedentes do caso e a família Pickett. Eu vou obter o relatório da polícia e também fazer o trabalho para casa de Cálculo, porque o dia só tem um certo número de horas e eu tenho de passar demasiadas no Chuck E. Cheese.»

– Como é que vais obter uma cópia do relatório da polícia?

– Oh, tu sabes. Com manhas – respondeu ela.

*

Por acaso, eu era amiga do Davis Pickett no Facebook e, embora o seu perfil fosse uma cidade-fantasma há muito abandonada, forneceu-me um dos seus nomes de utilizador – dallgoodman, que me levou a uma conta de Instagram.

No Instagram não havia fotografias, apenas citações escritas em letras tipo máquina de escrever com fundos desfocados de papel amarrotado. A primeira, publicada há dois anos, era de Charlotte Brontë. «Cuido de mim. Quanto mais solitária, sem amigos e sem apoios estou, mais me respeito.»

A citação mais recente era «Quem não receia a morte só morre uma vez,» o que, pensei, talvez fosse uma alusão velada ao pai dele, mas não conseguia interpretá-la. (Para que conste, quem *receia* a morte também só morre uma vez, mas enfim...)

Ao percorrer as citações, reparei em alguns utilizadores que consistentemente gostavam das publicações de Davis, entre eles uma, anniebellcheers, cujo *feed* consistia na sua maior parte em fotos de *cheerleaders*, até chegar a um ponto, mais de um ano antes, em que encontrei uma série de fotos dela com Davis, com uma data de emojis de corações.

A relação deles parecia ter começado no verão entre o nono e o décimo ano e durou alguns meses. O perfil dela no Instagram tinha uma ligação para o Twitter dela, onde ainda seguia um utilizador chamado nkogneato, que era o nome de Davis no Twitter – eu sabia, porque ele tinha publicado uma foto do irmão a fazer uma bomba para dentro da piscina deles.

O nome de utilizador nkogneato levou-me a um perfil no YouTube – o utilizador parecia gostar principalmente de resumos de jogos de basquete e daqueles vídeos mesmo muito longos em que se vê alguém a jogar um jogo de vídeo – e por fim, depois de muitas páginas de resultados de pesquisa, a um blogue.

Ao princípio, não sabia ao certo se o blogue era de Davis. Cada publicação começava com uma citação seguida por um parágrafo curto que nunca era suficientemente autobiográfico para o identificar, como este:

«A certo ponto na vida, a beleza do mundo passa a ser suficiente. Não se precisa de a fotografar, pintar ou até recordar. É suficiente.»

– TONI MORRISON

Ontem à noite fiquei deitado no chão gelado, a fitar um céu límpido só ligeiramente estragado pela poluição luminosa e pelo nevoeiro produzido pelo meu próprio hálito – sem telescópio nem nada, só eu e o céu aberto – e pus-me a pensar em como o céu é um substantivo singular, como se fosse só uma coisa. Mas o céu não é só uma coisa. O céu é tudo. E, ontem à noite, foi suficiente.

Não tinha a certeza se era ele até começar a reparar que muitas das citações do *feed* do Instagram dele eram também usadas no blogue, entre elas a de Charlotte Brontë:

«Cuido de mim. Quanto mais solitária, sem amigos e sem apoios estou, mais me respeito.»

– CHARLOTTE BRONTË

No fim, quando andar dava trabalho, sentámo-nos num banco a olhar para o rio lá em baixo, que estava com pouca água, e ela disse-me que a beleza era principalmente uma questão de atenção. «O rio é lindo porque estás a olhar para ele,» disse ela.

Outra, escrita em novembro do ano passado, por volta da altura em que

ele e anniebellcheers deixaram de responder um ao outro no Twitter:

«Por convenção quente, por convenção frio, por convenção cor, mas na realidade átomos e vazio.»

– DEMÓCRITO

Quando a observação não se alinha com uma verdade, em que confias – nos teus sentidos ou na tua verdade? Os gregos nem sequer tinham uma palavra para azul. A cor não existia para eles. Não conseguiam vê-la sem uma palavra para ela.

Penso nela todo o tempo. O estômago dá-me voltas quando a vejo. Mas será amor ou só algo para o qual não temos uma palavra?

A seguinte deixou-me estarrecida:

«A maior arma contra o *stress* é a nossa capacidade de escolher um pensamento em vez de outro.»

– WILLIAM JAMES

Não sei que superpoder William James tinha, mas sou tão capaz de escolher os meus pensamentos como de escolher o meu nome.

A maneira como ele falava sobre pensamentos era a maneira como eu os experimentava – não como uma escolha, mas como um destino. Não um catálogo da minha consciência, mas uma refutação dela.

Quando era pequena, costumava falar à minha mãe dos meus invasivos, e ela dizia sempre: – Limita-te a não *pensar* no assunto, Aza. – Mas Davis compreendia. Não se pode escolher. Esse é que é o problema.

A outra coisa interessante sobre a presença *online* de Davis era que tudo parou no dia em que o pai dele desapareceu. Publicou no blogue quase todos os dias ao longo de mais de dois anos e depois, na tarde a seguir ao pai desaparecer, escreveu:

«Durmam bem, seus idiotas.»

– J. D. SALINGER

Penso que isto será um adeus, meus amigos, embora, pensando melhor: nunca ninguém diz adeus a não ser que queira voltar a ver-nos.

Fazia sentido. Provavelmente, as pessoas tinham começado a bisbilhotar – quer dizer, se eu consegui encontrar o blogue secreto dele, imagino que a polícia também. Mas perguntei-me se Davis teria realmente abandonado de todo a Internet ou se só se teria mudado de armas e bagagens para outras paragens mais remotas.

Não consegui encontrar-lhe o trilha. Em vez disso, fiquei empatada a pesquisar os seus nomes de utilizador e variantes, e acabei por encontrar uma data de pessoas que não eram o *meu* Davis Pickett – o Dave Pickett de cinquenta e três anos que era motorista de camião em Wisconsin; o Davis Pickett que morreu de esclerose lateral amiotrófica depois de anos a publicar entradas curtas no seu blogue, escritas com a ajuda de *software* de movimento ocular; um utilizador do Twitter chamado dallgoodman cujo blogue não passava de ameaças acrimoniosas dirigidas a membros do Congresso. Encontrei uma conta Reddit em que se comentava o basquetebol da universidade de Butler, mas essa também estava em silêncio desde o desaparecimento de Pickett Sênior.

– Estou muito perto – disse Daisy subitamente. – Muito, muito perto. Se ao menos fosse tão boa na vida real como sou na Internet. – Olhei para cima, regressando ao plano sensorial do Applebee's. Daisy estava a escrever no telemóvel com uma mão enquanto segurava um copo de água na outra. Tudo era ruído e luzes. Ao balcão, as pessoas berravam por causa de algum assunto de desporto. – O que é que encontraste? – perguntou-me ela, pousando o copo de água.

– Hum, o Davis tinha uma namorada, mas acabaram por volta de novembro passado. Tem um blogue, mas já não atualiza nada desde que o pai dele desapareceu. Não sei. No blogue, parece... querido, acho eu.

– Bem, muito me alegra que andes a usar os teus dotes de detetive da Internet para determinar que o Davis é um querido. Holmesy, adoro-te, mas encontra alguma informação sobre o *caso*.

Foi o que fiz. O *Indianapolis Star* escrevia muito sobre Russell Pickett porque a empresa dele era um dos maiores empregadores do estado de Indiana, mas também porque ele andava constantemente a ser processado. Tinha um enorme negócio imobiliário no centro que deu origem a múltiplos processos judiciais; tanto a sua ex-assistente executiva como a sua diretora de *marketing* o tinham processado por assédio sexual; tinha sido processado por um jardineiro da sua propriedade por violar a lei dos direitos dos

incapacitados; a lista parecia não ter fim.

Em todos esses artigos, era citado o mesmo advogado – Simon Morris. No site de Morris descrevia-se a sua empresa como «uma refinada firma de advogados centrada nas necessidades alargadas de indivíduos de alto valor».

– Posso ligar ao teu computador, SNTI? – Ela disse de facto as letras S-N-T-I, que me apeteceu dizer-lhe que requeriam quase as mesmas sílabas ou mais do que dizer só «se não te importas», mas estava claramente embrenhada em alguma coisa. Sem sequer tirar os olhos do telemóvel, Daisy meteu a mão na carteira, tirou um cabo USB e entregou-mo. Eu liguei-o ao meu portátil e ela limitou-se a murmurar: – Ótimo, obrigada; estou mesmo perto.

Reparei que Holly tinha vindo trazer-me o meu hambúrguer para levar. Abri a embalagem de plástico e peguei numas batatas fritas antes de voltar à minha investigação de Pickett. Dei por acaso com um *site* chamado Glassdoor, onde funcionários atuais e passados podiam avaliar a empresa anonimamente. As observações sobre o próprio Russell Pickett incluíam:

«O Diretor Executivo é um grande aldrabão.»

«O Russell Pickett é um megalomaníaco do pior.»

«Não digo que os executivos da Pickett nos obriguem a violar a lei, mas frequentemente ouvimo-los começarem frases com ‘Não digo que devam violar a lei, mas...’»

Então, Pickett era esse tipo de pessoa. E, embora tivesse resolvido todos os processos judiciais sem ir a tribunal, não conseguiu evitar a investigação criminal. Pelo que deduzi, a empresa tinha subornado uma data de funcionários estatais em troca de contratos para construir um sistema de descargas residuais melhor em Indianápolis.

Há quinze anos, o governo disponibilizara uma data de dinheiro para limpar o rio White através da construção de mais estações de tratamento de águas residuais e da expansão do sistema de túneis subterrâneos do centro da cidade, desviando um ribeiro chamado Pogue’s Run. A ideia era que daí a uma década os esgotos deixassem de ser despejados no rio de cada vez que chovia. A Pickett Engineering tinha obtido o contrato inicial, mas, como nunca chegou a acabar o trabalho e excedeu largamente o orçamento, o governo tirou o contrato à empresa de Pickett e autorizou todas as outras

empresas a licitar a finalização do projeto.

E depois, embora a Pickett Engineering tivesse feito asneira da grossa da primeira vez, obteve o novo contrato – aparentemente subornando funcionários estatais. Dois dos executivos de Pickett já tinham sido presos e cria-se que estavam a colaborar com a polícia. O próprio Pickett ainda não tinha sido acusado, embora um editorial no jornal de três dias antes do seu desaparecimento criticasse as autoridades: «O *Indianapolis Star* Tem Provas Suficientes para Incriminar Russell Pickett; Porque Não as Têm as Autoridades?»

– Eh, está a acontecer. OK. Espera lá. Espera lá. Só estou à espera que o ficheiro zip descarregue, sim, e está a abrir, e... oh, boa, sim! – Daisy finalmente olhou para cima, para mim, e sorriu. Tinha os dentes da frente um pouco tortos, virados uns para os outros, e, como sentia complexos, raramente fazia um sorriso rasgado. Mas agora eu até lhe via as gengivas. – Posso fazer aquela coisa, tipo, como no fim do *Scooby-Doo*, e dizer-te como consegui?

Acenei que sim com a cabeça.

– Então, o primeiro artigo sobre o desaparecimento do Pickett refere-se a um relatório da polícia obtido pelo *Indianapolis Star*. Essa notícia foi escrita pela Sandra Oliveros, com reportagem adicional de um sujeito chamado Adam Bitterley, que é um apelido infeliz,¹ mas, seja como for, é claramente o tipo mais novato nesta história, e uma pesquisa rápida no Google revelou-me que se licenciou recentemente pela universidade de Indiana.

«Então, criei um endereço de e-mail que parece quase exatamente o da Sandra Oliveros e enviei um e-mail ao Bitterley a mandá-lo enviar-me uma cópia do relatório policial. E ele respondeu, tipo, «Não posso; não o tenho no computador de casa,» por isso eu disse-lhe que se despachasse a ir ao escritório e que mo enviasse de lá, e ele, tipo, «É sexta à noite,» e eu, tipo, «Eu sei que é sexta à noite, mas as notícias não param de rebentar ao fim de semana; faz o teu trabalho ou eu encontro outra pessoa disposta a fazê-lo.» E depois ele foi ao raio do escritório e mandou-me por e-mail o raio do relatório policial digitalizado.»

– Meu Deus.

– Bem vinda ao futuro, Holmesy. Já não se trata de aceder ilegalmente aos computadores; trata-se de aceder às almas humanas. O ficheiro está no

teu e-mail. – Por vezes, perguntava-me se Daisy era minha amiga só porque precisava de uma testemunha.

Enquanto o ficheiro descarregava, desviei o olhar do monitor e olhei para o parque de estacionamento por entre as réguas dos estores. Havia um lampião a iluminar-nos, o que fazia tudo à volta parecer negro como o breu.

Estava a tentar afastar um pensamento, mas, quando abri o relatório policial e comecei a lê-lo na diagonal, o pensamento tornou-se maior.

– O que foi? – perguntou Daisy.

– Nada – respondi, e tentei mais uma vez engolir o pensamento. Mas não conseguia. – É só que, ele não vai ficar metido em trabalhos? Tipo, quando for para o jornal na segunda-feira, não vai perguntar à chefe porque é que ela precisava daquele ficheiro e depois ela não vai dizer, tipo, «Que ficheiro?», e depois ele não fica metido em trabalhos? Tipo, pode ser despedido.

Daisy limitou-se a revirar os olhos, mas eu estava agora na espiral e começou a preocupar-me que Mr. Bitterley descobrisse como encontrar Daisy, que a mandasse prender, e talvez a mim também, visto que, provavelmente, eu era sua cúmplice. Estávamos só a jogar um jogo tonto, mas as pessoas fartam-se de ir parar à prisão por crimes menores. Imaginei uma notícia – raparigas *hackers* obcecadas com rapaz bilionário.

– Ele vai-nos encontrar – disse eu ao fim de uns momentos.

– Quem? – perguntou ela.

– O tipo – respondi. – O Bitterley.

– Não vai nada; eu estou no wifi público num Applebee's a usar um endereço IP que me localiza em Belo Horizonte, no Brasil. E se ele me encontrar digo que tu não fazias ideia do que eu estava a fazer, e vou para a prisão por ti, e para me agradeceres por me recusar a denunciar-te, vais tatuar a minha cara no teu bíceps. Vai ser o máximo.

– Daisy, fala a sério.

– Estou a falar a sério. O teu bíceps magricela precisa de uma tatuagem da minha cara. E ele também não vai ser despedido. Não nos vai encontrar. No máximo, vai aprender uma lição importante sobre *phishing* de uma maneira que vai prejudicar muito pouco a vida dele e a empresa para que trabalha. Acalma-te, está bem? Tenho de voltar para uma discussão muito importante que estou a ter com um estranho na Internet sobre se o Chewbacca é uma pessoa.

Holly apareceu com a conta, um lembrete pouco subtil de que tínhamos abusado da hospitalidade do Applebee's. Pus na mesa o cartão de débito que a minha mãe me tinha dado – Daisy nunca tinha dinheiro, e a minha mãe deixava-me gastar vinte e cinco dólares por semana desde que eu tivesse sempre a nota máxima a tudo. Por baixo da mesa, esfreguei o polegar no calo do dedo médio. Disse a mim mesma que, provavelmente, Daisy tinha razão, que, provavelmente, tudo acabaria em bem. Provavelmente.

Daisy não tirou os olhos do telemóvel, mas disse: – A sério, Holmesy. Não deixo que aconteça nada. Prometo.

– Tu não podes controlar isso, o problema é esse – disse eu. – A vida não é algo que se domina, sabes?

– Que raio, então não é? – resmungou ela, ainda embrenhada no telemóvel. Oh, meu Deus, agora este tipo está a dizer que eu escrevo sobre bestialidade.

– Espera, o quê?

– Porque na minha ficção o Chewbacca e a Rey estavam apaixonados. Ele está a dizer que é... e passo a citar... «criminoso», porque se trata de um caso amoroso entre espécies. Nem sequer é *sexo*, eu respeito a classificação para adolescentes, para os miúdos poderem ler, é só *amor*.

– Mas o Chewbacca não é humano – disse eu.

– A questão não é se o Chewbacca era *humano*, Holmesy; a questão é se ele era uma pessoa. – Estava quase aos gritos. Levava bastante a sério aquela coisa do *Star Wars*. – E ele era *obviamente* uma pessoa. Tipo, o que é que faz com que se seja uma pessoa? Ele tinha um corpo e uma alma e sentimentos, e falava uma língua, e era adulto, e se ele e a Rey se amavam com um amor tórrido, cabeludo e comunicativo, resta-nos agradecer a Deus que dois adultos sencientes e por mútuo consentimento se tenham encontrado um ao outro numa galáxia escura e em ruínas.

Embora frequentemente nada me conseguisse livrar do medo, por vezes escutar Daisy era o suficiente. Ela tinha endireitado algo dentro de mim e eu já não me sentia como se estivesse num redemoinho ou a percorrer uma espiral cada vez mais apertada. Já não precisava de comparações. Estava centrada de novo no meu eu. – Então ele é uma pessoa porque é senciente?

– Ninguém se queixa por seres humanos do sexo masculino andarem com twi'leks do sexo feminino! Porque, é claro, *os homens* podem escolher o

que quer que seja que queiram *comer*. Mas um ser humano mulher apaixonar-se por um wookiee, Deus nos livre. Quer dizer, eu sei que só estou a dar trela aos *trolls*, Holmesy, mas não posso admitir.

– Eu só queria dizer que, tipo, um bebé não é senciente, mas não deixa de ser uma pessoa.

– Ninguém está a dizer nada sobre bebés, Holmesy. Isto é sobre uma pessoa adulta, que por acaso era humana, se apaixonar por outra pessoa adulta, que por acaso era wookiee.

– A Rey sabe sequer falar wookiee?

– Sabes, é um bocado irritante que tu não leias a *minha* ficção de fãs, mas o que é realmente irritante é que não leias *nenhuma* ficção de fãs do Chewie. Se lesses, sabias que o wookiee não era uma língua, era uma espécie. Havia pelo menos três línguas wookiees. A Rey aprendeu a falar shyriiwook com os wookiees que vieram a Jakku, mas não costumava falar essa língua, porque a maior parte dos wookiees compreendia basic.

Eu estava a rir. – E porque é que estás a usar o passado?

– Porque tudo isto aconteceu há muito tempo numa galáxia longínqua, Holmesy. Usa-se sempre o passado quando se fala no *Star Wars*. *Duh*.

– Espera, os seres humanos sabem falar shyri... a língua dos wookiees?

Daisy fez uma imitação de Chewbacca muito aceitável em resposta e depois traduziu o que tinha dito. – Isto era eu a perguntar se vais comer as tuas batatas fritas. – Passei-lhe a embalagem para levar por cima da mesa e ela pegou num punhado de batatas fritas e a seguir fez outro som à Chewbacca, com a boca meio cheia.

– O que é que isso quer dizer? – perguntei-lhe.

– Já passaram mais de vinte e quatro horas; é o momento de mandar um SMS ao Davis.

– Os wookies têm SMS?

– *Tinham* SMS – corrigiu-me ela.

¹ Bitterley lê-se como *bitterly*, que significa amargamente. (N. da T.)

SETE

Na segunda-feira de manhã, dei boleia à minha mãe para a escola, porque o carro dela estava na oficina. Sentia uma ardência no dedo médio por causa do desinfetante de mãos que tinha aplicado mesmo antes de sair de casa e por isso estava a fazer pressão sobre o penso rápido, o que ao mesmo tempo agravava e aliviava a dor. Não tinha mandado mensagem a Davis durante o fim de semana. Estava sempre a pensar nisso, mas a noite no Applebee's passou e depois comecei a sentir-me nervosa em relação àquilo, como se talvez já se tivesse passado demasiado tempo, e Daisy não estava por perto para me pressionar a fazê-lo, porque ia trabalhar o fim de semana todo.

A minha mãe deve ter reparado que eu estava a pressionar o penso rápido, porque disse: – Tens consulta com a doutora Singh amanhã, não tens?

– Tenho.

– O que pensas sobre a situação da medicação?

– Está bem, acho eu – o que não era bem verdade. Por um lado, não estava convencida de que o comprimido branco e redondo fizesse algum efeito quando o tomava, e por outro lado não estava a tomá-lo com a frequência com que supostamente devia. Em parte, porque me esquecia, mas também havia qualquer outra coisa que eu não conseguia identificar ao certo, algum receio lá no fundo de que tomar um comprimido para me tornar mais eu fosse errado.

– Ainda aqui estás? – perguntou a minha mãe.

– Estou – respondi. Uma parte suficiente de mim, mas só à justa, ainda estava localizada dentro do *Harold* para ouvir a voz dela, para seguir o caminho bem conhecido para a escola.

– Sê sincera com a doutora Singh, OK? Não há necessidade de sofrer. – O que, argumentaria eu, é uma interpretação fundamentalmente incorreta do dilema humano, mas tudo bem.

Estacionei no parque de estacionamento dos alunos, despedi-me da minha mãe e depois pus-me na fila para passar pelos detetores de metais. Uma vez declarada sem armas, juntei-me ao fluxo de corpos que enchia os corredores como células sanguíneas numa veia.

Cheguei ao meu cacifo alguns minutos antes da hora e ocupei uns segundos a pesquisar o repórter a quem a Daisy tinha enganado, Adam Bitterley. Ele partilhara nessa manhã uma ligação para uma nova história que escrevera sobre a direção de uma escola que tinha votado para banir um livro qualquer, por isso deduzi que não tinha sido despedido. Daisy tinha razão – não tinha acontecido nada.

Ia encaminhar-me para a aula quando o Mychal correu para o meu cacifo e me puxou para um banco. – Que tal vai isso, Aza?

– Bem – respondi. Estava a pensar em como uma parte de ti pode estar num lugar enquanto ao mesmo tempo as partes mais importantes estão num lugar diferente, num lugar a que não tens acesso através dos teus sentidos. Tipo, como eu tinha vindo a conduzir todo o caminho de casa para a escola sem realmente estar dentro do carro. Estava a tentar olhar para o Mychal, a tentar ouvir o clamor do corredor, mas não estava ali, realmente não, não lá no fundo.

– Hum – disse ele. – Então, ouve lá, não quero dar cabo do nosso grupo de amigos, porque é realmente o máximo, mas... isto é embaraçoso, mas achas que, e a sério, podes dizer-me que não... – Foi-se calando, mas eu via aonde queria chegar.

– Não acho realmente que possa andar com ninguém neste preciso momento – respondi. – Estou, tipo...

Ele interrompeu-me. – Bem, agora é que é superembaraçoso. Ia-te perguntar se achas que a Daisy não se importaria de sair comigo ou se é uma ideia louca. Quer dizer, tu és o máximo, Aza...

Eu conhecia Mychal suficientemente bem para não morrer *mesmo* de vergonha, mas só por uma unha negra. – Sim – respondi. – Sim. É uma ótima ideia. Mas devias falar com ela sobre isso, não comigo. Mas sim. Sem dúvida, convida-a para sair. Estou embaraçada. Isto foi um embaraço. Devias convidar a Daisy para sair. Eu vou-me pôr de pé e sair desta conversa com a dignidade que ainda me resta.

– Lamento mesmo muito – disse ele quando eu me levantei e comecei a recuar. – Quer dizer, tu és linda, Aza. Não é isso.

– Não – disse eu. – Não. Não digas mais nada. Decididamente, o erro foi meu. Eu só... eu vou embora agora. Mas convida a Daisy para sair. – Por sorte, soou um toque lá do alto, que me permitiu dar à sola para a aula de Biologia. Como a nossa professora estava atrasada, toda a gente estava a falar. Sentei-me no meu lugar, de costas curvadas, e mandei imediatamente uma mensagem a Daisy.

Eu: Julguei que o Mychal estava a convidar-me para sair por isso tentei recusar delicadamente mas ele não estava a convidar-me a mim. Estava a perguntar-me se te convidava a ti POR ELE. Nível de humilhação – o máximo de que há registo. Mas devias dizer que sim. Ele é engraçado.

Ela: Oh meu Deus. Pânico. Ele parece um bebé gigante.

Eu: O quê?

Ela: Parece um bebé gigante. A Molly Krauss disse isso uma vez e nunca mais consegui deixar de o ver assim. Não posso andar com um bebé gigante.

Eu: Por causa da cabeça rapada?

Ela: Por causa de tudo Holmesy. Porque parece mesmo um bebé gigante.

Eu: Não parece nada.

Ela: Da próxima vez que o vires olha para ele e diz-me que não parece um bebé gigante. Parece exatamente como se o Drake e a Beyoncé tivessem um bebé gigante.

Eu: Isso seria um bebé gigante bem jeitosinho.

Ela: Vou guardar essa mensagem para o caso de alguma vez precisar de te chantagear. A propósito, JÁ LESTE O RELATÓRIO POLICIAL?

Eu: Não, e tu?

Ela: Já, embora tivesse de fechar o restaurante ontem E também

*no sábado E tinha um TPC de Cálculo que é como ler sânscrito
E tive de usar a fatiote do Chuckie tipo doze vezes diferentes.
Não encontrei nenhuma pista mas li a coisa toda. Embora seja
uma seca descomunal. Sou realmente a heroína anónima desta
investigação.*

*Eu: Acho que és bastante reconhecida. Leio-o hoje tenho de ir a
setora Parks está a olhar para mim toda esquisita.*

Durante toda a aula de Biologia, de cada vez que a setora Parks se virava para o quadro, eu lia o relatório sobre o desaparecimento no meu telemóvel.

O relatório era constituído por várias páginas e ao longo do dia de aulas consegui lê-lo todo. A pd (pessoa desaparecida) tinha cinquenta e três anos, era do sexo masculino, tinha cabelo grisalho, olhos azuis, uma tatuagem na espádua esquerda com os dizeres *Nolite te bastardes carborundorum* («Não deixes que os cabrões te desanimem», aparentemente) e três pequenas cicatrizes no abdómen de uma operação para remover a vesícula, um metro e oitenta de altura e aproximadamente cem quilos de peso, e fora visto pela última vez com a indumentária que usava para dormir: uma parte de cima de pijama às riscas horizontais azul-marinho e brancas e *boxers* azul-claros. O seu desaparecimento foi descoberto às 5h35, altura em que a polícia fez um raide à sua casa no âmbito da investigação de um caso de corrupção.

O relatório era constituído na sua maior parte por «depoimentos de testemunhas» de testemunhas que não tinham testemunhado nada. Ninguém estava lá nessa noite a não ser Noah e Davis. A câmara na entrada principal captara dois jardineiros a saírem de carro às 17h40. Malik, o zoólogo, saiu nesse dia às 17h52. Lyle saiu às 18h02 e Rosa às 18h04. Por isso, o que Lyle nos tinha dito, que Pickett não tinha pessoal na propriedade durante a noite, parecia ser verdade.

Uma página era dedicada ao resumo do testemunho de Davis: A Rosa deixou-nos piza. O Noah e eu comemos enquanto jogávamos os dois um videojogo. O meu pai veio cá a baixo por uns minutos e sentou-se connosco enquanto comia piza e depois voltou para cima. Não houve nada fora do comum. Na maior parte dos serões só vejo o meu pai por uns minutos, ou nem sequer o vejo. Não parecia nervoso. Foi um dia como outro qualquer. Depois de o Noah e eu acabarmos de jantar, pusemos os pratos no lava-

louças. Ajudei-o com os trabalhos de casa e depois li coisas para a escola sentado no sofá enquanto ele jogava um videojogo. Fui para cima por volta das dez, fiz uns trabalhos de casa no meu quarto e observei algumas estrelas com o meu telescópio – Vega e Epsilon Lira. Fui para a cama por volta das onze horas. Mesmo olhando para trás, não houve nada de estranho naquele dia.

[A testemunha declarou também que não observou nada fora do comum através do telescópio, acrescentando: «O meu tipo de telescópio não é para olhar para o chão. Ver-se-ia tudo de pernas para o ar e de trás para a frente.»]

Seguia-se o depoimento de Noah: Joguei Battlefront durante algum tempo com o Davis. Comemos piza ao jantar. O meu pai esteve connosco um bocado, falou sobre como os Cubs se estão a sair nesta época. Disse ao Davis que precisava de se esforçar por olhar melhor por mim, e o Davis foi, tipo, Eu não sou o pai dele. Mas ele e o nosso pai estavam sempre a implicar um com o outro assim. O meu pai pôs-me a mão no ombro quando se levantou para sair, o que me pareceu um bocado esquisito. Senti mesmo que estava a apertar o meu ombro. Quase me doeu. Depois soltou-me e foi para cima. O Davis ajudou-me a fazer o trabalho de casa de Álgebra e depois joguei Battlefront mais umas duas horas. Fui para cima por volta da meia-noite e adormeci. Não voltei a ver o meu pai depois de ele dizer boa noite.

Também havia fotografias – quase uma centena – de todas as divisões da casa.

Nada parecia revolvido. No escritório de Pickett, vi pilhas de papéis que pareciam ter sido deixadas ali por uma noite, não para o resto da vida. Viase um telemóvel na mesa de cabeceira dele. As alcatifas estavam tão limpas que consegui ver uma só série de pegadas na direção da secretária de Pickett e de novo uma só série a afastar-se dela. Os armários estavam cheios de fatos, dúzias deles perfeitamente alinhados, do cinzento mais claro ao preto mais escuro. Uma foto do lava-louças mostrava três pratos sujos, cada um deles com manchas de gordura de piza e molho de tomate. A julgar pelas fotos, mais do que ter desaparecido Pickett parecia ter sido raptado.

No entanto, o relatório não continha nenhuma menção à fotografia de visão noturna, o que queria dizer que nós estávamos na posse de algo que a

polícia não tinha: uma sequência temporal.

*

Depois das aulas, meti-me no *Harold* e dei um berro quando Daisy apareceu subitamente no banco traseiro. – Merda, assustaste-me.

– Desculpa lá – disse ela. – Tenho estado escondida, porque o Mychal e eu frequentamos a mesma aula de História e não quero lidar com a questão para já, e também tenho uma data de comentários a que responder. É uma vida dura, a de uma autora menor de ficção de fãs. Reparaste em alguma coisa no relatório policial?

Ainda estava a recuperar o fôlego, mas acabei por dizer: – Parecem saber ligeiramente menos do que nós.

– Pois é – disse Daisy. – Espera. Holmesy, é isso. É isso! Sabem ligeiramente menos do que nós!

– Hum.... E então?

– A recompensa é por «informações que conduzam ao paradeiro de Russell Davis Pickett». Podemos não saber onde ele está, mas temos informações que eles não têm e que os ajudarão a encontrar o paradeiro dele.

– Ou não – disse eu.

– Devíamos telefonar. Devíamos telefonar e dizer, tipo, hipoteticamente, se soubéssemos onde o Pickett esteve na noite em que desapareceu, quanto é que isso valeria? Talvez não os cem mil todos, mas *alguma coisa*.

– Deixa-me falar com o Davis sobre isso – disse eu. Preocupava-me a possibilidade de o trair, embora mal o conhecesse.

– Quebra corações, não promessas, Holmesy.

– É só que... Quero dizer, quem sabe se eles nos dariam sequer dinheiro por aquilo, entendes? É só uma foto. Precisas de boleia para o trabalho?

– Por acaso, preciso.

*

Enquanto jantava com a minha mãe em frente à televisão nessa noite, não parei de pensar no caso. E se nos dessem uma recompensa? Era de facto uma informação valiosa que a polícia não tinha. Talvez Davis passasse a

odiar-me, se alguma vez descobrisse, mas porque é que me havia de importar o que um miúdo qualquer do Acampamento Triste pensasse de mim?

Ao fim de algum tempo, aleguei que tinha trabalhos de casa e fui para o meu quarto. Como pensei que talvez me tivesse escapado alguma coisa no relatório policial, passei-o em revista, e ainda estava a lê-lo quando Daisy me telefonou. Começou a falar antes de eu acabar de dizer «Olá».

– Tive uma conversa altamente hipotética com a linha de apoio, e disseram que, como a recompensa vem da empresa, não da polícia, cabe à empresa decidir o que é relevante, e disseram também que a recompensa só é dada depois de encontrarem o Pickett. A nossa informação é decididamente relevante, mas eles não vão encontrar o Pickett só com a imagem da câmara de visão noturna, por isso somos capazes de ter de partilhar a recompensa com outras pessoas. Ou, se nunca o encontrarem, talvez nem a recebamos. Mesmo assim, é melhor do que nada.

– Ou exatamente igual a nada, se não o encontrarem.

– Sim, mas é uma pista. Devíamos receber pelo menos parte da recompensa.

– Se o encontrarem.

– O vigarista é apanhado. Nós somos pagas. Não vejo porque é que estás com essa conversa, Holmesy.

Nesse momento, o meu telemóvel tocou. – Tenho de ir – disse, e desliguei.

Tinha recebido uma mensagem de Davis: *Costumava pensar que nunca deves ser amigo de alguém que só quer aproximar-se do teu dinheiro ou do acesso a certas coisas ou o que quer que seja.*

Comecei a escrever uma resposta, mas chegou outra mensagem. *Tipo, nunca faças amizade com alguém que não gosta de TI.*

Comecei a escrever outra vez, mas vi os ... isso queria dizer que ele ainda estava a escrever, por isso parei e esperei. *Mas talvez o dinheiro seja só parte de mim. Talvez seja isso que eu sou.*

Daí a um momento, acrescentou: *Qual é a diferença entre quem és e o que tens? Talvez nenhuma.*

Neste ponto, não me importa porque é que alguém gosta de mim.

Sinto-me tão terrivelmente só. Sei que isso é patético. Mas sim.

Estou deitado num banco de areia do campo de golfe do meu pai a olhar para o céu. Tive um dia um bocado merdoso. Desculpa estas mensagens todas.

Meti-me na cama e respondi-lhe. *Olá.*

Ele: *Eu bem te disse que não tinha jeito para conversa fiada. Certo. É assim que se começa uma conversa. Olá.*

Eu: *Tu não és o teu dinheiro.*

Ele: *Então o que sou? O que são as pessoas?*

Eu: *Eu é a palavra mais difícil de definir.*

Ele: *Talvez sejas quem não podes não ser.*

Eu: *Talvez. Como está o céu?*

Ele: *Fantástico. Enorme. Incrível.*

Eu: *Gosto de estar ao ar livre à noite. Dá-me uma sensação esquisita, como se tivesse saudades de casa, mas não mesmo de casa. Mas é uma sensação boa, de certa maneira.*

Ele: *Estou inundado por essa sensação neste momento. Estás ao ar livre?*

Eu: *Estou na cama.*

Ele: *A poluição luminosa faz com que olhar para as estrelas a olho nu não preste para nada aqui, mas consigo ver as oito estrelas da Ursa Maior neste momento, contando com a Alcor.*

Eu: *O que é que foi merdoso no teu dia?*

Fiquei a ver os ... e à espera. Ele esteve a escrever durante muito tempo e imaginei que escrevia e apagava, escrevia e apagava.

Ele: *Estou completamente sozinho aqui, acho eu.*

Eu: *E o Noah?*

Ele: *Também está sozinho. Essa é a pior parte. Não sei como falar com ele. Não sei como fazer com que deixe de sofrer. Não faz os TPCs. Nem sequer consigo que tome um duche regularmente. Tipo, ele já não é nenhuma criança. Não posso OBRIGÁ-LO a fazer nada.*

Eu: *Se eu soubesse alguma coisa... tipo, alguma coisa sobre o teu pai? E a dissesse, era melhor ou pior?*

Esteve a escrever durante muito tempo. *Muito pior*, foi a resposta por fim.

Eu: *Porquê?*

Ele: *Duas razões: se o Noah puder ter dezoito anos ou dezasseis ou mesmo catorze quando tiver de ver o pai ir para a cadeia será melhor do que isso acontecer quando ele só tem ainda treze anos. Também, se o meu pai for apanhado por tentar contactar-nos, tudo bem. Mas se for apanhado apesar de NÃO nos tentar contactar o Noah vai ficar completamente destroçado. Ainda acredita que o nosso pai gosta de nós, e essa treita toda.*

Por um momento, e apenas por um momento, pensei na hipótese de Davis ter ajudado o pai a desaparecer. Mas não conseguia ver Davis como cúmplice do pai.

Eu: *Lamento. Eu não digo nada. Não te preocupes.*

Ele: *Hoje é o dia dos anos da nossa mãe, mas o Noah mal a conheceu. É tudo tão diferente para ele.*

Eu: *Lamento.*

Ele: *E o problema é que, quando perdemos alguém, apercebemo-nos de que acabaremos por perder toda a gente.*

Eu: *É verdade. E quando se sabe isso, nunca mais se esquece.*

Ele: *O céu está a ficar nublado. Devia ir para a cama. Boa noite, Aza.*

Eu: *Boa noite.*

Pousei o telemóvel na mesa de cabeceira e tapei-me com o cobertor, a pensar no céu enorme por cima de Davis e no peso do cobertor em cima de mim, a pensar no pai dele e no meu. Davis tinha razão: toda a gente acaba por desaparecer.

OITO

Daisy estava de pé ao lado do meu lugar de estacionamento quando o *Harold* e eu chegámos à escola na manhã seguinte. O verão dura pouco em Indianápolis, e, embora ainda só estivéssemos em setembro, Daisy estava com pouca roupa para o tempo que fazia, com um *top* de manga curta e uma saia.

– Tenho uma crise – anunciou depois de eu sair do carro. Enquanto atravessávamos o parque de estacionamento, explicou: – Então, ontem à noite o Mychal telefonou para me convidar para sair, e eu podia ter-me controlado se fosse por mensagem, mas sabes como fico nervosa ao telefone, e além disso continuo sem ter a certeza se o Mychal é capaz de lidar com tudo... *isto* – disse, apontando vagamente para si própria. – Estou disposta a dar uma oportunidade ao bebé gigante. Mas num momento de atrapalhão, sem querer comprometer-me com uma verdadeira saída a dois, sou capaz de ter sugerido que ele e eu saíssemos contigo e com o Davis.

– Não fizeste isso – disse eu.

– E depois ele responde tipo, «A Aza disse que não andava à procura de um relacionamento,» e eu, tipo, «Bem, é que ela já tem um fraquinho por um sujeito que anda em Aspen Hall,» e ele, tipo, «O filho do bilionário,» e eu, tipo, «É,» e ele, tipo, «Não quero crer que fui rejeitado falsamente por alguém por uma razão falsa.» Mas, seja como for, na sexta à noite tu e eu e o Davis e um bebé do tamanho de um homem vamos fazer um piquenique.

– Um piquenique?

– Sim, vai ser ótimo.

– Eu não gosto de comer ao ar livre – disse eu. – Porque é que não podemos ir só ao Applebee's e usar dois cupões em vez de um?

Daisy estacou e virou-se para mim. Estávamos nos degraus à entrada da escola, com pessoas a toda a volta e preocupava-me que pudéssemos ser empurradas, mas Daisy tinha a capacidade de abrir caminho sem fazer nada. As pessoas afastavam-se para lhe dar passagem. – Deixa-me fazer-te a lista

das minhas preocupações – disse. – Um: Não quero ficar sozinha com o Mychal no nosso primeiro e provavelmente único encontro. Dois: Já lhe disse que tens um fraquinho por um tipo de Aspen Hall. Não posso desdizê-lo. Três: Já não curto com um ser humano há *meses*. Quatro: Por consequência, sinto-me nervosa com a coisa toda e quero ter lá a minha melhor amiga. Observarás que nenhuma das minhas quatro principais preocupações se prende com o facto de fazermos ou não um piquenique, por isso, se queres mudar esta coisa para o Applebee's, por mim tudo bem.

Pensei por um segundo. – Vou tentar – disse. Por isso, mandei uma mensagem a Davis enquanto esperava que soasse o segundo toque e começasse a aula de Biologia.

Uns amigos meus vão jantar ao Applebee's na esquina da 86th com a Ditch na sexta. Estás livre?

Ele respondeu imediatamente. *Estou. Vou-te buscar ou encontramo-nos lá?*

Encontramo-nos lá. Dá-te jeito às sete?

Claro. Vemo-nos lá.

Depois das aulas nesse dia tinha uma consulta na doutora Singh, no seu consultório sem janelas no imenso hospital da Universidade de Indiana, lá em cima, em Carmel. A minha mãe ofereceu-se para me levar, mas eu queria passar algum tempo a sós com o *Harold*.

Durante todo o caminho até lá a cima, pensei no que diria à doutora Singh. Como não consigo pensar em condições e ouvir rádio ao mesmo tempo, o carro estava em silêncio, para além do ronco ritmado do coração mecânico do *Harold*. Queria dizer à doutora Singh que estava a ficar melhor, porque supostamente é essa a narrativa da doença: um obstáculo que se ultrapassava ou uma batalha que se vencida. A doença é uma história contada no passado.

– Como estás? – perguntou ela depois de eu me sentar. As paredes do consultório da doutora Singh estavam despidas, para além de um quadro pequeno de um pescador de pé numa praia com uma rede sobre o ombro.

Parecia uma daquelas fotografias que vêm com a moldura. Ela nem sequer tinha nenhum diploma na parede.

– Sinto que talvez não esteja ao volante do autocarro da minha consciência – respondi.

– Que não és tu a controlá-la – disse ela.

– Acho que é isso.

A doutora Karen Singh tinha as pernas cruzadas e o pé esquerdo a bater no chão como se estivesse a tentar enviar um SOS em código Morse. Estava em constante movimento, como um desenho animado mal feito, mas tinha a expressão mais impenetrável que eu alguma vez vira. Nunca traía repugnância ou surpresa. Lembro-me que, quando lhe contei que por vezes imaginava que arrancava o meu dedo médio e o pisava, ela disse: – Porque a tua dor tem aí um local – e eu respondi: – Talvez – e ela encolheu os ombros e disse: – Isso não é incomum.

– As tuas rumações ou pensamentos intrusivos têm aumentado?

– Não sei. Continuam a intrometer-se.

– Quando puseste esse penso rápido?

– Não sei – menti. – Ela fitou-me sem pestanejar. – Depois do almoço.

– E o teu medo da *C. diff*?

– Não sei. Por vezes acontece.

– Sentes que consegues resistir ao...

– Não – respondi. – Quer dizer, ainda estou maluca, se é isso o que está a perguntar. Não houve mudança nessa frente da maluquice.

– Reparei que usas muito essa palavra, *maluca*. E soas furiosa quando a dizes, quase como se te estivesses a insultar.

– Bem, toda a gente é maluca nos dias que correm, doutora Singh. A sanidade mental na adolescência é coisa do século passado.

– Dá-me a impressão de que estás a ser cruel contigo própria.

Ao fim de um momento, eu disse: – Como é que se pode ser alguma coisa *consigo* própria? Quero dizer, se se pode ser alguma coisa consigo própria, então o eu não é, tipo, singular.

– Estás a desviar a conversa. – Limitei-me a olhá-la fixamente. – Tens razão ao dizer que o eu não é simples, Aza. Talvez nem seja singular. O eu é uma pluralidade, mas as pluralidades podem também ser integradas, certo? Pensa num arco-íris. É um arco de luz, mas também sete arcos de luz de cores diferentes.

- OK, bem, eu sinto-me mais como sete coisas do que como uma.
- Sentes que os teus padrões de pensamento estão a interferir com o teu dia a dia?
- Hum, sinto – respondi.
- Podes-me dar um exemplo?
- Não sei, tipo, estou na cantina e começo a pensar em como, tipo, há estas coisas todas a viverem dentro de mim que comem a minha comida, e como de certo modo *sou* elas, de certa maneira... tipo, mais do que um ser humano sou um borrão nojento cheio de bactérias e não há realmente maneira nenhuma de me *limpar*, sabe, porque a sujidade está toda entranhada em mim. Tipo, não consigo encontrar aquela parte lá no fundo que é pura ou imaculada ou coisa do género, a parte de mim onde supostamente está a minha alma. O que quer dizer que, se calhar, não tenho mais alma do que as bactérias.
- Isso não é incomum – disse ela. O chavão da doutora Singh. Perguntou-me a seguir se estava disposta a voltar a experimentar terapia de exposição e prevenção de resposta, que eu tinha feito quando comecei a vir às consultas com ela. Basicamente, tinha de fazer coisas como pôr o meu dedo com a calosidade numa superfície suja e depois não o limpar nem lhe pôr um penso rápido. Resultou mais ou menos durante algum tempo, mas agora só conseguia lembrar-me de como me fizera sentir assustada, e, como não conseguia suportar a ideia de voltar a ficar assim tão assustada, abanei a cabeça a dizer que não quando ela o mencionou. – Tens tomado o *Lexapro*? – perguntou ela.
- Tenho – respondi. Ela limitou-se a fitar-me. – Assusta-me um bocado tomá-lo, por isso não o tomo todos os dias.
- Assusta-te?
- Não sei. – Ela continuava a olhar para mim, com o pé a bater no chão. O ar do consultório parecia morto. – Se tomar um comprimido me faz sentir diferente, tipo, se muda quem sou... é uma ideia mesmo marada, sabe? Quem é que decide o que *eu* significa? Eu ou os operários da fábrica que faz o *Lexapro*? É como se tivesse um demónio dentro de mim e quisesse que ele se fosse embora, mas a ideia de o tirar através de um comprimido é... não sei... esquisita. Mas há muitos dias em que ultrapasso isso, porque realmente detesto o demónio.
- Tentas frequentemente compreender a tua experiência através de

metáforas, Aza: é como um demónio dentro de ti; chamas à tua consciência um autocarro, uma cela de prisão, uma espiral, um redemoinho ou um círculo vicioso ou um... acho que em tempos lhe chamaste um círculo escrevinhado, o que achei interessante.

– Pois é – disse eu.

– Um dos desafios que a dor coloca, seja ela física ou psíquica, é que não podemos realmente abordá-la só através de metáforas. Não pode ser representada como uma mesa ou um corpo podem ser representados. De certa maneira, a dor é o oposto da linguagem.

Virou-se para o computador, abanou o rato para o acordar e depois clicou numa imagem no ecrã. – Quero partilhar contigo algo que Virginia Woolf escreveu: «A língua inglesa, que pode exprimir os pensamentos de Hamlet e a tragédia de Lear, não tem palavras para o arrepio e a dor de cabeça... Uma mera aluna da escola, quando se apaixona, tem Shakespeare ou Keats para falar por ela; mas deixe-se uma pessoa em sofrimento descrever uma dor de cabeça ao médico e a língua imediatamente se esgota.» E nós somos seres tão dependentes da linguagem que, até certo ponto, não somos capazes de conhecer o que não podemos nomear. E por isso partimos do princípio de que não é real. Referimo-nos a isso com termos genéricos, como *maluca* ou *dor crónica*, termos que simultaneamente marginalizam e minimizam. O termo *dor crónica* não capta nada da moedeira constante, insistente, inescapável. E o termo *maluca* chega-nos sem nenhum do terror e da preocupação com que se vive. Nem um nem o outro termo conotam a coragem que exemplificam as pessoas que sofrem dessas dores, e é por isso que eu te peço que enquadres a tua saúde mental com outra palavra que não *maluca*.

– Pois – disse eu.

– Podes dizer isso? Podes dizer que és corajosa?

Fiz uma careta. – Não me obrigue a fazer essa coisa da terapia – respondi.

– Essa coisa da terapia resulta.

– Eu sou uma corajosa guerreira na minha Batalha de Valhalla interna – disse eu num tom deliberadamente monótono.

Ela quase sorriu. – Falemos sobre um plano para tomares a medicação quase todos os dias – disse, e prosseguiu falando sobre a manhã por oposição ao fim do dia, e como poderíamos também tentar parar com a medicação e experimentar uma nova, mas que seria preferível fazê-lo

durante um período de menos *stress*, como as férias do verão, etc., etc.

Entretanto, por alguma razão, comecei a sentir uma pontada na barriga. Provavelmente eram só nervos provocados por ouvir a doutora Singh falar sobre dosagens de medicação. Mas também é assim que começa a *C. diff* – a barriga dói porque algumas bactérias nocivas conseguiram instalar-se no intestino delgado e depois tens uma rutura intestinal e daí a setenta e duas horas morres.

Precisava de reler aquele estudo de caso da mulher que não tinha tido nenhuns sintomas a não ser uma dor de barriga e afinal tinha *C. diff*. Mas não posso pegar no telemóvel neste momento – a doutora Singh vai ficar chateada – mas essa tal mulher teria tido um outro sintoma, pelo menos, ou eu sou exatamente como ela? Outra pontada. Ela teria tido febre? Não conseguia lembrar-me. Que chatice. Está a acontecer. Estás a transpirar. Ela repara. Devias contar-lhe o que se passa? Ela é médica. Talvez devesse contar-lhe.

– Dói-me um bocado a barriga – disse eu.

– Não tens *C. diff* – respondeu ela.

Acenei com a cabeça e engoli em seco e depois disse baixinho: – Quer dizer, a senhora doutora não sabe com certeza.

– Aza, estás com diarreia?

– Não.

– Tomaste antibióticos recentemente?

– Não.

– Foste hospitalizada recentemente?

– Não.

– Não tens *C. diff*.

Acenei com a cabeça, mas ela não era gastroenterologista e, de qualquer maneira, eu sabia literalmente mais sobre *C. diff* do que ela. Quase 30 por cento das pessoas que morriam de *C. diff* não contraía a infeção num hospital, e mais de 20 por cento não tinha diarreia. A doutora Singh voltou à conversa sobre a medicação e, enquanto a ouvia distraidamente, comecei a pensar que podia vomitar. Doía-me mesmo a barriga agora, como se estivesse a contorcer-se toda, como se os triliões de bactérias dentro de mim estivessem a arranjar espaço para uma nova espécie acabada de chegar, a que ia rebentar comigo de dentro para fora.

Estava a suar em bica. Se ao menos pudesse confirmar aquele estudo de

caso. A doutora Karen Singh viu o que estava a acontecer.

– E se tentássemos um exercício de respiração? – Foi o que fizemos, inspirar profundamente e depois expirar como se quiséssemos fazer tremeluzir a chama de uma vela, mas não apagá-la.

Ela disse-me que queria ver-me daí a dez dias. É possível medir o grau de maluquice com base na brevidade com que querem voltar a ver-te. No ano passado, por exemplo, eu andava pelas oito semanas. Agora, são menos de duas.

No caminho do consultório dela para o *Harold*, reli o relatório do caso. A tal mulher tinha tido febre. Disse a mim mesma que devia sentir-me aliviada, e talvez me tenha sentido aliviada durante algum tempo, mas quando cheguei a casa já ouvia o murmúrio a começar outra vez, a dizer-me que, decididamente, havia algo de errado com a minha barriga, porque a dor corrosiva não passava.

Penso: *Nunca mais te vais ver livre disto.*

Penso: *Não escolhes os teus pensamentos.*

Penso: *Estás a morrer e há micróbios dentro de ti que te vão comer até à pele.*

Penso e penso e penso.

NOVE

Mas também tinha uma vida, uma vida relativamente normal, que prosseguia. Durante horas ou dias os pensamentos deixavam-me em paz e eu conseguia lembrar-me de uma coisa que a minha mãe me tinha dito uma vez: O teu *agora* não é o teu *para sempre*. Eu ia às aulas, tinha boas notas, fazia testes, falava com a minha mãe depois do almoço, jantava, via televisão, lia. Não estava sempre presa dentro de mim ou dentro dos meus eus. Não era *só* maluca.

Na noite do encontro, depois de chegar da escola passei umas boas duas horas a vestir-me. Era um dia sem nuvens em finais de setembro, suficientemente frio para justificar um casaco, mas suficientemente quente para poder usar um vestido sem mangas com meias. Por outro lado, isso poderia dar a ideia de que me estava a esforçar demasiado, mas não ajudou nada mandar uma mensagem a Daisy, porque ela respondeu que ia de vestido de noite e eu não consegui perceber se estava a brincar.

Por fim, optei pelas minhas calças de ganga preferidas e um casaco com capuz por cima de uma *t-shirt* verde-clara que Daisy me tinha dado, com o Han Solo e o Chewbacca num abraço apertado.

Passei a seguir meia hora a pôr e a tirar maquilhagem. Não sou o tipo de pessoa que normalmente se deixa levar por esse género de coisa, mas sentia-me nervosa, e por vezes a maquilhagem dá a sensação de ser uma espécie de armadura.

– Estás com *eyeliner*? – perguntou a minha mãe quando eu saí do quarto. Estava a tratar de contas e tinha-as espalhado em cima da mesa de apoio. A caneta que tinha na mão pairava sobre um livro de cheques.

– Um bocadinho – respondi. – Parece esquisito?

– Só diferente – disse a minha mãe, sem conseguir disfarçar a sua reprovação. – Aonde vais?

– Ao Applebee's com a Daisy e o Davis e o Mychal. Volto à meia-noite.

– É um encontro?

– É um jantar – respondi.

– Andas com o Davis Pickett?

– Vamos ambos jantar no mesmo restaurante ao mesmo tempo. Não é um casamento.

Ela apontou para o lugar ao seu lado no sofá. – Tenho de lá estar às sete – disse eu. Ela voltou a apontar para o sofá. Sentei-me e ela pôs o braço à volta dos meus ombros.

– Não falas muito com a tua mãe.

A doutora Singh disse-me uma vez que se tivermos uma guitarra perfeitamente afinada e um violino perfeitamente afinado na mesma sala e dedilharmos a corda ré da guitarra do outro lado da sala a corda ré do violino também vibrará. Eu conseguia sempre sentir as cordas da minha mãe a vibrarem. – Também não falo muito com outras pessoas.

– Quero que tenhas cuidado com esse Davis Pickett, OK? A riqueza é descuidada. Por isso, na presença dela, deve-se ser cuidadosa.

– Ele não é riqueza. É uma pessoa.

– As pessoas também podem ser descuidadas. – Apertou-me com tanta força que dava a sensação de me estar a sufocar. – Tem cuidado, só isso.

*

Fui a última a chegar, e o espaço livre era ao lado de Mychal, em frente a Davis, que estava com uma camisa de xadrez bem engomada, com as mangas enroladas a deixar ver os antebraços. Não sei bem porquê, mas sempre gostei bastante dos antebraços dos homens.

– Trazes uma *t-shirt* fixe – disse Davis.

– Foi um presente de aniversário da Daisy – respondi.

– Sabem, algumas pessoas acham que é bestialidade, que um wookiee ame um ser humano – disse Daisy.

Mychal suspirou. – Não a ponham a falar sobre a questão de os wookiees serem pessoas.

– Isso é de facto a coisa mais fascinante do *Star Wars* – disse Davis.

Mychal gemeu. – Oh, meu Deus. Está a acontecer.

Daisy lançou-se imediatamente numa defesa do amor entre wookiees e seres humanos. – Sabem, por um momento no *Star Wars: Apocrypha*, o Han foi de facto *casado* com uma wookiee, mas alguém se incomoda com isso?

Davis estava inclinado para a frente, a ouvi-la atentamente. Era mais pequeno do que Mychal, mas ocupava mais espaço – os seus membros desengonçados ocupavam espaço como um exército ocupa território.

Davis e Daisy puseram-se a falar um com o outro sobre a desumanização das tropas dos Clones e Mychal meteu-se na conversa para explicar que Daisy era na verdade uma autora famosa de ficção de fãs de *Star Wars*. Davis procurou o nome de utilizador dela no telemóvel e ficou impressionado com as duas mil leituras do seu conto mais recente, e depois puseram-se todos a rir de uma piada qualquer de *Star Wars* que eu não entendi bem.

– Água para todos – disse Daisy quando Holly veio à nossa mesa para registar os nossos pedidos.

Davis virou-se para mim e perguntou: – Não têm *Dr Pepper*?

– Os refrigerantes não estão incluídos no cupão – explicou Holly, num tom monótono. – Mas também não temos. Temos *Pepsi*.

– Bem, acho que podemos mandar vir uma rodada de *Pepsis* – disse ele.

Apercebi-me, no silêncio que se seguiu, que ainda não tinha falado desde a resposta ao cumprimento que Davis fizera à minha *t-shirt*. Davis, Daisy e Mychal voltaram a falar sobre *Star Wars* e o tamanho do universo e viajar a uma velocidade superior à da luz. – *Star Wars* é a religião americana – disse Davis a certa altura, e Mychal disse: – Eu penso que a religião é a religião americana – e embora eu me risse com eles, dava-me a sensação que estava a assistir àquilo tudo de outro lugar, como se estivesse a ver um filme sobre a minha vida em vez de a viver.

Ao fim de algum tempo, ouvi o meu nome e reentrei à pressa no meu corpo, sentada no Applebee's, com as costas contra a almofada de vinil verde, o cheiro a fritos, o ruído das conversas a toda a minha volta. – A Holmesy tem Facebook – disse Daisy –, mas a última atualização dela é da altura do sétimo ano. – Disparou-me um olhar que não consegui interpretar bem, e a seguir disse: – A Holmesy é como uma avozinha no que diz respeito à Internet. – Fez mais uma pausa. – *Não és?* – perguntou enfaticamente, e então apercebi-me por fim de que ela estava a tentar dar-me uma oportunidade para eu falar.

– Uso a Internet. Só não sinto a necessidade, tipo, de contribuir para ela.

– De facto, dá a sensação de que a Internet já contém informação que chegue – concordou Davis.

– Errado – disse Daisy. – Por exemplo, há muito pouca ficção romântica de alta qualidade sobre o Chewbacca na Internet, e eu sou só uma pessoa, que pode escrever só uma certa quantidade de texto. O mundo precisa de histórias de amor da Holmesy sobre os wookiees. – Fez-se uma breve pausa na conversa. Eu sentia picos nos braços com o nervosismo, glândulas sudoríferas a ameaçarem rebentar. Mas depois eles voltaram a falar, com a conversa a ir de uma coisa para outra, todos a contarem histórias, a falarem ao mesmo tempo, a rirem-se. Eu tentava sorrir e acenar com a cabeça nos momentos certos, mas estava sempre um momento atrasada. Eles riam-se porque alguma coisa era engraçada; eu ria-me porque eles se tinham rido.

Não sentia fome, mas quando a nossa comida chegou cortei pedacinhos do meu hambúrguer vegetariano com a faca e o garfo para dar a impressão de que estava a comer mais do que conseguiria de facto meter à boca. Enquanto comíamos, a conversa abrandou por algum tempo, até Holly vir trazer a conta, em que peguei.

Davis estendeu o braço do outro lado da mesa e pôs a mão em cima da minha. – Por favor – disse. – Não me faz diferença. – Deixei que pegasse na conta.

– Devíamos fazer alguma coisa – disse Daisy. Eu estava pronta para ir para casa, comer alguma coisa sozinha e ir dormir. – Vamos ao cinema ou assim.

– Podemos ver um filme em minha casa – disse Davis. – Nós recebemos os filmes todos.

Mychal inclinou a cabeça. – O que é que queres dizer com «recebemos os filmes todos»?

– Quero dizer que recebemos os filmes todos que passam no cinema. Temos uma sala de cinema em casa e... pagamos pelos filmes ou coisa assim. Não sei bem como funciona.

– Queres dizer que quando um filme estreia nos cinemas... também estreia na tua casa?

– É – respondeu Davis. – Quando eu era pequeno, tinha de vir um projecionista lá a casa, mas agora é tudo digital.

– Tipo, dentro da tua casa? – perguntou Mychal, ainda confuso.

– É, eu mostro-te – disse Davis.

Daisy olhou para mim. – Estás nessa, Holmesy? – Contraí o rosto num sorriso e acenei que sim com a cabeça.

*

Conduzi o *Harold* até à casa de Davis; Daisy foi com Mychal no monovolume dos pais dele e Davis ia à frente no seu *Escalade*. A nossa pequena caravana automóvel dirigiu-se para oeste pela rua Eighty-Sixth Street até Michigan Road e depois seguimo-la, passando pelo Walmart, as lojas de penhores e de empréstimos, até aos portões da propriedade de Davis em frente ao museu. A propriedade dos Pickett não ficava num bairro propriamente chique, mas era tão gigantesca que funcionava como um bairro por si só.

O portão abriu-se e seguimos Davis até uma zona de estacionamento ao lado da mansão de vidro. No escuro, a casa parecia ainda mais espantosa. Através das paredes, via-se toda a cozinha banhada numa luz dourada.

Mychal correu para mim quando eu estava a sair do *Harold*. – Sabes... oh, meu Deus, sempre quis ver esta casa. É da Tu--Quyen Pham, sabes?

– Quem?

– A arquiteta – respondeu ele. – Tu-Quyen Pham. É superfamosa. Só projetou três moradias nos Estados Unidos. Oh, meu Deus, não posso crer que estou a ver isto.

Seguimos Davis para dentro da casa e Mychal pôs-se a exclamar uma série de nomes de artistas. – Pettibon! Picasso! Oh, meu Deus, é um KERRY JAMES MARSHALL. – Eu só sabia quem era Picasso.

– É, de facto pressionei o meu pai para comprar esse – disse Davis. – Há uns dois anos, ele levou-me a uma feira de arte em Miami Beach. Eu adoro a obra do KJM. – Reparei que Noah estava deitado no mesmo sofá, a jogar o que parecia ser o mesmo videojogo. – Noah, estes são meus amigos. Amigos, este é o Noah.

– 'Ta tudo – disse Noah.

– Não tem mal se eu, tipo, der uma volta por aqui? – perguntou Mychal.

– Não, claro que não. Vai ver a peça do Rauschenberg lá em cima.

– *Não posso!* – disse Mychal, e subiu as escadas a correr, com Daisy atrás dele.

Senti-me atraída pela pintura a que Mychal tinha chamado «Pettibon». Era uma espiral colorida, ou talvez uma rosa multicolorida ou um redemoinho. Devido a um truque qualquer das linhas curvas, os meus olhos

perdiam-se na pintura de tal modo que eu estava sempre a ter de voltar a focá-los em pequenas partes individuais. Dava menos a sensação de ser alguma coisa para que eu estava a olhar do que alguma coisa de que eu fazia parte. Senti e depois afastei o impulso de tirar o quadro da parede e fugir com ele.

Dei um salto quando Davis pôs a mão no fundo das minhas costas. – Raymond Pettibon. É mais famoso pelos quadros de surfistas, mas gosto das espirais dele. Era músico *punk* antes de se tornar pintor. Fazia parte dos Black Flag antes de serem os Black Flag.

– Não sei o que é Black Flag – disse eu.

Davis pegou no telemóvel e procurou um bocado e a seguir uma onda de sons como guinchos, acompanhada por uma voz rouca aos berros, encheu a sala vinda de colunas de som lá no alto. – Isto é Black Flag – disse ele e depois parou a música. – Queres ver a sala de cinema?

Acenei que sim com a cabeça e ele levou-me à cave, só que não era *realmente* uma cave, porque tinha um pé direito de uns quatro metros e meio. Percorremos o corredor até uma estante cheia de livros encadernados. – A coleção de primeiras edições do meu pai – disse ele. – Não temos autorização para ler nenhum dos livros, claro. A gordura das mãos das pessoas danifica-os. Mas podes pegar neste – disse ele, e apontou para um exemplar encadernado de *Terna É a Noite*.

Estendi o braço e no momento em que toquei com a mão na lombada do livro, a estante separou-se no meio e abriu para dentro, revelando a sala de cinema, que tinha seis filas de assentos de pele preta dispostas como num estádio. – De F. Scott Fitzgerald – explicou Davis –, cujo nome completo era Francis Scott *Key*² Fitzgerald. – Eu não disse nada; não queria acreditar no tamanho do ecrã. – Deve ser óbvio que estou a esforçar-me muito por te impressionar – disse ele.

– Bem, não está a resultar. Eu frequento muitas mansões com salas de cinema escondidas.

– Queres ver algum filme? Ou podíamos ir dar uma volta? Há uma coisa lá fora que te quero mostrar.

– Não devíamos abandonar a Daisy e o Mychal.

– Eu aviso-os. – Mexeu no telemóvel por um segundo e depois falou: – Vamos dar uma volta. Fiquem à vontade. A sala de cinema é na cave, se

estiverem interessados.

Daí a um momento, a voz dele começou a soar através das colunas de som, a repetir o que ele tinha acabado de dizer. – Eu podia ter mandado mensagem à Daisy – disse eu.

– Pois, mas não seria tão fixe.

*

Puxei o fecho do meu casaco com capuz e segui Davis lá para fora. Descemos em silêncio um dos caminhos asfaltados do campo de golfe, passámos pela piscina, que estava iluminada no seu interior, a mudar lentamente de cor, de vermelho para laranja, para amarelo e para verde. A luz lançava um fulgor nas janelas do terrário que me recordava imagens das aurora boreal.

Continuámos a andar até chegarmos a um dos bancos de areia oblongos do campo de golfe. Davis deitou-se dentro dele, com a cabeça pousada no rebordo relvado. Eu deitei-me ao seu lado, com os nossos casacos a tocarem-se sem a nossa pele se tocar. Apontou para cima, para o céu, e disse: – Bem, a poluição luminosa é terrível, mas vê-se a estrela mais brilhante... ali, estás a ver? – Acenei que sim com a cabeça. – Não é uma estrela. É Júpiter. Mas Júpiter, dependendo das órbitas e outras coisas, fica a uma distância de entre quinhentos e oitenta milhões de quilómetros e mil milhões de quilómetros. Neste momento, está a cerca de oitocentos milhões de quilómetros, o que é cerca de quarenta e cinco minutos-luz. Sabes o que é o tempo-luz?

– Mais ou menos – respondi.

– Significa que, se viajássemos à velocidade da luz, demorávamos quarenta e cinco minutos a ir da Terra a Júpiter; por isso, o Júpiter que estamos a ver neste momento é de facto o Júpiter de há quarenta e cinco minutos. Mas, tipo, mesmo acima daquelas árvores ali, aquelas cinco estrelas que fazem uma espécie de *W* torto?

– Sim? – disse eu.

– Certo, é Cassiopeia. E o mais louco é que a estrela no topo, a Caph, fica a 55 anos-luz de distância. E depois há a Shedar, que fica a 230 anos-luz. E depois Navi, que fica a 550 anos-luz. Não é só que não estejamos perto delas; elas não estão perto umas das outras. Não temos maneira de saber se

a Navi não terá rebentado há quinhentos anos.

– Uau! – exclamei. – Então, estamos a olhar para o passado.

– É, exatamente. – Senti que ele procurava qualquer coisa, talvez o telemóvel, mas depois olhei para baixo e dei-me conta que ele estava a tentar dar-me a mão. Peguei nela. Ficámos em silêncio sob a velha luz acima de nós. Eu pensava em como o céu – pelo menos aquele céu – não era de facto negro. A verdadeira escuridão estava nas árvores, que só se viam em silhueta. As árvores eram sombras de si próprias contra o sumptuoso azul prateado do céu noturno.

Ouvi-o virar a cabeça para o meu lado e senti que olhava para mim. Perguntei-me porque é que desejava que ele me beijasse, e como é que se sabe que se quer estar com alguém, como desembaraçar os nós cegos do desejo. E perguntei-me porque é que tinha tanto medo de virar a cabeça para ele.

Davis começou a falar sobre as estrelas outra vez – com a noite a ficar mais escura, eu conseguia ver cada vez mais estrelas, ténues e trémulas, a oscilarem no limite da visibilidade – e estava a explicar-me a poluição luminosa e como eu podia ver as estrelas a moverem-se se esperasse o tempo suficiente, e como um filósofo grego qualquer pensou que as estrelas eram alfinetadas num manto cósmico. A seguir, depois de ficar calado por um momento, disse: – Tu não falas muito, Aza.

– Nunca sei bem o que dizer.

Repetiu o que eu disse no dia em que voltámos a encontrar-nos, junto à piscina. – Tenta dizer o que estás a pensar. É uma coisa que eu nunca faço.

Disse-lhe a verdade. – Estou a pensar sobre coisas de meros organismos.

– Que coisas?

– Não consigo explicar – respondi.

– Experimenta.

Olhei para ele naquele momento. Toda a gente elogia sempre o atrativo fácil dos olhos verdes ou azuis, mas havia uma profundidade nos olhos castanhos de Davis que simplesmente não se obtém em cores mais claras, e a maneira como ele olhou para mim fez-me sentir que também havia algo que valia a pena no castanho dos meus olhos.

– Acho que simplesmente não gosto de ter de viver dentro de um corpo. Se é que isso faz sentido. E penso que talvez lá no fundo eu só seja um instrumento que existe para transformar oxigénio em dióxido de carbono, só

como um mero organismo nesta... vastidão. E de certo modo é aterrador que aquilo que eu considero, tipo entre aspas, o meu *eu* não esteja realmente sob o meu controlo. Como por exemplo, como tenho a certeza que reparaste, a minha mão está a transpirar neste momento, embora esteja demasiado frio para transpirar, e detesto que quando começo a transpirar não consiga parar, e depois não sou capaz de pensar em mais nada a não ser em como estou a transpirar. E se tu não podes escolher o que fazes ou aquilo em que pensas, então talvez não sejas realmente real, sabes? Talvez eu seja só uma mentira que estou a segredar a mim mesma.

– Não percebi que estivesses a transpirar, na verdade. Mas aposto que isso não ajuda.

– Pois é, não ajuda. – Afastei a mão da dele e limpei-a às calças de ganga e depois limpei o rosto com a manga do meu casaco. Metia nojo a mim mesma. Era repugnante, mas não podia afastar-me do meu eu porque estava presa dentro dele. Pensei em como o cheiro do suor não é do próprio suor, mas das bactérias que o comem.

Comecei a falar a Davis sobre um parasita esquisito, o *Diplostomum pseudospathaceum*. Cria-se nos olhos dos peixes, mas só consegue reproduzir-se dentro do estômago de uma ave. Os peixes infetados com parasitas imaturos nadam em águas profundas para ser mais difícil as aves avistarem-nos, mas então, quando o parasita já está pronto para acasalar, os peixes infetados subitamente começam a nadar perto da superfície. Começam a tentar fazer-se comer por uma ave, basicamente, e por fim conseguem, e o parasita, que era o autor da história desde o princípio, acaba exatamente onde precisa de estar: na barriga de uma ave. O parasita reproduz-se lá e depois os parasitas bebés são expelidos para a água pelas aves, onde encontram peixes, e o ciclo começa novamente.

Eu estava a tentar explicar a Davis como aquilo me assustava imenso, mas sem conseguir realmente, e reconheci que tinha arrastado a conversa para muito longe do ponto em que demos as mãos e estivemos quase a beijar-nos, que agora estava a falar sobre fezes de aves infetadas por parasitas, o que era mais ou menos o oposto de romântico, mas não conseguia parar de falar, porque queria que ele compreendesse que me sentia como os peixes, como se toda a minha história fosse escrita por outros que não eu.

Até cheguei a contar-lhe uma coisa que nunca tinha dito a Daisy ou à

doutora Singh ou a mais ninguém – que aquilo de espetar a unha do polegar na ponta do dedo tinha começado como uma maneira de me convencer de que eu era real. Quando eu era pequena, a minha mãe tinha-me dito que se uma pessoa se beliscar e não acordar, pode ter a certeza de que não está a sonhar; e por isso, de cada vez que eu pensava que talvez não fosse real, espetava a unha na ponta do dedo e sentia a dor e por um segundo pensava, *É claro que sou real*. Mas os peixes sentem dor, é um facto. Não podes saber se estás a obedecer às ordens de algum parasita, não realmente.

Depois de eu dizer aquilo tudo, ficámos calados durante muito tempo, até por fim ele dizer: – A minha mãe esteve internada durante, tipo, uns seis meses depois do aneurisma. Sabias isso? – Abanei a cabeça. – Acho que estava numa espécie de coma ou coisa do género, tipo, não conseguia falar nem nada, ou alimentar-se, mas por vezes, quando se punha a mão na dela, ela apertava-a.

«O Noah era demasiado novo para a ir visitar com frequência, mas eu ia. Todos os dias sem falta depois das aulas a Rosa levava-me ao hospital e eu deitava-me na cama com a minha mãe e víamos as *Tartarugas Ninja* na televisão do quarto dela.

«Ela tinha os olhos abertos e tudo, e respirava sozinha, e eu ficava deitado ao lado dela a ver as *Tartarugas Ninja* e tinha sempre o Homem de Ferro na mão, com os dedos apertados à volta dele, e pousava a minha mão fechada na dela e esperava, e por vezes ela apertava-ma, a mão dela fechada à volta da minha, e quando isso acontecia, fazia-me sentir... não sei... *amado*, acho eu.

«Seja como for, lembro-me de uma vez o meu pai vir e ficar de pé encostado à parede na ponta do quarto como se aquilo fosse contagioso, ou coisa do género. A certa altura, ela apertou-me a mão e eu disse ao meu pai. Disse-lhe que ela estava a segurar-me a mão e ele disse, ‘É só um reflexo,’ e eu disse, ‘Ela está a segurar a minha mão, pai, olha.’ E ele disse, ‘Ela não está aí dentro, Davis. Já não está aí dentro.’

«Mas não é assim que funciona, Aza. Ela ainda era real. Ainda estava viva. Era tanto uma pessoa como qualquer outra pessoa; tu és real, mas não por causa do teu corpo ou dos teus pensamentos.»

– Então o quê? – perguntei.

– Suspirou. – Não sei.

– Obrigada por me dizeres isso – disse eu. Tinha-me virado para ele e

estava a olhar para o seu rosto de perfil. Por vezes, Davis parecia um rapazinho – pele pálida, acne no queixo. Mas agora parecia atraente. O silêncio entre nós tornou-se desconfortável, até que acabei por lhe fazer uma pergunta estúpida como tudo, porque queria mesmo saber a resposta. – Em que é que *tu* estás a pensar?

– Estou a pensar que é bom de mais para ser verdade – respondeu ele.

– O quê?

– Tu.

– Oh. – E depois, daí a um segundo, acrescentei: – Nunca ninguém diz que alguma coisa é má de mais para ser verdade.

– Eu sei que tu viste a imagem. A imagem da câmara de visão noturna. – Como não respondi, ele prosseguiu: – É essa a coisa que tu sabes, que queres dizer à polícia. Ofereceram-te uma recompensa pela informação?

– Eu não estou aqui à procura de... – disse eu.

– Mas como é que eu posso alguma vez saber isso, Aza? Como saberei alguma vez? Em relação a seja quem for? Já lha deste?

– Não, não o faremos. A Daisy quer, mas eu não vou deixar. Prometo.

– Não posso ter a certeza – disse ele. – Bem tento esquecer, mas não consigo.

– Eu não quero a recompensa – disse eu, mas nem eu própria sabia se estava a ser sincera.

– Ser vulnerável é pôr-se a jeito para ser usado.

– Mas isso aplica-se a toda a gente – disse eu. – Aquilo nem sequer é importante. É só uma imagem. Não diz nada sobre onde ele está.

– Indica-lhes um tempo e um lugar. Mas tens razão. Não vão encontrá-lo. Mas vão-me perguntar porque é que não lhes falei nisso. E não vão acreditar em mim, porque eu não tenho uma boa razão. É só que não quero ter de lidar com os meus colegas na escola enquanto o meu pai estiver a ser julgado. Não quero que o Noah tenha de lidar com isso. Quero... que tudo seja como era dantes. E ele desaparecido assemelha-se mais a isso do que ele na cadeia. A verdade é que o meu pai não me disse que ia fugir. Mas se me tivesse dito eu não teria feito nada para o impedir.

– Mesmo que lhes dêssemos aquela imagem, eles não iam prender-te nem nada do género.

Subitamente, Davis pôs-se de pé e começou a atravessar o campo de golfe. – Isto é um problema completamente resolúvel – ouvi-o dizer para

consigo.

Segui-o pelo caminho até ao chalé e entrámos. Era uma cabana rústica com painéis de madeira por toda a parte, pé direito alto e uma variedade espantosa de cabeças de animais nas paredes. Um sofá volumoso estofado com um tecido de xadrez e dois cadeirões a condizer formavam um semicírculo virado para um enorme fogão de sala.

Davis dirigiu-se à zona do bar, abriu o armário por cima do lava-louças, tirou dele uma caixa de *Cheerios* de mel e nozes e começou a despejar o seu conteúdo. Alguns *Cheerios* caíram da caixa para o lava-louças e depois um maço de notas preso com uma fita de papel. Aproximei-me e vi que no papel estava escrito «\$10,000», o que parecia impossível, porque o maço era muito pequeno – tinha pouco mais de meio centímetro de espessura, no máximo. Saiu outro maço da caixa dos *Cheerios*, e depois outro. Ele estendeu a mão para uma caixa de flocos de trigo integrais e repetiu o processo. – O que... o que é que estás a fazer?

Ao pegar numa terceira caixa de flocos de cereais, ele explicou: – O meu pai esconde-os por todo o lado. Estes maços. Encontrei um dentro do sofá da sala de estar no outro dia. Esconde dinheiro como os alcoólicos escondem garrafas de vodca. – Davis sacudiu poeira dos cereais das notas de cem dólares, empilhou-as ao lado do lava-louças e depois pegou nelas. Os maços todos cabiam numa mão. – Cem mil dólares – disse, e ofereceu-mos.

– De maneira nenhuma, Davis. Não posso...

– Aza, os polícias encontraram, tipo, dois milhões de dólares na busca que fizeram, mas aposto que nem sequer deitaram a mão a metade. Para onde quer que eu olhe, encontro estes maços, OK? Não quero dar a ideia de que não tenho noção do valor do dinheiro, mas para o meu pai isto é um raio de um erro de arredondamento. É uma recompensa por *não* informarem a polícia sobre a imagem. Eu peço ao meu advogado para vos contactar. O Simon Morris. Ele é simpático, só um bocado tipo advogado.

– Não estou a tentar...

– Mas eu não tenho *maneira* de saber isso – disse ele. – Por favor, só... se tu continuares a telefonar-me ou a enviar-me mensagens, vou saber que não tem a ver com a recompensa. E tu também. Seria bom saber isso... mesmo que não telefones. – Dirigiu-se a um armário, abriu-o, enfiou o dinheiro num saco azul e estendeu-mo.

Parecia um rapazinho agora – os seus olhos castanhos aguados, o medo e a fadiga no seu rosto, como um menino que acorda de um pesadelo. Peguei no saco.

– Eu telefono-te – disse.

– É o que veremos.

*

Saí calmamente do chalé e depois atravessei a correr o campo de golfe, ladeando o complexo da piscina, e dirigi-me a passo acelerado para a mansão. Subi ao primeiro andar e percorri um corredor até ouvir Daisy falar por trás de uma porta fechada. Abri-a. Daisy e Mychal estavam a beijar-se numa grande cama de dossel.

– Hum – disse eu.

– Um pouco de privacidade, por favor? – pediu Daisy.

Fechei a porta, resmungando: – Bem, mas isto não é a tua casa.

Não sabia para onde ir naquele momento. Voltei a descer as escadas. Noah estava sentado no sofá a ver televisão. Quando me dirigi para ele, vi que estava de pijama – um pijama do Capitão América – embora já tivesse treze anos. No regaço, tinha uma taça com o que pareciam ser flocos de cereais *Lucky Charms* sem leite. Pegou numa mão-cheia e enfiou-a na boca. – Tá tudo – disse, enquanto mastigava. Tinha o cabelo oleoso e colado à testa, e ao perto parecia pálido, quase translúcido.

– Está tudo bem, Noah?

– Na maior – respondeu. Engoliu e depois disse: – Então, já descobriste alguma coisa?

– Como?

– Sobre o meu pai – respondeu. – O Davis disse que andavas atrás da recompensa. Já descobriste alguma coisa?

– Nem por isso.

– Posso enviar-te uma coisa? Tirei todos os apontamentos do telemóvel do meu pai do iCloud. Talvez te ajudem. Podem ser uma pista ou coisa do género. O último apontamento, o que ele escreveu naquela noite, era «a boca do corredor». Diz-te alguma coisa?

– Acho que não. – Dei-lhe o meu número de telemóvel para ele poder enviar-me os apontamentos e disse-lhe que me debruçaria sobre eles.

– Obrigado – disse ele. Falou em voz mais baixa. – O Davis acha que ficamos melhor com ele em fuga. Diz que era pior se ele estivesse na cadeia.

– O que é que tu achas?

Noah olhou para cima, fitou-me por um momento e a seguir respondeu: – Quero que ele volte para casa.

Sentei-me no sofá ao lado dele. – Tenho a certeza de que o teu pai vai aparecer.

Senti que ele se inclinava até o seu ombro estar contra o meu. Não apreciava por aí além tocar em estranhos, especialmente quando tinha em conta que ele parecia já não tomar banho há algum tempo, mas disse: – Não tem mal sentir medo, Noah. – E depois ele desviou o rosto e começou a soluçar. – Está tudo bem – disse-lhe eu, a mentir. – Está tudo bem. Ele volta para casa.

– Não consigo pensar direito – disse Noah, com a sua voz de criança meio estrangulada pelo choro. – Desde que ele foi embora que não consigo pensar direito. – Eu conhecia essa sensação. Em toda a minha vida, nunca conseguira pensar direito, nunca conseguira sequer acabar de ter um pensamento, porque os meus pensamentos não surgiam em linhas, mas em círculos emaranhados uns nos outros, em areias movediças, em buracos que devoravam a luz. – Está tudo bem – menti-lhe de novo. – Provavelmente só precisas de descansar. – Não sabia que mais dizer. Ele era tão pequeno e estava tão só.

– Informas-me? Quer dizer, se descobrires alguma coisa sobre o meu pai.

– Sim, claro.

Ao fim de algum tempo, endireitou-se e limpou o rosto à manga. Eu disse-lhe que devia ir dormir. Já era quase meia-noite.

Pousou a taça com flocos de cereais na mesa de apoio, pôs-se de pé e subiu as escadas sem se despedir.

Eu não sabia para onde ir, e, como o facto de ter na mão o saco com o dinheiro estava a fazer-me sentir um bocado nervosa, acabei por sair da casa. Olhei para o céu enquanto me dirigia a passos lentos para o *Harold*, e pensei nas estrelas da Cassiopeia, a séculos de luz de mim e umas das outras.

Balançava o saco na mão ao andar. Ele não pesava quase nada.

2 *Key*, em inglês, significa «chave». (*N. da T.*)

DEZ

Enviei uma mensagem a Daisy na manhã seguinte, quando estava ainda na cama.

Grandes notícias telefona quando puderes.

Ela telefonou-me imediatamente.

– Olá – disse eu.

– Sei que ele é um bebé gigante – disse ela –, mas acho de facto que, visto mais de perto, é mesmo giro. E, em geral, bastante encantador e muito aberto e à vontade sexualmente, embora não tenhamos *coisado* nem nada.

– Fico contente por ti. Então, ontem à noite...

– E ele pareceu gostar realmente de mim. Normalmente, sinto que os rapazes têm um bocado de medo de mim, mas ele não. Abraça-te e sentes-te *abraçada*, sabes o que quero dizer? E também já me telefonou hoje de manhã, o que achei queridinho em vez de demasiado cola. Mas por favor não penses que estou a tornar-me na melhor amiga que se apaixona e larga as manas amigas. Espera, oh, meu Deus, acabei de dizer que estou apaixonada. Andamos há menos de vinte e quatro horas e eu já estou a lançar bombas de Amor. O que é que me está a acontecer? Porque é que este rapaz que eu conheço desde o oitavo ano é subitamente tão incrível?

– Porque lês demasiada ficção de fãs romântica?

– Não existe literalmente tal coisa – respondeu ela. – Como está o Davis?

– É disso que eu te quero falar. Podemos-nos encontrar? É melhor se eu te mostrar. – Queria ver a cara dela quando visse o dinheiro.

– Infelizmente, já tenho encontro para o pequeno-almoço.

– Julguei que não ias largar as manas amigas – disse eu.

– E não vou. O meu encontro para o pequeno-almoço é com Mr. Charles Cheese. Infelizmente. Pode esperar até segunda?

– Não, realmente não.

– OK, eu saio do trabalho às seis. Encontramo-nos no Applebee's. Mas

talvez não te possa dar toda a minha atenção, porque estou a tentar acabar uma história... não leves a mal OK ele está a telefonar tenho de ir obrigada adoro-te adeusinho.

Ao desligar o telemóvel reparei que a minha mãe estava à porta do meu quarto. – Está tudo bem? – perguntou.

– Estás-me a sufocar, mãe.

– Como correu o encontro com o tal rapaz?

– Qual deles? Há tantos. Tenho uma folha de cálculo só para não me esquecer de nenhum.

*

Para passar o tempo nessa manhã, li o ficheiro que Noah me dera com as entradas da aplicação de apontamentos do pai dele. Era uma lista longa, aparentemente aleatória – tudo, desde títulos de livros a citações.

Ao longo do tempo, os mercados procuram sempre tornar-se mais livres.

Valor experiencial.

Quinto andar Escadaria um
Desgraça – Coetzee

Continuava assim ao longo de várias páginas, só pequenos memorandos para si mesmo que eram indecifráveis para qualquer outra pessoa. Mas os quatro últimos apontamentos nos documentos interessaram-me.

Maldivas Kosovo Camboja
Nunca Contes o Nosso Negócio a Estranhos
A não ser que se deixe uma perna para trás

A boca do corredor

Era impossível saber quando aqueles apontamentos tinham sido escritos e se tinham sido todos escritos ao mesmo tempo, mas pareciam indubitavelmente ligados: uma pesquisa rápida indicou-me que Kosovo, Camboja e as Maldivas eram nações que não tinham um tratado de extradição com os Estados Unidos, o que significava que Pickett poderia ter autorização para viver nelas sem ter de enfrentar acusações de crime no seu país. *Nunca Contes o Nosso Negócio a Estranhos* era um livro de memórias da autoria de uma mulher cujo pai andava fugido da justiça. O primeiro resultado da pesquisa de «A não ser que se deixe uma perna para trás» era um artigo de jornal intitulado «Como os Fugitivos de Colarinho Branco Sobrevivem Como Foragidos»; a citação em questão referia-se à dificuldade de fingir a própria morte.

«A boca do corredor» não me parecia fazer sentido e quando a pesquisei não obtive resultados, para além de uma data de pessoas a correrem com a boca aberta. Mas é claro que todos nós escrevemos nas nossas aplicações de apontamentos coisas ridículas que só fazem sentido para nós. É *para isso mesmo* que são os apontamentos. Talvez ele tivesse acabado de ver um corredor com uma boca interessante. Sentia pena de Noah, mas acabei por pôr a lista de lado.

*

O *Harold* e eu chegámos ao Applebee's meia hora mais cedo nessa tarde. Por alguma razão, tive medo de sair do carro, mas se puxasse para baixo a parte central do banco traseiro do *Harold* tinha acesso direto à mala. Por isso, enfiei-me lá para trás e andei às apalpadelas até encontrar o saco com o dinheiro, o telemóvel do meu pai e o carregador.

Meti o saco debaixo do lugar do passageiro, pus o telemóvel do meu pai a carregar e esperei que tivesse carga suficiente para poder ligá-lo.

Há anos, a minha mãe fez uma cópia de todas as fotos e todos os e-mails do meu pai num computador e em múltiplos discos rígidos, mas eu gostava de as ver no telemóvel – em parte, porque era assim que sempre as tinha visto, mas principalmente porque havia algo mágico no facto de ser o telemóvel *dele*, que ainda funcionava oito anos depois de o corpo dele

deixar de funcionar.

O ecrã iluminou-se e a seguir carregou o ecrã inicial, uma foto minha e da minha mãe no parque Juan Solomon, eu aos sete anos num baloiço de um parque infantil, tão inclinada para trás que o meu rosto visto de baixo para cima estava virado para a objetiva da máquina fotográfica. A minha mãe dizia sempre que eu me recordava das fotos, não do que estava de facto a acontecer quando elas foram tiradas, mas, mesmo assim, sentia que conseguia recordar – o meu pai a empurrar-me no baloiço, com a mão tão grande como as minhas costas, a certeza de que afastar-me a baloiçar também significava aproximar-me dele a baloiçar.

Passei às fotos dele. Como tinha tirado a maior parte, raramente aparecia nelas – em vez disso, via-se o que ele estava a ver, o que lhe parecia interessante, que era na maior parte das vezes eu, a mamã e o céu retalhado por ramos de árvores.

Recuei nas fotografias, vendo-nos a todos a ficar mais novos. A mamã montada num triciclo minúsculo, comigo, muito pequenina, aos ombros, eu a tomar o pequeno-almoço, com açúcar com canela pela cara toda. As únicas fotos em que ele aparecia eram *selfies*, mas, como os telemóveis nessa época não vinham equipados com câmara na frente, ele tinha de calcular o enquadramento. As imagens estavam inevitavelmente tortas, com parte de nós fora do enquadramento, mas aparecia sempre eu pelo menos, enroscada na minha mãe – era uma menina da mamã.

Ela parecia tão jovem naquelas imagens – a pele lisa, o rosto magro. Muitas vezes, ele tirava cinco ou seis fotos seguidas na esperança de que pelo menos uma saísse bem, e, se eu as «folheasse» o sorriso da mãe ficava maior e mais pequeno, o meu eu de seis anos mexia-se para um lado e para o outro, mas o rosto do meu pai nunca mudava.

Quando ele tombou por terra, ainda tinha música a tocar nos auscultadores. Lembro-me disso. Estava a ouvir uma canção *soul* antiga, que saía alto dos auscultadores, ele com o corpo de lado. Ficou simplesmente ali deitado, o corta-relvas parado, não muito longe da única árvore no nosso jardim da frente. A minha mãe mandou-me telefonar para o número de emergência e eu obedeci. Disse à operadora da linha que o meu pai tinha caído. Ela perguntou se ele estava a respirar e eu perguntei à minha mãe, e ela disse que não, e durante todo esse tempo aquela canção *soul* incongruente soava com um som metálico pelos auscultadores.

A minha mãe esteve sempre a fazer-lhe reanimação até chegar a ambulância. Ele já estava morto, mas nós não sabíamos. Só soubemos com toda a certeza quando um médico abriu a porta para a «sala de familiares» sem janelas do hospital onde estávamos a aguardar e perguntou: – O seu marido tinha problemas de coração? – Falou no passado.

As minhas fotos preferidas do meu pai são as poucas em que ele está desfocado – porque é assim que as pessoas são, na realidade, e por isso decidi-me por uma dessas, uma foto que ele tinha tirado, em que estava com um amigo num jogo dos Pacers, com o campo de basquete por trás deles e as feições dos dois desfocadas.

E depois contei-lhe. Contei-lhe que tinha arranjado algum dinheiro por sorte e que ia tentar fazer o mais correto em relação a isso e que sentia saudades dele.

*

Já tinha guardado o telemóvel e o carregador quando Daisy apareceu. Estava a encaminhar-se para o Applebee's quando eu a chamei pela janela aberta do *Harold*. Ela aproximou-se e entrou para o lugar do passageiro.

– Podes-me dar boleia para casa a seguir? O meu pai vai levar a Elena a uma coisa qualquer de Matemática.

– Sim, claro. Ouve, há um saco debaixo do teu assento – disse eu. – Não te passes.

Ela baixou-se, tirou o saco e abriu-o. – Oh, *que caramba* – murmurou. – Oh, meu Deus, Holmesy, o que é isto? É real? – Brotaram-lhe lágrimas dos olhos. Eu nunca tinha visto Daisy chorar.

– O Davis disse que isto valia a pena para ele, que preferia dar-nos a recompensa do que andarmos a bisbilhotar por ali.

– É verdadeiro?

– Parece ser. Acho que o advogado dele vai telefonar-me amanhã.

– Holmesy, isto é, isto é... isto são cem mil dólares?

– São, cinquenta mil para cada uma. Achas que podemos ficar com o dinheiro?

– Que diabo, podemos, pois!

Contei-lhe que Davis lhe tinha chamado um erro de arredondamento, mas continuava a preocupar-me que pudesse ser dinheiro sujo ou que eu

estivesse a aproveitar-me de Davis ou... mas ela mandou-me calar. – Holmesy, estou tão farta da ideia de que há uma certa nobreza em recusar dinheiro.

– Mas é... tipo, nós só arranjámos este dinheiro porque conhecemos alguém.

– Pois, e o Davis Pickett só arranhou o dinheiro porque conhecia alguém, mais especificamente o pai dele. Isto não é ilegal nem pouco ético. É *fabuloso*.

Estava a olhar em frente pelo para-brisas. Tinha começado a choviscar – era um daqueles dias nublados do Indiana em que o céu parece estar muito perto do chão.

Na Ditch Road, um semáforo passou a amarelo e depois a vermelho. – Eu vou para a universidade – disse ela. – E não em regime pós-laboral.

– Quer dizer, não chega para pagar o curso todo.

Ela sorriu. – Pois, eu sei que não chega para pagar o curso todo, Professora Desmancha-Prazeres. Mas são cinquenta mil dólares, o que vai tornar as coisas na universidade muito mais fáceis. – Virou-se para mim, agarrou-me pelos ombros e sacudiu-me. – HOLMESY. FICA FELIZ. ESTAMOS RICAS. – Tirou uma nota de cem dólares de um dos maços e meteu-a ao bolso. – Vamos fazer a refeição mais requintada que o Applebee's tem para oferecer.

*

Na nossa mesa do costume, Daisy e eu chocámos Holly ao mandarmos vir dois refrigerantes. Quando ela regressou com as nossas bebidas, perguntou a Daisy:– Queres o hambúrguer Blazin' Texas?

– Holly, qual é o seu melhor bife?

Holly, de má cara como era costume respondeu: – Nenhum deles é tão bom como isso.

– Bem, nesse caso vou comer o hambúrguer Blazin' Texas do costume, mas quero pedir também uns aros de cebola. E sim, sei que tenho de pagar extra.

Holly acenou com a cabeça e depois virou o olhar para mim. – Um hambúrguer vegetariano – disse eu. – Sem queijo nem maionese nem...

– Eu sei o que tu queres – interrompeu Holly. – Os cupões?

– Hoje não, Holly – respondeu Daisy. – Hoje não.

*

Passámos a maior parte do jantar a especular sobre a forma exata como Daisy se despediria do Chuck E. Cheese's. – Quero ir amanhã, um dia totalmente normal, e quando me calhar em sorte vestir a fatiota do Chuckie, saio porta fora com ela. Saio porta fora sem mais, para o meu carro novinho em folha, levo o Chuckie para casa, mando-o empalhar e penduro-o na parede como um troféu de caça.

– É tão esquisito, pendurar na parede a cabeça de animais que a pessoa matou – disse eu. – O chalé do Davis estava cheia dessas coisas.

– A quem o dizes – respondeu Daisy. – O Mychal e eu estivemos a curtir à sombra da cabeça empalhada de um alce. A propósito, obrigada por nos teres ido interromper ontem à noite, sua tarada.

– Desculpa, queria dizer-te que estás rica. – Ela riu-se e abanou de novo a cabeça, incrédula. – É verdade, encontrei o Noah, o irmão mais novo? Ele perguntou se eu sabia alguma coisa sobre o pai dele e mostrou-me uma lista dos apontamentos dele. Olha – disse eu, e mostrei-lhe a lista no meu telemóvel. – O último apontamento dele era «a boca do corredor». Diz-te alguma coisa? – Daisy abanou lentamente a cabeça. – Tenho pena dele – disse eu. – Chorou e tudo.

– Esse miúdo não é problema teu – disse Daisy. – Nós não estamos no negócio de ajudar órfãos bilionários; estamos no negócio de enriquecer, e o negócio vai de vento em popa.

– Bem, cinquenta mil dólares não é propriamente ser rica – disse eu. – Quer dizer, é menos de metade do que custa um curso na universidade do Indiana – que era a universidade estatal a cerca de duas horas a sul de nós, em Bloomington.

Daisy ficou calada durante muito tempo, com um olhar vazio de concentração.

– Ora bem – disse por fim. – Acabei de fazer uns cálculos mentais. Cinquenta mil dólares é, tipo, cinco mil e novecentas horas no meu emprego. Que é, tipo, setecentos turnos de oito horas, quando consegues um turno completo, que usualmente não consegues, portanto são dois anos a trabalhar sete dias por semana, oito horas por dia. Talvez isso não seja ser

rica para ti, Holmesy, mas é ser rica para mim.

– Tens razão – disse eu.

– E estava tudo metido num pacote de *Cheerios*.

– Bem, cerca de metade estava num pacote de flocos integrais.

– Sabes o que faz de ti uma melhor amiga das boas para sempre, Holmesy? Que me tenhas sequer falado do dinheiro. Tipo, eu *espero* que seria o tipo de pessoa que dividiria contigo uma sorte grande de cem mil, mas, para ser completamente sincera, não confio em mim mesma. – Meteu um pedaço de hambúrguer à boca e mastigou-o e engoliu-o quase todo antes de acrescentar: – Esse tal advogado não nos vai fazer devolver o dinheiro, pois não?

– Acho que não – respondi.

– Devíamos ir a um banco – disse ela. – Depositá-lo agora.

– O Davis disse que devíamos esperar até termos falado com o advogado.

– Confias nele?

– Confio. Confio mesmo.

– Ena, Holmesy, apaixonámo-nos as duas. Eu por um artista, tu por um bilionário. Estamos finalmente a viver a vida de meninas da sociedade que sempre merecemos.

A nossa refeição acabou por custar menos de trinta dólares, mas deixámos a Holly uma gorjeta de vinte por nos aturar.

ONZE

Estava a ver vídeos no meu telemóvel na manhã seguinte quando chegou a chamada. – Estou? – disse eu.

– Aza Holmes?

– Sim, sou eu.

– Fala o Simon Morris. Penso que conhece o Davis Pickett.

– Espere um momento. – Calcei uns sapatos, passei à socapa pela minha mãe, que estava a ver televisão na sala de estar enquanto corrigia uns testes, e fui lá para fora. Desci até ao fundo do jardim e sentei-me de frente para a casa.

– OK, olá – disse.

– Tenho a informação de que recebeu uma dádiva do Davis.

– Sim – respondi. – Dividi-a com a minha amiga; não tem mal?

– A forma como gere as suas finanças não tem qualquer importância para mim. Menina Holmes, talvez descubra que se uma adolescente entrar num banco com uma grande quantidade de notas de cem dólares, em geral, o banco vai desconfiar, e por esse motivo falei com um dos nossos banqueiros no Second Indianapolis, que aceitará o seu depósito. Marquei-lhe um encontro às três e um quarto na segunda-feira na filial na esquina da Eighty-Sixth Street com a College Avenue. Deduzo que as suas aulas terminam às duas e cinquenta e cinco, pelo que deverá ter tempo suficiente para chegar lá.

– Como sabe...

– Sou bastante exaustivo.

– Posso fazer-lhe uma pergunta?

– Acabou de a fazer – observou ele secamente.

– Então, está a tratar dos assuntos do Pickett na ausência dele?

– Correto.

– E se o Pickett aparecer algures...

– Nesse caso, os prazeres e os contratempos da vida dele voltarão a pertencer-lhe. Até lá, alguns deles calham-me a mim. Posso pedir-lhe que

vá direta ao assunto?

– Estou um bocado preocupada com o Noah.

– Preocupada?

– Ele parece mesmo triste e não há propriamente ninguém lá para olhar por ele. Quero dizer, não tem mais família?

– Ninguém com quem os Pickett tenham uma boa relação. O Davis foi declarado menor emancipado pelo estado e é o guardião legal do irmão.

– Não me refiro a um guardião legal. Refiro-me a alguém que de facto, sabe, olhe por ele. Tipo, o Davis não é um *pai*. Quer dizer, eles não vão ficar sozinhos para sempre, pois não? E se o pai deles estiver morto?

– Menina Holmes, a morte legal é diferente da morte biológica. Acredito que o Russell esteja vivo, tanto legal como biologicamente, mas *sei* que está legalmente vivo, porque a lei do estado de Indiana considera vivo um indivíduo até surgir uma prova biológica da sua morte ou passarem sete anos sobre a última prova de vida. Portanto, a questão legal...

– Não me refiro à questão *legal* – disse eu. – Só quero dizer, quem é que vai tomar conta dele?

– Mas eu só posso responder a essa pergunta do ponto de vista legal. E a resposta, desse ponto de vista, é que eu administro os assuntos financeiros, a gestora da casa administra os assuntos domésticos e Davis é o guardião. A sua preocupação é admirável, menina Holmes, mas posso garantir-lhe que está tudo tratado, do ponto de vista legal. Às três e um quarto, amanhã. O nome da funcionária bancária é Josephine Jackson. Tem alguma outra questão com pertinência para a sua situação?

– Acho que não.

– Bem, tem o meu número de telefone. Passe bem, menina Holmes.

*

Senti-me bem no dia seguinte na escola, até Daisy e eu irmos a caminho do banco. Eu ia a conduzir e Daisy estava a falar sobre como o seu conto mais recente se tornara viral no mundo da ficção de fãs de *Star Wars* e como tinha toneladas de prestígio nesse mundo e como tinha passado a noite em claro para acabar um trabalho sobre *A Letra Escarlate* e como poderia finalmente dormir um pouco, agora que se ia «aposentar» do Chuck E Cheese's, e eu sentia-me bem. Sentia-me como uma pessoa perfeitamente

normal, que não estava a coabitar com um demónio que me forçava a pensar pensamentos que eu detestava pensar, e estava só a sentir, tipo, *Tenho andado melhor esta semana. Talvez a medicação esteja a resultar*, quando, de lado nenhum, apareceu o pensamento: *A medicação tornou-te autocomplacente, e esqueceste-te de mudar o penso rápido hoje de manhã.*

Tinha quase a certeza de ter mudado o penso logo depois de acordar, ainda antes de escovar os dentes, mas o pensamento era insistente. *Não acho que o tenhas mudado. Acho que este é o penso de ontem à noite.* Bem, não é o penso de ontem à noite, porque de certeza que o mudei à hora do almoço. *Será que o mudaste mesmo?* Acho que sim. *ACHAS que sim?* Tenho quase a certeza. *E a ferida está aberta.* O que era verdade. Ainda não tinha ganhado crosta. *E deixaste ficar o mesmo penso durante... meu Deus... provavelmente, durante trinta e sete horas até agora, a deixar a ferida criar pus dentro daquele penso quente e húmido.* Olhei para baixo, para o penso. Parecia novo. *Não o mudaste.* Acho que sim. *Tens a certeza?* Não, mas isso é de facto um progresso, se não ando a verificá-lo a cada cinco minutos. *Sim, é um progresso para uma infeção.* Faço-o no banco. *Provavelmente, já será demasiado tarde.* Isso é ridículo. *Quando a infeção já está na tua corrente sanguínea...* Para, isso não faz sentido nem sequer está vermelho nem inchado. *Tu sabes que não tem de estar...* Por favor para eu mudo-o no banco... **TU SABES QUE EU TENHO RAZÃO.**

– Eu fui à casa de banho antes do almoço? – perguntei a Daisy em voz baixa.

– Não sei – respondeu ela. – Hum, vieste-te sentar depois de nós, por isso acho que sim...?

– Mas não disse nada sobre isso?

– Não, não disseste «Saudações, colegas de mesa ao almoço. Acabei de regressar da casa de banho».

Senti a tensão entre o impulso de parar na berma da estrada e mudar o penso rápido e a certeza de que Daisy me acharia maluca. Disse a mim mesma que estava bem, aquilo era uma disfunção no meu cérebro, os pensamentos eram só pensamentos, mas quando voltei a lançar um olhar ao penso vi que estava manchado. Via a mancha. Sangue. Ou pus. Alguma coisa.

Entrei no parque de estacionamento de um oculista, tirei o penso e olhei para a ferida. Estava com o rebordo vermelho. No penso havia sangue seco.

Como se já não fosse mudado há algum tempo.

– Holmesy, tenho a certeza que foste à casa de banho. Tu vais *sempre* à casa de banho.

– Já não importa; está infetado – disse eu.

– Não está nada.

– Estás a ver esta vermelhidão? – Apontei para a pele inflamada de ambos os lados da ferida. – Isso é infeção. É um grande problema. – Raramente deixo alguém ver o meu dedo sem o penso, mas queria que Daisy compreendesse. Desta vez não era como das outras. Isto não era uma preocupação irracional, porque sangue seco não era comum, nem mesmo quando o calo ficava aberto. Queria dizer que o penso já não era mudado há demasiado tempo. Isto não era normal. Mas, por outro lado, não dava sempre a sensação de ser diferente? Não, esta sensação era diferente das outras sensações diferentes. Havia sinais evidentes de infeção.

– O teu dedo tem o aspeto que tem sempre nas outras ocasiões todas em que te preocupas com ele.

Deitei um pouco de desinfetante das mãos na ferida, senti uma forte ardência, desembrulhei um novo penso rápido e pu-lo à volta da ponta do dedo. Fiquei ali sentada durante algum tempo, embaraçada, a querer estar só, mas também aterrorizada. Sem conseguir tirar da ideia a vermelhidão e o inchaço, a minha pele a reagir à invasão e bactérias parasitárias. A odiar-me. A odiar isto.

– Ei – disse Daisy. Pousou a mão no meu joelho. – Não deixes que a Aza seja cruel para com a Holmesy, OK?

Isto era diferente. A ardência do desinfetante das mãos já tinha passado, o que significava que as bactérias estavam de novo a reproduzir-se, a espalhar-se do meu dedo para a corrente sanguínea. Porque é que eu abria ferida no calo, de qualquer maneira? Porque é que não conseguia não lhe mexer? Porque é que tinha de andar sempre a fazer a mim mesma uma ferida aberta, logo no dedo, ainda por cima? As mãos são a parte mais suja do corpo. Porque é que eu não beliscava antes o lóbulo da orelha ou a barriga ou o tornozelo? Era capaz de me estar a matar com sépsis por causa de um estúpido ritual da infância que nem sequer provava o que eu queria que provasse, porque o que eu queria saber não era possível saber, porque não havia maneira de ter a certeza sobre *fosse o que fosse*.

Vai dar a sensação de que está melhor se voltares a aplicar o

desinfetante das mãos. Só mais duas vezes. Eram três e doze. Tínhamos de chegar ao banco. Tirei o penso, apliquei desinfetante das mãos, voltei a pôr um penso rápido. Eram três e treze. Daisy disse: – Queres que eu conduza? – Abanei a cabeça. Liguei o motor do *Harold*. Pu-lo em marcha-atrás. E desliguei o motor outra vez.

Tirei o penso, apliquei mais desinfetante das mãos. Ardeu menos dessa vez. Talvez isso queira dizer que estão quase todas mortas. Ou talvez queira dizer que já estão bem entranhadas, que penetraram a pele e entraram no sangue. Olha só para a ferida uma vez mais. Dá a impressão de que o inchaço está a melhorar? Só passaram oito minutos, é cedo para dizer. Para. Eram três e um quarto. – Holmesy – disse Daisy. – Temos de ir. Eu posso conduzir.

Abanei de novo a cabeça, pus o carro em marcha-atrás e dessa vez consegui arrancar. – Quem me dera compreender isso – disse-me Daisy enquanto eu conduzia. – Tipo, ajuda tentar sossegar-te ou é melhor preocupar-me contigo? Há *alguma coisa* que melhore a situação?

– Está infetado – segredei. – E eu fiz isto a mim mesma. Como faço sempre. Abri o calo e agora está infetado. – Eu era aquele peixe, infetado com um parasita, a nadar perto da superfície da água, a tentar fazer-me comer.

*

Quando finalmente chegámos ao banco, fiquei para trás enquanto Daisy se apresentava a um caixa, e depois fomos acompanhadas a um gabinete envidraçado nas traseiras, onde uma senhora magra de fato preto meteu o nosso dinheiro numa máquina que folheou as notas, a contá-las. Preenchemos uma data de impressos e a seguir ficámos com contas bancárias novinhas em folha, completas com cartões de débito que chegariam num prazo de sete a dez dias. A senhora deu-nos cinco cheques provisórios para usarmos enquanto os nossos cheques verdadeiros não chegavam, aconselhou-nos a não fazermos nenhuma compras grandes durante pelo menos seis meses «enquanto aprendem a viver com esta sorte inesperada» e depois começou a falar sobre como podíamos pôr o dinheiro a render – em contas-poupança para a universidade, fundos de investimento, obrigações ou ações – e eu estava a tentar prestar-lhe atenção, mas o

problema era que não estava realmente ali no banco. Estava dentro da minha cabeça, com a torrente de pensamentos a gritar que eu tinha selado o meu destino ao não mudar o penso rápido durante mais de um dia, que era demasiado tarde, e agora sentia o calor e a dor na ponta do dedo, e sabe-se que é real quando se consegue sentir fisicamente, porque os sentidos não mentem. Ou será que sim? Pensei, *Isto está a acontecer*, o *isto* demasiado aterrador e vasto para o nomear com algo que não um pronome.

*

No regresso à urbanização de Daisy, estava sempre a esquecer-me da razão para estar parada nuns semáforos, e depois destravava o *Harold* só para olhar para cima e reparar, oh, certo. Está vermelho.

Ouve-se falar muito sobre os benefícios da loucura, ou lá o que é – tipo, a doutora Karen Singh tinha-me citado uma vez esta frase de Edgar Allan Poe: «Ainda não está resolvida a questão de se a loucura é ou não a mais elevada forma de inteligência.» Acho que ela estava a tentar fazer-me sentir melhor, mas penso que os distúrbios mentais são grandemente sobrevalorizados. A loucura, na minha experiência limitada, não é acompanhada por nenhuns superpoderes; não estar bem mentalmente não te torna mais altamente inteligente do que ter gripe. Por isso, sei que devia ser uma detetive brilhante ou coisa do género, mas na verdade era uma das pessoas menos observadoras que já alguma vez tinha conhecido. Não tinha consciência de absolutamente nada fora de mim ao ir para o apartamento de Daisy e depois para minha casa.

Fui para a casa de banho quando cheguei a casa e examinei a ferida. O inchaço parecia menor. Talvez. Talvez a luz da casa de banho não fosse suficientemente forte para eu ver claramente. Limpei a ferida com sabão e água, sequei-a, apliquei desinfetante das mãos e depois voltei a pôr um penso rápido no dedo. Também tomei a medicação, e daí a uns minutos um comprimido branco e oblongo que me tinha sido dito para tomar quando estivesse com um ataque de pânico.

Deixei o comprimido derreter-se na língua com a sua vaga doçura e esperei que fizesse efeito. Tinha a certeza de que alguma coisa me ia matar e é claro que tinha razão: alguma coisa te vai matar, um dia, e não tens maneira de saber se esse dia é hoje.

Ao fim de algum tempo, comecei a sentir a cabeça pesada e sentei-me no sofá em frente à televisão. Como não tinha energia suficiente para a ligar, limitei-me a fitar o ecrã apagado.

O comprimido oblongo fez-me sentir exceccionalmente grogue, mas só da cana do nariz para cima. O meu corpo dava-me a sensação do costume, avariado e insuficiente das maneiras usuais, mas o cérebro dava a sensação de estar mole e exausto, como as pernas desengonçadas de um atleta a seguir a uma maratona. A minha mãe chegou a casa e sentou-se ao meu lado. – Foi um dia longo – disse. – Não são os alunos que me incomodam, Aza. São os pais que tornam difícil o meu trabalho.

– Sinto muito – disse eu.

– Que tal foi o teu dia?

– Normal – respondi. – Não tenho febre, pois não?

Pôs as costas da mão na minha testa. – Acho que não. Sentes-te doente?

– Só cansada, acho eu. – A minha mãe ligou a televisão e eu disse-lhe que me ia deitar e fazer uns trabalhos de casa.

*

Li o meu livro de História durante algum tempo, mas, como sentia que a minha cabeça era uma máquina fotográfica com a lente suja, decidi mandar uma mensagem a Davis.

Eu: *Olá.*

Ele: *Olá.*

Eu: *Como estás?*

Ele: *Bastante bem, e tu?*

Eu: *Bastante bem.*

Ele: *Vamos dar seguimento a este silêncio constrangedor em pessoa.*

Eu: *Quando?*

Ele: Há uma chuva de meteoritos na quinta à noite. Deve ser das boas, se não houver nuvens.

Eu. Parece-me ótimo. Até quinta. Tenho de ir a minha mãe está aqui.

Ela estava de facto a espreitar por detrás da porta do meu quarto. – O que se passa? – perguntei.

– Queres fazer o jantar comigo?

– Preciso de ler.

Ela entrou, sentou-se na beira da cama e disse: – Estás a sentir-te assustada?

– Mais ou menos.

– Com quê?

– Não é assim. A frase não tem, tipo, complemento direto. Só estou assustada.

– Não sei o que dizer, Aza. Vejo o sofrimento no teu rosto e quero tirá-lo.

Eu detestava magoá-la. Detestava fazê-la sentir-se impotente. Detestava isso. Ela estava a passar os dedos pelo meu cabelo. – Está tudo bem – disse ela. – Está tudo bem. Eu estou aqui. Não me vou embora. – Senti que me contraía enquanto ela continuava a fazer-me festas no cabelo. – Talvez só precisas de uma boa noite de sono – disse ela por fim – a mesma mentira que eu tinha dito a Noah.

DOZE

Na manhã do dia da chuva de meteoritos, cheguei à escola com o *Harold* e dei com um *Volkswagen* carocha de um tom laranja-vivo estacionado no meu lugar do costume. Ao estacionar ao lado do carro, vi que Daisy estava no lugar do condutor. Baixei o vidro e perguntei: – A Josephine, a bancária, não nos disse para não fazermos nenhuma compra nos próximos seis meses?

– Eu sei, eu sei – respondeu ela. – Mas regateei com o tipo do *stand* de automóveis e ele baixou de dez mil dólares para oito mil e quatrocentos, por isso, de certa maneira, efetivamente *poupei* dinheiro. Sabes como se chama esta cor? – Estalou os dedos. – Laranja de estalo! Por que é *de estalo*!

– Não esbanjes o dinheiro, está bem?

– Não te preocupes, Holmesy. Este carro só vai valorizar. O *Liam* é um futuro objeto de coleção. Chamei-lhe *Liam*, já agora. – Sorri; era uma piada entre as duas que literalmente mais ninguém compreenderia.

Enquanto atravessávamos o parque de estacionamento, Daisy passou-me para as mãos um livro grosso, *Fiske Guide to Colleges*, um livro sobre universidades. – Também comprei isto, mas afinal não preciso dele, porque decididamente vou para a Universidade do Indiana. Sempre soube que era uma universidade cara, mas algumas dessas outras universidades têm propinas de quase cem mil dólares *por ano*. O que é que fazem lá? As aulas são em iates? Vive-se num castelo e é-se servida por elfos domésticos? Nem mesmo cá a Milionária pode dar-se ao luxo de ir para uma universidade chique.

De certeza que não, se te puseses a comprar carros – era o que eu queria dizer, mas em vez disso fiz-lhe uma pergunta sobre o desaparecimento de Pickett. – Chegaste a descobrir o que era «a boca do corredor?»

– Holmesy – respondeu ela. – Já temos a recompensa. Acabou.

– Certo, eu sei – respondi, e antes de ter tempo de acrescentar mais alguma coisa, ela avistou Mychal do outro lado do parque estacionamento e correu para o abraçar.

*

Ao longo de toda a manhã, embrenhei-me no livro de Daisy sobre universidades. De vez em quando soava uma campainha e eu mudava para uma sala diferente, sentava-me a uma secretária diferente, e depois voltava à leitura do guia, com ele no regaço debaixo da secretária. Nunca tinha realmente pensado em ir para outra universidade a não ser a do Indiana ou Purdue – a minha mãe tinha andado na do Indiana e o meu pai em Purdue – e eram ambas baratas, comparado com ir estudar para fora do estado.

Mas ao ler sobre as centenas de universidades naquele livro, que eram classificadas com base em tudo, da excelência do seu ensino à qualidade das suas cantinas, não consegui deixar de me imaginar numa qualquer pequena universidade, algures no cimo de uma colina no meio de nada, com edifícios de duzentos anos. Li sobre uma faculdade onde se podia usar a mesma secretária na biblioteca a que Alice Walker se sentara. É certo que cinquenta mil dólares mal fariam diferença nas propinas, mas talvez eu conseguisse arranjar uma bolsa de estudos. As minhas notas eram boas e saía-me bem nos exames.

Permiti-me imaginar a situação – ter aulas como Geografia Política e Mulheres Britânicas do Século Dezanove na Literatura em salas de aulas pequenas, com toda a gente sentada em círculo. Imaginei o estalar do saibro sob os meus pés enquanto ia das aulas para a biblioteca, onde estudaria com amigos, e depois, antes do jantar, numa cafetaria que servia de tudo, de flocos de cereais a sushi, parávamos no café da faculdade e falávamos sobre filosofia ou sistemas de poder ou sobre o que quer que se fala na faculdade.

Era tão divertido imaginar as possibilidades – Costa Oeste ou Costa Leste? Cidade ou campo? Sentia que poderia ir dar a qualquer lugar, e, ao imaginar todos os futuros que poderia ter, todas as Azas em que poderia tornar-me, foram umas férias maravilhosas e bem-vindas da vida com o *eu* que eu era nessa altura.

Só me desliguei do guia de universidades para almoçar. No outro lado da mesa, Mychal estava a trabalhar num novo projeto artístico – a traçar meticulosamente as formas das ondas sonoras de uma canção qualquer numa folha de papel fino, translúcido – enquanto Daisy divertia a nossa mesa com a história da compra do seu carro, sem nunca revelar propriamente como tinha obtido os fundos necessários. Depois de dar umas

dentadas na minha sanduíche, peguei no telemóvel e mandei uma mensagem a Davis. *A que horas hoje à noite?*

Ele: *Parece que vai estar nublado hoje à noite por isso nada de chuva de meteoritos.*

Eu: *O meu principal interesse não é na chuva de meteoritos.*

Ele: *Oh. Então depois das aulas?*

Eu: *Tenho um encontro com a Daisy para fazer os trabalhos de casa. Às sete?*

Ele: *Às sete pode ser.*

Depois das aulas, Daisy e eu fechámo-nos as duas no meu quarto para estudarmos durante algumas horas. – Só saí do Chuck E. Cheese há três dias, mas já é chocante como a escola se tornou mais fácil – disse ela, puxando o fecho da mochila. Tirou um portátil novinho em folha e pousou-o em cima da minha secretária.

– Meu Deus, Daisy, não gastes o dinheiro todo de uma vez – disse eu em voz baixa, para a minha mãe não ouvir. Daisy disparou-me um olhar. – O que foi? Tu já *tinhas* um carro e um computador – disse ela.

– Só estou a dizer que não devias gastar o dinheiro todo.

Daisy revirou os olhos e eu disse *o que foi* outra vez, mas desapareceu para o seu mundo *online* – pôs-se a ler os comentários aos seus contos enquanto eu lia um dos ensaios de *Federalist*, de Alexander Hamilton, para História. Lia as palavras, mas não as compreendia, depois voltava para trás e lia o mesmo parágrafo uma e outra vez.

Daisy ficou em silêncio durante uns minutos, mas por fim disse: – Eu esforço-me muito por não te julgar, Holmesy, e é ligeiramente irritante quando tu me julgas.

– Eu não estou a julgar...

– Eu sei que tu achas que és pobre ou coisa do género, mas não sabes nada sobre o que é ser mesmo pobre.

– Está bem, eu não digo mais nada – disse eu.

– Estás tão metida contigo – continuou ela. – Parece que não consegues

mesmo pensar em mais ninguém. – Sentime a ficar mais pequena. – Desculpa, Holmesy, eu não devia dizer isto. Mas por vezes é frustrante. – Como não reagi, ela continuou a falar. – Não quero dizer que sejas uma má amiga nem nada do género. Mas és ligeiramente torturada, e, por vezes, a maneira como és torturada também é dolorosa para, tipo, toda a gente à tua volta.

– Mensagem recebida – disse eu.

– Não é minha intenção soar como uma filha da mãe.

– E não soas – disse eu.

– Mas sabes o que quero dizer? – perguntou ela.

– Sei – respondi.

Estudámos juntas em silêncio durante mais uma hora e depois ela disse que tinha de se ir embora para jantar com os pais. Quando se levantou para ir embora, dissemos ambas «Desculpa» ao mesmo tempo e depois rimo-nos. Quando Davis me mandou uma mensagem às seis e cinquenta e dois eu já quase tinha esquecido o que se passara.

Ele: *Estou no caminho da tua garagem entro?*

Eu: *Não não não eu saio já.*

A minha mãe estava a esvaziar a máquina de lavar a loiça. – Vou sair para jantar – disse-lhe eu e depois peguei no casaco e saí sem lhe dar tempo para me fazer mais perguntas.

– Olá – disse o Davis quando eu entrei no carro dele.

– Olá para ti também – disse eu.

– Já comeste? – perguntou ele.

– Não estou com fome, mas podemos ir a qualquer lado se tu estás – respondi.

– Estou bem assim – disse ele, fazendo marcha-atrás. – Na verdade, detesto comer. Sempre tive um estômago nervoso.

– Eu também – disse eu, e depois o meu telemóvel começou a tocar. – É a minha mãe. Não digas nada. – Atendi. – Olá.

– Diz ao condutor desse jipe preto que dê meia-volta imediatamente e volte para nossa casa.

– Mamã.

– Isto não vai mais longe sem eu o conhecer.
– Tu já o conheceste. Quando tínhamos onze anos.
– Eu sou a tua mãe e ele é o teu... seja o que for... e eu quero falar com ele.

– Tudo bem – respondi, e desliguei. – Nós... hum... temos de ir lá a casa, se não te importas, para falar com a minha mãe.

– Tudo bem.

Algo na voz de Davis me recordou que a mãe dele tinha morrido, e pensei em como todas as pessoas pareciam sempre pouco à vontade quando falavam do pai à minha frente. Pareciam sempre preocupadas que eu pudesse lembrar-me de que não tinha pai, como se alguma vez eu conseguisse esquecer esse facto.

*

Nunca me tinha apercebido de como a minha casa era pequena até ver Davis a vê-la – o linóleo no chão da cozinha enrolado para cima nos cantos, as pequenas brechas nas paredes, toda a nossa mobília mais velha do que eu, as estantes desirmanadas.

Davis parecia enorme e deslocado na nossa casa. Eu não conseguia lembrar-me da última vez que vira um homem dentro desta divisão. Ele não chegava ao metro e oitenta, mas de algum modo a sua presença fazia com que os tetos parecessem baixos. Sentia-me embaraçada com os nossos velhos livros empoeirados e as paredes decoradas com fotos de família em vez de obras de arte. Sabia que não devia sentir vergonha – mas sentia, de qualquer maneira.

– Prazer em vê-la, Mrs. Holmes – disse Davis, estendendo a mão. A minha mãe abraçou-o. Sentámo-nos à mesa da cozinha, que quase nunca tinha mais do que duas pessoas sentadas a ela – a minha mãe e eu. Parecia demasiado cheia.

– Como é que tu estás, Davis? – perguntou ela.

– As coisas vão bem. Como talvez tenha ouvido dizer, sou uma espécie de órfão, mas estou bem. E a senhora, como está?

– Quem olha por ti agora? – perguntou ela.

– Bem, toda a gente e ninguém, acho eu – respondeu ele. – Quer dizer, temos uma gestora da casa, e há um advogado que trata das questões de

dinheiro.

– Andas no décimo primeiro ano em Aspen Hall, não andas? – Fechei os olhos e tentei telepaticamente suplicar à minha mãe que não o atacasse.

– Ando.

– A Aza não é uma rapariga qualquer do outro lado do rio.

– Mãe – disse eu.

– E sei que podes ter o que quiseses assim que te apeteça, e isso pode fazer com que uma pessoa pense que o mundo lhe pertence, que as pessoas lhe pertencem. Mas espero que compreendas que não tens direito a...

– Mãe – disse eu outra vez.

Disparei um olhar a Davis a pedir-lhe desculpa, mas ele não o viu, porque estava a olhar para a minha mãe. Começou a dizer alguma coisa, mas teve de parar, porque os seus olhos estavam a encher-se de lágrimas.

– Davis, tu estás bem? – perguntou a minha mãe. Ele tentou falar outra vez, mas o som transformou-se num soluço sufocado.

– Davis, sinto muito, não me tinha apercebido...

Corando, ele disse: – Desculpe.

A minha mãe começou a estender a mão por cima da mesa, mas parou. – Só quero que sejas bom para a minha filha – disse. – Só tenho uma.

– Temos de ir andando – anunciei.

A minha mãe e Davis continuaram a fitar-se, e por fim ela disse: – Volta às onze – e eu agarrei no braço de Davis e puxei-o para fora de casa, fulminando a minha mãe com o olhar.

*

– Estás bem? – perguntei logo que nos vimos a salvo no interior do *Escalade*.

– Estou – respondeu ele em voz baixa.

– Ela é só realmente demasiado protetora.

– Eu compreendo – disse ele.

– Não precisas de ficar embaraçado.

– Não estou embaraçado.

– Então estás o quê?

– É complicado.

– Eu tenho tempo – disse-lhe eu.

– Ela está enganada se pensa que eu posso ter tudo o que quero sempre que quero.

– Então o que é que tu queres que não tens? – perguntei.

– Uma mãe, para começar. – Pôs o carro em marcha-atrás e saiu do acesso à garagem.

Como eu não sabia bem o que dizer, acabei por dizer simplesmente: – Sinto muito.

– Conheces aquela parte do poema de Yeats, «A Segunda Vinda», onde diz, tipo, «Aos melhores falta toda a convicção enquanto os piores estão cheios de intensidade apaixonada»?

– Conheço, lemo-lo nas aulas.

– Eu penso que faltar toda a convicção é de facto pior. Porque assim vais só andando, sabes? És uma bolha na maré do império.

– É uma bela frase.

– Roubei-a a Robert Penn Warren – disse ele. – As minhas belas frases são sempre roubadas. Falta-me toda a convicção. – Atravessámos o rio. Olhando para baixo, podia ver a Ilha dos Piratas.

– A tua mãe preocupa-se, sabes? A maior parte dos adultos são uns ocos. Vemo-los a tentar encher-se com bebida ou dinheiro ou Deus ou fama ou seja o que for que veneram, e tudo os faz apodrecer de dentro para fora até não sobrar nada a não ser o dinheiro ou a bebida ou o Deus que pensavam que os salvaria. O meu pai é assim. Na realidade, desapareceu há muito tempo, o que talvez seja a razão pela qual o desaparecimento dele agora não me afetou muito. Queria que ele estivesse cá, mas já quero isso há muito tempo. Os adultos pensam que detêm o poder, mas na realidade é o poder que os detêm a eles.

– O parasita acredita que é o hospedeiro – disse eu.

– É isso – disse ele. – É isso.

*

Quando nos aproximámos da casa dos Pickett, vi dois lugares postos a um canto da enorme mesa de jantar de Davis. Tremeluzia a luz de uma vela entre os dois lugares, e o primeiro andar da casa estava banhado por uma suave luz dourada. Eu tinha o estômago virado do avesso e nenhuma vontade de comer, mas segui-o para dentro de casa. – Acho que a Rosa nos

fez o jantar – disse ele. – Por isso, devíamos comer alguma coisa, por uma questão de delicadeza.

– Olá, Rosa – disse ele. – Obrigado por ficar até mais tarde.

Ela puxou-o para si num grande abraço. – Fiz esparguete. Vegetariano.

– Não precisava de se incomodar – disse ele.

– Como os meus filhos já são crescidos, tu e o Noah são os únicos meninos pequenos que me restam. E quando me dizes que tens um encontro com a tua nova namorada...

– Não namorada – corrigiu Davis. – Velha amiga.

– As velhas amigas dão as melhores namoradas. Comam. Vejo-te amanhã. – Puxou-o para si para mais um abraço e beijou-o na face. – Leva alguma coisa lá a cima ao Noah para ele não passar fome – acrescentou Rosa – e trata dos pratos sujos. Não custa muito limpá-los e metê-los na máquina.

– Entendido – respondeu Davis.

– A tua vida é tão esquisita! – disse eu quando nos sentámos para jantar à mesa posta para dois, com um *Dr Pepper* diante do meu lugar e um *Mountain Dew* diante do dele.

– Suponho que sim – respondeu ele. Ergueu a lata de refrigerante. – Às coisas esquisitas – disse.

– Às coisas esquisitas. – Brindámos com as latas e bebemos um gole.

– Ela comporta-se como se fosse tua mãe – disse eu.

– Sim, bem, já me conhece desde que eu era bebé. E gosta de nós. Mas também é paga para gostar de nós, sabes? E se não fosse... quero dizer, ia ter de procurar outro emprego.

– Pois é – disse eu. Parecia-me que um dos traços que definiam os pais era que não eram pagos para gostarem de nós.

Ele perguntou-me como tinha corrido o meu dia de aulas e eu contei-lhe que tinha tido uma discussão com Daisy. Perguntei-lhe como tinha corrido o dia de aulas dele e ele disse: – Mais ou menos. Corre o boato na escola que eu não só matei o meu pai, mas também a minha mãe... por isso... não sei. Não devia deixar que me afetasse.

– Isso afetaria qualquer pessoa.

– Eu aguento, mas preocupo-me com o Noah.

– Como é que está o Noah?

– Meteu-se na minha cama ontem à noite e pôs-se a chorar. Sentime tão

mal que lhe emprestei o meu Homem de Ferro.

– Sinto muito – disse eu.

– Ele está só... suponho que a certa altura te dás conta de que quem cuida de ti é só uma pessoa e que não tem superpoderes e não pode de facto proteger-te e evitar que sofras. Que é uma coisa. Mas o Noah está a começar a compreender que talvez a pessoa que ele julgava que era um super-herói afinal parece ser o mau da fita. E isso é mesmo mau. Continua a pensar que o meu pai vai voltar para casa e provar a sua inocência, e eu não sei como lhe dizer que o nosso pai não está inocente.

– A expressão «a boca do corredor» diz-te alguma coisa?

– Não, mas os polícias também me perguntaram isso. Disseram que estava no telemóvel do meu pai.

– Pois estava.

– Quer dizer, o meu pai é muitas coisas... mas corredor é que não é. Acha que o exercício físico é irrelevante, porque a *Tua* vai desvendar o segredo da vida eterna.

– A sério?

– É, ele acredita que o Malik vai conseguir identificar algum fator no sangue das tuatara que as faz envelhecer lentamente, e depois vai «curar a morte» – disse Davis, fazendo o sinal de aspas com os dedos. – É por isso que vai deixar tudo à *Tua*. Pensa que vai ser recordado como o homem que pôs fim à morte. – Perguntei-lhe se a *Tua* ia realmente herdar todo o dinheiro do pai dele, e ele riu-se um pouco e disse: – Tudo. O negócio, a casa, a propriedade. Quer dizer, o Noah e eu temos dinheiro que chegue para a universidade e tudo... mas não vamos ser ricos.

– Se têm dinheiro que chegue para a universidade e para tudo, são ricos.

– É verdade. E o meu pai não nos deve nada. Eu só queria que ele fizesse o que compete a um pai. Que levasse o meu irmão à escola de manhã, se assegurasse de que ele fazia os trabalhos de casa, não desaparecesse a meio da noite para escapar à justiça, *etc*.

– Sinto muito.

– Dizes muito isso.

– Mas eu sinto muito isso.

Olhou para cima, para mim. – Já alguma vez estiveste apaixonada, Aza?

– Não. E tu?

– Não. – Lançou um olhar ao meu prato e depois disse: – Ora bem, se

nem tu nem eu vamos comer, provavelmente devíamos ir até lá fora. Talvez haja uma aberta nas nuvens.

*

Voltámos a vestir o casaco e saímos. Estava uma noite ventosa e eu ia de cabeça baixa enquanto andávamos, mas quando olhei para Davis vi que ele estava a olhar para cima.

À distância, via que duas das espreguiçadeiras da beira da piscina tinham sido levadas para o campo de golfe, para perto de uma das bandeiras a indicar um buraco. A bandeira estava a adejar ao vento e eu ouvia o ruído distante do trânsito, mas de resto mais nada, com as cigarras e os grilos silenciados pelo frio. Deitámo-nos nas espreguiçadeiras, um ao lado do outro, mas sem nos tocarmos, e olhámos para o céu durante algum tempo. – Bem, isto é dececionante – disse ele.

– Mas mesmo assim está a acontecer, certo? Tipo, há uma chuva de meteoritos. Só não podemos vê-la.

– Correto – disse ele.

– Então, que aspeto teria? – perguntei.

– Como?

– Se não estivesse nublado, o que é que eu veria?

– Bem. – Ele pegou no telemóvel e abriu uma aplicação qualquer de ver estrelas. – Então, aqui no céu setentrional está a constelação do Dragão – disse –, que a mim me parece mais um papagaio de papel do que um dragão, mas, seja como for, haveria meteoritos visíveis aqui à volta. Como não há muito luar hoje à noite, provavelmente poderias ver cinco ou dez meteoritos por hora. Basicamente, estamos a passar por poeira deixada pelo cometa chamado Giacobini-Zinner, e seria superlindo e romântico se não vivêssemos no sombrio Indiana.

– É superlindo e romântico – disse eu. – Só não podemos vê-lo.

Pensei em como ele me tinha perguntado se alguma vez estivera apaixonada. Em inglês, é uma expressão esquisita, *in love*, *em amor*, como se fosse um mar em que te afogas ou uma cidade em que vives. Não se diz que estás *em* mais nada – em amizade ou em fúria ou em esperança. Só podes estar *em* amor. E eu queria dizer-lhe que, embora nunca tivesse estado em amor, sabia o que era estar *num* sentimento, não só estar rodeada

por ele, mas também penetrada por ele, como a minha avó falava de Deus como estando em toda a parte. Quando os meus pensamentos entravam em espiral, eu estava *na* espiral e fazia parte dela. E queria dizer a Davis que a ideia de estar *num* sentimento exprimia por palavras algo que antes eu não conseguia descrever, criava uma forma para ele, mas não era capaz de descobrir como dizer nada disso em voz alta.

– Não consigo distinguir se é um silêncio normal ou um silêncio embaraçado – disse Davis.

– O que me diz muito naquele poema, «A Segunda Vinda»... sabes como fala sobre a espiral que se alarga?

– O vórtice que se alarga – corrigiu-me ele. – «Girando e girando no vórtice que se alarga».

– Certo, seja o que for, o vórtice que se alarga. Mas a coisa realmente assustadora não é girar e girar no vórtice que se alarga; é girar e girar no vórtice que se *estreita*. É ser sugada para um redemoinho que encolhe e encolhe e encolhe o teu mundo até estares a girar sem te moveres, presa dentro de uma cela de uma prisão que é exatamente do teu tamanho, até por fim compreenderes que não estás de facto *numa* cela de uma prisão. Tu és a cela da prisão.

– Devias escrever uma resposta – disse ele. – A Yeats.

– Não sou poeta – respondi.

– Falas como um poeta – disse ele. – Se escrevesses metade das coisas que dizes seria um poema melhor do que eu já alguma vez escrevi.

– Escreves poesia?

– Não exatamente. Nada que preste.

– Como por exemplo? – perguntei. Era muito mais fácil falar com ele no escuro, a olharmos para o mesmo céu em vez de um para o outro. Dava a sensação de que não tínhamos corpo, de que éramos apenas vozes a falarem.

– Se alguma vez escrever alguma coisa de que me orgulhe deixo-te ler.

– Eu gosto de má poesia – disse eu.

– Por favor, não me obrigues a mostrar-te os meus poemas parvos. Ler a poesia de outra pessoa é como vê-la nua.

– Então, estou *basicamente* a dizer que te quero ver nu – disse eu.

– São só umas coisinhas estúpidas.

– Quero ouvir um.

– OK, tipo, no ano passado escrevi um chamado «Últimos Patos do

Outono».

– E começa...

– As folhas foram-se/vocês também deviam ir-se/no vosso lugar, eu ir-me-ia/mas, por outro lado, aqui estou/a andar sozinho na frígida madrugada.

– Gosto bastante – disse eu.

– Eu gosto de poemas curtos com esquemas rimáticos esquisitos, porque é assim que a vida é.

– É assim que a vida é? – Estava a tentar compreender o que ele queria dizer.

– Pois. Rima, mas não da maneira que esperas.

Olhei para ele. Subitamente, desejava-o tanto que já não me importava porque é que o desejava, se o que o desejava era escrito com maiúscula ou minúscula. Estendi o braço, toquei a sua face fria com a minha mão fria e comecei a beijá-lo.

Quando parámos para respirar, senti a mão dele na minha cintura, e ele disse: Eu, hum, uau!

Sorri-lhe, trocista. Gostava de sentir o corpo dele contra o meu, uma das mãos dele a percorrer-me a coluna. – Tens mais alguns poemas?

– Tenho andado a tentar escrever só dísticos ultimamente. Tipo, coisas sobre a Natureza. Tipo, «os narcisos sabem mais sobre a primavera/do que as rosas sabem seja do que for».

– Pois é, isso também resulta – disse eu, e beijei-o de novo. Sentia um aperto no peito, os seus lábios frios e a boca quente, as suas mãos a puxarem-me para mais perto através das camadas dos nossos casacos.

Gostava de curtir com tantas camadas vestidas. A nossa respiração embaciou-lhe os óculos enquanto nos beijávamos, e ele tentou tirá-los, mas eu empurrei-lhos pela cana do nariz acima, e estávamos a rir juntos, e depois ele começou a beijar-me o pescoço e ocorreu-me um pensamento: a língua dele tinha estado dentro da minha boca.

Disse a mim mesma que devia entregar-me ao momento, permitir-me sentir o calor dele na minha pele, mas agora a língua dele estava no meu pescoço, húmida e viva e cheia de micróbios, e a mão dele estava a enfiar-se por baixo do meu casaco, os seus dedos frios contra a minha pele nua. Está tudo bem tu estás bem beija-o só *precisas de verificar uma coisa* está tudo bem sê normal caramba *verifica para veres se os micróbios dele ficam em ti* biliões de pessoas beijam-se e não morrem *verifica só se os micróbios dele*

não vão colonizar-te permanentemente vá lá por favor para com isso ele pode ter a bactéria Campylo pode ser portador não sintomático de E. coli se apanhas isso tens de tomar antibióticos e depois apanhas C. diff e pumba morres em quatro dias por favor caramba beija-o só VERIFICA SÓ PARA TERES A CERTEZA.

Afastei-me.

– Estás bem? – perguntou ele.

Acenei que sim com a cabeça. – Eu só... eu só preciso de um pouco de ar. – Ergui-me, virei-me de costas para ele, peguei no telemóvel e pesquisei «as bactérias das pessoas que beijamos ficam no nosso corpo» e rapidamente passei por uma série de resultados pseudo-científicos antes de chegar ao único estudo realmente realizado sobre o assunto. São transmitidos em média cerca de oitenta milhões de micróbios por beijo e «ao fim de seis meses, verifica-se que os microbiomas do sistema digestivo humano parecem estar alterados de forma modesta, mas consistente».

As bactérias dele iam ficar em mim para sempre, oitenta milhões, a reproduzirem-se e a crescerem e a juntarem-se às minhas bactérias e sabe Deus que mais.

Senti a mão dele no meu ombro. Virei-me de repente e afastei-me. Faltava-me o ar. Via pontos cintilantes. Tu estás bem ele nem sequer é o primeiro rapaz que beijaste *oitenta milhões de organismos em mim para sempre acalma-te a alterarem permanentemente o microbioma* isto não é racional *precisas de fazer alguma coisa por favor há um problema aqui por favor vai a uma casa de banho.* – O que se passa?

– Hum, nada – disse eu. – Eu só... hum... só preciso de ir à casa de banho.

Voltei a pegar no telemóvel para reler o estudo, mas resisti ao impulso, fechei-o e voltei a metê-lo ao bolso. Mas não, tinha de verificar para ver se dizia alterado de forma modesta ou alterado de forma moderada. Voltei a pegar no telemóvel e abri o *site* do estudo. De forma modesta. OK. Modesto é melhor do que moderado. Mas de forma consistente. Que caramba.

Sentime nauseada e repugnante, mas também patética; sabia como estava a parecer-lhe. Sabia que a minha maluqueira já não era uma pequena mania, uma simples questão de uma almofada do dedo com uma fissura. Agora, era uma irritação, como era para Daisy, como era para quem quer que se aproximasse de mim.

Estava com frio, mas mesmo assim comecei a transpirar. Puxei o fecho

para cima até ao queixo enquanto me encaminhava para a casa. Não queria correr, mas todos os segundos contavam. Precisava de ir a uma casa de banho. Davis abriu-me a porta das traseiras e apontou-me a casa de banho ao fundo de um corredor. Fechei a porta à chave e encostei-me ao armário. Puxei o fecho do casaco para baixo e fitei-me ao espelho. Tirei o penso rápido, abri a ferida com a unha do polegar e depois lavei as mãos e pus um penso novo. Procurei elixir nas gavetas por baixo do lavatório, mas, como não havia, acabei por bochechar com água fria e cuspi-la.

Pronto, já estamos bem? perguntei a mim mesma, e respondi, *Só mais uma vez para ter a certeza*, e por isso bochechei e gargarejei mais água, cuspi-a. Limpei o rosto transpirado com papel higiénico e voltei para a luz dourada da mansão de Davis.

Fez-me sinal para eu me sentar e pôs o braço à volta dos meus ombros. Eu não queria a microbiota dele perto de mim, mas deixei-o manter o braço, porque não queria parecer uma esquisitóide. – Estás bem?

– Estou. Só estou, tipo, um bocadinho em pânico.

– Foi alguma coisa que eu fiz? Devia fazer...

– Não, não tem a ver contigo.

– Podes dizer-me.

– A sério que não é. Eu... foi só que beijarmo-nos assustou-me um bocado, acho eu.

– OK, nada de beijos para já. Não é problema.

– Vai ser – disse eu. – Eu tenho umas... umas espirais de pensamentos, não consigo sair delas.

– A girar e a girar no vórtice a estreitar-se – disse ele.

– Eu sou... isto, tipo.... isto não melhora. Tens de saber.

– Não tenho pressa.

Inclinei-me para a frente, a olhar para o chão. – Eu não vou deixar de ter isto, é o que queria dizer. Tenho isto desde que me lembro e não está a melhorar e não posso ter uma vida normal se não consigo beijar alguém sem ficar fora de mim.

– Não tem mal, Aza. A sério.

– Talvez penses isso agora, mas não vais pensar isso para sempre.

– Mas não é para sempre – disse ele. – É agora. Posso trazer-te alguma coisa? Um copo de água ou qualquer coisa?

– Podemos... podemos só ver um filme?

– Claro – respondeu ele. – É claro que sim. – Estendeu-me a mão, mas eu levantei-me sozinha. Quando nos dirigíamos para os degraus da cave, Davis disse: – Aqui na residência Pickett temos ambos os tipos de filmes, *Star Wars* ou *Star Trek*. Qual preferes?

– Não sou realmente fã de filmes espaciais – respondi.

– Ótimo, então vamos ver *Star Trek IV: The Voyage Home*, quarenta por cento do filme passa-se aqui mesmo, na Terra. – Olhei para ele e sorri, mas não consegui laçar os meus pensamentos, que galopavam a toda a volta no meu cérebro.

*

Descemos à cave, onde toquei no romance de F. Scott Fitzgerald para abrir a estante. Sentei-me num dos cadeirões fofos de pele, contente por haver braços entre os lugares. Davis apareceu daí a pouco com um *Dr Pepper*, pô-lo no espaço para copos no braço do meu cadeirão e sentou-se ao meu lado. – Como é que tu e a Daisy são as melhores amigas uma da outra se tu não gostas de filmes espaciais?

– Vejo-os com ela; só não os *adoro* – respondi. *Ele está a tentar tratar-te como se fosses normal mas todos os envolvidos nesta conversa sabem que decididamente não és normal. As pessoas normais conseguem beijar se quiserem beijar. As pessoas normais não transpiram como tu. As pessoas normais escolhem os seus pensamentos como escolhem o que ver na televisão. Toda a gente nesta conversa sabe que és uma esquisitóide.*

– Já leste a ficção dela?

– Li um ou dois contos quando ela começou a escrever, no terceiro ciclo. Não fazem realmente o meu género. – Sentia as glândulas sudoríferas a abrirem-se no lábio superior.

– Ela é bastante boa. Devias lê-los. Na verdade, tu de certo modo *apareces* em alguns deles.

– Pois, tudo bem – disse eu em voz baixa, e depois por fim ele pegou no telemóvel e usou uma aplicação para começar a passar o filme. Fingi que o via enquanto me instalava bem instalada na espiral. Não deixava de pensar naquele quadro de Pettibon, com o seu redemoinho multicolorido, a atrair o olhar para o seu centro. Tentei respirar da maneira sancionada pela doutora Singh sem que fosse demasiado óbvio, mas daí a uns minutos já estava a

transpirar a sério, e ele *decididamente* reparou, porque, como já tinha visto aquele filme uma centena de vezes, só estava a vê-lo para me ver *a mim* a vê-lo, e eu sentia os olhares que me lançava, e embora tivesse o fecho do casaco puxado para cima, ele tinha obviamente reparado no bigode molhado de maluca no meu lábio superior encharcado.

Sentia a tensão no ar e sabia que ele estava a tentar descobrir uma maneira de me pôr feliz outra vez. O cérebro dele andava às voltas ali mesmo ao lado do meu. Eu não era capaz de me pôr feliz a mim mesma, mas conseguia pôr tristes as pessoas à minha volta.

*

Quando o filme acabou, disse-lhe que estava cansada, porque esse me pareceu o adjetivo que mais provavelmente me levaria aonde eu precisava de estar – só e na minha cama. Davis levou-me a casa, acompanhou-me até à porta e beijou-me castamente nos meus lábios transpirados. Da porta, acenei-lhe a despedir-me. Ele saiu em marcha-atrás do acesso e depois eu fui à garagem, abri a mala do *Harold* e peguei no telemóvel do meu pai, porque me apetecia olhar para as fotos dele.

Passei à socapa pela minha mãe, que tinha adormecido no sofá em frente à televisão. Encontrei um carregador velho na minha secretária, liguei o telemóvel do meu pai e fiquei ali sentada muito tempo a ver as fotos dele, passando por todas as imagens do céu retalhado por ramos de árvores.

– Sabes que temos essas fotografias no computador – disse a minha mãe num tom meigo por trás de mim. Não a tinha ouvido subir as escadas.

– Sei – respondi. Tirei o carregador do telemóvel e desliguei-o.

– Estavas a falar com ele?

– De certa maneira.

– O que lhe estavas a contar?

Sorri. – Segredos.

– Ah, eu também lhe conto segredos. Ele sabe guardá-los.

– Melhor do que ninguém – disse eu.

– Aza, lamento muito se magoei o Davis. E também lhe escrevi uma carta a pedir desculpa. Excedi-me. Mas também preciso que compreendas... – Acenei-lhe a pedir que se retirasse.

– Tudo bem. Ouve, tenho de mudar de roupa. – Peguei numas peças de

vestuário e fui para a casa de banho, onde me despi, limpei o suor com uma toalha e depois deixei o corpo arrefecer ao ar, com os pés frios no chão. Soltei o cabelo e depois fitei-me ao espelho. Detestava o meu corpo. Repugnava-me – os pelos, as gotinhas de suor, a sua magreza. Pele esticada por cima de um esqueleto, um cadáver animado. Queria sair – sair do meu corpo, sair dos meus pensamentos, *sair* – mas estava presa dentro desta coisa, tal e qual como todas as bactérias que me colonizavam.

Uma pancada na porta. – Estou a *mudar de roupa* – disse eu. Tirei o penso rápido, verifiquei se tinha sangue ou pus, atirei-o para o caixote do lixo e depois apliquei desinfetante das mãos no dedo, com a ardência a penetrar no corte.

Vesti umas calças de fato de treino e uma *t-shirt* velha da minha mãe e saí da casa de banho, onde a minha mãe estava à minha espera à porta.

– Estás a sentir-te ansiosa? – disse ela em tom de pergunta.

– Estou bem – respondi, e virei para o meu quarto.

Acendi as luzes e meti-me na cama. Não estava propriamente cansada, mas também não me sentia muito interessada em manter-me desperta. Quando a minha mãe entrou no quarto, daí a uns minutos, fingi que estava a dormir para não ter de falar com ela. Ela ficou de pé ao lado da cama a entoar uma velha canção que cantava desde que me lembro quando eu não conseguia dormir.

É uma canção que os soldados em Inglaterra costumavam cantar com a melodia da canção de Ano Novo, «Auld Lang Syne». Diz «Estamos aqui porque estamos aqui porque estamos aqui porque estamos aqui». Ergueu a voz durante a primeira metade, como se estivesse a inspirar profundamente, e depois foi baixando de tom até ao fim. «Estamos aqui porque estamos aqui porque estamos aqui porque estamos aqui».

Embora supostamente eu fosse uma pessoa crescida e a minha mãe me irritasse imenso, não consegui parar de pensar até a canção de embalar dela finalmente me adormecer.

TREZE

Apesar de eu ter descompensado psicologicamente na presença de Davis, ele enviou-me uma mensagem na manhã seguinte, ainda antes de eu me levantar.

Ele: *Queres ver um filme hoje à noite? Nem tem de ser passado no espaço.*

Eu: *Não posso. Noutra altura talvez. Desculpa ter-me descontrolado e a transpiração e tudo.*

Ele: *Tu nem sequer transpiras anormalmente.*

Eu: *Decididamente transpiro mas não quero falar sobre isso.*

Ele: *Não gostas mesmo do teu corpo.*

Eu: *É verdade.*

Ele: *Eu gosto. É um belo corpo.*

Gostava mais de estar com ele neste espaço não físico, mas também sentia a necessidade de entaipar as janelas do meu eu.

Eu: *Sinto-me tipo precária em geral, e não posso realmente andar contigo. Nem com ninguém. Lamento mas não posso. Gosto de ti, mas não posso andar contigo.*

Ele: *Nisso concordamos. Dá demasiado trabalho. Tudo o que as pessoas que estão em relações fazem é falar sobre o estatuto da sua relação. É como uma roda gigante.*

Eu: *Como?*

Ele: *Quando se está numa roda gigante só se fala de estar na roda gigante e na vista da roda gigante e se a roda gigante é assustadora e quantas mais vezes vai andar à volta. Namorar é assim. Ninguém que namore fala sobre mais nada. Eu não tenho nenhum interesse em namorar.*

Eu: *Bem, tens interesse em quê?*

Ele: *Em ti.*

Eu: *Não sei como reagir a isso.*

Ele: *Não precisas. Desejo-te um bom dia, Aza.*

Eu: *A ti também, Davis.*

Tinha uma consulta com a doutora Karen Singh no dia seguinte depois das aulas. Sentei-me na cadeira em frente a ela e olhei para aquela imagem de um homem a segurar uma rede. Fixei o olhar na imagem enquanto falávamos, porque o contacto visual persistente da doutora Singh era um pouco excessivo para o meu gosto.

– Como tens estado?

– Nada bem.

– O que se passa? – perguntou ela. Na minha visão periférica, via que tinha as pernas cruzadas, trazia sapatos de salto baixo e estava a agitar o pé no ar.

– Há um rapaz – disse eu.

– E?

– Não sei. Ele é engraçado e inteligente e eu gosto dele, mas não estou a ficar melhor e sinto que se isto não pode fazer-me feliz pergunto-me o que pode.

– Não sei. O que pode?

Gemi. – Isso é tão à psiquiatra.

– Mensagem recebida. Uma mudança na situação pessoal, mesmo que seja positiva, pode desencadear ansiedade. Portanto, não é incomum sentires-te ansiosa ao desenvolver uma nova relação. Em que ponto estás na questão dos pensamentos intrusivos?

– Bem, ontem estava a curtir com ele e tive de parar tudo porque não conseguia parar de pensar em como era uma coisa nojenta, nada boa.

– Como era uma coisa nojenta o quê?

– O facto de a língua dele ter o seu próprio microbioma e depois de ele me meter na boca as bactérias dele tornam-se parte do meu microbioma para o resto da minha vida, literalmente. Tipo, a língua dele vai estar *sempre* na minha boca até eu morrer, e depois os micróbios da língua dele vão comer o meu cadáver.

– E isso fez-te querer parar de o beijar.

– Bem, sim – respondi.

– Isso não é incomum. Então, parte de ti queria estar a beijá-lo e outra parte sentia a intensa preocupação que acompanha uma situação de intimidade com outra pessoa.

– Certo, mas eu não estava preocupada com a intimidade. Estava preocupada com a troca de micróbios.

– Bem, a tua preocupação expressou-se como sendo sobre troca de micróbios.

Limitei-me a suspirar ao ouvir aquelas tretas de psiquiatra. Ela perguntou-me se eu tinha tomado o *Ativan*. Eu disse-lhe que não o tinha levado para a casa de Davis. E depois perguntou-me se eu andava a tomar o *Lexapro* todos os dias e eu, tipo, não *todos* os dias. A conversa descambou, com ela a dizer-me que a medicação só resulta se se tomar e que eu tinha de tratar o meu problema de saúde com consistência e cuidado, e eu a tentar explicar que há algo intensamente esquisito e perturbador na ideia de que só te podes tornar tu própria se ingerires uma medicação que muda o teu eu.

Quando se deu uma pausa momentânea na conversa, eu perguntei: – Porque é que pendurou aquele quadro? Daquele tipo com a rede?

– O que é que tu não estás a dizer? O que é que tens receio de dizer, Aza?

Pensei na verdadeira questão, na que se mantinha constantemente em pano de fundo na minha consciência como um tinido nos ouvidos. Embaraçava-me, mas também sentia que exprimi-la poderia ser de algum modo perigoso. Da mesma forma que nunca se diz o nome de Voldemort. – Penso que talvez eu seja uma ficção – respondi.

– Como?

– Tipo, a senhora doutora diz que uma mudança nas circunstâncias de uma pessoa causa *stress*, certo?

Ela acenou que sim com a cabeça.

– Mas o que eu quero saber é se existe um *eu* independente das circunstâncias. Existe um *eu* lá muito no fundo que é uma pessoa de facto, real, a mesma pessoa se tiver dinheiro ou não, a mesma pessoa se tiver namorado ou não, a mesma se andar nesta escola ou naquela? Ou eu sou só um conjunto de circunstâncias?

– Não compreendo como é que isso te tornaria ficcional.

– Quer dizer, eu não controlo os meus pensamentos, por isso *eles* não são realmente meus. Não decido se transpiro ou fico com cancro ou *C. diff* ou seja o que for, por isso meu *corpo* não é realmente meu. Não decido nada disso, são forças externas que decidem. Eu sou uma história que elas estão a contar. Eu sou as circunstâncias.

Ela acenou com a cabeça. – Consegues apreender essas forças externas?

– Não, eu não estou a ter *alucinações* – respondi. – É... tipo, só não tenho a certeza de, estritamente falando, ser real.

A doutora Singh pousou os pés no chão e inclinou-se para a frente, com as mãos nos joelhos. – Isso é muito interessante – disse. – Muito interessante. – Senti-me momentaneamente orgulhosa de ser, pelo menos por uns instantes, não *não* incomum. – Deve ser muito assustador, sentir que o teu eu talvez não seja teu. Quase uma espécie de... prisão?

Acenei que sim com a cabeça.

– Há um momento – disse ela – perto do final de *Ulisses*, em que a personagem Molly Bloom parece falar diretamente com o autor. Ela diz, «Oh, Jamesy, deixa-me sair disto». Tu estás presa dentro de um eu que não te dá a sensação de ser completamente teu, como Molly Bloom. Mas o teu eu dá-te também frequentemente a sensação de estar contaminado.

Acenei que sim com a cabeça.

– Mas atribuis poder aos teus pensamentos, Aza. Os pensamentos são só pensamentos. Não são tu. Tu pertences a ti mesma, mesmo quando os teus pensamentos não te pertencem.

– Mas os pensamentos *fazem* parte do eu. Penso, logo existo, certo?

– Não, não exatamente. Uma expressão mais completa da filosofia de Descartes seria *Dubito, ergo cogito, ergo sum*. «Duvido, logo penso, logo sou.» Descartes queria saber se se podia saber realmente que alguma coisa era real, mas acreditava que a sua capacidade de duvidar da realidade provava que, embora *ela* pudesse não ser real, ele era. Tu és tão real como

qualquer outra pessoa, e as tuas dúvidas tornam-te mais real, não menos.

*

Mal cheguei a casa, senti que a minha mãe estava uma pilha de nervos por causa da minha consulta, embora estivesse a tentar parecer calma e normal. – Que tal correu? – perguntou, sem desviar os olhos dos testes que estava a corrigir no sofá.

– Bem, acho eu – respondi.

– Quero voltar a pedir desculpa pela maneira como falei com o Davis ontem – disse ela. – Tens todo o direito de estar zangada comigo.

– Não estou – disse eu.

– Mas quero que tenhas cautela, Aza. Vejo que a tua ansiedade está a aumentar, da cara à ponta do dedo.

Fechei a mão e disse: – Não é ele.

– O que é, então?

– Não há nenhuma *razão* – respondi, e liguei a televisão, mas ela pegou no comando e desligou o som.

– Pareces presa dentro da tua cabeça, e eu não consigo saber o que se passa aí dentro, e assusta-me. – Espetei a unha na ponta do dedo coberto pelo penso rápido, pensando que ela se assustaria muito mais se *conseguisse* ver o que se passava aqui dentro.

– Eu estou bem. A sério.

– Mas não estás.

– Mãe, diz-me o que queres que diga. A sério. Diz-me só... as palavras que eu posso dizer para te sossegar em relação a isto.

– Eu não quero sossegar. Quero que deixes de sofrer.

– Bem, mas não é assim que funciona, certo? Tenho de ir estudar História.

Pus-me de pé, mas, antes de conseguir chegar ao meu quarto, ela disse: – Por falar nisso, Mr. Myers disse-me hoje que o teu ensaio sobre o Intercâmbio Colombiano é o melhor que ele já leu em todos os seus anos de ensino.

– Ele só ensina há para aí uns dois anos – disse eu.

– Quatro, mas de qualquer maneira – disse ela. – Tu vais longe, Aza Holmes. Muito longe.

– Já alguma vez ouviste falar de Amherst? – perguntei.

– De quê?

– De Amherst. É uma universidade no Massachusetts. É mesmo boa. Está numa posição muito alta nos *rankings*. Acho que talvez queria ir para lá... se entrar.

A minha mãe começou a dizer alguma coisa, mas parou, e depois suspirou. – Vamos ter de ver de onde vêm as bolsas de estudo.

– Ou para a Sarah Lawrence – disse eu. – Essa também me parece boa.

– Bem, Aza, lembra-te de que muitas dessas instituições cobram inscrição mesmo só para te candidatares, por isso temos de ser seletivas. O processo todo está viciado, do princípio ao fim. Fazem-te pagar para descobrires que não tens posses para andar lá. Precisamos de ser realistas e, realisticamente falando, vais para uma universidade perto de casa, está bem? E não só por causa da questão do dinheiro. Não acho que queiras realmente ir para o outro lado do país, longe de tudo o que conheces.

– Pois – disse eu.

– OK, já entendi. Não queres falar com a tua mãe. Adoro-te, de qualquer maneira. – Atirou-me um beijo e por fim escapei para o meu quarto.

*

Tinha mesmo de estudar História, mas depois de acabar de estudar não me sentia cansada e pensava insistentemente em enviar uma mensagem a Davis.

Sabia o que queria escrever, ou pelo menos o que estava a pensar escrever. Não conseguia parar de pensar na mensagem – escrevê-la, enviá-la sabendo que não podia cancelar o envio, o coração a bater descontrolado enquanto esperava por uma resposta.

Apaguei a luz, deitei-me de lado e fechei os olhos, mas não conseguia livrar-me da ideia; por isso, estendi a mão para o telemóvel, liguei-o e escrevi a Davis. *Quando disseste que gostavas do meu corpo, o que querias dizer?*

Fiquei a olhar para o ecrã por uns segundos, à espera dos... à espera que a resposta dele aparecesse, mas não apareceu, por isso voltei a pôr o telemóvel em cima da mesa de cabeceira. O meu cérebro estava sossegado, agora que eu fizera a coisa que ele queria que eu fizesse, e estava quase a

dormir quando senti o telemóvel vibrar.

Ele: *Quero dizer que gosto dele.*

Eu: *O quê nele?*

Ele: *Gosto da maneira como os teus ombros se inclinam para a clavícula.*

Ele: *E gosto das tuas pernas. Gosto da curva da tua barriga da perna.*

Ele: *Gosto das tuas mãos. Gosto dos teus dedos compridos e da parte de dentro dos pulsos, da cor da pele nesse sítio, das veias por baixo da pele.*

Eu: *Gosto dos teus braços.*

Ele: *São magricelas.*

Eu: *Parecem fortes na verdade. Isto é aceitável?*

Ele: *Muito.*

Eu: *Então, a curva da minha barriga da perna? Nunca tinha reparado nela.*

Ele: *É bonita.*

Eu: *É tudo?*

Ele: *Gosto do teu rabo. Gosto mesmo mesmo do teu rabo. Isto é aceitável?*

Eu: *É.*

Ele: *Quero começar um blogue de fãs do teu rabo.*

Eu: *OK, isso é um bocado esquisito.*

Ele: *Quero escrever ficção de fãs em que o teu rabioso incrível se apaixona pelos teus lindos olhos.*

Eu: *lol. Estás mesmo a dar cabo deste momento. Estavas a dizer... antes...?*

Ele: *Que gosto do teu corpo. Gosto da tua barriga e das tuas pernas e do teu cabelo e gosto. Do. Teu. Corpo.*

Eu: *A sério?*

Ele: *A sério.*

Eu: *O que haverá de errado em mim para sentir que falar por mensagens é divertido e beijar é assustador?*

Ele: *Não há nada de errado em ti. Queres vir até cá depois das aulas na segunda? Ver um filme ou coisa assim?*

Fiz uma pausa antes de escrever por fim, *Quero.*

CATORZE

Na segunda-feira, no parque de estacionamento antes das aulas, falei a Daisy das mensagens e dos beijos e dos oitenta milhões de micróbios.

– Dito assim, beijar é realmente bastante nojento – disse ela. – Por outro lado, talvez os micróbios dele sejam *melhores* do que os teus, certo? Talvez estejas a ficar *mais saudável*.

– Talvez.

– Talvez fiques com superpoderes por causa dos micróbios dele. Ela era uma rapariga normal até beijar um bilionário e se tornar... MICROBIANCA, Rainha dos Micróbios. – Limitei-me a olhar para ela. – Desculpa lá, isto não ajuda?

– É capaz de se vir a tornar menos esquisito, certo? – perguntei. – Tipo, de cada vez que nos beijarmos e nada de mau acontecer, fica menos assustador. Quer dizer, não como se ele me fosse contagiar com a bactéria *Campylo*. – E a seguir, daí a um segundo, acrescentei: – Provavelmente.

Daisy começou a dizer alguma coisa, mas depois viu Mychal a encaminhar-se para ela do outro lado do parque de estacionamento. – Vai correr tudo bem, Holmesy. Vejo-te ao almoço. Adoro-te! – disse, e depois afastou-se em direção a Mychal. Abraçou-o e beijou-o teatralmente nos lábios, com uma perna fletida no ar, como se estivesse num filme ou coisa do género.

*

Fui para casa de Davis logo a seguir às aulas. Os portões de ferro forjado na entrada estavam fechados e tive de sair do carro e tocar à campainha.

– Propriedade Pickett – disse uma voz que reconheci como sendo a de Lyle.

– Olá, é a Aza Holmes, a amiga do Davis – disse eu.

Ele não respondeu, mas o portão começou a abrir-se. Voltei a meter-me no *Harold* e percorri o acesso até à casa. Lyle estava sentado no seu carro

de golfe quando cheguei junto à casa. – Olá – disse eu.

– O Davis e o Noah estão na piscina – disse ele. – Posso dar-te boleia.

– Eu vou a pé – respondi.

– Aproveita a boleia – disse ele num tom monocórdico, apontando para o espaço ao seu lado no assento do carro. Sentei-me e ele partiu muito lentamente na direção da piscina. – Que tal vai o Davis? – perguntou-me.

– Bem, acho eu.

– Frágil... é o que ele é. São ambos.

– Pois é – disse eu.

– Tens de te lembrar disso. Já alguma vez perdeste alguém?

– Já – respondi.

– Então sabes do que falo – disse ele quando nos aproximávamos da piscina. Davis e Noah estavam sentados um ao lado do outro na mesma espreguiçadeira, ambos inclinados para a frente, a fitarem o chão do terraço. Eu estava a pensar em como Lyle dissera *então sabes do que falo*. Não sabia, não realmente – tal como tocar no corpo de outra pessoa não é o mesmo que ter o corpo dessa pessoa.

Quando Davis ouviu o carro de golfe parar, virou a cabeça para mim, acenou-me e levantou-se.

– Olá – disse eu.

– Olá. Eu... hum... eu preciso aqui de uns minutos. Desculpa... hum... surgiu aqui uma coisa com o Noah. Lyle, e se levasse a Aza a dar uma volta? Mostrava-lhe o laboratório, talvez? Vou lá ter convosco daqui a pouco, OK?

Acenei que sim com a cabeça e depois voltei a entrar para o carro de golfe. Lyle pegou no telemóvel. – Malik, tem uns minutos para fazer uma visita ao laboratório à amiga do Davis...? Estaremos aí dentro de momentos.

– Lyle levou-me para lá do campo de golfe e fez-me perguntas sobre a minha escola e as notas e o que os meus pais faziam. Disse-lhe que a minha mãe era professora.

– O teu pai não vive convosco?

– Morreu.

– Oh. Sinto muito.

Seguimos um caminho de terra batida por entre um aglomerado de árvores até um edifício retangular de vidro com um telhado plano. Numa tabuleta no exterior podia-se ler LABORATÓRIO.

Lyle acompanhou-me até à porta e abriu-a, mas a seguir despediu-se. A porta fechou-se atrás de mim e vi Malik, o zoólogo, inclinado sobre um microscópio. Parecia não me ter ouvido entrar. A sala era enorme, com uma mesa preta e comprida no centro, como as da sala de Química na minha escola. Havia armários por baixo da mesa e todo o tipo de equipamento em cima dela, entre ele algumas coisas que reconheci – tubos de ensaio de vidro, frascos de líquidos – e muitas que não reconheci. Avancei na direção da mesa e olhei para uma máquina circular com tubos de ensaio dentro.

– Desculpa lá – disse Malik por fim –, mas estas células não vivem durante muito tempo fora do corpo, e a *Tua* só pesa 680 gramas, por isso tento não lhe tirar mais sangue do que o necessário. Isso é um centrifugador. – Aproximou-se, pegou num tubo de ensaio que continha o que parecia ser sangue e a seguir colocou-o cuidadosamente numa prateleira de tubos.

– Então, interessas-te pela Biologia?

– Acho que sim – respondi.

Olhou para o pequeno depósito de sangue no fundo do tubo de ensaio e disse: – Sabias que as tuatara podem ser portadoras de parasitas... a *Tua* é portadora de salmonelas, por exemplo... mas nunca ficam doentes por causa deles?

– Não sei muita coisa sobre as tuatara.

– Poucas pessoas sabem, o que é uma grande pena, porque elas são de longe a espécie de répteis mais interessante. Verdadeiramente um vislumbre do passado distante. – Eu não parava de olhar para o sangue da tuatara.

– É-nos difícil imaginar sequer quão bem-sucedidas foram. As tuatara já existem há um período de tempo mil vezes maior do que os seres humanos. Pensa só nisso. Para sobreviverem tanto tempo como as tuatara, os seres humanos teriam de estar no primeiro décimo de um por cento da nossa história.

– Parece improvável – disse eu.

– Muito. Mr. Pickett adora isso na *Tua*... que ela seja tão *bem-sucedida*. Adora o facto de, aos quarenta anos, provavelmente ela estar ainda no primeiro quarto da vida dela.

– E então vai deixar-lhe toda a sua fortuna?

– Consigo pensar em usos piores para uma fortuna – respondeu Malik. Eu não tinha a certeza se conseguia.

– Mas o que mais me fascina, e é o tema principal da minha investigação,

é a taxa de evolução molecular delas. Peço desculpa se isto é maçador. – De facto, agradava-me ouvi-lo. Ele estava muito entusiasmado, com os olhos arregalados, como se genuinamente adorasse o seu trabalho. Não se encontram muitas pessoas crescidas assim.

– Não, é interessante – disse eu.

– Estudaste Biologia?

– Estou a estudar agora – respondi.

– OK, então sabes o que é o ADN. – Assenti com a cabeça. – E sabes que o ADN sofre mutações? É o que impulsiona a diversidade da vida.

– Pois é – disse eu.

– Então, repara. – Dirigiu-se para um microscópio ligado a um computador e fez aparecer uma imagem de uma mancha vagamente circular no ecrã. – Isto é uma célula de tuatara. Tanto quanto sabemos, as tuatara não mudaram muito nos últimos duzentos milhões de anos, certo? Têm o mesmo aspeto que os seus fósseis. E as tuatara fazem *tudo* lentamente. Amadurecem lentamente; não param de crescer até aos trinta anos. Reproduzem-se lentamente; só põem ovos uma vez de quatro em quatro anos. Têm um metabolismo muito lento. No entanto, apesar de as tuatara fazerem tudo lentamente e de não terem mudado muito em duzentos milhões de anos, têm uma taxa mais rápida de mutação molecular do que qualquer outro animal conhecido.

– Tipo, estão a evoluir mais rapidamente?

– A nível *molecular*, sim. Mudam mais rapidamente do que os seres humanos ou os leões ou as moscas da fruta. O que suscita todo o tipo de questões. Em tempos, todos os animais sofriam mutações a esta taxa? O que aconteceu para fazer abrandar a velocidade de mutação molecular? Como é que o próprio animal muda tão pouco quando o seu ADN sofre mutações tão rapidamente?

– E sabe as respostas?

Ele riu-se. – Oh, não, não, não. Longe disso. O que adoro na Ciência é que à medida que se aprende não se obtêm realmente respostas. Só se obtêm perguntas melhores.

Ouvi uma porta abrir-se por trás de mim. Davis. – Filme? – perguntou ele.

Agradei a visita a Malik e ele disse: – Quando quiseres. Talvez da próxima vez estejas pronta para lhe fazer festas.

Sorri. – Duvido.

Davis e eu não demos um abraço nem um beijo nem nada; limitámo-nos a caminhar ao longo do caminho de terra batida lado a lado durante algum tempo até ele dizer: – O Noah meteu-se em trabalhos na escola hoje.

– O que é que aconteceu?

– Acho que foi apanhado com erva.

– Meu Deus, sinto muito. Foi preso?

– Oh, não, não envolvem a polícia por coisas como essa. – Apetecia-me dizer-lhe que a polícia era envolvida quando aconteciam coisas como essa na Escola Secundária de White River, mas fiquei calada. – Mas vai ser suspenso.

Estava suficientemente frio para eu conseguir ver o ar a sair-me da boca. – Talvez isso seja bom para ele.

– Bem, ele já foi suspenso duas vezes e até agora isso não o ajudou. Quer dizer, quem é que leva erva para a escola quando tem treze anos? É como se ele *quisesse* meter-se em trabalhos.

– Sinto muito – disse eu.

– Precisa de um pai – disse Davis. – Mesmo que seja uma porcaria de um pai. E eu não posso... tipo, não faço a mínima ideia do que fazer com ele. O Lyle tentou falar com ele hoje, mas o Noah é tão monossilábico... *fixe, pois, na boa, certo*. Eu vejo que ele sente saudades do pai, mas não posso *fazer* nada quanto a isso, sabes? O Lyle não é o pai dele. Eu não sou o pai dele. Seja como for, precisava realmente de desabafar, e tu és a única pessoa com quem posso falar neste momento.

Aquele *única* atingiu-me em cheio. Senti as palmas das mãos começarem a transpirar. – Vamos ver o tal filme – disse eu por fim.

*

Lá em baixo na sala de cinema, ele disse-me: – Estive a tentar pensar em filmes espaciais de que tu pudesses gostar. Este é ridículo, mas, de certo modo, também espantoso. Se não gostares dele, podes escolher os próximos dez filmes que virmos. Estás de acordo?

– Estou – respondi. – O filme chamava-se *Ascensão de Júpiter* e era de facto ao mesmo tempo ridículo e, de certo modo, espantoso. Alguns minutos depois de começar, estendi a mão e dei-lha, e a sensação foi aceitável. Até mesmo boa. Gostava das mãos dele e da maneira como os

seus dedos se entrelaçavam nos meus, com o polegar a desenhar pequenos círculos na pele macia entre o meu polegar e o indicador.

Quando o filme atingiu um dos seus muitos pontos culminantes, ri-me de algo ridículo e ele perguntou: – Estás a gostar?

E eu respondi: – Estou, é uma parvoíce, mas é ótimo.

Como senti que ele ainda estava a olhar para mim, lancei-lhe um olhar. – Não sei se estou a interpretar mal esta situação – disse ele, e a maneira como estava a sorrir fez-me querer muito beijá-lo. Estar de mãos dadas dava uma sensação boa, quando antes muitas vezes não a dava, por isso talvez isto fosse diferente também.

Inclinei-me sobre o grande braço do cadeirão entre nós e beijei-o rapidamente nos lábios, e gostei do calor da boca dele. Queria mais, e levei a mão à face dele e comecei a beijá-lo a sério, e sentia a boca dele a abrir-se e só queria estar com ele como uma pessoa normal estaria. Queria sentir a intimidade que tolda o cérebro, aquela que sentia quando trocávamos mensagens, e agradava-me beijá-lo. Ele beijava bem.

Mas depois vieram os pensamentos e eu comecei a sentir a saliva dele viva na minha boca. Afastei-me o mais subtilmente que consegui.

– Estás bem?

– Estou – respondi. – Estou, completamente. Só quero... – Tentava pensar no que diria uma pessoa normal, pois talvez se eu conseguisse ao menos dizer e fazer o que as pessoas normais dizem e fazem ele acreditasse que eu era uma pessoa normal, ou talvez eu até pudesse transformar-me numa pessoa normal.

– Que vamos mais devagar? – sugeriu ele.

– Isso – disse eu. – Isso, exatamente.

– Tudo bem. – Acenou com a cabeça para o filme. – Estava à espera desta cena. Vais adorá-la. É mesmo marada.

Há um poema de Edna St. Vincent Millay que me anda às voltas na cabeça desde que o li a primeira vez, e uma parte é assim: «Soprados da colina escura para a minha porta/Três flocos de neve, depois quatro/Chegam, depois muitos mais.» Podes contar os primeiros três flocos, e o quarto. Mas a seguir faltam-te as palavras, e tens de te instalar e tentar sobreviver à tempestade.

Era assim com a espiral dos meus pensamentos a estreitar-se. Pensei nas bactérias dele dentro de mim. Pensei na probabilidade de alguma

percentagem das ditas bactérias ser nociva. Pensei na *E.coli* e na bactéria *Campylo* e na *Clostridium difficile* que muito provavelmente era uma parte constituinte da microbiota de Davis.

Apareceu um quarto pensamento. Depois muitos mais.

– Tenho de ir à casa de banho – disse eu. – Volto já.

Saí da cave e vi a última luz do dia a brilhar pelas janelas, fazendo com que as paredes brancas parecessem um pouco cor-de-rosa. Noah, que estava a jogar um videojogo no sofá, disse: – Aza?

Dei meia-volta e entrei numa casa de banho. Lavei o rosto, fitei-me ao espelho, vendo-me respirar. Fiquei a observar-me durante muito tempo, a tentar descobrir uma maneira de desligar, a tentar encontrar a tecla para silenciar o meu monólogo interior, *a tentar*.

E depois tirei o desinfetante das mãos do bolso do casaco e espremi um bocado para dentro da boca. Engasguei-me um pouco enquanto bochechava com aquela mistela viscosa e ardente, e depois engoli.

– Estão a ver *Ascensão de Júpiter*? – perguntou Noah quando saí da casa de banho.

– Estamos.

– Porreiro. – Virei-me para ir embora, mas ele disse: – Aza? – Aproximei-me dele e sentei-me ao seu lado no sofá.

– Ninguém quer encontrá-lo.

– O teu pai, queres dizer?

– É como se eu não conseguisse pensar em mais nada. Eu... é... Achas, tipo, que ele realmente desaparecia e nem nos mandava uma mensagem nem nada? Achas que talvez ele esteja a tentar e nós só não descobrimos ainda como escutar?

Tive mesmo pena do rapaz. – Sim, talvez – respondi. – Ou talvez ele só esteja à espera até ser seguro.

– Certo – disse Noah. – É, isso faz sentido. Obrigado. – Eu ia começar a levantar-me quando ele disse: – Mas não podia ter mandado um e-mail? Não podem localizar essas coisas se usarmos uma rede pública de Wifi. Não podia ter-nos enviado uma mensagem de um telemóvel que comprasse num sítio qualquer?

– Talvez esteja com medo – respondi. Estava a tentar ajudar, mas talvez não houvesse maneira de ajudar.

– Mas continuas à procura?

– Continuo – respondi. – Continuo, claro, Noah.

Ele estendeu a mão para voltar a pegar no manípulo do jogo, o sinal para eu voltar para o andar de baixo.

*

Davis tinha parado o filme a meio de uma batalha de naves espaciais e a luz brilhante de uma explosão suspensa refletia-se nos seus óculos quando ele se virou para mim. Sentei-me ao seu lado e ele perguntou: – Estás bem?

– Desculpa, sinto muito – disse eu.

– Há alguma coisa que eu deva fazer de modo diferen...

– Não, não tem nada a ver contigo. É só, tipo, eu só... Não posso falar sobre isto neste momento. – Tinha a cabeça a andar à volta e estava a tentar manter a boca desviada dele para ele não sentir o cheiro a desinfetante das mãos no meu hálito.

– Tudo bem – disse ele. – Eu gosto de nós. Gosto que tenhamos a nossa própria maneira de fazer as coisas.

– Não estás a ser sincero.

– Estou. – Eu estava a olhar fixamente para o filme parado, à espera que ele o tirasse de pausa. – Ouvi-te falar com o Noah.

Ainda sentia a saliva dele na minha boca e o alívio que o desinfetante das mãos me proporcionara começava a dissipar-se. Se eu ainda conseguia sentir a saliva dele, provavelmente ainda estava dentro de mim. *Talvez precisas de beber mais desinfetante.* Isto é ridículo. Biliões de pessoas beijam-se e nada de mau lhes acontece. *Sabes que te vais sentir melhor se beberes mais.*

– Ele precisa de ver alguém – disse eu. – Um psicólogo ou alguém do género.

– Precisa de um pai.

Porque é que tentaste sequer beijá-lo? Já devias saber. Podias ter tido uma noite normal, mas escolheste isto. Este momento tem de ser sobre o Noah, não sobre mim. *As bactérias dele estão a nadar dentro de ti. Estão na tua língua neste preciso momento. Nem o álcool puro as pode matar a todas.*

– Queres só ver o filme?

Acenei que sim com a cabeça e ficámos sentados um ao lado do outro,

perto mas sem nos tocarmos, durante a hora seguinte, enquanto a espiral se estreitava cada vez mais.

QUINZE

Depois de chegar a casa nessa noite, fui para a cama, mas não para dormir. Estava sempre a começar a escrever-lhe mensagens, mas depois não as enviava, até que por fim pousei o telemóvel e peguei no portátil. Perguntava-me o que teria acontecido à vida de Davis *online* – para onde teria ido depois de encerrar os seus perfis nas redes sociais.

Os resultados do Google relacionados com Davis eram na sua esmagadora maioria sobre o pai dele – Diretor Executivo da Pickett Engineering Revela em Entrevista que Não Vai Deixar um Cêntimo aos Seus Filhos Adolescentes,» *etc.* Davis não tinha atualizado o Instagram, o Facebook, o Twitter ou o blogue dele desde o desaparecimento do pai, e as pesquisas dos seus dois nomes de utilizador, dallgoodman e davisnotdave02 só resultaram em ligações para outras pessoas.

Por isso, comecei a pesquisar nomes de utilizador semelhantes: dallgoodman02, davisnotdave, davisnotdavid, e depois a tentar adivinhar URLs do Facebook e do blogue. E então, mais de uma hora depois, logo a seguir à meia-noite, ocorreu-me a ideia de pesquisar a frase «as folhas foram vocês também deviam ir-se».

Apareceu um só resultado, de um blogue com o nome de utilizador isnotid02. O *site* tinha sido criado dois meses antes, e, tal como o diário anterior de Davis, a maior parte das entradas começava com uma citação de outra pessoa e depois concluía com um ensaio curto e enigmático. Mas neste *site* havia também um separador chamado *poemas*. Cliquei no diário e percorri-o até chegar à primeira entrada: «Em duas palavras posso resumir tudo o que aprendi sobre a vida: ela continua.»

– ROBERT FROST

Catorze dias desde que começou a confusão. A minha vida não é pior, não exatamente – só mais pequena. Olha para cima durante o tempo suficiente e comesas a sentir a tua infinitesimalidade. A diferença entre estar vivo e não estar – é alguma coisa. Mas de onde as estrelas estão a observar, não há quase

nenhuma diferença entre as variedades de estar vivo, entre mim e a relva aparada de fresco em que estou deitado neste momento. Somos ambos espantos, a coisa mais próxima de um milagre no universo conhecido.

«E depois uma Trave na Razão partiu-se/E eu caí para baixo, e para baixo...»

– EMILY DICKINSON

Há cerca de cem mil milhões de estrelas na Via Láctea – uma por cada pessoa que alguma vez tenha vivido, mais ou menos. Estava a pensar nisso sob o céu esta noite, quente para a época, um espetáculo de estrelas dos melhores que se têm por aqui. Algo no facto de olhar para cima me faz sempre sentir como se estivesse a cair.

Antes, tinha ouvido o meu irmão a chorar no quarto dele, e fiquei junto à porta durante muito tempo, e sei que ele sabia que eu estava ali, porque tentou parar de soluçar quando as traves do soalho rangeram sob os meus passos, e eu limitei-me a ficar ali durante muito tempo, fitando a porta, incapaz de a abrir.

«Até mesmo o silêncio/tem uma história para te contar.»

– JACQUELINE WOODSON

A parte pior de estar verdadeiramente só é que pensas em todos os momentos em que desejaste que alguém te deixasse só. Depois fazem-no, e tu ficas só, e afinal és péssima companhia.

«O mundo é um globo – quanto para mais longe navegas, mais perto de casa estás.»

– TERRY PRATCHETT

Por vezes abro o Google Maps e amplio ao acaso lugares onde ele poderia estar. O S veio cá a casa ontem à noite para nos pôr a par do que vai acontecer – o que vai acontecer se ele for encontrado, o que vai acontecer se não for – e a certa altura disse, «Compreendem que não me estou a referir à pessoa física, mas à entidade legal.» A entidade legal é o que paira sobre nós, a assombrar a nossa casa. A pessoa física está algures naquele mapa.

«Estou enamorado do mundo.»

– MAURICE SENDAK

Dizemos sempre que estamos sob as estrelas. Não estamos, claro – não há uma parte de cima e uma parte de baixo, e de qualquer maneira as estrelas rodeiam-nos. Mas dizemos que estamos sob elas, o que é bonito. Tantas vezes a

língua inglesa exalta o que é humano – nós somos quem, outros animais são o quê – mas a língua inglesa põe-nos sob as estrelas, pelo menos.

Por fim, apareceu um ela.

«O QUE É PASSADO É PRÓLOGO.»

– WILLIAM SHAKESPEARE

Ver o passado – ou uma pessoa do passado – pode, pelo menos para mim, ser fisicamente doloroso. Sinto-me assoberbado por uma dor melancólica – e quero o passado de volta, custe o que custar. Não importa que não volte, que nunca tenha sequer existido como o recordeo – quero-o de volta. Quero que as coisas sejam como eram, ou como as recordeo: Inteiras. Mas ela não me faz lembrar o passado, por alguma razão. Dá a sensação de ser o tempo presente.

A entrada seguinte foi publicada tarde na noite em que ele me deu o dinheiro e confirmou mais ou menos que ela era eu.

«Acorda, coração, acorda. Já dormiste bastante. Acorda.»

– WILLIAM SHAKESPEARE

Pergunto-me se dei cabo de tudo. Mas se não tivesse feito aquilo, perguntar-me-ia outra coisa. A vida é uma série de escolhas entre perguntas.

«A ILHA ESTÁ CHEIA DE RUÍDOS.»

– WILLIAM SHAKESPEARE

Este pensamento, será que ela gostaria de mim se eu não fosse eu, é um pensamento impossível. Dobra-se sobre si mesmo. Mas o que eu quero dizer é, será que ela gostaria de mim se o mesmo corpo e a mesma alma fossem transportados para uma vida diferente, uma vida menor? Mas então, claro, eu não seria eu. Seria outra pessoa qualquer. O passado é uma armadilha que já nos apanhou. Um pesadelo, disse Dédalo, do qual estou a tentar acordar.

E depois a entrada mais recente: «Esta coisa de escuridão reconhecêo/Como minha.»

– WILLIAM SHAKESPEARE

Ela observou, mais do que uma vez, que a chuva de meteoritos estava a acontecer, para lá do céu nublado, mesmo que não pudéssemos vê-la. Que importa se ela consegue beijar? Consegue ver por entre as nuvens.

Foi só depois de ler todas as entradas do diário que reparei que as entradas sobre mim começavam com citações de *A Tempestade*. Senti-me como se estivesse a invadir a privacidade dele, mas era um blogue público, e passar tempo a ler o que escrevia dava-me a sensação de que estava a passar tempo com ele, só que não tão assustador. Por isso, cliquei na secção dos poemas.

O primeiro era assim: Os passos da minha mãe Eram tão silenciosos Que mal a ouvi partir.

Outro: Nunca debes deixar a verdade interferir com a beleza.

Ou assim cria e.e. cummings.

«Este é o milagre que mantém as estrelas afastadas,»

Escreveu ele sobre o amor e o desejo.

Isso muitas vezes lhe permitiu engatar, de certeza, Que era a única intenção do poema.

Mas a gravidade difere da afeição: Só uma é constante.

E depois o primeiro poema, escrito no mesmo dia da primeira entrada do diário, duas semanas depois do desaparecimento do pai dele: Ele carregou comigo toda a minha vida – Pegava em mim, levava-me aqui e ali, dizia Vem comigo. Eu levo-te. Vamo-nos divertir.

Nunca aconteceu.

Só conheces o peso de um pai Até te sair de cima.

Quando estava a reler o poema, ouvi o som de uma mensagem recebida. Davis. *Olá.*

Eu: *Olá.*

Ele: *Estás no meu blogue neste momento?*

Eu: ... *Talvez. Não tem mal?*

Ele: *Ainda bem que és tu. No meu registo dizia que alguém de Indianápolis está no site há 30 minutos. Fiquei nervoso.*

Eu: *Porquê?*

Ele: *Não quero ver os meus poemas horríveis publicados nas notícias.*

Eu: *Ninguém faria isso. E também para de dizer que os teus poemas são horríveis.*

Ele: *Como é que o encontraste?*

Eu: *Procurei «as folhas foram-se vocês também deviam ir-se». Nada que outra pessoa soubesse procurar.*

Ele: *Desculpa se pareço paranoico só gosto de publicar no blogue e não quero ter de o apagar.*

Eu: *Foi bom ver-te esta noite.*

Ele: *Pois foi.*

Vi os ... o que queria dizer que ele estava a escrever, mas, como não apareceram nenhuma palavras, ao fim de algum tempo escrevi-lhe.

Eu: *Queres falar por FaceTime?*

Ele: *Quero.*

Tremiam-me um pouco os dedos quando cliquei no ícone do FaceTime para começar uma chamada por vídeo. O rosto dele apareceu, cinzento na luz fantasmagórica do telemóvel dele, e eu pus um dedo nos lábios e segredei, «Chiu», e olhámos um para o outro em silêncio, com os nossos rostos e os nossos corpos mal discerníveis expostos através da luz fraca dos nossos ecrãs, mais íntimos do que eu alguma vez poderia estar na vida real.

Ao olhar para o rosto dele a olhar para o meu, compreendi que a luz que mo tornava visível provinha principalmente de um ciclo: os nossos ecrãs estavam a iluminar-se um ao outro com luz do quarto um do outro. Eu só conseguia vê-lo porque ele conseguia ver-me a mim. No receio e na excitação de estarmos um em frente ao outro àquela luz prateada granulosa, dava a sensação de que eu não estava realmente na minha cama e ele não estava realmente na dele. Em vez disso, estávamos juntos no lugar não

sensorial, quase como se estivéssemos dentro da cabeça um do outro, uma proximidade a que a vida real com os seus corpos reais nunca poderia chegar.

Depois de desligarmos, ele enviou-me uma mensagem. *Eu gosto de nós. A sério.*

E de algum modo eu acreditei nele.

DEZASSEIS

E durante algum tempo arranjámos maneiras de sermos nós – encontrando-nos ocasionalmente na vida real, mas enviando mensagem e falando por FaceTime quase todas as noites. Tínhamos arranjado uma maneira de estar numa roda gigante sem falar sobre estar numa roda gigante. Havia dias em que eu caía mais fundo em espirais do que noutros, mas mudar o penso rápido resultava mais ou menos, e os exercícios de respiração e os comprimidos e tudo o resto resultavam mais ou menos.

E a minha vida prosseguia – lia livros e fazia os trabalhos de casa, fazia testes e via televisão com a minha mãe, via Daisy quando ela não estava ocupada com Mychal, lia e relia aquele guia das universidades e imaginava a panóplia de futuros que me prometia.

E então numa noite, entediada e a sentir saudades dos tempos em que Daisy e eu passávamos metade das nossas vidas juntas no Applebee's, li os contos dela de *Star Wars*.

A história mais recente de Daisy, «Um Rey de Calor», tinha sido publicada na semana anterior. Fiquei espantada ao ver que tinha sido lida milhares de vezes. Daisy era de certo modo famosa.

A história, narrada por Rey, decorre em Tatooine, onde os dois pombinhos apaixonados Rey e Chewbacca pararam para receber mercadoria de um tipo com dois metros e quarenta chamado Kalkino. Chewie e Rey vêm acompanhados por uma rapariga de cabelo azul chamada Ayala, que Rey descreve como «a minha melhor amiga e o meu maior fardo».

Encontram-se com Kalkino numa corrida de naves, onde Kalkino oferece à equipa dois milhões de créditos para levar quatro caixas de mercadoria para Utapau.

– Tenho um pressentimento esquisito em relação a isto – disse Ayala.

Revirei os olhos. Ayala nunca acertava em nada. E quanto mais se preocupava, pior tornava as coisas. Tinha a integridade moral de uma rapariga que nunca passara fome, sempre a criticar a maneira como o Chewie e eu ganhávamos a vida, sem reparar que o nosso trabalho lhe proporcionava

a ela alimento e abrigo. Chewie tinha para com Ayala uma enorme dívida, porque o pai dela morrera ao salvar Chewie anos antes, e Chewie era um Wookiee com princípios, mesmo quando isso não era nada conveniente. Os princípios morais de Ayala eram convenientes, porque uma vida fácil era o único tipo de vida que alguma vez conhecera.

Ayala resmungou: – Isto não está certo. – Estendeu a mão para a sua cabeleira azul e arrancou um fio, que enrolou à volta do dedo. Era um hábito nervoso, mas na verdade todos os seus hábitos eram nervosos.

Continuei a ler, com o estômago contraído. Ayala era horrível. Interrompeu Chewie e Rey quando eles estavam a curtir a bordo do *Millenium Falcon* com uma pergunta irritante sobre o hiperpropulsor «que uma criança de cinco anos razoavelmente competente poderia ter decifrado». Deu cabo do envio da mercadoria ao abrir um dos caixotes, revelando células de energia que soltaram tanta energia que quase fizeram ir pelos ares a nave espacial. A certa altura, Daisy escreveu, «Ayala não era má pessoa, só era uma inútil».

A história acabava com a entrega triunfal das células de energia. Mas como uma delas tinha perdido alguma da sua energia quando Ayala abriu o caixote, os recetadores ficaram a saber que os nossos intrépidos heróis tinham visto a mercadoria, e puseram as cabeças deles a prémio – ou talvez eu devesse dizer as *nossas* cabeças – o que queria dizer que a parada seria ainda mais alta na história da semana seguinte.

Havia dúzias de comentários. O mais recente era, «ADORO ODIAR A AYALA. OBRIGADA POR A TERES TRAZIDO DE VOLTA». Daisy respondera a esse comentário com, «Obrigada! Obrigada por teres lido!»

Li todas as histórias por ordem cronológica inversa e descobri todas as maneiras anteriores como Ayala tinha estragado as coisas para Chewie e Rey. A única vez em que eu tinha feito alguma coisa que valesse a pena foi quando, dominada pela ansiedade, vomitei para cima de um Hutt chamado Tantuh, desviando momentaneamente a atenção para que Chewie pudesse pegar numa arma e salvar-nos da morte certa.

*

Fiquei acordada até muito tarde a ler e depois até mais tarde ainda a pensar no que diria a Daisy na manhã seguinte, com os meus pensamentos a

oscilarem entre a fúria e o medo, às voltas no meu quarto como um abutre. Acordei na manhã seguinte a sentir-me um farrapo – não só cansada, mas também aterrorizada. Via-me agora como Daisy me via – sem noção das coisas, sem força, sem préstimo. Sem.

A caminho da escola, com a cabeça a latejar por ter dormido tão pouco, não parei de pensar em como tinha medo dos monstros em criança. Quando era pequena, sabia que os monstros não eram, tipo, *reais*. Mas sabia que as coisas inventadas tinham importância, e que podiam matar-te. Sentia-me outra vez assim depois de ler as histórias de Daisy, como se algo invisível viesse atacar-me.

Esperava que ver Daisy me enfurecesse, mas quando a vi de facto, sentada nos degraus no exterior da escola, toda entrouxada para se proteger do frio, com uma mão enluvada a acenar-me, senti – bem, senti que merecia, realmente. Como se a Ayala fosse a coisa que Daisy tinha de fazer para viver comigo.

Pôs-se de pé quando me aproximei. – Estás bem, Holmesy? – perguntou. Acenei que sim com a cabeça. Não conseguia realmente dizer nada. Sentia a garganta apertada, como se pudesse começar a chorar.

– O que é que se passa? – perguntou ela.

– Só estou cansada – respondi.

– Holmesy, não leves a mal, mas dá a ideia que acabaste de sair do trabalho em que fazes de espírito maléfico numa casa assombrada e agora estás num parque de estacionamento para tentares arranjar droga.

– Vou fazer os possíveis por não levar isso a mal.

Ela pôs o braço à volta dos meus ombros. – Quer dizer, continuas linda, claro. Não podes deixar de ser linda nem que queiras, Holmesy, por mais que te esforces. Só estou a dizer que precisas de dormir. De cuidar de ti, sabes? – Acenei com a cabeça e soltei-me do seu abraço. – Já não passamos um tempo só nós as duas há uma eternidade – disse ela. – Talvez eu possa ir até tua casa logo?

Queria dizer-lhe que não, mas estava a pensar em como Ayala dizia sempre que não a tudo, e não queria ser como o meu eu de ficção. – Combinado.

– O Mychal e eu vamos ter uma noite de trabalhos de casa, mas devo ter uns cento e quarenta e dois minutos depois das aulas se formos diretas para tua casa, que por acaso é o tempo que dura *O Ataque dos Clones*.

– Uma noite de trabalhos de casa? – perguntei.

Mychal apareceu por trás de mim e disse: – Estamos a ler *Sonho de Uma Noite de Verão* em voz alta um ao outro para as aulas de Inglês.

– ...a sério?

– O que foi? – disse Daisy. – A culpa não é minha se somos adoráveis. Mas primeiro batalhas do sabre de luz do Yoda em tua casa depois das aulas. Fixe?

– Fixe.

– Está combinado – disse ela.

*

Daí a seis horas, estávamos deitadas as duas no chão, lado a lado, apoiadas às almofadas do sofá, a ver Anakin Skywalker e Padmé apaixonarem-se em câmara extremamente lenta. Daisy considerava *O Ataque dos Clones* o filme de *Star Wars* mais subestimado. Eu achava que era uma treta, mas era divertido ver Daisy a vê-lo. Mexia literalmente os lábios com cada fala das personagens.

Passei grande parte do tempo a ler artigos sobre o desaparecimento de Pickett no meu telemóvel, à procura de alguma coisa que pudesse relacioná-lo com corredores ou a boca de um corredor. Falara a sério quando disse a Noah que continuaria a investigar – mas as pistas que tínhamos simplesmente não se pareciam muito com pistas.

– Eu quero gostar do Jar Jar, porque odiar o Jar Jar é mesmo um cliché, mas ele era do *pior* – disse Daisy. – Na verdade, já o matei há anos na minha ficção. Foi uma sensação incrível. – Senti um aperto no estômago, mas concentrei-me no meu telemóvel. – Do que estás à procura? – perguntou ela.

– Estou só a ler sobre a investigação do caso Pickett, a ver se há algo de novo. O Noah está mesmo perturbado por causa disto, e eu... não sei. Só queria ajudá-lo de alguma maneira.

– Holmesy, recebemos a recompensa. Acabou. O teu problema é não saberes quando ganhaste.

– Pois – disse eu.

– Quer dizer, o Davis deu-nos a recompensa para nós largarmos o assunto. Por isso, larga-o.

– Pois, está bem – respondi. Sabia que ela tinha razão, mas não precisava de ser tão parva em relação àquilo.

Pensei que a conversa tinha acabado, mas daí a uns segundos ela pôs o filme em pausa e continuou a falar. – É só que, tipo, isto não vai ser uma história qualquer em que a rapariga pobre e sem um tostão fica rica e depois compreende que a verdade é mais importante do que o dinheiro e demonstra o seu heroísmo voltando a ser a rapariga pobre e sem um tostão, certo? A vida de toda a gente é melhor com o Pickett desaparecido. Deixa a coisa em paz.

– Ninguém te vai tirar o teu dinheiro – disse eu em voz baixa.

– Eu adoro-te, Holmesy, mas atina.

– *Já percebi* – disse eu.

– Prometes?

– Sim, prometo.

– E nós quebramos corações, mas não quebramos promessas – disse ela.

– Dizes que esse é o teu lema, mas agora passas noventa e nove por cento do teu tempo com o Mychal.

– A não ser agora mesmo, em que estou contigo e com o Jar Jar Binks – respondeu ela.

Voltámos a ver o filme. Quando acabou, ela apertou-me o braço, disse: – Adoro-te– e depois foi a toda a pressa para a casa de Mychal.

DEZASSETTE

Mais tarde nessa noite recebi uma mensagem de Davis.

Ele: *Estás por aí?*

Eu: *Estou. Queres falar no FaceTime?*

Ele: *Seria possível encontrarmo-nos na vida real?*

Eu: *Acho que sim, mas sou menos divertida na vida real.*

Ele: *Eu gosto de ti na vida real. Agora dava?*

Eu: *Dá.*

Ele: *Veste roupa quente. Está frio cá fora e o céu está limpo.*

Harold e eu dirigimo-nos para a propriedade dos Pickett. Ele não gosta lá muito do tempo frio, e pareceu-me que ouvia alguma coisa no seu motor a contrair-se, mas aguentou-se por mim, aquele abençoado carro.

O caminho de onde estacionei até à casa de Davis estava um gelo, mesmo com o meu casaco de inverno e as luvas. Nunca pensas muito no tempo quando está bom, mas mal fica suficientemente frio para veres o bafo a sair da boca não podes ignorá-lo. É o tempo que decide quando pensas nele, não o contrário.

Quando me aproximei, a porta da rua abriu-se automaticamente. Davis estava sentado no sofá ao lado de Noah, a jogarem o videojogo de guerras no espaço do costume. – Olá – disse eu.

– Olá – disse Davis.

– 'Ta tudo – acrescentou Noah.

– Escuta – disse Davis ao pôr-se de pé. – Eu vou dar um passeio com a Aza antes de ela tirar o casaco. Voltamos daqui a pouco, OK? – Estendeu a mão e despenteou Noah.

– OK – disse Noah.

*

– Li as histórias da Daisy – disse eu a Davis enquanto andávamos. A relva do campo de golfe ainda continuava perfeitamente aparada, embora o único golfista da família estivesse desaparecido há meses.

– São bastante boas, certo?

– Suponho que sim. A minha atenção foi desviada pela terrível personagem da Ayala.

– Não é má de todo. Apenas ansiosa.

– Causa cem por cento dos problemas nas histórias.

Deu-me um pequeno encontrão cheio de ternura. – Eu até gostei dela, mas imagino que seja suspeito.

*

Caminhámos à volta de toda a propriedade até por fim pararmos junto à piscina. Davis premiu uma tecla no telemóvel e a cobertura da piscina abriu-se. Sentámo-nos em espreguiçadeiras ao lado um do outro, e eu pus-me a ver a água da piscina soltar vapor no ar frio enquanto Davis, recostado, olhava para o céu. – Não compreendo porque é que ele está tão preso dentro de si mesmo quando há todo este infinito em que mergulhar.

– Quem?

– O Noah. – Reparei que tinha metido a mão ao bolso do casaco. Tirou qualquer coisa e fê-la rodar na palma da mão. Ao princípio, pensei que poderia ser uma caneta, mas depois, quando ele começou a passá-la de forma ritmada por entre os dedos, como um mágico a fazer truques com cartas, apercebi-me de que era o Homem de Ferro. – Não me julgues – disse ele. – Tem sido uma semana muito má.

– Só não acho que o Homem de Ferro seja grande super-he...

– Estás a quebrar-me o coração, Aza. Então, vês Saturno lá em cima? – Servindo-se do seu Homem de Ferro como ponteiro, explicou-me como se pode distinguir entre um planeta e uma estrela, e onde se encontravam as diferentes constelações. E disse-me que a nossa galáxia era uma grande espiral, e que muitas galáxias também eram. – Todas as estrelas que

podemos ver neste momento estão nessa espiral. É enorme.

– Tem um centro?

– Tem – respondeu. – Sim, toda a galáxia gira à volta desse buraco negro gigantesco. Mas muito lentamente. Quer dizer, o nosso sistema solar demora, tipo, duzentos e vinte e cinco milhões de anos-terra a orbitar a galáxia.

Perguntei-lhe se as espirais da galáxia eram infinitas, e ele disse que não, e depois perguntou-me pelas minhas espirais.

Falei-lhe sobre um matemático, Kurt Gödel, que tinha um medo terrível de ser envenenado, tão terrível que não conseguia comer comida nenhuma a não ser que fosse preparada pela mulher dele. E depois um dia a mulher dele adoeceu e teve de ir para o hospital e Gödel deixou de comer. Contei a Davis que embora Gödel devesse saber que passar fome era um risco maior do que ser envenenado, simplesmente não conseguia comer, e por isso morreu à fome. Aos setenta e um anos. Viveu com aquele demónio durante setenta e um anos e ele acabou por lhe levar a melhor.

Quando acabei de contar a história, Davis perguntou: – Preocupa-te que isso te possa acontecer?

E eu respondi: – É tão esquisito, saberes que és maluca e não poderes fazer nada quanto a isso, sabes? Não é que acredites que és normal. Sabes que há um problema. Mas não consegues descobrir uma maneira de o resolver. Porque não podes ter a certeza, sabes? Se és o Gödel, simplesmente não podes ter a certeza de que a tua comida não está envenenada.

– Preocupa-te que isso te possa acontecer? – perguntou mais uma vez.

– Preocupo-me com muitas coisas.

Continuámos a conversar, tanto tempo que as estrelas se moveram acima de nós, até que por fim ele perguntou: – Queres nadar?

– Está um bocado frio – disse eu.

– A piscina é aquecida – respondeu ele. Pôs-se de pé e tirou a *t-shirt*, depois as calças de ganga, comigo a olhar. Gostei de o ver tirar as calças. Era magricela, mas eu gostava do corpo dele – dos seus músculos nas costas, pequenos mas definidos, das suas pernas com pele de galinha por causa do frio. A tremer, saltou para dentro da água. – Magnífico – disse.

– Não tenho fato de banho.

– Bem, se estás de *soutien* e cuecas *basicamente* é um biquíni. – Ri-me e

tirei o casaco, depois pus-me de pé.

– Não te importas de te virar de costas? – pedi-lhe. Ele virou-se para o terrário iluminado com uma luz fraca, onde a futura bilionária estava escondida algures na sua floresta artificial.

Desembaracei-me das calças de ganga e despi a *t-shirt*. Sentia-me nua, embora não estivesse nua de facto, mas baixei os braços junto ao corpo e disse: – OK, já podes olhar. – Deslizei para o calor da piscina ao seu lado; ele pôs as mãos à volta da minha cintura debaixo da água, mas não tentou beijar-me.

O terrário estava por trás dele, e agora que os meus olhos estavam completamente adaptados ao escuro, via a tuatara num ramo, a fitar-nos com um dos seus olhos vermelhos e pretos. – A *Tua* está a olhar para nós – disse eu.

– É uma grande tarada – respondeu Davis, e depois virou-se para olhar para o animal. A pele verde dela tinha uma espécie de musgo amarelo a crescer nela e eu via-lhe os dentes, e respirava com a boca ligeiramente aberta. A sua cauda miniatural de crocodilo agitou-se subitamente e Davis, sobressaltado, enroscou-se em mim e depois riu-se. – Detesto aquela coisa – disse.

*

Estava um gelo quando saímos da piscina. Como não tínhamos toalhas, levámos as roupas nos braços e corremos para a casa. Noah estava ainda sentado no sofá a jogar o mesmo jogo. Eu passei de raspão por ele e corri pela escadaria de mármore acima.

Depois de nos vestirmos, fomos para o quarto de Davis. Ele pousou o Homem de Ferro na mesa de cabeceira e depois ajoelhou-se para me mostrar como funcionava o seu telescópio. Inseriu umas coordenadas num comando à distância e o telescópio mexeu-se sozinho. Quando parou, Davis inclinou-se para olhar pela lente e depois afastou-se para me dar lugar.

– É Tau Ceti – disse. Da maneira como o telescópio estava focado, eu não conseguia ver nada a não ser escuridão e um disco trémulo de luz branca. – Está a uma distância de doze anos-luz, semelhante ao nosso sol, mas um pouco mais pequeno. Dois dos seus planetas poderão ser de facto habitáveis... provavelmente não, mas talvez. É a minha estrela preferida. –

Eu não sabia o que supostamente estava a ver; era apenas um círculo como qualquer outro. Mas a seguir ele explicou.

– Gosto de olhar para ela e de pensar em como a luz do sol parece a alguém no sistema solar de Tau Ceti. Neste momento, estão a ver a nossa luz de há doze anos; à luz a que estão a ver, a minha mãe ainda tem três anos para viver. Esta casa acabou de ser construída, e a minha mãe e o meu pai estão sempre a discutir por causa da disposição dos móveis na cozinha. À luz que eles veem, tu e eu somos ainda pequenos. Ainda temos o melhor e o pior pela frente.

– Nós ainda temos o melhor e o pior pela frente – disse eu.

– Espero que não – disse ele. – Espero bem que o pior já esteja para trás.

Afastei-me da luz com doze anos de Tau Ceti e olhei para cima, para Davis. Peguei na mão dele, e parte de mim queria dizer-lhe que o amava, mas não tinha a certeza se isso era verdade. Os nossos corações estavam quebrados nos mesmos sítios. Isso é algo semelhante ao amor, mas talvez não seja bem amor.

Era horrível ter uma pessoa morta na família, e eu compreendia o que ele queria dizer com procurar consolo na luz antiga. Daqui a três anos, tinha a certeza, ele encontraria uma estrela preferida diferente, uma estrela com uma luz mais antiga que pudesse contemplar. E quando o tempo alcançasse também essa, ele amaria uma estrela mais distante, e outra mais distante, porque não podes deixar que a luz alcance o presente. De outro modo, esquecerias.

Era por isso que eu gostava de ver as fotografias do meu pai. Era a mesma coisa, na realidade. As fotografias são só luz e tempo.

– Devia ir-me embora – disse eu em voz baixa.

– Podemos ver-nos este fim de semana?

– Podemos – respondi.

– Talvez pudéssemos ficar por tua casa da próxima vez?

– Com certeza – respondi. – Se não te importas que a minha mãe te chateie.

Ele assegurou-me que não se importava e depois demos um abraço de despedida e quando o deixei no quarto ele voltou a ajoelhar-se ao telescópio.

Quando cheguei a casa nessa noite, disse à minha mãe que Davis queria vir até lá a casa nesse fim de semana. – Ele é teu namorado? – perguntou ela.

– Acho que sim – respondi.

– Respeita-te como uma igual?

– Respeita.

– Escuta-te tanto quanto tu o escutas a ele?

– Bem, eu não sou de grandes falas. Mas sim. Escuta-me. É mesmo, mesmo querido, mas também, a certa altura, tu vais ter de confiar em mim, sabes?

Ela suspirou. – Tudo o que quero neste mundo é proteger-te. Proteger-te do sofrimento, do *stress*, disse tudo. – Abracei-a. – Sabes que te adoro.

Sorri. – Sim, mãe. Sei que me adoras. Decididamente, não tens de te preocupar com isso.

Depois de ir para a cama nessa noite, fui ver o blogue de Davis.

«Duvidas que as estrelas sejam fogo,/Duvidas que o sol se mova.»

– WILLIAM SHAKESPEARE

Não se move, claro – bem, move-se, mas não à nossa volta. Até mesmo Shakespeare presumia verdades fundamentais sobre o fundamento que acabavam por se revelar erradas. Quem sabe em que mentiras eu acredito, ou tu. Quem sabe do que não devíamos duvidar.

Esta noite, sob o céu, ela perguntou-me: «Porque é que todas as que são sobre mim têm citações de *A Tempestade*? É porque somos náufragos?»

Sim. Sim, é porque somos náufragos.

Recarreguei a página depois de ler aquilo, pelo sim pelo não, e havia uma nova entrada, publicada minutos antes.

«Há uma expressão na música clássica. É assim: ‘Fomos para o prado.’ É para aquelas noites que só podem ser descritas dessa maneira: não havia paredes, não havia estantes para as pautas, não havia sequer instrumentos. Não havia teto, não havia chão, fomos todos para o prado. Descreve uma sensação.»

– TOM WAITS

Sei que ela está a ler isto neste momento. (Olá.) Senti que fomos para o prado

esta noite, só que não estávamos a tocar música. Nas melhores conversas, nem sequer te lembras sobre o que é que falaram, só da sensação que te deu. Foi como se nem estivéssemos lá, deitados juntos à beira da piscina. Deu a sensação de que estávamos em algum lugar que o teu corpo não pode visitar, algum lugar sem teto nem paredes e sem chão nem instrumentos.

E isso devia realmente ter rematado o meu serão. Mas, em vez de ir dormir, decidi torturar-me lendo mais histórias com Ayala.

Não compreendia como Davis podia gostar dela. Era horrível – totalmente egocêntrica e tremendamente irritante. Numa cena de uma festa, Rey observou, «É claro, quando a Ayala está presente, nunca é *realmente* uma festa, porque nas festas as pessoas divertem-se.»

Acabei por sair do *site*, mas não consegui pôr de lado o computador e ir dormir. Em vez disso, acabei por ir para a Wikipédia pôr-me a ler sobre ficção de fãs e *Star Wars*, e depois dei comigo a ler os mesmos velhos artigos sobre a microbiota humana e estudos de como a composição microbiana das pessoas as formava e, em alguns casos, matava.

A certa altura, dei com esta frase: «Os cérebros dos mamíferos recebem um fluxo constante de informações interoceptivas do trato gastrointestinal, que se combinam com outras informações interoceptivas do interior do corpo e com informações contextuais do meio ambiente antes de enviarem uma reação integrada a células-alvo dentro do trato gastrointestinal através daquilo a que se costuma chamar o «eixo informativo sistema digestivo-cérebro» mas que seria melhor descrito como o «*ciclo* informativo sistema digestivo-cérebro».

Compreendo que não é o tipo de frase que encha de horror a maior parte das pessoas, mas fez-me sentir paralisada. Estava a dizer que as minhas bactérias afetavam o meu pensamento – talvez não diretamente, mas através da informação que mandavam o meu sistema digestivo enviar ao meu cérebro. *Talvez nem sequer estejas a pensar este pensamento. Talvez o teu pensamento esteja infetado.* Não devia ter-me posto a ler estes artigos. Devia ter ido dormir. *É demasiado tarde agora.*

Verifiquei a luz que vinha de debaixo da porta para ter a certeza de que a minha mãe tinha ido dormir e depois fui à socapa para a casa de banho. Mudei o penso rápido, examinando cuidadosamente o que tirei. Tinha sangue. Não muito, mas tinha. Vagamente cor-de-rosa. Não está infetado.

Sangra porque a ferida ainda não ganhou crosta. *Mas podia estar.* Não está. *Tens a certeza? Limpaste sequer a ferida hoje de manhã?* Provavelmente. Limpo-a sempre. *Tens a certeza?* Oh, que caramba!

Lavei as mãos e pus um novo penso, mas agora estava a ser puxada para o fundo. Abri o armário dos medicamentos sem fazer barulho. Tirei o desinfetante das mãos com aroma a aloé vera. Bebi um gole, depois outro. Senti-me estonteada. Não podes fazer isto. Esta porcaria é álcool puro. Vai-te fazer mal. *É melhor beber mais um gole.* Deitei mais algum na língua. Basta. Ficas limpa depois disto. *Só mais um gole.* Foi o que fiz. Ouvi a barriga a roncar. Doía-me o estômago.

Por vezes, livras-te das bactérias benéficas e é quando a C. diff ataca. *Tens de ter cuidado com isso.* Ótimo, dizes-me para beber isto e depois dizes-me para não beber.

De volta ao meu quarto, a transpirar, deitada por cima da roupa de cama, com o corpo pegajoso, como um cadáver. Não consigo pensar direito. Beber desinfetante das mãos não te vai tornar mais saudável sua maluca do caraças. *Mas elas conseguem falar com o teu cérebro. ELAS podem dizer ao teu cérebro o que pensar, e tu não podes. Então quem é que manda, afinal?* Para, por favor.

Tentava não pensar o pensamento, mas, como um cão preso a uma trela, só conseguia afastar-me até um certo ponto antes de sentir um puxão a estrangular-me. A minha barriga estava a roncar.

Nada resultava. Até ceder ao pensamento só me dera um alívio momentâneo. Voltei a uma pergunta que a doutora Singh me tinha feito há anos, da primeira vez que a coisa ficou assim tão má: *Sentes que és uma ameaça para ti própria?* Mas o que é a ameaça e o que é o meu eu? Eu não era uma *não* ameaça, mas não sabia dizer para quem ou para o quê, os pronomes e os complementos diretos e indiretos da frase baralhados pela abstração daquilo tudo, as palavras sugadas para o não verbal lá muito no fundo. *Tu és um nós. Tu és um tu. Tu és um ela, um eles.* O meu reino por um eu.

Senti-me deslizar, mas mesmo isso é uma metáfora. A descer, mas isso também é. Não consigo descrever a sensação a não ser dizendo que eu não sou eu. Fui forjada na forja da alma de outra pessoa. Por favor, deixem-me sair. Quem quer que seja o meu autor, deixe-me sair disto. Dou tudo para sair disto.

Mas não conseguia sair.
Três flocos de neve, depois quatro, chegam.
Depois muitos mais.

DEZOITO

A minha mãe acordou-me às sete menos dez. – Não acordaste com o despertador? – perguntou.

Pisquei os olhos. Ainda estava escuro no meu quarto. – Estou bem – disse.

– Tens a certeza?

– Tenho – respondi, e levantei-me da cama.

Cheguei à escola só com trinta e dois minutos de atraso. Não estava com grande aspeto, mas há muito tempo que tinha desistido de causar boa impressão na camada estudantil da Escola Secundária de White River.

Daisy estava sentada sozinha nos degraus da frente. – Pareces sonolenta – disse quando eu comecei a subir os degraus. Estava um dia nublado, o tipo de dia em que o sol é uma suposição.

– Fiz serão. Como é que tu estás?

– Ótima, só que ultimamente não tenho visto grande coisa da minha melhor amiga. Queres ir sair logo? Ao Applebee's?

– Combinado – disse eu.

– E também, como tive de emprestar o carro à minha mãe, podemos ir juntas?

*

Ultrapassei sem problemas o período do almoço, o encontro pós-almoço do costume com a minha mãe a preocupar-se com os meus «olhos cansados», a aula de História e de Estatística. Em cada sala, a luz fluorescente que suga a alma revestia tudo de uma película de doença, e o dia arrastou-se até ao toque final me libertar por fim. Cheguei ao *Harold*, sentei-me ao volante e esperei por Daisy.

Não andava a dormir o suficiente. Não andava a pensar direito. Aquele desinfetante das mãos é basicamente álcool puro; não podes continuar a beber aquilo. Se calhar, devias telefonar à doutora Singh, mas depois tinhas

de falar para o atendedor de chamadas e dizer a uma estranha que estás maluca. Não consigo suportar a ideia de a doutora Singh me devolver a chamada, com laivos de compreensão na voz, a perguntar se ando a tomar a medicação todos os dias. Não resulta, de qualquer maneira. Nada resulta. Três medicações diferentes e cinco anos de terapia cognitiva comportamental mais tarde, aqui estamos nós.

*

Despertei com o som de Daisy a abrir a porta do lado do passageiro. – Estás bem? – perguntou.

– Estou – respondi. Liguei o motor. Senti a minha coluna a endireitar-se. Saí em marcha-atrás do lugar de estacionamento e depois esperei na fila para sair do recinto da escola. – Tu mal mudaste sequer o meu nome – disse. Sentia a voz trémula, mas estava a conseguir falar.

– Como?

– Ayala, Aza. Do início do alfabeto até ao fim e de volta ao princípio. Deste-lhe comportamentos compulsivos. Deste-lhe a minha personalidade. Qualquer pessoa que leia sabe o que realmente sentes por mim. O Mychal. O Davis. Toda a gente na escola, provavelmente.

– Aza – disse Daisy. – O meu nome verdadeiro soava errado na voz dela. – Tu não és...

– Oh, vai-te lixar.

– Já escrevo estas histórias desde os onze anos, e tu *nunca leste uma única*.

– Nunca me pediste.

– Em primeiro lugar, pedi sim. Uma data de vezes. E depois fartei-me de te ouvir dizer que as ias ler e nunca o fazeres. E em segundo lugar, eu não *devia* ter de te pedir. Podias tirar três minutos do raio da tua contemplação de ti própria para pensar nos interesses das outras pessoas. Olha, eu inventei a Ayala, tipo, no sétimo ano. E foi uma jogada suja, mas ela é agora uma personagem por direito próprio. Não és tu, OK? – Ainda estávamos a avançar muito lentamente pelo parque de estacionamento dos alunos. – Quer dizer, eu adoro-te, e a culpa não é tua, mas a tua ansiedade, de certa maneira, propicia desastres.

Por fim saí do recinto da escola e dirigi-me para norte pela Meridian em

direção à autoestrada. Ela continuou a falar, claro. Era o que fazia sempre. – Sinto muito, OK? Devia ter deixado a Ayala morrer há anos. Mas sim, tens razão, é uma maneira de aguentar... quero dizer, Holmesy, tu és *muito cansativa*.

– Pois, tudo o que a nossa amizade te fez ganhar nos últimos dois meses foi cinquenta mil dólares e um namorado. Tens razão, sou uma pessoa horrível. O que é que me chamaste naquela história? Inútil. Sou inútil.

– Aza, a Ayala *não és tu*. Mas tu és... extremamente egocêntrica. Tipo, eu sei que tens problemas mentais e tudo o mais, mas eles tornam-te... sabes.

– Não, de facto não sei. Tornam-me o quê?

– O Mychal disse uma vez que tu és como mostarda. Ótima em pequenas quantidades, mas uma grande quantidade de ti é... uma grande quantidade.

Eu não disse nada.

– Desculpa. Não devia ter dito isso.

Estávamos paradas num sinal vermelho e quando passou a verde eu fui pouco delicada com o acelerador do *Harold*. Sentia calor nas faces, mas não sabia se estava prestes a chorar ou a gritar. Daisy não parava de falar. – Mas tu sabes o que quero dizer. Tipo, como é que se chamam os meus pais?

Não respondi. Não sabia a resposta. Limitei-me a inspirar fundo, a tentar fazer com que o meu coração batesse mais abaixo no peito. Não precisava que Daisy me chamasse a atenção para a porcaria de pessoa que eu era. Sabia-o bem.

– O que é que eles fazem? Quando foi a última vez que estiveste no meu apartamento... há cinco anos? Supostamente somos as melhores amigas uma da outra, Holmesy, e nem sabes se eu tenho algum animal de estimação, caramba! Não fazes ideia de como é a minha vida e és tão, tipo, tão patologicamente pouco curiosa que nem sequer sabes que não sabes.

– Tens um gato – murmurei.

– Não fazes a mínima. É tudo tão fácil para ti, caramba. Quer dizer, tu achas que tu e a tua mãe são pobres ou coisa do género, mas usas aparelho nos dentes. Tens um carro e um portátil e essas coisas todas, e pensas que é *natural*. Pensas que é normal ter uma casa com um quarto só para ti e uma mãe que te ajuda com os trabalhos de casa. Não achas que és privilegiada, mas tens tudo. Não sabes como são as coisas para mim, e não *perguntas*. Eu partilho o quarto com a minha irritante irmã de oito anos, de quem nem sabes o nome, e depois julgas-me por comprar um carro em vez de poupar o

dinheiro todo para ir para a universidade, mas *tu não sabes*. Queres que eu seja uma heroína a sério, abnegada, demasiado boa para se interessar por dinheiro, mas isso são tretas, Holmesy. Ser pobre não te torna pura ou uma treta qualquer do género. É só uma chatice. Tu não conheces a minha vida. Não te deste ao trabalho de a conhecer, e por isso não tens direito a julgar-me.

– O nome dela é Elena – disse eu em voz baixa.

– Pensas que é duro para ti, e tenho a certeza que é, dentro da tua cabeça, mas... não consegues entender, porque os teus privilégios são só oxigénio para ti. Pensei que o dinheiro, pensei que nos ia tornar iguais. Tenho andado sempre a tentar manter-me a par de ti, a tentar escrever no telemóvel tão depressa como tu no teu portátil, e pensei que nos ia aproximar, mas só me fez sentir... que tu és, tipo, mimada. Tipo, tiveste isto tudo desde sempre, e nem sequer consegues compreender como torna tudo tão mais fácil, porque nunca pensas na vida de mais ninguém.

Sentia que talvez fosse vomitar. Entrámos na autoestrada. Tinha a cabeça às voltas – odiava-me, odiava-a a ela, achava que ela tinha razão e que estava errada, achava que merecia aquilo e que não o merecia.

– Pensas que é fácil para mim?

– Não quero dizer...

Virei-me para ela. – PARA DE FALAR. Meu Deus, não te calas há dez anos. Sinto muito que não seja divertido conviver comigo por eu estar tão metida na minha cabeça, mas imagina o que é estar *de facto* metida na minha cabeça sem maneira de sair, sem ao menos uma pausa, porque isso é a minha vida. Para usar a pequena analogia esperta do Mychal, imagina o que é não comer NADA A NÃO SER mostarda, estar condenada a comer mostarda TODO O TEMPO e se me detestas assim tanto então deixa de me pedir para...

– HOLMESY! – gritou ela, mas demasiado tarde. Olhei para cima só a tempo de ver que tinha continuado a acelerar enquanto a velocidade do trânsito tinha abrandado. Nem sequer consegui pôr o pé no travão antes de esbarrarmos no jipe à nossa frente. Daí a um momento, algo bateu na nossa traseira. Pneus a chiarem. Buzinadelas. Outro choque, esse mais pequeno. E depois silêncio.

Eu estava a tentar recuperar o fôlego, mas não conseguia, porque cada respiração me causava dor.

Praguejei, mas saiu só como um ahhhhggg. Estendi a mão para a porta, mas apercebi-me de que o cinto de segurança ainda estava apertado. Olhei para Daisy, que estava a olhar para mim. – Estás bem? – berrou ela. Apercebi-me de que gemia de cada vez que expirava. Sentia um tinido nos ouvidos. – Estou – respondi. – E tu? – A dor fazia-me sentir estonteada. A escuridão invadia os extremos do meu campo visual. – Acho que sim – disse ela. O mundo afunilou-se num túnel e eu tentava respirar a todo o custo. – Fica no carro, Holmesy. Estás ferida. Tens o teu telemóvel? Temos de telefonar para o serviço de emergência.

O telemóvel. Desapertei o cinto de segurança e abri a porta. Tentei pôr-me de pé, mas a dor fez-me voltar a tombar no assento do *Harold*. Que raio! O *Harold*. Uma senhora com um fato de mulher de negócios acocorou-se até ficar ao nível dos meus olhos. Disse-me para não me mexer, mas eu tinha de me mexer. Ergui-me, e a dor cegou-me por um minutos, mas depois os pontos pretos dispersaram e eu pude ver os estragos.

A mala do *Harold* estava tão amassada como o capô – parecia uma leitura de um sismógrafo, a não ser a parte interior dos passageiros, que estava perfeitamente intacta. Ele nunca me deixava ficar mal, nem mesmo quando eu o deixava ficar mal a ele.

Apoiei-me à parte lateral do *Harold* para ir a cambalear até à mala. Tentei abrir o fecho da mala, mas estava esmagado. Comecei a dar murros na mala, a gritar com cada respiração: – Que raio meu Deus, oh meu Deus, oh meu Deus. Está desfeito. Está desfeito.

– Deves estar a brincar comigo – disse Daisy, aproximando-se da parte traseira do *Harold*. – Estás preocupada com o raio do carro? É um *carro*, Holmesy. Nós quase *morremos*, e tu estás preocupada com o teu *carro*?

Voltei a dar murros na mala até a chapa da matrícula do *Harold* cair, mas não consegui abri-la.

– Estás a *chorar* por causa do *carro*?

Via o fecho; só não conseguia forçá-lo, e, sempre que tentava levantar a mala, a dor nas minhas costelas toldava-me a visão, mas finalmente consegui abrir a mala o suficiente para meter o braço lá dentro. Tateei até encontrar o telemóvel do meu pai. O ecrã estava partido.

Premi a tecla para o ligar, mas sob as ramificações do vidro partido o ecrã só brilhava com um cinzento nublado. Arrastei-me para a porta do lado do condutor e deixei-me cair no assento do *Harold*, com a testa no volante.

Sabia que havia cópias de segurança das fotos, que nada se tinha realmente perdido. Mas era o telemóvel dele, sabem? Ele tinha-o tido nas mãos, falara para dentro dele. Tirara-me fotografias.

Passei o polegar pelo vidro estilhaçado e pus-me a chorar até sentir uma mão no ombro. – Chamo-me Franklin. Esteve envolvida num acidente de automóvel. Sou bombeiro. Tente não se mexer. Já vem uma ambulância a caminho. Como se chama.

– Aza. Não estou ferida.

– Faça-me o favor de manter a calma, Aza. Sabe que dia é hoje?

– É o telemóvel do meu pai – disse eu. – Este é o telemóvel dele, e...

– Este carro é dele? Está preocupada que ele possa ficar furioso? Aza, já faço isto há muito tempo, e posso jurar-lhe que o seu pai não vai ficar zangado consigo. Vai ficar aliviado por a Aza estar bem.

Sentia-me como se estivesse a ser despedaçada por dentro, com a supernova dos meus eus a explodirem e a entrarem em colapso simultaneamente. Sentia dores ao chorar, mas já não chorava há muito tempo, e não queria realmente parar. – Onde lhe dói? – perguntou ele.

Apontei para as costelas do lado direito. Uma senhora aproximou-se e começaram uma conversa sobre o facto de eu precisar ou não de uma maca. Tentei dizer que me sentia estonteada e depois senti que caía, embora não houvesse realmente nenhum sítio para onde cair.

*

Quando recobrei os sentidos, estava a fitar o teto de uma ambulância, amarrada a uma maca, com um homem a segurar uma máscara de oxigénio sobre o meu rosto, as sirenes distantes e ainda com um tinido nos ouvidos. Depois caí de novo, mais e mais para baixo, e depois estava numa cama de hospital num corredor, a ver a minha mãe debruçada sobre mim, com a maquilhagem a pingar dos seus olhos vermelhos. – Minha bebé, oh meu Deus. Querida, estás bem?

– Estou ótima – respondi. – Acho que só fraturei uma costela ou coisa assim. O telemóvel do pai está partido.

– Não faz mal. Temos cópias de tudo. Telefonaram-me e disseram-me que tu estavas ferida, mas não me disseram se estavas... – disse ela, e depois começou a chorar. Caiu nos braços de Daisy, e foi nessa altura que reparei

que ela estava ali, com um vergão vermelho na clavícula.

Virei-lhes as costas e olhei para cima, para a luz fluorescente brilhante acima da minha cama, sentindo as lágrimas quentes no rosto, e por fim a minha mãe disse: – Não te posso perder também a ti.

Veio uma senhora para me levar a fazer uma tomografia e eu fiquei de certo modo aliviada por me afastar da minha mãe e de Daisy durante algum tempo, por não sentir o redemoinho de medo e de culpa por ser um fracasso como filha e como amiga.

– Acidente de automóvel? – perguntou a senhora enquanto me empurrava, passando pela palavra *bondade* caligrafada na parede.

– Foi – respondi.

– Os cintos de segurança magoam, mas salvam vidas – disse ela.

– Pois é. Vou precisar de antibióticos?

– Não sou a tua médica. Ela vem ver-te depois de fazermos o exame.

Puseram qualquer coisa na sonda que me fez sentir como se estivesse a fazer chichi nas cuecas, a seguir passaram-me pelo cilindro da máquina das tomografias e por fim levaram-me de volta aos nervos trémulos da minha mãe. Eu não conseguia deixar de pensar na sua voz emocionada quando me disse que não podia perder-me a mim também. Sentia os nervos dela ao vê-la andar de um lado para o outro no quarto, a enviar uma mensagem à minha tia e ao meu tio no Texas, a expirar profundamente por entre os lábios semicerrados, a limpar a maquilhagem dos olhos com um lenço de papel.

Daisy não dizia grande coisa, para variar. – Não tem mal se quiseses ir para casa – disse-lhe eu a certa altura.

– Tu queres que eu vá para casa? – perguntou.

– É contigo – disse eu. – A sério.

– Então fico – respondeu, e sentou-se em silêncio, a olhar da minha mãe para mim e de mim para a minha mãe.

DEZANOVE

– Tenho boas e más notícias – anunciou uma senhora de bata azul ao entrar no quarto. – A má notícia é que tens uma laceração no fígado. A boa notícia é que é uma laceração ligeira. Ficas sob observação alguns dias para termos a certeza de que a hemorragia não aumenta, e vais-te sentir dorida durante várias semanas, mas vou pôr-te a analgésicos, por isso vais sentir-te melhor. Tens alguma pergunta?

– Ela vai ficar bem? – perguntou a minha mãe.

– Vai. Se a hemorragia se agravar, será necessária uma intervenção cirúrgica, mas, com base no relatório do radiologista, penso que é muito improvável. Em termos de lacerações do fígado, esta é das menos graves. A sua filha teve realmente muita sorte, bem vistas as coisas.

– Ela vai ficar bem – repetiu a minha mãe.

– Como eu disse, vamos mantê-la sob observação por um par de dias, e depois terá de ficar de cama durante cerca de uma semana. Daqui a seis ou oito semanas voltará ao normal.

A minha mãe desfez-se em lágrimas de gratidão enquanto eu dava voltas àquela expressão, *voltar ao normal*. – Preciso de antibióticos? – perguntei.

– Não deves precisar. Se tivéssemos de te operar, sim, mas neste momento, não. – Senti-me percorrida por um estremecimento de alívio. Nada de antibióticos. Nada de risco aumentado de infeção por *C. diff*. Então, só precisava de me pôr a milhas dali.

A médica fez-me perguntas sobre a minha medicação e eu respondi. Ela tomou alguns apontamentos no meu registo e depois disse: – Daqui a pouco virá alguém para te levar lá para cima, e vamos dar-te alguma coisa para as dores antes disso.

– Espere – disse eu. – O que quer dizer com lá para cima?

– Como já disse, vais ter de passar algumas noites aqui para nós podermos...

– Espere, não não não não. Não posso ficar no hospital.

– Querida – disse a minha mãe. – Tem de ser.

– Não, não posso mesmo. Realmente eu... isto é, tipo, o único lugar onde eu não posso de maneira nenhuma ficar esta noite. Por favor. Deixe-nos ir para casa.

– Isso não seria aconselhável.

Oh não. Ouve, não tem mal. A maior parte das pessoas internadas num hospital vão para casa com mais saúde do que quando saíram dela. Quase toda a gente, realmente. As infeções por *C. diff* só são comuns em pacientes na fase pós-cirurgia. Nem sequer vais estar a antibióticos. *Oh não não não não não não não não não.*

*

De todos os lugares onde ir parar ao vórtice que se estreita, logo tinha de ser este, o quarto andar de um hospital em Carmel, no Indiana.

Daisy foi-se embora depois de eu ir para cima, mas a minha mãe ficou, deitada de lado no cadeirão ao lado da minha cama de hospital, de frente para mim.

Sentia a respiração dela naquela noite enquanto ela dormia, de lábios abertos, olhos com a maquilhagem esborratada, fechados, os micróbios dos pulmões dela a flutuarem sobre a minha face. Não podia virar-me de lado porque, mesmo com a medicação, a dor era paralisante, e, como quando virava a cabeça o bafo dela soprava no meu cabelo e mo atirava para o rosto, aguentei aquilo.

Mexeu-se, fixou o olhar no meu. – Estás bem?

– Estou – respondi.

– Tens dores? – Assenti. – Sabes que Sekou Sundiata, num poema, disse que a parte mais importante do corpo não é o coração, os pulmões ou o cérebro. A parte maior e mais importante do corpo é a parte que dói. – A minha mãe pousou a mão no meu pulso e voltou a adormecer.

Embora eu estivesse bastante pedrada com morfina ou lá o que era, não conseguia dormir. Ouvia os apitos nos quartos perto do meu, que não estava propriamente às escuras, e estavam sempre a aparecer estranhos bem-intencionados para extrair sangue do meu corpo e/ou verificar a minha tensão arterial, e, acima de tudo, eu sabia: sabia que a *C. diff* estava a invadir o meu corpo, que andava a flutuar no ar. No telemóvel, li histórias de pacientes que tinham ido para o hospital para uma operação à vesícula ou

por causa de pedras nos rins, e tinham saído de lá destruídos.

O problema da *C. diff* é que existe dentro de toda a gente. Todos a temos, à espreita no nosso corpo; é só que, por vezes, cresce descontroladamente e invade o corpo e começa a atacar-te no interior. Por vezes, simplesmente acontece. Por vezes, acontece porque ingeres a *C. diff* de outra pessoa, que é ligeiramente diferente da tua, e começa a misturar-se com a tua, e *pumba*.

Sentia uns pequenos choques pelos braços e pelas pernas enquanto estes pensamentos fervilhavam no meu cérebro, a tentar descobrir como solucionar aquele problema. O soro apitou. Nem sequer sabia quando tinha mudado o penso rápido no dedo. A *C. diff* tanto dentro de mim como à minha volta. A bactéria podia sobreviver meses fora de um corpo, à espera de um novo hospedeiro. O peso combinado de todos os animais grandes do mundo – seres humanos, vacas, pinguins, tubarões – é de cerca de 1,1 mil milhões de toneladas. O peso combinado das bactérias de todo o mundo é de cerca de 400 mil milhões de toneladas. Elas dominam-nos.

Por alguma razão, comecei a ouvir a canção «Can't Stop Thinking About You» na minha cabeça. Quanto mais pensava naquela canção, mais esquisita ela se tornava. Tipo, o refrão – *can't stop can't stop can't stop thinking about you* – imagina que é de algum modo amoroso ou romântico não ser capaz de desviar os pensamentos de alguém, mas não há nada de romântico ou de bonito no facto de um rapaz pensar em ti como tu pensas na *C. diff*. Não consigo parar de pensar. A tentar encontrar algo sólido a que me agarrar neste mar encapelado de pensamentos. A pintura da espiral. A Daisy odeia-te e tem razão. A língua repleta de micróbios do Davis no teu pescoço. O bafo quente da tua mãe. A bata do hospital colada às tuas costas encharcadas em suor. E lá no mais fundo, um eu a gritar, *tirem-me daqui tirem-me daqui tirem-me daqui por favor faço o que for preciso*, mas os pensamentos continuam a girar, o vórtice que se estreita, a boca do corredor, a estupidez de Ayala, Aza e Holmesy e todos os meus eus irreconciliáveis, o meu egocentrismo, a imundície nas minhas entranhas, *pensa em alguma coisa que não sejas tu sua narcisista nojenta*.

Peguei no telemóvel e enviei uma mensagem a Daisy: *Sinto muito não tenho sido uma boa amiga. Não consigo parar de pensar nisso*.

Ela respondeu imediatamente: *Tudo bem. Como estás?*

Eu: *Eu interessou-me pela tua vida e sinto muito por não o ter*

mostrado.

Daisy: *Holmesy acalma-te está tudo bem lamento que tenhamos discutido vamos fazer as pazes vai ficar tudo bem.*

Eu: *Sinto mesmo muito. Não consigo pensar direito.*

Daisy: *Para de pedir desculpa. Estás pedrada com a medicação para as dores?*

Não respondi, mas não conseguia parar de pensar em Daisy, em Ayala e acima de tudo nos micróbios dentro e fora de mim, e sabia que estava a ser egoísta ao fazer disso uma grande coisa, ao usar as infeções reais por *C. diff* de outras pessoas para me preocupar com a minha infeção hipotética. Era reprovável. Belisquei o dedo com a unha do polegar para confirmar a realidade deste momento, mas não consigo escapar a mim mesma. Não sou capaz de beijar ninguém, não sou capaz de conduzir um carro, não sou capaz de funcionar no mundo real povoado dos sentidos. Como podia fantasiar sequer sobre ir para uma faculdade lá longe, onde se paga uma fortuna para viver em dormitórios de residências universitárias cheias de estranhos, com casas de banho comuns e cafetarias e sem espaços privados onde se pudesse ser maluca à vontade? Ia ter de ficar por aqui na universidade, se alguma vez conseguisse endireitar os meus pensamentos o suficiente para a frequentar. Ia viver na minha casa com a minha mãe, e mais tarde também. Nunca poderia vir a ser um adulto funcional assim; era inconcebível que alguma vez tivesse uma carreira. Em entrevistas de empregos, perguntar-me-iam, *Qual é o seu ponto fraco?* e eu explicaria que, como provavelmente passaria uma boa parte do meu dia de trabalho aterrorizada por pensamentos que sou forçada a pensar, possuída por um demónio sem nome e sem forma, se isso fosse um problema talvez não devessem contratar-me.

Os pensamentos são só um tipo diferente de bactérias, a colonizarem-te. Pensei no eixo informativo sistema digestivo-cérebro. *Talvez tu já tenhas desaparecido. São os prisioneiros que mandam na prisão agora.* Não uma pessoa, mas um enxame. Não uma abelha, mas a colmeia.

Não conseguia suportar a respiração da minha mãe no meu rosto. Tinha as

palmas das mãos transpiradas. Sentia o meu eu a escapar-me. *Sabes como lidar com isto.* – Não te importas de te virar? – murmurei, mas ela só respondeu com a respiração. *Só precisas de te pôr de pé.*

Peguei no telemóvel para enviar uma mensagem a Daisy, mas agora as letras esfumavam-se no ecrã, e o pânico total apoderou-se de mim. Vês o dispensador de desinfetante das mãos na parede perto da porta. *É a única maneira* isso é uma estupidez se resultasse os alcoólicos seriam as pessoas mais saudáveis do mundo *tu só vais desinfetar as mãos e a boca* por favor que raio pensa noutra coisa *levanta-te* DETESTO ESTAR PRESA DENTRO DE TI *tu és eu* não sou nada *tu és nós* não sou nada *queres-te sentir melhor sabes como te sentires melhor* só me vai fazer vomitar *vais ficar limpa* *podes ter a certeza* nunca posso ter a certeza *levanta-te* nem sequer uma pessoa só uma linha de raciocínio profundamente defeituosa *tu queres levantar-te* a médica disse para ficar de cama e a última coisa que quero é ser operada *vais-te levantar e arrastar o suporte do soro* deixa-me sair disto *arrasta o suporte do soro até à parte da frente do quarto* por favor *e vais deitar nas mãos a espuma do desinfetante, limpá-las cuidadosamente, e depois tiras mais espuma para as mãos e pões essa espuma na boca, bochechas à volta dos teus dentes e das tuas gengivas imundas.* Mas aquela coisa tem álcool, que o meu fígado danificado vai ter de processar *QUERES MORRER DE C. DIFF* não mas isto não é racional *ENTÃO LEVANTA-TE E ARRASTA O SUPORTE DO SORO ATÉ AO DISPENSADOR DE DESINFETANTE DAS MÃOS PREGADO AO RAI DA PAREDE SUA IDIOTA.* Por favor deixa-me ir. Faço o que for preciso. Saio de mim. Podes ficar com este corpo. Já não o quero. *Vais-te levantar.* Não vou. Eu sou o meu caminho não a minha vontade. *Vais-te levantar.* Por favor. *Vais até ao dispensador de desinfetante das mãos.* Cogito, ergo non sum. A transpirar *já a tens* nada dói mais do que isto *já a tens* para por favor meu Deus para *nunca te vais ver livre disto* nunca te vais ver livre disto *nunca vais recuperar o teu eu* nunca vais recuperar o teu eu *queres morrer disto* queres morrer disto *porque vais morrer* vais vais vais vais vais.

Levantei-me da cama. Por um momento, julguei que ia desmaiar quando a dor alastrou por mim como uma chama. Agarrei-me ao suporte do soro e dei uns passos arrastados. Ouvi a minha mãe mexer-se. Não quis saber. Premi o dispensador, esfreguei a espuma pelas mãos todas. Premi-o de novo e enfiei uma dose na boca.

– Aza, o que estás a fazer? – perguntou a minha mãe. Eu sentia-me tremendamente embaraçada, mas voltei a fazê-lo, porque tinha de o fazer. – Aza, para!

Ouvi a minha mãe levantar-se e, como sabia que o tempo se estava a esgotar, tirei uma terceira dose de espuma e enfiêi-a na boca, engasgando-me. Percorreu-me um espasmo de náusea e vomitei, com a dor nas costelas a cegar-me, quando a minha mãe me agarrou pelo braço. Havia bílis amarela por toda a minha bata de hospital azul-clara.

Surgiu uma voz vinda de um altifalante algures por trás de mim. – Fala a Enfermeira Wallace.

– A minha filha está a vomitar. Acho que bebeu desinfetante das mãos.

Eu sabia como era repugnante. Sabia. Sabia com toda a certeza. Não estava possuída por um demónio. Eu era o demónio.

VINTE

Na manhã seguinte, acordas numa cama de hospital, a fitar os quadrados do teto. A medo, cuidadosamente, avalias o teu estado de consciência por um momento. Perguntas-te, *Será que acabou?*

– Como a comida do hospital não parecia lá muito boa, fiz-te o pequeno almoço – diz a minha mãe. – *Cheerios*. – Olhas para o teu corpo, que, tapado por um cobertor branco desbotado, parece não ter forma.

Dizes: – Os *Cheerios* não são uma coisa que se faça – e a tua mãe ri-se. Ao fundo da tua cama, numa mesa, vês um enorme ramo de flores, ostensivamente enorme, com uma jarra de cristal. – Do Davis – diz a tua mãe. Mais perto de ti, a pairar por cima do teu corpo sem forma, um tabuleiro com comida. Engoles. Olhas para os *Cheerios*, a flutuarem no leite. Dói-te o corpo. Ocorre-te um pensamento: *Só Deus sabe o que inalaste enquanto estavas a dormir*.

Ainda não acabou.

Ficas ali deitada, nem sequer a pensar realmente, a não ser para tentar decidir como descrever a dor, como se encontrar uma linguagem para ela pudesse fazê-la sair de ti. Se conseguires tornar alguma coisa real, se a puderes ver e cheirar e tocar, poderás matá-la.

Pensas, é como um incêndio no cérebro. Como um roedor a roer-te a partir do interior. Uma faca nas entranhas. Uma espiral. Redemoinho. Buraco negro.

As palavras usadas para o descrever – desespero, medo, ansiedade, obsessão – fazem muito pouco para o comunicar. Talvez tenhamos inventado a metáfora como uma reação à dor. Talvez precisássemos de dar forma à dor opaca, lá do fundo, que evade tanto o sentido como os sentidos.

Por um momento, pensas que estás melhor. Acabaste de ter uma linha de pensamento bem feita, com pontos e nós e tudo. Os teus pensamentos. Da tua autoria. E depois sentes uma vaga de náuseas, um punho a fechar-se dentro do teu tórax, suor frio testa quente *apanhaste-a já está dentro de ti a escorraçar tudo o resto a apoderar-se de ti e vai-te matar e comer-te até*

sair cá para fora e depois, em voz fraca, meio estrangulada pelo horror inefável, mal consegues fazer sair as palavras que precisas de dizer. – Estou metida em trabalhos, mãe. Em grandes trabalhos.

VINTE E UM

O arco da história é assim: depois de mergulhar numa loucura a sério, começo a estabelecer as ligações que deslindam o caso há muito adormecido do desaparecimento de Russell Pickett. A minha obsessividade obstinada leva-me a ignorar todo o tipo de ameaças, e o risco para a fortuna que a Daisy e eu recebemos por sorte. Concentro-me só no mistério, e acolho a crença de que solucioná-lo é o Bem mais importante, de que as frases declarativas são inerentemente melhores do que as interrogativas e, ao encontrar a resposta apesar da minha loucura, encontro simultaneamente uma maneira de viver com a loucura. Torno-me uma grande detetive, não apesar do circuito do meu cérebro, mas por causa dele.

Não sei ao certo com quem avanço para o pôr do sol na história propriamente dita, se com Davis ou Daisy, mas avanço. Veem-me em contraluz, um eclipse em silhueta à luz com oito minutos de idade da estrela que nos guia, de mãos dadas com alguém.

E ao longo do caminho compreendo que tenho controlo sobre mim mesma, que os meus pensamentos são – como a doutora Singh gostava de dizer – só pensamentos. Compreendo que a minha vida é uma história que estou a contar, e que sou livre e tenho poder e sou a capitã da minha consciência e ...pois... não. Não foi assim que se passou.

Não me tornei obstinada nem declarativa, nem avancei para o pôr do sol – de facto, durante algum tempo, quase não vi a luz do dia.

O que aconteceu foi de uma monotonia incessante e insuportável: fiquei deitada numa cama de hospital com *dores*. Doíam-me as costelas, doía-me o cérebro, doíam-me os pensamentos e só me deixaram ir para casa ao fim de oito dias.

Ao princípio, pensaram que eu era alcoólica – que tinha recorrido ao desinfetante das mãos porque estava desesperada por uma bebida. A verdade era tão mais esquisita e irracional que ninguém pareceu realmente acreditar até a doutora Singh ser contactada. Quando ela chegou ao hospital, puxou uma cadeira para junto da minha cama. – Aconteceram duas coisas –

disse. – Primeiro, não estás a tomar a medicação como devias.

Disse-lhe que a tinha tomado quase todos os dias, o que me dava *a sensação* de ser verdade, mas não era. – Sentia que me estava a deixar pior – acabei por confessar.

– Aza, tu és uma jovem inteligente. Com certeza não pensas que beber desinfetante das mãos enquanto estás hospitalizada com uma laceração no fígado sinaliza um avanço na tua saúde mental. – Limitei-me a fitá-la. – Como tenho a certeza que te explicaram, beber desinfetante das mãos é *perigoso*, não só por causa do álcool, mas também porque contém químicos que, quando ingeridos, te podem *matar*. Por isso, não vamos avançar com a ideia de que os medicamentos que paraste de tomar estavam a deixar-te pior. – Disse aquilo tudo com tanta convicção que eu me limitei a acenar com a cabeça.

– E a segunda coisa que aconteceu é que tiveste um traumatismo grave no acidente, o que afetaria psicologicamente qualquer pessoa. – Continuei a fitá-la. – Precisamos de te dar uma medicação diferente, uma medicação que resulte melhor para ti, que possas tolerar, e que tomes.

– Nenhuma delas resulta.

– Nenhuma delas resultou *ainda* – corrigiu ela.

*

A doutora Singh vinha visitar-me todas as manhãs e à tarde outro médico vinha ver-me para avaliar o estado do meu fígado. Ambos eram um alívio, quanto mais não fosse porque a minha onnipresente mãe era forçada a sair momentaneamente do quarto.

No último dia, a doutora Singh sentou-se ao lado da minha cama e pôs-me a mão no ombro. Nunca me tinha tocado. – Reconheço que, provavelmente, o contexto hospitalar não foi o melhor para o teu problema de ansiedade.

– Pois – disse eu.

– Sentes que constituís uma ameaça para ti mesma?

– Não – respondi. – Só estou mesmo muito assustada e cheia de invasivos.

– Consumiste desinfetante das mãos ontem?

– Não.

– Eu não estou aqui para te julgar, Aza. Mas só te posso ajudar se estiveres a dizer a verdade.

– Estou a dizer a verdade. Não consumi. – Para começar, tinham tirado o dispensador da parede no meu quarto.

– Pensaste em fazê-lo?

– Pensei.

– Não tens de ter medo desse pensamento. Os pensamentos não são ações.

– Não consigo deixar de pensar que posso apanhar *C. diff*. Só quero ter a certeza de que não vou...

– Beber desinfetante das mãos não vai ajudar.

– Mas o que *vai* ajudar?

– O tempo. O tratamento. Tomares a medicação.

– Sinto que um nó se está a apertar à minha volta e quero sair, mas debater-me só faz com que o nó fique ainda mais apertado. A espiral continua a estreitar-se, sabe?

Ela olhou-me bem nos olhos. Pensei que ia chorar, ou coisa do género, pela maneira como estava a olhar para mim. – Aza, tu vais sobreviver a isto.

*

Mesmo depois de me deixarem ir para casa, a doutora Singh continuou a visitar-me duas vezes por semana para verificar a evolução do meu estado. Eu tinha mudado para uma medicação diferente, que a minha mãe se assegurava de que eu tomava todas as manhãs, e não tinha autorização para me levantar da cama a não ser para ir à casa de banho, para não voltar a causar uma laceração no fígado.

Estive sem ir à escola duas semanas. Catorze dias da minha vida reduzidos a uma frase, porque não sei descrever nada do que aconteceu durante esses dias. Sentia dores o tempo todo, de uma maneira a que a linguagem não podia fazer justiça. Era um tédio. Era previsível. Como andar num labirinto que sabes que não tem solução. É bastante fácil dizer como era, mas impossível dizer o que era.

Tanto Daisy como Davis tentaram visitar-me, mas eu queria estar só, na cama. Não lia nem via televisão; nem uma coisa nem a outra conseguiriam distrair-me. Limitei-me a ficar deitada, quase catatónica, com a minha mãe a pairar sempre por perto, a quebrar o silêncio de longe a longe com uma

pergunta formulada como uma afirmação. Cada dia é um pouco melhor. Estás-te a sentir bem. Estás a melhorar. A inquisição das declarações.

Nem sequer liguei o telemóvel durante algum tempo, uma decisão que a doutora Singh aprovou. Quando finalmente o fiz, senti um medo insolúvel. Ao mesmo tempo, queria e não queria encontrar muitas mensagens.

Afinal tinha mais de trinta – não só de Daisy e de Davis, embora eles também me tivessem escrito, mas também de Mychal e de outros amigos, e até de alguns professores.

*

Regressei às aulas numa manhã de segunda-feira do princípio de dezembro. Não tinha a certeza se a nova medicação estava a resultar, mas também não andava a perguntar-me se deveria tomá-la. Sentia-me pronta, como se tivesse regressado ao mundo – embora não o meu velho eu, eu mesma no entanto.

A minha mãe levou-me à escola. O *Harold* ficara desfeito, e, de qualquer maneira, eu tinha demasiado medo de conduzir.

– Estás entusiasmada ou nervosa? – perguntou-me a minha mãe. Conduzia com ambas as mãos no volante, a formarem um ângulo agudo.

– Nervosa – respondi.

– Os teus professores, os teus amigos, todos eles compreendem, Aza. Só querem que fiques bem e vão-te apoiar cem por cento, e, se não o fizerem, eu dou cabo deles.

Sorri um pouco. – Toda a gente sabe, é só isso. Que eu fiquei maluca ou coisa do género.

– Oh, minha doçura – disse ela. – Não *ficaste* maluca. Tu sempre foste maluca. – Ri-me, e ela estendeu a mão para me apertar o pulso.

Daisy estava à espera nos degraus da frente. A minha mãe parou o carro e eu saí, com o peso da mochila contra as costelas ainda a custar-me. Estava um dia frio, mas o sol brilhava, embora tivesse acabado de nascer, e eu pestanejei para evitar a luz. Já há muitos dias que não passava muito tempo ao ar livre.

Daisy parecia diferente. Com o rosto mais radiante. Demorei um segundo a aperceber-me de que tinha cortado o cabelo, um corte à pajem que lhe ficava mesmo bem.

– Posso-te dar um abraço sem te lacerar o fígado?

– Gosto do teu novo corte de cabelo – disse eu enquanto nos abraçávamos.

– És uma querida, mas ambas sabemos que é um desastre.

– Ouve – disse eu. – Sinto mesmo muito.

– Eu também, mas nós perdoámos uma à outra e agora vamos viver felizes para sempre.

– Mas a sério – disse eu. – Sinto-me mesmo mal com...

– Eu também – disse ela. – Tens de ler a minha nova história, pá. É um pedido de desculpa com quinze mil palavras passado numa Jedha pós-apocalíptica. O que eu te quero dizer, Holmesy, é que, sim, tu és muito cansativa, e sim, ser tua amiga dá trabalho. Mas és também a pessoa mais fascinante que eu já conheci e não és como mostarda. És como piza, que é o maior elogio que eu posso fazer a uma pessoa.

– Sinto mesmo muito, Daisy, por não ser...

– Meu Deus, Holmesy, és mesmo capaz de guardar rancor a ti mesma. Tu és a minha pessoa favorita. Quero ser sepultada ao teu lado. Vamos ter uma lápide só para as duas. Vai ter escrito «Holmesy e Daisy: Fizeram tudo juntas, menos sexo.» Seja como for, como é que tu estás? – Encolhi os ombros. – Queres que eu continue a falar? – Acenei que sim com a cabeça.

– Sabes como as pessoas às vezes dizem, tipo, oh, *ela realmente adora o som da própria voz*? Eu adoro mesmo o som da minha voz. Tenho voz para a rádio. – Virou-se e começou a subir as escadas para se pôr na fila para os detetores de metais. – Por isso, sei o que te estás a perguntar: Daisy, ainda andas com o Mychal? Onde está o teu carro? O que aconteceu ao teu cabelo? As respostas são não, vendi-o e um corte tornou-se necessário depois de a Elena colar intencionalmente três pedaços de pastilha elástica ao meu cabelo enquanto eu estava a dormir. Foram duas semanas muito longas, Holmesy. Queres pormenores?

Acenei que sim com a cabeça.

– Com prazer – respondeu enquanto passávamos pelos detetores de metais. – Então, com o Mychal realmente resumiu-se à minha necessidade de ser jovem e rebelde e livre... tipo, tive aquela experiência de quase morte e pensei, *Quero realmente desperdiçar a minha juventude num Relacionamento com erre maiúsculo*? E então eu disse, tipo, «Vamos sair com outras pessoas,» e ele, tipo, «Não,» e eu, tipo, «Por favor,» e ele, tipo,

«Quero estar numa relação monógama,» e eu, tipo, «Eu simplesmente não quero o peso desta, tipo, Coisa a dominar a minha vida,» e ele, tipo, «Eu não sou uma coisa,» e depois acabámos. Acho que tecnicamente foi ele quem acabou comigo, mas foi uma daquelas coisas em que seria preciso, tipo, um painel de três jurados para determinar de quem foi tecnicamente a culpa.

«Seja como for, depois com o carro, afinal é bastante caro ter carro e afinal podem fazer-te mal, por isso fui reembolsada porque o tive durante menos de sessenta dias, e agora vou andar de Uber para todo o lado para o resto da vida, porque assim é como se tivesse todos os carros, e também, como pessoa rica, mereço ter motorista. Queres que continue?»

Tínhamos chegado ao meu cacifo e fiquei surpreendida por ainda me lembrar do código para o abrir. Havia imensos corpos humanos à minha volta. De certa maneira, não conseguia acreditar. Abri o meu cacifo. Não tinha feito nenhuns trabalhos de casa. Estava atrasada em tudo. O corredor estava tão ruidoso, tão cheio de pessoas. – Continua – disse.

– Sem problema. Posso fazer isto *o dia todo*. Essa é outra das razões porque estamos destinadas a ficar juntas; tu és muito boa a não falar. Então, com a Elena, ela colou pastilha elástica ao meu cabelo de propósito enquanto eu estava a dormir e na manhã seguinte eu, tipo, «Porque é que tenho pastilha elástica no cabelo?» e ela, tipo, «Ah, ah!» Eu, tipo, «Elena, tu não compreendes o que é o humor. Não é engraçado simplesmente tornar pior a vida de alguém. Tipo, se eu te partisse a perna, isso seria engraçado?» E ela, tipo, «Ah, ah!» Por isso, fiz este corte todo chique, e acredita, paguei-o com dinheiro da conta-poupança para a universidade da Elena. A propósito, os meus pais obrigaram-me a abrir uma conta-poupança para a universidade da Elena.

«Quanto a outras notícias, como a coisa toda do Mychal tornou a nossa mesa do almoço um pouco embaraçosa, vamos fazer um piquenique cá fora só nós as duas. Sei que está *ligeiramente* frio, mas acredita, sentarmo-nos ao lado do Mychal na cantina é muito mais frio. Estás pronta para ir para Biologia agora mesmo e simplesmente assassinar aquilo? Tipo, daqui a quarenta e sete minutos, o cadáver morto e esvaído da disciplina de Biologia estará prostrado aos teus pés. Meu Deus, aconteceu tanta coisa desde que perdeste a cabeça. É mal educado dizer isto?»

– De facto, o problema é que *não consigo* perder a cabeça – respondi. – É

inescapável.

– É exatamente assim que eu me sinto em relação à minha virgindade – disse Daisy. – Mais uma razão para o Mychal e eu estarmos condenados... ele não quer fazer sexo a não ser que esteja *in love*, e sim, eu sei que a virgindade é uma convenção social misógina e opressiva, mas mesmo assim quero perdê-la, e entretanto tenho este rapaz a suspirar e a revirar os olhos como se estivéssemos num romance da Jane Austen. Quem me dera que os rapazes não tivessem estes sentimentos todos que eu tenho de gerir como o raio de uma psiquiatra. – Daisy acompanhou-me até à porta da minha sala de aulas, abriu-a e depois acompanhou-me até à minha secretária. Sentei-me. – Sabes que te adoro, certo? – Acenei que sim com a cabeça. – Toda a minha vida pensei que era a estrela de um filme romântico supermeloso e afinal estava mas era numa comédia sobre duas amigas. Tenho de ir para Cálculo. Gostei de te ver, Holmesy.

*

Daisy tinha trazido piza do dia anterior para o nosso piquenique e sentámo-nos à sombra do carvalho grande da escola, a meio caminho do campo de futebol. Eu estava enregelada, e ambas trazíamos vestidos os casacos de inverno, com o capuz posto, e sentia as minhas calças de ganga duras no chão gelado.

Como não tinha luvas, encolhi as mãos para dentro das mangas. Não estava tempo para um piquenique.

– Tenho andado a pensar bastante sobre o Pickett – disse Daisy.

– Sim?

– Sim, só... na tua ausência, andei sempre a pensar em como é esquisito deixar assim os filhos, sem sequer se despedir. Quase tive pena dele, para ser franca. Tipo, qual é o problema dele para nem sequer comprar um telemóvel descartável algures e mandar mensagem aos filhos a dizer-lhes que está bem?

Eu tinha mais pena do menino de treze anos que acorda todas as manhãs a pensar que hoje talvez seja o dia. E depois joga videojogos todas as noites para tentar esquecer a dor surda de saber que o pai não confia nele nem gosta dele o suficiente para entrar em contacto, o pai que privilegiou uma tuatara na sua herança. – Tenho mais pena do Noah do que do Pickett –

disse eu.

– Sempre sentiste empatia por esse miúdo – disse ela. – Mesmo quando não consegues senti-la pela tua melhor amiga. – Disparei-lhe um olhar e ela riu-se, mas eu sabia que não estava a brincar.

– Então, o que é que os teus pais fazem afinal? – perguntei.

Daisy riu-se outra vez. – O meu pai trabalha no Museu Estatal. É segurança lá. Gosta, porque se interessa imenso pela história do Indiana, mas a maior parte do tempo só tem de se assegurar de que ninguém toca nos ossos do mastodonte ou lá o que é. A minha mãe trabalha numa lavandaria em Broad Ripple.

– Já lhes falaste do dinheiro?

– Já. Foi por isso que a Elena conseguiu aquela conta-poupança para a universidade. Fizeram-me depositar lá dez mil dólares. O meu pai disse, tipo, «A Elena faria o mesmo por ti se recebesse dinheiro.» O raio é que faria.

– Não ficaram zangados?

– Por eu ter chegado a casa um dia com cinquenta mil dólares? Não, Holmesy, não ficaram zangados.

Dentro da manga do casaco, sentia alguma coisa a escorrer do meu dedo médio. Teria de mudar o penso antes da aula de História, teria de passar por todo aquele ritual irritante. Mas por agora agradava-me estar ao lado de Daisy. Agradava-me ver o meu bafo quente no ar frio.

– Como é que está o Davis? – perguntou ela.

– Ainda não falei com ele – respondi. – Ainda não falei com ninguém.

– Então foi bastante mau.

– Foi – disse eu.

– Sinto muito.

– É, a culpa não é tua.

– Pensaste... pensas em matar-te?

– Pensei em não querer mais ficar assim.

– Ainda andas a...

– Não sei. – Expirei lenta e profundamente e vi o vapor desaparecer no ar de inverno. – Penso que talvez eu seja como o rio White. Não navegável.

– Mas a questão não é essa, Holmesy. A questão é que, de qualquer maneira, construíram a cidade, sabes? Trabalha-se com o que se tem. Tinham este rio da treta, e conseguiram construir uma cidade razoável à

volta dele. Talvez não seja uma grande cidade. Mas não é nada má. Tu não és o rio. És a cidade.

– Então, não sou nada má?

– Correto. És decididamente um Bom-mais. Se consegues construir uma cidade Bom-mais com uma geografia Suficiente-menos, isso é bastante bom.

Ri-me. Ao meu lado, Daisy deitou-se e fez-me sinal para que me deitasse junto a ela. Pusemo-nos a olhar para cima, com as cabeças perto do tronco daquele carvalho solitário, o céu de um cinza de fumo acima de nós, por entre o nevoeiro do nosso bafo, e os ramos sem folhas a cruzá-lo.

Não sei se alguma vez tinha falado disso a Daisy – se ela se deitou naquele preciso momento porque sabia o quanto eu gostava de ver o céu retalhado. Pensei em como os ramos que estavam longe uns dos outros mesmo assim se intersetavam aos meus olhos, como as estrelas da Cassiopeia estavam longe umas das outras, mas, de algum modo, perto de mim.

– Quem me dera compreender – disse ela.

– Não faz mal – disse eu. – Ninguém compreende os outros, não na verdade. Estamos todos presos dentro de nós.

– Tu simplesmente, tipo, detestas-te a ti própria? Detestas ser tu?

– Não há um eu para detestar. É, tipo, quando olho para dentro de mim mesma não há um *eu* de facto, só uma data de pensamentos e comportamentos e circunstâncias. E muitos deles não me dão a sensação de serem meus. Não são coisas que eu queria pensar ou fazer ou lá o que for. E quando procuro, tipo, o meu Verdadeiro Eu, nunca o encontro. É como aquelas bonecas encaixadas umas nas outras, sabes? As que são ocas, e depois quando as abres há uma boneca mais pequena dentro e continuas a abrir bonecas ocas até por fim chegares à mais pequena, que é toda sólida. Mas no meu caso, não penso que haja uma que seja sólida. Só ficam cada vez mais pequenas.

– Isso recorda-me uma história que a minha mãe conta – disse Daisy.

– Que história?

Ouvia-lhe os dentes a baterem de frio enquanto falava, mas nem uma nem a outra queríamos parar de olhar para o céu retalhado. – OK, então, há um cientista que está a dar uma palestra a uma enorme assistência sobre a história da Terra, e explica que a Terra foi formada há milhares de milhões

de anos a partir de uma nuvem de poeira cósmica, e depois durante algum tempo a Terra manteve-se muito quente, mas depois arrefeceu o suficiente para se formarem oceanos. E a vida unicelular apareceu nos oceanos, e depois, ao longo de milhares de milhões de anos, a vida tornou-se mais abundante e complexa, até que há cerca de duzentos e cinquenta mil anos os seres humanos começaram a desenvolver-se e nós começámos a usar ferramentas mais avançadas e por fim construímos naves espaciais e tudo.

«Então, ele faz esta palestra toda sobre a história da Terra e a vida nela e depois no fim pergunta se há questões. Uma senhora de idade na parte de trás do auditório levanta a mão e diz, ‘Isso está tudo muito bem, Sr. Cientista, mas a verdade é que a Terra é uma superfície plana pousada nas costas de uma tartaruga gigante.’

«O cientista decide divertir-se um pouco à custa da senhora e diz, ‘Bem, mas se é assim, em que é que a tartaruga gigante está pousada?’

«E a senhora diz, ‘Está pousada em cima da carapaça de outra tartaruga gigante.’

«E agora o cientista começa a sentir-se frustrado, e pergunta, ‘Bem, então em que é que *essa* tartaruga gigante está pousada?’

«E a senhora de idade diz, ‘Meu senhor, não está a compreender. São tartarugas até ao infinito.’»

Ri-me. – São tartarugas até ao infinito.

– São mesmo tartarugas até ao infinito, Holmesy. Tu estás a tentar encontrar a tartaruga no fundo do monte de tartarugas, mas não é assim que funciona.

– Porque são tartarugas até ao infinito – disse eu outra vez, sentindo algo semelhante a uma revelação espiritual.

*

Parei na sala de aulas da minha mãe nos últimos minutos do intervalo para o almoço. Fechei a porta atrás de mim e sentei-me a uma secretária diante dela. Lancei um olhar ao relógio na parede. 1h08. Tinha seis minutos. Não queria mais.

– Olá – disse.

– O primeiro dia de regresso às aulas está a correr bem? – Assoou-se a um lenço de papel. Andava constipada, mas gastara os dias de baixa a olhar por

mim.

– Está – respondi. – Ouve, o Davis deu-me algum dinheiro. Muito dinheiro. Cerca de cinquenta mil dólares. Não o gastei nem nada. Vou poupá-lo para ir para a universidade. – O rosto dela contraiu-se. – Foi um presente – disse eu outra vez.

– Quando? – perguntou ela.

– Hum, há uns dois meses.

– Isso não é um presente. Um colar é um presente. Cinquenta mil dólares é... não é um presente. Se fosse a ti, devolvia esse dinheiro ao Davis – disse ela. – Não queres sentir-te endividada para com ele.

– Mas eu não sou tu – disse eu. – E não me sinto endividada.

Daí a um segundo, ela disse: – Isso é verdade. Não és. – Esperei que ela dissesse algo mais, que me explicasse porque é que eu estava errada ao ficar com o dinheiro.

Por fim, ela disse: – A tua vida é tua, Aza, mas penso que se considerares a tua saúde mental nos últimos dois meses...

– Não foi o dinheiro que causou isso. Eu já estou doente há muito tempo.

– Mas não assim. Eu preciso que tu fiques boa, Aza. Não posso perder...

– Meu Deus, mãe, por favor para de dizer isso. Sei que não estás a tentar fazer-me sentir sob pressão, mas dá a sensação de que te estou a *magoar*, de que te estou a atacar ou coisa do género, e faz-me sentir dez mil vezes pior. Eu estou a esforçar-me ao máximo, mas não consigo manter-me mentalmente sã só por ti, compreendes?

Daí a um minuto ela disse: – No dia em que vieste para casa depois do acidente, levei-te ao colo para a casa de banho e voltei a levar-te ao colo para a cama e aconcheguei-te a roupa e apercebi-me de que, provavelmente, nunca mais andarei outra vez contigo ao colo. Tens razão. Ando sempre a dizer que não te posso perder, mas vou perder-te. Estou a perder-te. E é um pensamento duro. É um pensamento mesmo, mesmo duro. Mas tens razão. Tu não és eu. Tu fazes as tuas próprias opções. E se estás a poupar para os teus estudos, a tomar decisões responsáveis, bem, então, eu... – Não acabou a frase, porque soou o toque lá do alto.

– OK – disse eu.

– Adoro-te, Aza.

– Eu também te adoro, mãe. – Queria dizer mais alguma coisa, encontrar uma maneira de exprimir os polos magnéticos do meu amor pela minha

mãe: *obrigada sinto muito obrigada sinto muito*. Mas não fui capaz de o dizer e, de qualquer maneira, já tinha tocado.

*

Antes de chegar à aula de História, Mychal aproximou-se de mim. – Olá, como vai isso? – perguntou.

– Eu estou bem, e tu?

– A Daisy e eu acabámos.

– Já ouvi dizer.

– Sinto-me, tipo, destroçado.

– Sinto muito.

– E ela nem sequer parece afetada por isto, o que só me faz sentir patético. Ela acha que eu devia ultrapassar, mas tudo me recorda dela, Holmesy, e vê-la a ignorar-me, a não aparecer para almoçar, isso tudo... tu podias, hum, podias falar com ela por mim?

Nesse momento, avistei Daisy a meio do corredor apinhado de alunos, de cabeça baixa. – Daisy! – berrei. Como ela continuou a andar, eu berrei outra vez, ainda mais alto. Ela olhou para cima e abriu caminho até nós por entre a multidão.

Empurrei-os um para o outro. – Ambos conseguem falar-me um sobre o outro, mas não conseguem falar um com o outro sobre vocês. E vão resolver essa coisa, porque isto é irritante. Certo? Certo. Tenho de ir para História.

Daisy enviou-me uma mensagem durante a aula. *Obrigada por aquilo. Decidimos ser só amigos*.

Eu: *Fixe*.

Ela: *Mas o tipo de amigos que se beijam logo a seguir a decidirem ser só amigos*.

Eu: *Tenho a certeza de que vai resultar lindamente*.

Ela: *Tudo resulta sempre*.

Como tinha o telemóvel na mão e, de qualquer maneira, estávamos a ver um vídeo na aula, decidi enviar uma mensagem a Davis. *Desculpa não*

responder durante tanto tempo. Olá. Tenho saudades tuas.

Ele respondeu imediatamente. *Quando posso ver-te?*

Eu: *Amanhã?*

Ele: *Às sete no Applebee's?*

Eu: *Parece-me bem.*

VINTE E DOIS

Pensei que não teria problemas em conduzir o *Toyota Camry* prateado da minha mãe até ao Applebee's nessa noite, mas não consegui afastar a recordação do acidente. Parecia-me surreal e milagroso que tantos carros pudessem passar uns pelos outros sem colidirem e tive a certeza de que cada par de faróis a dirigir-se para mim inevitavelmente se atravessaria no meu caminho. Recordei o som de esmagamento da morte do *Harold*, o silêncio que se seguiu, a dor agonizante que senti nas costelas. Pensei em como a parte maior é a parte que dói, no telemóvel do meu pai, perdido para sempre. Tentei permitir-me ter esses pensamentos, porque negá-los era permitir que eles tomassem o controlo. Resultou mais ou menos – como tudo o resto.

Cheguei quinze minutos mais cedo ao Applebee's. Davis já lá estava e abraçou-me à entrada antes de nos sentarmos. Surgiu-me um pensamento na mente, inegável como o sol num céu límpido: *Ele vai querer pôr as bactérias dele na tua boca.*

– Olá – disse eu.

– Tive saudades tuas – disse ele.

Depois da viagem de carro de esfrangalhar os nervos, o meu cérebro estava a acelerar a fundo. Disse a mim mesma que ter um pensamento não era perigoso, que os pensamentos não são atos, que os pensamentos são só pensamentos.

A doutora Karen Singh gostava de dizer que um pensamento indesejado era como um carro a passar por ti quando estás parada na berma da estrada, e eu disse a mim mesma que não tinha de me meter nesse carro, que o meu momento de escolha não consistia em ter ou não o pensamento, mas em ser levada por ele.

E depois meti-me no carro.

Sentei-me à mesa e, em vez de se sentar em frente a mim, ele sentou-se ao meu lado, com a anca contra a minha. – Falei com a tua mãe algumas vezes – disse. – Acho que ela está a começar a aceitar-me.

Que importa se ele quer meter as bactérias dele na minha boca. Beijar é agradável. Beijar dá uma sensação boa. Eu quero beijá-lo. *Mas não queres apanhar a bactéria Campylo.* E não apanho. *Vais ficar doente semanas a fio. Talvez tenhas de tomar antibióticos.* Para. *E depois apanhas C. diff. Ou apanhas Epstein-Barr da bactéria Campylo.* Para. *Isso pode paralisar-te, tudo por o beijares quando nem sequer querias mesmo, porque é nojento como tudo, meter a língua na boca de outra pessoa.* – Estás cá? – perguntou ele.

– O quê, sim – disse eu.

– Perguntei como é que te estavas a sentir.

– Bem – disse eu. – Francamente, não muito bem neste momento, mas bem, em geral.

– Porque é que não te estás a sentir bem neste momento?

– Não te importas de te sentar em frente a mim?

– Hum, sim, claro. – Ele levantou-se e passou para o outro lado da mesa, o que me fez sentir melhor. Por um momento, pelo menos.

– Não consigo fazer isto – disse eu.

– Não consegues fazer o quê?

– Isto – respondi. – Não consigo, Davis. Não sei se alguma vez conseguirei. Tipo, eu sei que estás à espera que eu fique melhor, e realmente agradeço as tuas mensagens todas e tudo. É... é... incrivelmente querido, mas, tipo, isto, provavelmente, é o que ficar melhor significa para mim.

– Eu gosto desse tu.

– Não, não gostas. Queres curtir e sentar-te do mesmo lado da mesa e fazer outras coisas que são normais entre namorados. Porque é claro que queres.

Ele não disse nada por um minuto. – Talvez simplesmente não me aches atraente?

– Não é isso – respondi.

– Mas talvez seja.

– Não é. Não é que não queira beijar-te ou que não goste de beijar ou coisa do género. Eu... o meu cérebro diz que beijar é uma das várias coisas que vai, tipo, matar-me. Tipo, matar-me mesmo. Mas nem sequer tem a ver com *morrer*, realmente – tipo, se eu soubesse que estava a morrer e te desse um beijo de despedida, literalmente o meu último pensamento não seria sobre o facto de estar a morrer; seria sobre os oitenta milhões de micróbios

que tínhamos acabado de trocar. Sei que quando me tocaste agora mesmo, isso não me provocou uma doença, ou que provavelmente não me provocou. Meu Deus, nem sequer sou capaz de dizer que *decididamente* não me provocou uma doença, porque tenho tanto medo que isso tenha acontecido. Nem sequer consigo chamar-lhe mais nada a não ser *isso*, sabes? Simplesmente não consigo.

Via que estava a magoá-lo. Via-o na maneira como ele estava sempre a piscar os olhos. Via que ele não compreendia, que não conseguia compreender. Não lhe levava a mal. Não fazia sentido nenhum. Eu era uma história com um enredo cheio de buracos.

– Isso soa mesmo assustador – disse ele. Eu limitei-me a acenar com a cabeça. – Sentes que estás a ficar melhor? – Todos queriam que eu lhes contasse essa história, da escuridão para a luz, da fraqueza para a força, de quebrada para inteira. Eu também o queria.

– Talvez – respondi. – Honestamente, sinto-me mesmo muito frágil. Sinto-me como se os meus pedaços tivessem sido colados com fita-cola.

– Conheço essa sensação.

– Como é que tu estás? – perguntei.

Encolheu os ombros.

– Como é que está o Noah? – perguntei.

– Nada bem.

– Hum, dá-me pormenores – pedi.

– O Noah sente a falta do pai. É como se ele fosse duas pessoas, quase: há o maninho em miniatura que bebe *vodka* de má qualidade e é o rei do seu pequeno gangue de pseudo-mauzões do oitavo ano. E depois o rapazinho que se vem meter na minha cama em algumas noites e chora. É quase como se o Noah pensasse que se fizer disparates suficientes o meu pai vai ser forçado a aparecer.

– Está destroçado – disse eu.

– Sim, bem. Não estamos todos? É... eu realmente não quero falar sobre a minha vida, se não te importas. – Ocorreu-me a ideia de que, provavelmente, Davis gostava daquilo que enfurecia Daisy – do facto de eu não fazer muitas perguntas. Todas as outras pessoas tinham uma curiosidade muito persistente sobre a vida do rapaz bilionário, mas eu tinha sempre estado demasiado presa dentro de mim para o interrogar.

Aos poucos, a conversa foi perdendo o fôlego. Começámos a falar um

com o outro como pessoas que costumavam ser íntimas – a pôr-nos a par das nossas vidas em vez de as vivermos juntas. Quando ele pagou a conta, eu sabia que já não éramos o que quer que tivéssemos sido.

Mesmo assim, depois de chegar a casa e de me meter na cama, enviei-lhe uma mensagem. *Estás por aí?*

Tu não podes fazer isto de outra maneira, respondeu ele. *E eu não posso fazê-lo desta maneira.*

Eu: *Porquê?*

Ele: *Faz-me sentir que só gostas de mim à distância. Eu preciso que gostem de mim ao perto.*

Comecei a escrever e a apagar, a escrever e a apagar. Acabei por não responder.

*

No dia seguinte, na escola, ia a atravessar a cantina em direção à nossa mesa do almoço quando Daisy veio ter comigo. – Holmesy, temos de falar em particular. – Fez-me sentar a uma mesa quase vazia, a alguns lugares de distância de uns alunos do nono ano.

– Voltaste a acabar com o Mychal?

– Não, claro que não. A vantagem de sermos Só Amigos é que *não podemos* acabar. Sinto que descobri o segredo do universo com esta coisa do Só Amigos. Mas não, nós vamos partir para uma aventura.

– Vamos?

– Sentes que recuperaste o suficiente para, por exemplo, te enfiar debaixo da cidade de Indianápolis para assistir a uma exposição de arte de guerrilha?

– Uma quê?

– OK, lembras-te de como eu tive aquela ideia para o Mychal fazer aquelas montagens fotográficas de prisioneiros ilibados?

– Bem, foi principalmente uma ideia d...

– Não nos percamos com os pormenores, Holmesy. A questão é que ele fez o trabalho e apresentou-o a um coletivo artístico superfixe chamado

Known City, e eles vão expô-lo numa exposição de uma só noite que vão fazer na sexta à noite chamada Arte Subterrânea, onde transformam uma parte do túnel do rio Pogue, o Pogue's Run³, numa galeria de arte. – O Pogue's Run era o túnel que desembocava no rio White que a empresa de Pickett tinha sido contratada para expandir, sem nunca ter terminado o trabalho. Parecia um local estranho para uma exposição.

– Não me apetece realmente passar a sexta-feira à noite numa galeria de arte ilegal.

– Não é *ilegal*. Eles têm autorização. É só supersubterrâneo. Tipo, literalmente subterrâneo. – Contraí o rosto. – É a coisa mais fixe que alguma vez aconteceu em Indianápolis, e o meu Só Amigo vai ter obras de arte *na exposição*. Obviamente, não te sintas obrigada a ir, mas... aparece lá sem falta.

– Não quero ser pau de cabeleira.

– Vou estar nervosa e rodeada por pessoas mais fixas do que eu e gostaria realmente que a minha melhor amiga lá estivesse.

Abri o saco de plástico com fecho hermético em que trazia a sanduíche de manteiga de amendoim e mel e dei uma dentada.

– Estás a pensar nisso – disse ela, com excitação na voz.

– Estou a pensar nisso – admiti. E depois de engolir o pão, disse: – Está bem, vamos a isso.

– Sim! Sim! Vamos buscar-te às seis e um quarto na sexta; vai ser incrível.

A maneira como ela me sorria fez com que fosse impossível não lhe devolver o sorriso. Em voz baixa, sem sequer saber ao certo se ela conseguia ouvir-me, disse: – Adoro-te, Daisy. Sei que andas sempre a dizer-me isso e que eu nunca o digo, mas é verdade. Adoro-te.

– Ah, porra. Não te ponhas toda melosa comigo, Holmesy.

*

Mychal e Daisy apareceram à porta de minha casa às seis e um quarto em ponto. Ela estava com um vestido que parecia minúsculo por baixo do seu casaco acolchoado enorme, e Mychal trazia um fato de um cinzento prateado que lhe estava ligeiramente grande. Eu estava com uma *t-shirt* de manga comprida, calças de ganga e casaco. – Não sabia que tinha de me

aperaltar toda para ir para os esgotos – disse eu, embaraçada.

– Os esgotos *da arte*. – Daisy sorriu. Perguntei a mim mesma se não deveria mudar de roupa, mas ela agarrou-me e disse: – Holmesy, estás com um ar radiante. Pareces... pareces tu própria.

Sentei-me num dos lugares de trás da carrinha de Mychal e quando ele começou a dirigir-se para sul por Michigan Road, Daisy pôs a tocar uma das canções preferidas dela, «You're the One». Mychal ria-se enquanto Daisy e eu gritávamos a letra uma à outra. Ela cantava a parte principal e eu berrava a parte do coro, que repetia só «You're everything, everything everything»⁴, e sentia que era. És ao mesmo tempo o fogo e a água que o apaga. És a narradora, a protagonista e a comparsa. És a contadora da história e a história contada. És a alguma coisa de alguém, mas és também o teu tu.

Quando Daisy mudou de canção para uma balada romântica que ela e Mychal se puseram a cantar, eu comecei a pensar em tartarugas até ao infinito. Pensava que talvez tanto a senhora de idade como o cientista tivessem razão. Tipo, o mundo tem milhares de milhões de anos e a vida é um produto da mutação de nucleótidos e tudo. Mas o mundo também é as histórias que contamos sobre ele.

*

Mychal saiu da Michigan na Tenth Street, e continuamos por algum tempo até chegarmos a um armazém de revenda de piscinas com um reclame luminoso a piscar que dizia ROSENTHAL POOLS. O parque de estacionamento já estava meio cheio. Daisy desligou a música quando Mychal estacionou. Saímos e vimo-nos rodeados por uma estranha mistura de *hipsters* na casa dos vinte e casais de meia-idade. Todas as pessoas menos nós pareciam conhecer-se umas às outras, e nós os três ficámos ao lado do carro do Mychal durante muito tempo em silêncio, só a ver a cena, até uma senhora de meia-idade toda vestida de preto vir ter connosco e dizer: – Estão aqui para a exposição.

– Eu sou... hum... sou o Mychal Turner – disse Mychal. – Tenho um... uma obra na exposição.

– *O Prisioneiro 101*?

– Sim. Sou eu.

– Eu sou a Frances Oliver. Penso que *O Prisioneiro 101* é uma das peças

com mais força na galeria. E sei do que falo, sou a curadora. Venha, venha, vamos descer juntos. Fascinar-me-ia saber mais sobre o seu processo de criação.

Frances e Mychal começaram a atravessar o parque de estacionamento, mas de longe a longe Frances parava e dizia: – Oh, tenho de o apresentar a... – e parávamos durante uns momentos para conhecer um artista, um colecionador ou um «parceiro investidor». Lentamente, ele foi engolido por todas as pessoas que adoravam *O Prisioneiro 101* e queriam falar com ele sobre a obra, e, depois de ficarmos atrás dele durante algum tempo, Daisy finalmente agarrou-lhe a mão e disse: – Nós vamos descer para a exposição. Aproveita isto. Estou muito orgulhosa de ti.

– Eu posso ir convosco – disse ele, virando as costas a um grupo de estudantes de Herron, a escola de Belas-Artes da cidade.

– Não, diverte-te. Tens de conhecer estas pessoas todas para elas comprarem os teus trabalhos. – Ele sorriu, beijou-a e regressou para a sua multidão de fãs.

Quando Daisy e eu chegámos à saída do parque de estacionamento, vimos através das árvores um holofote a varrer o ar para a frente e para trás e descemos uma pequena encosta em direção à luz até a vegetação dar lugar a uma bacia larga cimentada. Uma minúscula corrente de água – consegui facilmente saltar-lhe por cima – borbulhava no fundo. Encaminhámo-nos para o homem de barba que estava a acenar com o holofote, que se apresentou, dizendo que se chamava Kip e nos entregou capacetes com lanternas e um foco. – Sigam o túnel durante duzentos metros, depois virem na primeira à esquerda e estarão na galeria.

A luz do meu capacete seguiu o riacho ao longo do seu curso. À distância, via o princípio do túnel, um quadrado que sugava a luz, recortado na encosta de uma colina. Havia um carrinho das compras virado de rodas para o ar mesmo à entrada do esgoto, encravado contra um penhasco coberto de musgo. Quando nos dirigíamos para a entrada do túnel, olhei para cima, para as silhuetas negras dos áceres sem folhas que rasgavam o céu.

O riacho corria ao longo do lado esquerdo do túnel do rio, o Pogue's Run; íamos por um passadiço de cimento ligeiramente elevado, à direita do riacho. O cheiro envolveu-nos imediatamente – esgotos e o cheiro enjoativamente adocicado a podre. Pensei que me habituaria, mas não consegui.

Depois de darmos alguns passos para dentro, começámos a ouvir roedores a correrem ao longo do leito do riacho. Ouvíamos também vozes – conversas ecoadas, ininteligíveis, que pareciam estar a vir de todo o lado. As luzes dos nossos capacetes iluminavam os *graffiti* que adornavam as paredes – *tags* pintados com *spray* em letras desenhadas, mas também imagens e mensagens feitas com estêncil. A luz de Daisy demorou-se numa imagem em que uma ratazana anafada bebia uma garrafa de vinho sobre a legenda, O REI DOS RATÕES SABE OS TEUS SEGREDOS. Noutra mensagem, escrita no que parecia tinta branca para pintar paredes, podia-se ler, NÃO É COMO MORRES. É QUEM TU MORRES.

– Isto é um bocado sinistro – segredou Daisy.

– Porque é que estás a segredar?

– Estou assustada – segredou ela. – Já percorremos duzentos metros?

– Não sei – respondi. – Mas ouço pessoas lá em cima. – Virei-me e aponteí o foco para a entrada do túnel e dois homens de meia-idade atrás de nós acenaram. – Estás a ver, está tudo bem.

O riacho já não era realmente um curso de água, antes uma poça que corria lentamente; vi uma ratazana atravessá-lo sem ficar sequer com o focinho molhado. – Aquilo era uma ratazana – disse Daisy, com a voz contraída.

– Ela vive aqui – disse eu. – Nós é que estamos a invadir-lhe o espaço. – Continuámos a andar. A única luz do mundo parecia ser os feixes amarelos das lanternas dos capacetes e dos focos – era quase como se toda a gente lá em baixo se tivesse transformado em feixes de luz, a saltitar pelo túnel fora em pequenos grupos.

*

À nossa frente, vi luzes de capacetes a virarem para a esquerda, para um túnel quadrado lateral, com cerca de dois metros e quarenta de altura. Saltámos por cima do fio de água do riacho, passando por uma tabuleta com os dizeres UM PROJETO DA PICKETT ENGINEERING, e entrámos no túnel lateral cimentado.

Como só se viam as obras de arte à luz das lanternas dos capacetes e dos focos, as pinturas e as fotografias que forravam as paredes apareciam focadas e desapareciam. Para ver todo o quadro de Mychal tínhamos de nos

encostar à parede do túnel em frente a ele. Era realmente uma obra de arte espantosa – *O Prisioneiro 101* parecia tão real como uma pessoa, mas era constituído por partes de cem retratos de homens condenados por homicídio e posteriormente ilibados que Mychal tinha encontrado. Mesmo ao perto, eu não era capaz de ver que *O Prisioneiro 101* não era real.

O resto das obras de arte também era fixe – grandes pinturas abstratas de formas geométricas com contornos bem definidos, um conjunto de cadeiras velhas de madeira empilhadas precariamente até ao teto, uma gigantesca fotografia de um miúdo a saltar sozinho num trampolim numa vasta seara acabada de ceifar – mas a de Mychal era a minha favorita, e não só porque o conhecia.

Ao fim de algum tempo, ouvimos um clamor de vozes a aproximarem-se e a galeria ficou cheia de gente. Alguém tinha montado uma aparelhagem e o som de música começou a reverberar pelo túnel. Passaram copos de plástico às pessoas e depois garrafas de vinho, e aquele local tornou-se cada vez mais ruidoso, e embora estivesse um gelo lá em baixo, comecei a sentir que transpirava e por isso perguntei a Daisy se queria ir dar um passeio.

– Um passeio?

– Sim, só, não sei, pelo túnel abaixo ou qualquer coisa.

– Tu queres ir dar um passeio pelo túnel abaixo.

– Sim. Quer dizer, não temos de ir.

Ela apontou para a escuridão para lá do alcance das nossas lanternas. – Estás a propor que vamos dar um passeio para dentro daquele vazio.

– Não por *um quilómetro* nem nada que se pareça. Só para ver o que há para ver.

Daisy suspirou. – Sim, OK. Vamos lá dar um passeio.

*

Daí a um minuto o ar começou a parecer mais fresco. O túnel à nossa frente estava escuro como breu e curvava-se num longo arco lento a afastar-se da festa até já não vermos luz nenhuma. Ainda ouvíamos a música e as pessoas a falarem, mas parecia distante, como uma festa por onde se passa de carro.

– Não consigo compreender como podes estar tão inumanamente calma cá em baixo, a quinze metros de profundidade no subsolo de Indianápolis,

enterrada até aos tornozelos em caganitas de ratazana, mas tens um ataque de pânico quando pensas que o teu dedo está infetado.

– Não sei – disse eu. – Isto simplesmente não é assustador.

– Objetivamente, é – disse ela.

Estendi a mão e desliguei a lanterna do capacete. – Apaga a luz – disse.

– Que diabo, não apago nada.

– Apaga-a. Não vai acontecer nada de mal. – Ela desligou a luz e o mundo ficou às escuras. Senti que os meus olhos tentavam ajustar-se, mas não havia nenhuma luz a que se ajustarem. – Agora não consegues ver as paredes, certo? Não consegues ver as ratazanas. Dá umas voltas sobre ti mesma e não conseguirás saber qual é o caminho para a entrada e qual é o caminho para a saída. Isso é assustador. Agora imagina que não conseguíamos falar, que não conseguíamos ouvir a respiração uma da outra. Imagina que não tínhamos o sentido do tato e por isso, nem que estivéssemos uma ao lado da outra, não saberíamos nunca.

«Imagina que estás a tentar encontrar alguém, ou até que estás a tentar encontrar-te a ti mesma, mas não tens sentidos, nenhuma maneira de saber onde estão as paredes, qual é o caminho para a frente ou para trás, o que é água e o que é ar. Não tens sentidos nem forma; sentes que só consegues descrever o que és identificando o que não és, e estás a flutuar num corpo sem nenhum controlo. Não podes decidir de quem gostas, onde vives, quando comes ou o que receias. Estás só presa ali dentro, totalmente só, naquela escuridão. Isso é assustador. Isto – disse eu, ligando o foco. – Isto é controlo. Isto é poder. Talvez haja ratazanas e aranhas e outras coisas do diabo. Mas nós é que apontamos a luz para elas, não o contrário. Sabemos onde estão as paredes, qual é o caminho de entrada e qual é o caminho de saída. Isto – disse eu, desligando novamente a luz – é como me sinto quando estou com medo. Isto – voltei a ligar o foco – é canja, porra!

Caminhámos durante algum tempo em silêncio. – É assim tão mau? – perguntou ela por fim.

– Às vezes – respondi.

– Mas depois o teu foco começa outra vez a funcionar – disse ela.

– Até agora, sim.

Enquanto continuámos a andar pelo túnel, com a música atrás de nós a soar cada vez mais distante, Daisy acalmou um pouco. – Estou a pensar em matar a Ayala – disse. – Levavas isso a peito?

– Não – respondi. – Mas estava a começar a gostar dela.

– Leste a mais recente?

– Aquela em que vão a Ryloth para entregar conversores de energia? Adorei a cena em que a Rey e a Ayala estão à espera daquele tipo num bar e estão só a conversar. Eu gosto das tuas cenas de ação e tudo, mas a parte só de conversas é a minha preferida. Também gostei de ter começado a andar com um Twi'lek. Quer dizer, a Ayala, acho eu. A maneira como escreves faz-me sentir como se fosse real, como se eu estivesse realmente lá.

– Obrigada – disse ela. – Agora estás-me a fazer pensar que talvez não deva matá-la.

– Não me importo se a matares. Mas faz só com que ela morra heroicamente.

– Oh, claro. Tem de ser. Estava a pensar que talvez o fizesse ao estilo do sacrifício de *Rogue One*, para o bem comum. Se te parecer bem...

– Acho bem – disse-lhe eu.

– Meu Deus, o cheiro não está a piorar? – perguntou ela.

– A melhorar é que não está – concordei. Cheirava mais a lixo a apodrecer e sanitas sem puxar o autoclismo, e, quando passámos por um desvio do túnel, Daisy disse que queria dar meia-volta, mas à nossa frente, à distância, eu via um ponto de luz cinzenta e queria ver o que estava lá ao fundo.

Ao avançarmos, os sons da cidade tornaram-se mais audíveis e o cheiro melhorou, porque estávamos mais perto do ar livre. A luz cinzenta tornou-se maior, até chegarmos ao fim do túnel. Estava aberto e por terminar – o pequeno fio de água que supostamente deveria ter sido desviado do rio White estava a pingar para dentro dele, dois andares abaixo de nós.

Olhei para cima. Passava das dez horas, mas eu nunca tinha visto a cidade de forma tão ofuscante. Via tudo: o musgo verde nos penhascos no rio lá em baixo; as bolhas douradas da espuma na base da queda de água; as árvores à distância inclinadas sobre a água como o telhado de uma capela; as linhas de alta tensão estendidas de uma margem à outra sobre o rio lá em baixo; um enorme moinho prateado absurdamente imóvel ao luar; reclames luminosos do supermercado Speedway e do Chase Bank lá longe.

Indianápolis é uma cidade tão plana que não se consegue realmente nunca olhar de cima para ela; não é uma cidade com vistas espetaculares. Mas agora eu tinha uma dessas vistas, no lugar mais inesperado, com a cidade a estender-se lá em baixo à minha frente, e demorei um minuto a lembrar-me de que era de noite, de que aquela paisagem iluminada por uma luz prateada era o que passava, à superfície, por escuridão.

Daisy surpreendeu-me quando se sentou, com as pernas a pender sobre a borda de cimento. Sentei-me do outro lado do fio de água e ficámos as duas a olhar para a mesma cena durante muito tempo.

Fomos para o prado nessa noite, falando sobre a universidade e beijos e religião e arte, e eu não me senti como se estivesse a ver um filme da nossa conversa. Estava a tê-la. Escutava Daisy e sabia que ela me escutava a mim.

– Pergunto-me se alguma vez acabarão esta coisa – disse Daisy a certa altura.

– De certo modo, espero que não – disse eu. – Quer dizer, sou a favor da despoluição do rio, mas gostava de poder voltar a este sítio daqui a uns dez ou vinte anos ou coisa do género. Tipo, em vez de ir ao encontro dos antigos alunos, quero vir aqui. – *Contigo*, queria dizer-lhe.

– Pois é – disse ela. – Mantenham o Pogue's Run imundo, porque a vista da estação de tratamento de águas inacabada é espetacular. Obrigada, Russell Pickett, pela tua corrupção e incompetência.

– Pogue's *Run* – murmurei. – Espera, onde é que começa o Pogue's Run? Onde é a embocadura?

– A embocadura de um rio é onde ele acaba, não onde começa. Isto é a embocadura. – Via-a aperceber-se do significado daquilo. – Pogue's Run. Mas que diabo, Holmesy. Estamos na boca do corredor.

Pus-me de pé. Sentia, por alguma razão, que Pickett poderia estar mesmo atrás de nós, como se ele pudesse empurrar-nos da borda do seu túnel para o rio lá em baixo. – *Agora* estou um bocado assustada – disse eu.

– O que é que vamos fazer?

– Nada – respondi. – Nada. Vamos dar meia-volta, regressar à festa, conviver com gente chique do mundo da arte e chegar a casa à hora marcada. – Comecei a encaminhar-me para a música distante. – Conto ao Davis, para ele ficar a saber. Deixamo-lo decidir se conta ao Noah ou não. Para além disso, não dizemos uma palavra.

– Está bem – disse ela, apressando o passo para me alcançar. – Quer

dizer, ele está cá em baixo *neste momento*?

– Não sei – respondi. – Não me parece que caiba a nós sabermos.

– Certo – disse ela. – Mas como é que ele pode ter estado cá em baixo este tempo todo? – Eu tinha um palpite, mas não disse nada. – Meu Deus, aquele cheiro... – disse ela, com a voz a desvanecer-se.

*

Seria de pensar que resolver mistérios seria uma forma de encerrar um assunto, que fechar o círculo te reconfortaria e sossegaria a mente. Mas nunca se passa assim. A verdade dececiona sempre. Enquanto circulávamos pela galeria, à procura de Mychal, não me senti como se tivesse encontrado a boneca sólida dentro da última boneca oca nem nada que se parecesse. Nada se tinha resolvido, não na verdade. Era como o que o zoólogo tinha dito sobre a Ciência: Nunca encontras realmente respostas, só questões novas e mais profundas.

Encontrámos finalmente Mychal encostado à parede em frente da fotografia dele, a falar com duas senhoras mais velhas. Daisy interrompeu-os e pegou-lhe na mão. – Detesto pôr fim a esta festa – disse ela –, mas este artista famoso tem hora de chegar a casa.

Mychal riu-se, e nós os três percorremos o túnel até à saída, para o parque de estacionamento banhado numa luz prateada, e depois entrámos na carrinha de Mychal. Mal a minha porta se fechou, ele disse: – Foi a melhor noite da minha vida obrigado por virem oh meu Deus foi simplesmente a melhor coisa que alguma vez me aconteceu sinto que talvez seja um artista, um artista a sério. Foi tão, tão incrível. Vocês divertiram-se?

– Conta-nos tudo – disse Daisy, sem responder propriamente à pergunta.

*

Quando cheguei a casa, a minha mãe estava sentada à mesa da cozinha, a beber uma caneca de chá. – Que *cheiro* é esse? – perguntou.

– Esgotos, odor corporal, mofo... uma mistura de coisas.

– Estou preocupada, Aza. Estou preocupada que possas estar a perder o contacto com a realidade.

– Não estou – disse eu. – Só estou cansada.

– Esta noite, não te vais já deitar e vais ficar a falar comigo.
– Sobre o quê?
– Sobre onde estiveste, o que estiveste a fazer, com quem estiveste. Sobre a tua *vida*.

E então contei-lhe. Contei-lhe que Daisy e Mychal e eu tínhamos ido a uma exposição de uma noite por baixo do centro da cidade, e que Daisy e eu tínhamos ido até ao fim do túnel inacabado de Pickett, e falei-lhe de ir para o prado, da boca do corredor, de como pensava que Pickett talvez estivesse lá em baixo, do fedor.

– Vais contar ao Davis? – perguntou.
– Vou.
– Mas não à polícia?
– Não – respondi. – Se contar à polícia e ele estiver morto lá em baixo, a casa do Davis e do Noah nem sequer continua a ser deles. Vai ser propriedade de uma tuatara.
– De uma tua quê?

– Uma tuatara. Parece-se com um lagarto, mas não é um lagarto. É descendente dos dinossauros. Vivem, tipo, uns cento e cinquenta anos, e no testamento o Pickett deixa tudo à tuatara de estimação dele. A casa, o negócio, tudo.

– A loucura da riqueza – murmurou a minha mãe. – Por vezes, as pessoas pensam que estão a gastar dinheiro, mas é o dinheiro que as está a gastar a elas. – Lançou um olhar à sua caneca de chá e depois ergueu os olhos para mim. – Mas só se o venerarem. Serve-se o que se venera.

– Então temos de ter cuidado com o que veneramos – disse eu. Ela sorriu e depois enxotou-me para o duche. Debaixo da água, perguntei-me o que veneraria à medida que fosse ficando mais velha, e pensei em como isso acabaria por inclinar o arco da minha vida para um lado ou para outro. Ainda estava no início. Ainda podia ser quem quisesse.

³ A palavra *run* significa *escoadouro*, mas também *correr*. (N. da T.)

⁴ A canção chama-se «És a Tal» e o que Aza repete é «Tu és tudo tudo tudo». (N. da T.)

VINTE E TRÊS

Acordei na manhã seguinte, um sábado, a sentir-me verdadeiramente repousada, com chuva gelada a bater na janela do meu quarto. Nos invernos em Indianápolis raramente havia aquele tipo de neve linda em que se pode esquiar e andar de trenó; a nossa precipitação usual de inverno é uma combinação chamada «misto invernos», que envolve bolas de granizo, chuva gelada e vento.

Nem sequer estava assim muito frio – talvez uns dois graus – mas o vento uivava lá fora. Levantei-me, vesti-me, comi uns flocos de cereais, tomei um comprimido e vi um bocado de televisão com a minha mãe. Passei a manhã a adiar – pegava no telemóvel, começava a escrever-lhe uma mensagem e depois arrumava-o. Pegava nele outra vez, mas não. Ainda não. Nunca parecia o momento certo. Mas é claro que nunca é o momento certo.

*

Lembro-me que, depois de o meu pai morrer, durante algum tempo, ao mesmo tempo era e não era verdade na minha cabeça. Durante semanas, na realidade, consegui convocá-lo de volta à existência. Imaginava-o a entrar em casa, todo encharcado de suor, depois de acabar de aparar o relvado, e a tentar dar-me um abraço, mas eu soltava-me dos seus braços porque já nessa altura o suor me punha fora de mim.

Ou eu estava no meu quarto, deitada de barriga para baixo, a ler um livro, e olhava para a porta fechada e imaginava que ele a abria, e depois ele estava no quarto comigo, e eu olhava para cima enquanto ele se ajoelhava para me beijar o cimo da cabeça.

E depois tornou-se mais difícil convocá-lo, sentir o seu cheiro, senti-lo a levantar-me em peso. O meu pai morreu subitamente, mas também ao longo dos anos. Ainda estava a morrer, na realidade – o que também queria dizer, acho eu, que ainda estava vivo.

As pessoas falam sempre como se houvesse uma linha definida entre a

imaginação e as recordações, mas não há, pelo menos não para mim. Recordo o que imaginei e imagino o que recordo.

*

Finalmente, enviei uma mensagem a Davis a seguir ao meio dia: *Precisamos de falar. Podes vir a minha casa hoje?*

Ele respondeu: *Não está cá ninguém para olhar pelo Noah. Podes vir tu cá?*

Preciso de falar contigo a sós, escrevi. Queria que Davis tivesse a opção de contar ou não ao irmão.

Posso estar aí às cinco e meia.

Obrigada. Até logo.

O dia passou com uma lentidão de morte. Tentei ler, enviar mensagens a Daisy e ver televisão, mas nada fazia o tempo passar mais depressa. Não tinha a certeza se seria melhor que a vida paralisasse naquele momento ou do outro lado do momento que se aproximava.

Às cinco menos um quarto, eu estava a ler na sala enquanto a minha mãe pagava umas contas. – O Davis vem cá daqui a um bocado – disse-lhe eu.

– OK, tenho de ir fazer umas compras. Precisas de alguma coisa da mercearia?

Abanei a cabeça.

– Estás-te a sentir ansiosa?

– Há alguma maneira de combinarmos que eu te digo quando estiver preocupada com um problema de saúde mental em vez de tu me perguntares?

– É impossível eu não me preocupar, querida.

– Eu sei, mas também é impossível não sentir o peso dessa preocupação como um pedregulho no peito.

– Vou tentar.

– Obrigada, mãe. Gosto muito de ti.

– Eu também gosto muito de ti. Tanto, tanto.

*

Passei pelas opções intermináveis de canais na televisão, nenhum dos quais me prendeu especialmente a atenção, até ouvir Davis bater à porta – uma pancada delicada e hesitante.

– Olá – disse eu, e dei-lhe um abraço.

– Olá – disse ele. Apontei-lhe o sofá para ele se sentar. – Que tal tens estado?

– Ouve – disse eu. – Davis, o teu pai. Sei onde é a boca do corredor. É a embocadura do Pogue's Run, onde a empresa dele tem aquele projeto inacabado.

Ele estremeceu e a seguir acenou com a cabeça. – Tens a certeza?

– Tenho quase a certeza – respondi. – Penso que talvez ele esteja lá em baixo. A Daisy e eu fomos lá ontem à noite, e...

– Viram-no?

Abanei a cabeça. – Não. Mas a embocadura do Pogue's Run, a boca do corredor. Faz sentido.

– Mas é só um apontamento no telemóvel dele. Pensas que ele tem estado lá em baixo este tempo todo? Escondido nos esgotos?

– Talvez – respondi. – Mas... bem, não sei.

– Mas?

– Não quero preocupar-te, mas havia lá um cheiro muito mau. Um cheiro mesmo muito mau lá em baixo.

– Isso podia ser qualquer coisa – disse ele. Eu via o medo no seu rosto.

– Eu sei, claro, absolutamente, podia ser qualquer coisa.

– Nunca pensei... nunca me permiti pensar... – E depois ficou com a voz presa. O grito que finalmente saiu dos seus lábios deu a sensação de o céu estar a rasgar-se. Tombou para cima de mim e eu abracei-o no sofá. Senti o seu peito ofegar. Não era só Noah que sentia a falta do pai. – Oh, meu Deus, ele está morto, não está?

– Não sabes isso – disse eu. Mas, de certo modo, ele sabia. Havia uma boa razão para o pai dele não ter deixado trilha nem ter comunicado: estava morto desde o início.

Ele deitou-se e eu deitei-me com ele, nós os dois mal cabendo no sofá bafiento. Ele só repetia *o que é que eu faço, o que é que eu faço, o que é que eu faço*, com a cabeça no meu ombro. Perguntava-o uma e outra vez, em

tom de súplica.

– Continuas como se nada fosse – disse-lhe eu. – Tens sete anos. Independentemente do que tenha acontecido de facto, ele vai continuar a estar legalmente vivo durante sete anos, e tu vais continuar a ter a casa e tudo. Isso é muito tempo para construir uma nova vida, Davis. Há sete anos, tu e eu nem sequer nos conhecíamos ainda, sabes?

– Não temos ninguém agora – murmurou ele. Queria poder dizer-lhe que me tinha a mim, que podia contar comigo, mas não era verdade.

– Tens o teu irmão – disse eu.

Isso fê-lo desatar a chorar outra vez e ficámos abraçados muito tempo, até a minha mãe chegar a casa das compras. Davis e eu sentámo-nos a toda a pressa, embora não tivéssemos estado a fazer nada.

– Desculpem interromper – disse a minha mãe.

– Eu já estava de saída – disse Davis.

– Não tens de ir já embora – eu e a minha mãe dissemos ao mesmo tempo.

– Por acaso tenho – disse ele. Inclinou-se e abraçou-me só com um braço.

– Obrigado – segredou, embora eu não tivesse a certeza de lhe ter feito nenhum favor.

Davis parou à entrada da porta por um segundo, olhou para trás, para a minha mãe e para mim, para o que lhe deve ter parecido um quadro de felicidade doméstica. Pensei que ia dizer alguma coisa, mas limitou-se a acenar, de modo tímido e embaraçado, e saiu porta fora.

*

Era uma noite tranquila na casa Holmes. Uma noite como outra qualquer, na verdade. Ocupei-me com um trabalho sobre a Guerra Civil para a aula de História. Lá fora, o dia – que não tinha sido particularmente luminoso – dissolveu-se em escuridão. Disse à minha mãe que ia dormir, vesti o pijama, escovei os dentes, mudei o penso na crosta da ferida do dedo, enfiei-me na cama e enviei uma mensagem a Davis. *Olá.*

Como ele não respondeu, escrevi a Daisy: *Falei com o Davis.*

Ela: *Que tal correu?*

Eu: *Nada bem.*

Ela: *Queres que vá até aí?*

Eu: *Quero.*

Ela: *Vou a caminho.*

Daí a uma hora, Daisy e eu estávamos deitadas uma ao lado da outra na minha cama, com os portáteis em cima da barriga. Eu lia a nova história da Ayala. De cada vez que soltava uma risadinha por causa de alguma coisa, Daisy perguntava: – O que é que tem graça? – e eu respondia-lhe. Depois de acabar de ler, limitámo-nos a ficar ali deitadas, juntas na cama, a fixar o teto.

– Bem – disse Daisy daí a algum tempo –, resolveu-se tudo no fim.

– Como assim?

– Os nossos heróis ficaram ricos e ninguém se magoou.

– *Todos* se magoaram – emendei.

– O que queria dizer é que ninguém ficou *ferido*.

– Eu fiz uma laceração no fígado!

– Oh, certo. Tinha-me esquecido disso. Pelo menos ninguém morreu.

– O *Harold* morreu! E possivelmente o Pickett também.

– Holmesy, estou a tentar dar um final feliz a isto. Para de me boicotar as tentativas.

– Eu sou tão Ayala – respondi.

– *Tão* Ayala.

– O problema dos finais felizes – disse eu – é que ou não são realmente felizes ou não são realmente finais, sabes? Na vida real, algumas coisas melhoram e outras pioram. E depois por fim morres.

Daisy riu-se. – Como sempre, a Aza «E Depois Por Fim Morres» Holmes está aqui para te recordar como acaba realmente a história, com a extinção da nossa espécie.

Ri-me. – Bem, mas esse é o único fim real.

– Não, não é, Holmesy. Tu escolhes os teus fins, e os teus inícios. Tens direito a escolher a moldura, sabes? Talvez não escolhas o que está no quadro, mas és tu quem decide qual é a moldura.

Davis não voltou a escrever-me, nem depois de eu lhe enviar outra mensagem daí a uns dias. Mas publicou no seu blogue.

«E, tal como é ilusória esta visão, Também as altas torres, os palácios soberbos, Os templos solenes e mesmo este grande globo E todos os que o ocupem, se desvanecerão, Sem deixar um só rasto, tal como os espíritos Se dissolveram no ar.»

– WILLIAM SHAKESPEARE⁵

Compreendo que nada perdura. Mas porque é que tenho de sentir tanto a falta de toda a gente?

⁵ *A Tempestade*, Tradução de Fátima Vieira (*N. da T.*)

VINTE E QUATRO

Daí a um mês, logo depois de acabarem as férias do Natal, levantei-me cedo e pus flocos de cereais em duas taças, uma para a minha mãe e outra para mim. Estava a comer em frente à televisão quando ela entrou na sala, ainda de pijama, toda agitada. – É tarde, é tarde, é tarde – disse ela. – Premi o botão de *snooze* vezes de mais.

– Fiz-te o pequeno-almoço – disse eu, e quando se veio sentar no sofá ao meu lado, ela disse: – Os *Cheerios* não são uma coisa que se *faça*. – Ri-me e ela comeu umas colheres e depois foi a correr vestir-se. Sempre um turbilhão de movimento, a minha mãe.

Quando voltei a olhar para a televisão, uma faixa vermelha com uma notícia de última hora estava a passar na parte inferior do ecrã. Vi um repórter de pé em frente ao portão da propriedade dos Pickett. Procurei o comando à distância e liguei o som.

«As nossas fontes indicam-nos que, embora Pickett não tenha sido ainda identificado, as autoridades creem que o corpo encontrado num ramal do túnel de Pogue's Run é de facto o do magnata bilionário da construção civil, Russell Davis Pickett. Uma fonte próxima da investigação disse à Eyewitness News que é provável que Pickett tenha morrido devido à exposição ao frio, e citamos, «alguns dias» depois do seu desaparecimento, e, embora não tenhamos nenhuma confirmação oficial, várias fontes disseram-nos que o corpo de Pickett foi descoberto pela polícia no seguimento de uma informação anónima.»

Enviei imediatamente uma mensagem a Davis. *Acabei de ver a notícia. Sinto muito, Davis. Sei que te disse isso muitas vezes, mas é verdade. Sinto mesmo muito.*

Como ele não respondeu logo, acrescentei, *Quero que saibas que nem a Daisy nem eu demos a informação à polícia. Não dissemos nada a ninguém.*

Agora via os ... que indicavam que ele estava a escrever. *Eu sei. Fomos nós. O Noah e eu decidimos juntos.*

A minha mãe entrou na sala a pôr os brincos e calçou os sapatos. Deve ter ouvido a última parte da notícia, porque disse: – Aza, devias contactar o Davis. Vai ser um dia muito difícil para ele.

– Estava a enviar-lhe uma mensagem – disse eu. – Foram eles que disseram à polícia onde procurar.

– Consegues imaginar, a fortuna toda a ir para um lagarto?

Podiam ter esperado sete anos, pelo menos, até Pickett ser declarado morto – mais sete anos naquela casa, mais sete anos a terem o que quisessem – mas tinham decidido permitir que fosse tudo para uma tuatara.

– Suponho que não foram capazes de deixar o pai deles lá em baixo – disse eu. – Talvez eu não devesse ter-lhe falado da boca do corredor. – Isto, ao fim e ao cabo, era culpa minha. Percorreu-me um pavor gélido. Forçara-os a escolher entre abandonar o pai e abandonar o seu estilo de vida.

– Não te martirizes – disse a minha mãe. – Obviamente, saber a verdade tinha mais importância para ele do que a casa, e não vai propriamente viver para a rua, Aza.

Tentei escutá-la, mas uma sensação inegável tinha despertado em mim. Por um momento, tentei resistir-lhe, mas só por um momento. Tirei o penso rápido e enterrei a unha no calo do meu dedo, abrindo um corte onde o anterior tinha finalmente sarado.

Enquanto lavava a mão e voltava a aplicar um penso na ferida na casa de banho, fitei-me ao espelho. Eu seria sempre assim, teria sempre isto dentro de mim. Não havia maneira de o vencer. Nunca mataria o dragão, porque o dragão também era eu. O meu eu e a doença estavam entrelaçados juntos para toda a vida.

Estava a pensar no diário de Davis, naquela citação de Frost, «Em duas palavras posso resumir tudo o que aprendi sobre a vida: ela continua.»

E tu continuas também, quando a corrente está a teu favor e quando não está. Ou, pelo menos, foi o que segredei sem palavras a mim mesma. Antes de sair da casa de banho, enviei-lhe nova mensagem. *Podemos encontrar-nos em breve?*

Vi os ... aparecerem, mas ele não respondeu.

– Devíamos ir indo – disse a minha mãe. Abri a porta da casa de banho, vesti um casaco e pus um gorro de lã que tirei do bengaleiro, e entrei na nossa garagem gelada. Enfieei os dedos debaixo da porta da garagem, ergui-a e sentei-me no lugar do passageiro enquanto a minha mãe acabava de fazer

o seu café da manhã. Estava sempre a olhar para o telemóvel, à espera da resposta dele. Tinha frio, mas estava a transpirar, com o suor a encharcar o meu gorro de esqui. Pensei em Davis, a ouvir o seu nome nas notícias outra vez. *Tu continuas*, disse a mim mesma, e tentei dizer-lho também a ele telepaticamente.

*

Ao longo dos meses seguintes, continuei. Melhorei sem nunca chegar a ficar completamente bem. Daisy e eu criámos uma Aliança de Saúde Mental e uma Oficina de Escrita Criativa de Ficção de Fãs para podermos apresentar algumas atividades extracurriculares nas candidaturas à universidade no ano seguinte, embora fôssemos os dois únicos membros de ambos os clubes. Passávamos a maior parte dos serões juntas, no apartamento dela, no Applebee's ou em minha casa, por vezes com Mychal, mas geralmente sem ele – geralmente éramos só as duas, a ver filmes, a fazer os trabalhos de casa ou só a conversar. Era tão fácil sair para o prado com ela.

Sentia a falta de Davis, claro. Nos primeiros dias, andava sempre a verificar o telemóvel, à espera que ele respondesse, embora aos poucos fosse compreendendo que íamos ser parte do passado um do outro. Mas ainda sentia a falta dele. Também sentia a falta do meu pai. E do *Harold*. Sentia a falta de toda a gente. Estar viva é sentir falta.

*

E então, numa noite em abril, Daisy e eu estávamos em minha casa a ver o concerto de reunião por uma só noite da nossa banda favorita, que estava a atuar num qualquer espetáculo de prémios de música de terceira. Tinham acabado de cantar brilhantemente em *playback* «It's Gotta Be You» quando alguém bateu à porta. Eram quase onze horas, demasiado tarde para visitas, e senti um arrepio de nervos ao abrir a porta.

Era Davis, com uma camisa de xadrez e calças de ganga *skinny*. Trazia uma caixa enorme.

– Hum... olá – disse eu.

– Isto é para ti – disse-me ele, e entregou-me a caixa, que não era tão

pesada quanto eu esperava. Levei-a para dentro e pousei-a em cima da mesa da sala de jantar, e quando me virei ele já estava a afastar-se.

— Espera — disse eu. — Vem cá. — Estendi-lhe a mão. Ele pegou nela e fomos juntos para o jardim das traseiras. O rio estava cheio, e conseguíamos ouvi-lo a correr lá em baixo, algures no escuro. O ar dava uma sensação de calor na pele dos meus braços quando me deitei no chão à sombra do grande freixo no nosso jardim. Ele deitou-se ao meu lado, e eu mostrei-lhe qual era o aspeto do céu visto de minha casa, todo retalhado pelos ramos de onde começavam a brotar folhas.

Disse-me que ele e Noah iam mudar-se para o Colorado, onde Noah ia frequentar um colégio interno para crianças com problemas. Davis acabaria lá o secundário, numa escola pública. Tinham alugado uma casa. — É mais pequena do que a nossa agora — disse ele, — Mas, por outro lado, nada de tuatara.

Perguntou-me como eu estava e disse-lhe que me sentia mais ou menos bem a maior parte do tempo. Os intervalos entre as consultas com a doutora Singh eram agora de quatro semanas.

— Então quando é que te vais embora? — perguntei-lhe.

— Amanhã — disse ele, e isso pôs fim à conversa durante algum tempo.

— OK, então — disse eu por fim —, para que é que estou a olhar?

Ele riu-se um pouco. — Bem, temos Júpiter lá em cima, claro. Está muito brilhante esta noite. E ali está Arcturo. — Contorceu-se um pouco para se virar e apontou para outra parte do céu. — E ali está a Ursa Maior, e se seguires a linha daquelas duas estrelas, ali mesmo, essa é a Estrela Polar.

— Porque é que disseste à polícia para irem procurar lá em baixo? — perguntei.

— Estava a dar cabo do Noah, o não saber. Apercebi-me... suponho que me apercebi de que tinha de ser o irmão mais velho, sabes? Essa é a minha ocupação a tempo inteiro agora. É quem sou. E ele precisava mais de saber porque é que o pai não tinha entrado em contacto connosco do que do dinheiro, por isso foi o que fizemos.

Estendi o braço e apertei-lhe a mão. — És um bom irmão.

Ele acenou com a cabeça. Eu via à luz cinzenta que estava a chorar um pouco. — Obrigado — disse ele. — Só me apetece ficar aqui neste preciso momento durante muito, muito tempo.

— Pois — disse eu.

Instalámo-nos num silêncio, e eu senti a grandeza do céu acima de mim, a vastidão inimaginável daquilo tudo – olhar para a Estrela Polar e aperceber-me de que a luz que estava a ver tinha 425 anos, e depois olhar para Júpiter, a menos de uma hora-luz de nós. Na escuridão sem luar, éramos apenas testemunhas da luz, e senti algo do que devia ter impelido Davis para a astronomia. Havia uma espécie de alívio em ver a tua pequenez exposta perante ti, e compreendi algo que Davis já devia saber: as espirais tornam-se infinitamente mais pequenas quanto mais as segues para dentro, mas também se tornam infinitamente maiores quanto mais as segues para fora.

E sabia que recordaria aquela sensação, sob o céu retalhado, antes de os mecanismos do destino nos obrigarem a ser uma ou outra coisa, quando ainda poderíamos ser o que quiséssemos.

Pensei, ali deitada, que poderia amá-lo para o resto da vida. Nós amávamo-nos – talvez nunca o disséssemos, e talvez o amor nunca fosse algo *em* que se está, mas era algo que eu sentia. Amava-o, e pensei, talvez nunca mais volte a vê-lo e vá ficar sempre a sentir a falta dele e isso não é terrível?

*

Mas afinal não é terrível, porque sei o segredo que o eu deitado sob aquele céu não poderia imaginar: sei que aquela rapariga continuaria, que cresceria, teria filhos e amá-los-ia, que, apesar de os amar, ficaria demasiado doente para poder olhar por eles, que seria hospitalizada, ficaria melhor e depois voltaria a adoecer. Sei que um psiquiatra diria, *Escreva isso tudo, como chegou aqui*.

Foi o que fizeste, e ao escrever apercebeste-te de que o amor não é uma tragédia ou um fracasso, mas uma dádiva.

Recordas-te do teu primeiro amor porque ele te mostra, te prova que és capaz de amar e de ser amada, que nada neste mundo é merecido a não ser o amor, que o amor é ao mesmo tempo o meio pelo qual te tornas uma pessoa e a razão por que te tornas uma pessoa.

*

Mas sob aqueles céus, com a tua mão – não, a minha mão – não, a nossa

mão – na dele, não o sabes ainda. Não sabes que, naquela caixa em cima da mesa da sala de jantar, está a pintura da espiral, com um Post-it colado à parte de trás da moldura: *Roubei isto a um lagarto para ti.* – D. Não podes saber ainda que aquela pintura te seguirá de um apartamento para outro e depois por fim para uma casa, ou como, décadas mais tarde, te sentirás tão orgulhosa por Daisy continuar a ser a tua melhor amiga, que crescerem e enveredarem por vidas diferentes só vos tornou mais intensamente leais uma para com a outra. Não sabes que irás para a universidade, arranjarás emprego, farás a tua vida, a verás destruída e reconstruída.

Eu, um pronome pessoal singular, continuaria, ainda que sempre num modo condicional.

Mas tu não sabes ainda nada disso. Nós apertamos a mão dele. Ele retribui. Olham os dois para o mesmo céu e ao fim de algum tempo ele diz, *Tenho de ir*, e tu dizes, *Adeus*, e ele diz, *Adeus, Aza*, e nunca ninguém diz adeus a não ser que queira voltar a ver-te.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar a Sarah Urist Green, que leu muitas, muitas, muitas versões desta história com a maior atenção e generosidade. Agradeço também a Chris e Marina Waters; ao meu irmão, Hank, e à minha cunhada, Katherine; aos meus pais, Sydney e Mike Green; aos meus sogros, Connie e Marshall Urist; e a Henry e Alice Green.

*

Julie Strauss-Gabel é minha editora há mais de quinze anos, e nunca conseguirei exprimir adequadamente a minha gratidão pela fé e sabedoria que demonstrou ao longo dos seis anos que passámos a trabalhar juntos neste livro. O meu agradecimento também a Anne Heausler por uma revisão de provas bondosa e controversa, e a toda a equipa na Dutton, especialmente Anna Booth, Melissa Faulner, Rosanne Lauer, Steve Meltzer e Natalie Vielkind.

*

Tenho uma profunda dívida para com Elyse Marshall, amiga, relações públicas, confidente e companheira de viagem, e para com muitas pessoas na Penguin Random House que ajudaram a fazer os meus livros e a partilhá-los com os leitores. Quero agradecer especialmente a Jen Loja, Felicia Frazier, Jocelyn Schmidt, Adam Royce, Stephanie Sabol, Emily Romero, Erin Berger, Helen Boomer, Leigh Butler, Kimberly Ryan, Deborah Kaplan e Lindsey Andrews. Os meus agradecimentos também a Don Weisberg e à brilhante Rosianna Halse Rojas, cuja perceção e orientação influenciaram todas as páginas deste livro.

*

Ariel Bissett, Meredith Danko, Hayley Hoover, Zulaiha Razak e Tara

Covais Varsov leram primeiras versões deste manuscrito com grande cuidado e atenção. Joanna Cardenas proporcionou-me percepções e opiniões de valor inestimável. E, por todo o tipo de auxílio, agradeço a Ilene Cooper, Bill Ott, Amy Krouse Rosenthal, Rainbow Rowell, Stan Muller e Marlene Reeder.

*

Jodi Reamer e Kassie Evashevski, agentes literárias extraordinárias, são as melhores representantes a que um autor pode aspirar – e também as mais pacientes. Os meus agradecimentos a Phil Plait pelo auxílio no que toca à Astronomia; a E. K. Johnston pelos seus conhecimentos sobre *Star Wars*; a Ed Yong pelo seu livro *I Contain Multitudes*; a David Adam pelo seu livro *The Man Who Couldn't Stop*; a Elaine Scarry pelo seu livro *The Body in Pain*; a Stuart Hyatt por me dar a conhecer Pogue's Run; e a James Bell, Michaela Irons, Tim Riffle, Lea Shaver e Shannon James pelos seus conhecimentos legais. No entanto, toda a geografia, a lei, os conversores de energia, o céu noturno e tudo o mais neste romance é imaginado e tratado de forma ficcional, e quaisquer erros são inteiramente meus.

*

Por fim, os doutores Joellen Hosler e Sunil Patel, que tornaram a minha vida incomensuravelmente melhor ao proporcionarem-me o tipo de cuidados de saúde mental de alta qualidade que, infelizmente, continua a não estar ao alcance de demasiadas pessoas. A minha família e eu sentimo-nos gratos. Se necessita de cuidados de saúde mental nos Estados Unidos, por favor contacte a linha de ajuda para marcação de consultas SAMHSA. 1-877-SAMHSA7. Pode ser um longo e árduo caminho, mas a doença mental é tratável. Há esperança, mesmo quando o cérebro nos diz que não há.